



“Uma das melhores histórias
de amor que já li.”

HISTORICAL NOVEL SOCIETY

ACONTECEU NO VERÃO

BEATRIZ WILLIAMS

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



"Uma das melhores histórias
de amor que já li."

HISTORICAL NOVEL SOCIETY

ACONTECEU NO VERÃO

BEATRIZ WILLIAMS

ASA

Ficha Técnica

Título original: A HUNDRED SUMMERS

Título: Aconteceu no Verão

Autor: Beatriz Williams

Traduzido do Inglês por: José Vala Roberto / João Quina Edições

ISBN: 9789892331867

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2013, Beatriz Williams

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

*Às vítimas e aos sobreviventes do grande furacão de 1938 em Nova
Inglaterra*

*e, como sempre,
ao meu marido e filhos.*

*...Ah, amor, vamos ser verdadeiros
Entre nós! Porque o mundo,
Que parece estender-se a nossos pés como uma terra de fantasia,
Tão diverso, tão belo, tão novo,
Na verdade não tem alegria, nem amor, nem luz,
nem certeza, nem paz, nem alívio para a dor,
E eis-nos aqui numa planície sombria
varrida pelos clamores confusos do combate e da fuga,
Onde à noite os exércitos inconscientes se confrontam.*

– *Dover Beach* (1867), Matthew Arnold

CAPÍTULO 1

Estrada n.º 5, 16 quilómetros a sul
de Hanôver, New Hampshire
Outubro de 1931

Cento e oitenta quilómetros de estrada sinuosa separavam os portões da Smith College e o estádio de futebol Dartmouth, e a Budgie, ao volante, percorria-os como fazia tudo o mais na vida: vertiginosamente.

As folhas das árvores flamejavam em tons de ouro, laranja e carmim contra o céu azul luminoso e lá no alto, sem nuvens, o sol queimava criando uma falsa sensação de calor. A Budgie decidira que faríamos a viagem com a capota aberta, apesar de eu ir a tiritar ao vento, encolhida no meu casaco de malha e agarrada ao chapéu.

Com um sorriso trocista, disse-me:

– Devias tirar o chapéu, querida. Lembras-me a minha mãe, que também segurava assim o chapéu. Como se fosse o fim do mundo se alguém te visse o cabelo?

Foi forçada a gritar tais palavras com o vento a soprar à nossa volta.

– Não é isso! – ripostei. Se o *meu* cabelo se soltasse da cloche de feltro escuro que o envolvia, ficaria como um tojo do deserto, enquanto os pequenos caracóis macios da Budgie se limitavam a esvoaçar caprichosamente para depois retomarem a sua forma original no fim da viagem. Até o cabelo da Budgie obedecia à vontade dela. Mas esta explicação era demasiado complicada para se sobrepor ao sopro do turbilhão, por isso engoli em seco, retirei os alfinetes que prendiam o chapéu e pu-lo no banco, ao meu lado.

A Budgie estendeu o braço e rodou os botões do rádio. O carro, um formidável *Ford V8* novo, que o seu carinhoso pai mandara equipar com todas as comodidades, fora-lhe oferecido há um mês como presente antecipado pela sua licenciatura. Para ser mais exata, com uma antecipação de oito meses, porque, na sua confiança cega, ele queria que a filha o usasse durante o seu último ano em Smith.

«Tens de sair e divertir-te, boneca», dissera-lhe, radiante. «As estudantes universitárias estudam muito. Só trabalham e não se divertem.»

Agitara-lhe as chaves diante dos olhos.

«Tens a certeza, papá?», perguntara a Budgie, com os olhos enormes, arregalados, como os da Betty Boop.

A sério. Foi verdade; eu estava lá. Éramos amigas desde o berço, nascemos com apenas dois meses de diferença, ela no início do verão e eu no fim. As nossas famílias passavam o verão juntas, no mesmo sítio em Rhode Island, e faziam-no desde há gerações. Naquela manhã, ela arrastou-me consigo na base da nossa amizade, aquele laço antigo, embora não

frequentássemos os mesmos círculos na faculdade e ela soubesse que eu não tinha interesse por futebol.

O *Ford* soltou um rugido rouco enquanto ela acelerava até uma curva, engolindo as vozes roufenhas do rádio. Agarrei-me ao puxador da porta com a mão direita e com a outra ao banco.

A Budgie riu-se de novo.

– Vá lá, querida. Não falto ao aquecimento. Os rapazes ficam tão sérios quando o jogo começa.

Foi o que ela disse, ou algo assim. Em cada três palavras o vento levava duas. Olhei para o lado observando as folhas que brilhavam, no auge da estação, enquanto a Budgie continuava a falar de rapazes e futebol.

Na verdade, perdemos o aquecimento e grande parte do primeiro quarto. As ruas de Hanôver estavam vazias e a entrada do estádio praticamente deserta. O ruído da multidão transbordava das bancadas abafando as notas da banda de metais. A Budgie arrumou o carro de frente, sobre uma berma relvada junto a um sinal que avisava PROIBIDO ESTACIONAR, enquanto eu lutava com o meu chapéu e os alfinetes.

– Dá cá, deixa que eu trato disso. – Tirou-me os alfinetes dos dedos, gelados, espetou-os implacavelmente no meu chapéu e fez-me dar meia-volta. – Já está! És tão bonita, Lily. Tu sabes disso, não sabes? Não sei porque é que os rapazes não reparam em ti. Olha, as tuas bochechas estão tão rosadas. Não estás contente por termos aberto a capota?

Enchi os pulmões com o ar puro das folhas douradas de New Hampshire e disse-lhe que sim, que estava contente por termos recolhido a capota.

Lá dentro, o estádio estava à pinha, repleto de gente, como uma tigela de granito com demasiado ponche. Vacilei face à explosão de ruído e cor quando emergimos no espaço aberto, para o súbito dilúvio de multidão, mas a Budgie não manifestou a mínima hesitação. Enfiou o braço no meu e arrastou-me, descendo as escadas de betão, ao longo de diversas filas, pulando sobre as pernas esticadas, sapatos de couro e cascas de amendoins, pedindo alegremente licença para passar. Como sempre, sabia exatamente para onde ia. Segurava-me o braço com a mão confiante, puxando-me atrás de si, até que um grito de *Budgie! Budgie Byrne!* se elevou sobre a massa infinita de bonés axadrezados e cloches. A Budgie parou, inclinou-se um pouco e ergueu o outro braço, acenando delicadamente.

Não conhecia estes amigos dela. Rapazes de Dartmouth, suponho, conhecidos da Budgie através de qualquer meio social. Não estavam a prestar grande atenção ao jogo. Tinham um ar festivo, riam-se, ruidosamente, lançando frutos secos uns aos outros e trepando sobre os bancos. Em 1931, dois anos após o *crash* da Bolsa, ainda estávamos alegres. O pânico acontecera, as empresas abriam falência, mas era apenas uma lombá na estrada, um episódio temporário. A grande máquina tossira, cuspira, mas não morrera. Em breve começaria de novo a roncar.

Em 1931, não tínhamos qualquer ideia do que nos esperava.

Eram maioritariamente rapazes. A Budgie conhecia muitos. Alguns deles tinham aninhadas junto de si as namoradas, umas eram raparigas da zona e outras estavam de visita, e todas elas lançavam olhares de instintiva suspeição à Budgie. Reparavam na sua camisola de malha verde-escura e justa, com uma saliente letra D sobre o seio esquerdo, no seu cabelo escuro brilhante e no seu rosto de Betty Boop. Não prestavam muita atenção às minhas bonitas faces rosadas.

– O que é que eu perdi? Que tal está ele? – perguntou enquanto se acomodava no banco. Com os olhos perscrutou o campo até encontrar o seu atual namorado, que jogava como *back* (atacante) no Dartmouth e fora a razão para a nossa vertiginosa viagem matinal de automóvel desde Massachusetts. Conhecera-o durante o verão, quando ele estava em casa de uns amigos nossos em Seaview, como se uma central de *casting* de Hollywood tivesse selecionado o protagonista perfeito para contracenar com ela, com uns olhos de uma tonalidade azul-verão complementar com o seu azul-gélido de inverno. O Graham Pendleton era alto, atlético, encantador, fascinantemente bonito. Distinguia-se em todos os desportos, mesmo naqueles que antes não experimentara. Eu gostava dele; era difícil não gostar do Graham. Lembrava-me um *golden retriever*, e quem não adora um *golden retriever*?

– Ele está bem, acho eu – disse um dos rapazes, sentado no banco ao lado da Budgie, tão próximo que a sua perna tocava a dela, e ofereceu-lhe um quadrado de chocolate *Hershey*. – Uma boa corrida na última série. Onze jardas.

A Budgie prendeu o chocolate na boca e deu uma pequena palmada no outro espaço estreito e livre ao seu lado.

– Senta-te ao pé de mim, Lily. Quero que vejas isto. Olha para o campo – apontou –, ali está ele, é o número vinte e dois. Consegues vê-lo? Nas linhas laterais, junto ao banco. Está de pé, a falar com o Nick Greenwald.

Olhei para baixo, para a linha lateral mais próxima. Estávamos mais perto do campo do que eu pensava, talvez dez filas acima, e à minha frente só via camisolas Dartmouth. Descobri o número 22 pintado em branco-vivo sobre umas costas largas verde-floresta. Uma sensação estranha, ver o Graham com um discreto equipamento de futebol em vez de um fato de banho, um equipamento branco de ténis ou um fato de verão impecável e um *palhinhas*2. Conversava intensamente com o número 9, que se encontrava à sua direita e era cerca de meia cabeça mais alto. Seguravam os capacetes de couro amolgados enfiados nos braços, e os seus cabelos tinham a mesma tonalidade de um castanho indefinido, húmidos e empastados com a transpiração: um encaracolado e o outro liso.

– É ou não é bonito? – Os ombros da Budgie encolheram-se com um suspiro sonhador.

O número 9, o mais alto, de cabelo encaracolado, olhou para cima naquele preciso momento, como se tivesse ouvido as suas palavras. Estavam ambos a cerca de quarenta metros de nós e o sol de outono brilhava como um banho de

ouro vivo sobre as suas cabeças.

Nick Greenwald, repito com os meus botões. *Onde é que já ouvi este nome?*

O seu rosto era duro, como que esculpido do mesmo granito do próprio estádio, e tinha os olhos penetrantes semicerrados, realçados por um par de sobrancelhas ferozmente franzidas. Havia algo de extremamente intenso, fulminante, na sua expressão, como se fosse um homem de outra era.

Um arrepio percorreu-me a espinha, uma descarga de eletricidade.

– Sim – digo –, muito bonito.

– Os olhos dele são tão azuis, quase como os meus. É tão querido. Lembras-te, no verão passado, como ele foi buscar o meu chapéu quando caiu à água, Lily?

– Quem é o outro com quem ele está a falar?

– Ah, o Nick? É o *quarterback*.

– O que é um *quarterback*?

– Na verdade, não é nada. Fica ali e passa a bola ao Graham. O Graham é a estrela. Esta época já conseguiu oito *touchdowns* (ensaios). Consegue correr por entre toda a gente.

O Graham olhou para cima, seguindo o olhar do Nick, e a Budgie levantou-se e acenou-lhe com o braço.

Nenhum deles respondeu. O Graham voltou-se para o Nick e disse qualquer coisa. Distraidamente, o Nick trocou a bola entre as mãos.

– Acho que eles estavam a olhar para outro lado – disse a Budgie e sentou-se, carrancuda. Tamborilou os dedos sobre o joelho e inclinou-se para junto do rapaz ao seu lado.

– Eras tão querido se me desses outro quadrado de chocolate...

– Come o que quiseres – disse-lhe o rapaz, estendendo-lhe a tablete de *Hershey*. Ela partiu um pedaço com os seus longos dedos.

– Eles são amigos? – perguntei.

– Quem? O Nick e o Graham? Acho que sim. Bons amigos. Dividem um quarto, acho eu. – Calou-se e voltou-se para mim. Tinha um hálito doce, quase meloso, a chocolate. – Porquê, Lily? Em que estás a pensar, minha marota?

– Em nada. É só curiosidade!

Cobrindo a boca com a mão, perguntou:

– O Nick? O Nick *Greenwald*? A sério?

– Eu só... ele parece interessante, é só. Mais nada. – A minha pele escaldava em todo o corpo.

– Contigo, meu amor, nada é *nada*. Conheço esse teu olhar e agora não podes parar.

– *Qual* olhar? – Brinquei com o cinto do meu casaco. – E o que queres dizer com *agora não podes parar*?

– Oh, Lily, querida. Terei de te soletrar?

– Soletrar o quê?

– Sei que ele é bonito, mas... – A voz dela esmoreceu, algo embaraçosamente, mas os olhos brilhavam-lhe no rosto de magnólia.

– Mas, o quê?

– Estás a brincar comigo, certo?

Esquadrinhei-lhe o rosto em busca de alguma pista sobre o que me queria dizer. A Budgie tinha jeito para isso, para saborear variações que me embriagavam a mente indisciplinada. Talvez o Nick Greenwald tivesse alguma doença crónica terrível. Talvez já tivesse namorada, não que a Budgie encarasse qualquer compromisso prévio como um obstáculo.

Não que eu estivesse interessada, claro. A minha mente não avançou tanto. Gostava da cara dele, só isso.

– A brincar contigo? – disse eu, esquivando-me.

– Lily, *querida*. – A Budgie abanou a cabeça, pousou a mão no meu joelho e segredou-me suavemente ao ouvido: – Querida, ele é JU-DEU. – Pronunciou a última sílaba com uma precisão exagerada.

Uma ovação inundou a multidão, ganhando força. À nossa frente, as pessoas começaram a levantar-se e a gritar. Senti nas pernas o banco duro como pedra.

Tornei a olhar para os dois homens na linha lateral, para o Nick Greenwald. Ele desviou os seus olhos de águia para a ação no campo, observando-a atentamente, e o seu perfil recortava-se numa clara linha dourada sobre um fundo de relva cortada rente.

O tom da Budgie, ao divulgar esta informação, era como o de um pai a falar para um filho especialmente obtuso. Ao ouvir o nome *Greenwald*, ela sabia, sem dúvida, que se tratava de um nome judeu, que alguma linha invisível separava o seu futuro do dele. A Budgie encarava a minha ignorância sobre estes assuntos importantes com incredulidade.

Não que eu fosse completamente ignorante. Conhecia algumas raparigas judias na universidade. Eram como todas as outras: simpáticas, amigáveis e algumas mais inteligentes do que outras. Tendiam a isolar-se, exceto uma ou outra que se esforçava demasiado para cair nas boas graças de raparigas como a Budgie. Eu costumava pensar sobre o que fariam no dia de Natal, quando estava tudo fechado. Assinalariam a data de alguma forma ou seria para elas apenas um dia como qualquer outro? O que pensariam de todas as árvores à venda, de todos os presentes, de todas as cenas da Natividade que se viam por todo o lado? Achariam divertidos os nossos pitorescos costumes?

Evidentemente que nunca ousei perguntar-lhes.

A Budgie, por outro lado, estava sempre em sintonia com qualquer vibração no Universo à sua volta, com qualquer oscilação de um planeta alienígena. Prosseguiu, segura de si:

– Claro que não darias por isso às primeiras impressões. A mãe dele era uma das Nicholson, uma família tão encantadora, muito decente; mas o pai perdeu tudo na onda de pânico, não a última, obviamente, mas a outra, antes da guerra, e ela acabou por se casar com o pai do Nick. Querida, parece

perplexa. Não me digas que não sabias disto? Tens de passar a sair mais.

Permaneci em silêncio, a olhar para o campo e a observar os dois homens na linha lateral. Havia alguma atividade frenética, camisolas verdes a correr para fora do campo e outras a correr para entrar em jogo. O Graham e o Nick Greenwald ajustaram os seus capacetes e correram para as linhas de formação que se iam reunindo na relva. O Nick corria com uma elegância elástica, mantendo perfeitamente controladas as suas longas pernas.

A Budgie retirou a mão do meu joelho.

– Achas-me terrível, não achas?

– Acho que pareces a minha mãe a falar.

– Eu não sou assim. Tu sabes que não. Eu não sou uma fanática, Lily. Tenho *vários* amigos judeus. – Soou-me um pouco petulante, mas jamais vira a Budgie como petulante.

– Eu não disse que eras.

– Mas pensaste – disse, abanando a cabeça. – Ótimo. Tenho a certeza de que ele vem jantar connosco esta noite. Podes conhecê-lo pessoalmente. Ele é simpático. Aproveita e diverte-te.

– O que te faz pensar que estou interessada?

– Bem, porque não? Precisas desesperadamente de te divertir, querida. Aposto que ele te vai fazer passar uns bons momentos – inclinou-se sobre o meu ouvido –, mas não o leves lá a casa para o apresentares à tua mãe. Percebes o que quero dizer?

– O que é que vocês estão a segredar? – perguntou o rapaz à direita da Budgie, o da tablete de chocolate, empurrando-lhe o braço.

– Nunca te vamos dizer – respondeu a Budgie. Levantou-se e puxou-me com ela. – Lily, agora vê isto. É a nossa vez. Quando o jogo começar, o Nick vai passar a bola ao Graham. Repara nele, é o número vinte e dois. Vai furar pelo meio deles, vais ver. Ele é como uma locomotiva, é o que dizem os jornais.

A Budgie começou a bater palmas e eu fiz o mesmo, compassadamente como um metrónomo. Eu estava a olhar para o campo, é certo, mas não para o Graham. Os meus olhos apontavam para o número 9 branco no meio da linha das camisolas verdes. Encontrava-se mesmo atrás do companheiro da frente, com a cabeça levantada. Gritou qualquer coisa e eu consegui ouvir o seu grito, dez filas mais acima, por entre os aplausos dos espectadores.

Num abrir e fechar de olhos, os homens espalharam-se. O Nick Greenwald recuou, afastando-se da linha, com a bola nas mãos, e eu fiquei à espera de que o Graham arrancasse a correr, à espera de que o Nick passasse a bola ao Graham, como a Budgie dissera que ele iria fazer.

Mas o Graham não arrancou a correr.

O Nick vacilou por um instante, examinando o terreno à sua frente, com os pés a executarem uma dança graciosa sobre o relvado, e então puxou os braços para trás, projetou-os para a frente e a bola disparou dos seus dedos, descrevendo um belo arco sobre as cabeças dos adversários até começar a cair

no comprimento do campo.

Estiquei-me em bicos de pés, incentivada pelo rugido da multidão à minha volta enquanto acompanhava o percurso da bola. Lá ia ela, como um pequeno míssil castanho, enquanto um rio de homens verdes e brancos corria pelo campo ao seu encontro.

Algures no extremo mais longínquo deste rio, um par de mãos alcançou e arrancou a bola do céu.

O estrépito da multidão foi instantâneo.

– Apanhou-a! Ele apanhou-a! – gritou o rapaz ao lado da Budgie, arremessando o resto da sua tablete de chocolate ao ar.

– Viram aquilo?! – gritou alguém atrás de mim.

O homem de Dartmouth voou em frente com a bola debaixo do braço até ao retângulo de faixas brancas na extremidade do campo, e nós abraçámo-nos, berrámos, com chapéus a voarem e amendoins torrados a saltarem dos sacos de papel. Um canhão disparou e a banda arrancou com um entusiasmo ostensivo.

– Não foi fantástico? – gritei ao ouvido da Budgie. O ruído à nossa volta era tão intenso que eu quase não conseguia ouvir-me.

– Fantástico!

O meu coração batia contra as costelas ao ritmo da banda. Cada veia do meu corpo cantava de alegria. Regressei ao chão do estádio, tapando o sol brilhante com a aba do chapéu, e procurei ver onde estava o Nick Greenwald e o seu braço assombroso.

De início, não consegui descobri-lo. Os insistentes fluxos e redemoinhos de homens no campo pareciam ter estagnado. Um grupo jogadores de camisolas verdes ia-se reunindo, um a um, perto da linha de início de jogo, como que atraídos por um íman. Procurei o número 9 branco, mas na confusão de algarismos não consegui avistá-lo em lado nenhum.

Talvez já tivesse regressado ao banco. O seu perfil duro não sugeria uma natureza festiva.

Alguém, no amontoado de camisolas de Dartmouth, ergueu o braço e acenou para a linha lateral.

Dois homens vestidos de branco saíram a correr. Um transportava uma mala preta de couro.

– Oh, não – exclamou o rapaz à direita da Budgie –, alguém se lesionou.

A Budgie apertou as mãos.

– Oh, espero que não seja o Graham. Alguém que descubra onde está o Graham. Oh, não posso olhar. – Virou-se e pousou o rosto sobre o ombro do meu casaco.

Pus o braço à sua volta e olhei fixamente para o amontoado de jogadores de futebol. Todos estavam cabisbaixos e abanavam a cabeça com tristeza. O aglomerado de jogadores separou-se para dar passagem aos homens vestidos de branco e eu consegui ver de relance o jogador caído no campo.

– Ali está ele! Já vejo o número! – gritou o rapaz do chocolate. – Vinte e

dois, ali mesmo ao lado do colega que está no chão. Ele está bem, Budgie.

– Oh, graças a Deus – exclamou a Budgie.

Pus-me em bicos de pés, mas não conseguia ver bem por cima das cabeças à minha frente. Afastei a cabeça da Budgie, subi para o banco e tornei a pôr-me em bicos de pés.

O estádio estava em silêncio absoluto. A banda parara de tocar; a instalação sonora emudecera.

– Então, quem é que está lesionado? – perguntou a Budgie.

O rapaz subiu para o banco ao meu lado e saltou uma, duas vezes.

– Só consigo ver... não, espera... oh, meu Deus!

– O que é? O que é? – perguntei. Não conseguia ver nada para além dos dois homens de branco, ajoelhados sobre o corpo deitado no campo e a mala preta completamente aberta.

– É o Greenwald – disse o rapaz descendo do banco. Praguejou sem fôlego: – Lá se vai o jogo.

1 Uma partida de futebol americano tem a duração de uma hora, dividida em quatro quartos de quinze minutos. (*N. do T.*)

2 Chapéu de palha de aba circular rígida e copa plana, muito em moda nas primeiras décadas do século XX. (*N. do T.*)

3 Jogador que, no futebol americano, se posiciona atrás da linha central e tem a função de passar a bola aos atacantes. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 2
Rhode Island
Maio de 1938

A Kiki estava determinada a aprender a velejar naquele verão, embora ainda nem tivesse seis anos.

– Tu aprendeste quando tinhas a minha idade – comentou, com a lógica básica própria das crianças.

– Eu tinha o papá para me ensinar – respondi-lhe –, tu só me tens a mim. E há anos que eu não velejo.

– Aposto que é como andar de bicicleta. Foi o que me disseste, lembraste? Nunca nos esquecemos como se anda de bicicleta.

– Não é nada como andar de bicicleta, e as senhoras não apostam.

Abriu a boca para me dizer que *não* era uma senhora, mas a tia Julie, com o seu impecável e usual sentido de oportunidade, deixou-se cair na toalha junto a nós e suspirou com a rebentação das ondas:

– Por fim, o verão! E depois de uma primavera miserável. Lily, querida, por acaso não tens um cigarro, tens? Estou a morrer por um cigarro. A tua mãe é tão inflexível como o maldito do Hitler.

– Tia, isso nunca a fez deixar de fumar antes. – Revolvi o meu cesto e atirei-lhe para o colo um maço de *Chesterfield* e um isqueiro de prata.

– Com a idade, estou a amolecer. Obrigada, querida. És única.

– Pensei que o verão começava em junho – disse a Kiki.

– O verão começa quando eu digo que começa, querida. Oh, isto é uma maravilha. – Inalou até ao limite dos seus pulmões, fechou os olhos, e deixou o fumo sair-lhe dos lábios num rolo fino e interminável. O sol brilhava alto e quente, no primeiro período verdadeiramente quente desde setembro, e a tia Julie usava o seu fato de banho vermelho, acentuadamente cavado na zona das coxas. Tinha uma aparência fabulosa, perfeitamente bronzeadada pela sua recente viagem à Bermuda («com aquele novo amigo dela», dissera a mãe, num resmungo reprovador de uma irmã quase dez anos mais velha) e com as suas pernas esguias como sempre. Apoiava-se nos cotovelos e apontava os seios para o céu sem nuvens.

– A senhora Hubert diz que os cigarros são pregos para o caixão – disse a Kiki, fazendo desenhos na areia com o dedo grande do pé.

– A senhora Hubert é uma galinha velha. – A tia Julie deu mais uma passa. – O meu médico recomenda-os. Não é possível ser mais saudável do que isso.

A Kiki levantou-se.

– Quero ir brincar nas ondas. Já não brinco no mar há meses. Ou até há anos.

– Está muito frio, querida – contrariei-a. – A água ainda não teve tempo para aquecer. Ias congelar.

– Mas eu quero ir na mesma – ripostou com as mãos nas ancas. Trazia o seu novo fato de banho, cheio de franjas e de bolinhas vermelhas, e com o cabelo escuro, a pele cor de azeitona dourada e a expressão rebelde parecia uma miniatura polinésia às bolinhas vermelhas.

– Oh, deixa-a brincar – disse a tia Julie. – As crianças são resistentes.

– Querida, em vez de ires à água, porque não constróis um castelo de areia? Podes ir à beira-mar buscar água. – Peguei no balde de plástico e estendi-lho.

Olhou para mim e depois para o balde, ponderando a decisão.

– Tu fazes os *melhores* castelos – argumentei –, mostra-me do que é capaz.

Pegou no balde com um suspiro e encaminhou-se para a beira- -mar.

– És muito boa para ela – disse a tia Julie, fumando opulentemente. – Melhor do que eu.

– Deus não quis que criasse filhos – respondi-lhe. – A tia tem outras ocupações.

Ela riu-se.

– Sim! Tens razão. Consigo bisbilhotar melhor do que ninguém. A propósito, ouviste dizer que este verão a Budgie vai abrir a velha casa dos pais?

Uma onda começara a formar-se no mar, mais forte do que as outras. Vi-a crescer, crescer, com a crista em equilíbrio, até se desfazer num arco de espuma branca, da direita para esquerda. O estrondo chegou-me aos ouvidos um instante depois. Peguei no cigarro da tia Julie e dei uma passa longa e furtiva, depois pensei: «Que diabo!» e peguei no meu maço de tabaco.

– Eles chegam na próxima semana, diz a tua mãe. Ele só virá aos fins de semana, claro, mas ela vai ficar cá durante todo o verão. – A tia Julie ergueu o rosto e sacudiu o cabelo. Ao sol, parecia dourado, sem um único cabelo grisalho à vista. A mãe insistia que ela o pintava, mas não há tinta no mundo dos homens que possa replicar aquela textura beijada pelo sol. Era como se o próprio Deus apoiasse o estilo de vida que a tia Julie escolhera.

À beira-mar, a Kiki esperava pela onda para se molhar e mergulhou o balde. A água redemoinhou em torno das suas pernas, fazendo-a saltar e dançar. Voltou-se, lançando-me um olhar acusador e eu encolhi os ombros como quem diz «eu bem te disse».

– Não dizes nada?

– Estou ansiosa por tornar a vê-la. Já lá vão anos.

– Bem, ela agora tem dinheiro. Bem pode mandar arranjar a velha casa. Devias ter visto o casamento, Lily – sublinhou com um assobio. A tia Julie estivera no casamento, claro. Em determinados meios da sociedade, nenhuma festa, fosse ela qual fosse, seria considerada um sucesso sem a presença de Julie Van der Wahl, cujo apelido de solteira era Schuyler – nos diários de

Nova Iorque conhecida simplesmente como «Julie» –, e o do seu atual companheiro.

– Eu soube de tudo pelos jornais, obrigada. – Soprei uma longa nuvem de fumo.

A tia Julie deu-me um toque com o dedo do pé.

– Águas passadas, querida. Tudo se resolve pelo melhor. Não é isso que tenho tentado ensinar-te ao longo dos últimos seis anos? Não há nada no mundo com que possas contar, exceto tu mesma e a tua família, e por vezes nem isso. Meu Deus, está um dia maravilhoso, não está? Podia viver para sempre assim. Deem-me sol e uma praia com areia e sou feliz como uma amêijoia. – Enterrou a ponta do cigarro na areia e deitou-se na toalha. – Por acaso não tens um *whisky* ou algo do género nesse teu cesto, tens?

– Não.

– Já esperava.

A Kiki regressou a cambalear até nós com o balde cheio de água, a chapinhar à sua volta. Dou graças a Deus pela Kiki. A Budgie pode ter tudo no mundo, mas pelo menos não tem a Kiki, com o seu cabelo escuro, as pernas esguias e os olhos semicerrados a avaliarem a distância que a separava da toalha.

A tia Julie ergueu-se sobre os cotovelos.

– Então, em que estás a pensar? Daqui até consigo ouvir a algazarra dentro dessa cabecinha.

– Estou só a vigiar a Kiki.

– Vigiar a Kiki. Esse é o teu problema – voltou a deitar-se e cruzou o braço sobre o rosto –, estás a deixar que essa criança absorva toda a tua vida. Olha para ti. É confrangedor o ponto a que chegaste. Olha para esse teu cabelo. Rapava o meu, antes de o deixar ficar nesse estado.

– Diplomática como sempre, bem vejo. – Enterrei a ponta do meu cigarro meio fumado e abri os braços para receber a Kiki, que pousou o balde na areia e se lançou para mim. O seu corpo estava quente do sol, cheirava a mar, era macio e contorcido. Mergulhei o rosto no seu cabelo escuro e inalei o seu aroma de criança. Porque não será tão doce o odor dos adultos?

– Tens de me ajudar. – A Kiki largou-me, agarrou no balde e espalhou toda a água do balde sobre a areia. No verão anterior, tínhamos construído um arquipélago de castelos em toda a praia, um ambicioso programa de construção que terminou em triunfo no Grande Concurso de Castelos de Areia do Dia do Trabalhador em Seaview.

Imaginem as coisas que organizamos em Seaview.

Deixei a Kiki puxar-me e levantar-me da toalha e ajoelhei-me junto dela na areia. Estendeu-me uma pá e disse-me para começar a cavar porque este iria ser um fosso *a sério*.

– Não podemos fazer um fosso a sério tão longe da água – disse-lhe.

A Kiki respondeu:

– Deixa a menina brincar.

– E o que é essa *coisa* que tens vestida, esse *horror*? Não tens um fato de banho? – perguntou a tia Julie.

– Este *é* o meu fato de banho.

– Deus nos proteja. Vais deixar que a Budgie Byrne te veja com isso vestido?

Enterrei vigorosamente a minha pá no fosso.

– Ela já não é Byrne, pois não?

– Ah, então é por isso que a censuras.

Parei de cavar e descansei as mãos sobre os joelhos, cobertos pelo algodão espesso do fato de banho negro.

– Porque não deveria a Budgie casar-se? Porque não deverá alguém casar-se, se assim o desejar?

– Ah, bem vejo. Voltamos às águas passadas. Onde estão esses cigarros? Estou a precisar de outro.

– A menina pode ouvir – recordou-nos a Kiki. Virou o balde e levantou-o, deixando à vista uma torre de castelo perfeita.

– Está lindo, querida. – Com a pá retirei areia do fosso e comecei a fazer um muro junto à torre. Parei por um instante, interrogando-me se não estaria demasiado irritada para moldar as ameias no muro.

A tia Julie remexeu o fundo do cesto à procura dos *Chesterfield*.

– Eu disse-te para te sumires nos restos mortais do teu corpo de mãe nestes últimos seis anos? Não, não disse. Vive um pouco, disse-te eu. Faz algo por ti.

– A Kiki precisava de mim.

– A tua mãe podia perfeitamente ter cuidado dela.

A Kiki e eu fixámos o olhar na tia Julie. Ela tinha encontrado os cigarros e segurava agora um entre os seus lábios carmesim enquanto tateava à procura do isqueiro.

– O que é? – perguntou, olhando primeiro para mim e depois para a Kiki.

– Está bem, está bem – concedeu, chegando a chama ao cigarro –, mas podias ter contratado uma ama.

– A menina não quer uma ama a tratar dela – disse a Kiki.

– A mãe tem muito que fazer com todas as suas obras de caridade – afirmei.

– Obras de caridade – repetiu a tia Julie, como se fosse uma obscenidade.

– Se me perguntares, o que nunca fazes, é mau sinal quando uma mulher passa mais tempo a tratar de órfãos do que da sua própria família.

– Ela também cuida do papá – contestei.

– Não a vês a cuidar dele *agora*, pois não?

– Estamos no verão. Vimos sempre para Seaview no verão. É como o pai deseja.

A tia Julie exalou.

– Alguém lhe perguntou?

Pensei no meu pai na sua sala imaculada, a fixar a parede cheia de livros

que costumavam dar-lhe tanto prazer.

– Isso não é *bonito*, tia Julie.

– A vida é demasiado curta para ser bonita, Lily. A questão é que estás a acabar contigo. Todos temos um pequeno resalto na estrada quando somos jovens. Deus sabe bem que tive alguns. Procura conhecer alguém. Avança. – Ofereceu-me um cigarro e eu recusei abanando a cabeça. – Esta noite deixa-me cortar-te o cabelo, arranjá-lo um pouco. Pôr-te um pouco de batom.

– Oh, sim, Lily! – disse a Kiki voltando-se para mim. – Vais ficar linda! Posso ajudar, tia Julie?

– Não sejam tontas – ripostei –, aqui todos me conhecem. Se eu pusesse batom, não me deixavam entrar no clube. De qualquer maneira, arranjar-me para quem? Para a senhora Hubert? Para as irmãs Lockley?

– Para alguém disposto a encontrar uma amiga não casada durante o fim de semana.

– Então a tia *iria* tê-lo atrás do seu *gin* tónico antes de eu a poder picar com o alfinete do meu chapéu.

A tia Julie acenou com a mão num sinal de rejeição, seguindo uma espiral de fumo com os olhos.

– Palavra de escuteira.

– Ah, agora é uma escuteira? Maravilha.

– Lily, querida, faz-me a vontade. Eu preciso de um projeto. Estou tão aborrecida aqui, que não podes imaginar.

– Então porque vem?

Estreitou os braços em volta dos joelhos e contemplou o oceano, com a cinza do cigarro a cair na areia. O vento agitava-lhe as pontas dos cabelos.

– Oh, mantém a alta-roda em bicos de pés, sabes? Desaparecer algumas semanas todos os anos. Nem eu me *atreveria* a trazer um namorado a Seaview. A senhora Hubert ainda não me perdoou o divórcio, aquela querida.

– *Nenhum* de nós lhe perdoou o seu divórcio. O tio Peter é tão boa pessoa.

– Demasiado. Ele merece melhor. – Pôs-se de pé e lançou o cigarro para a areia. – Está combinado. Esta noite sou eu a cuidar de ti.

– Não me lembro de ter concordado com isso.

Os lábios carmesim da tia Julie abriram-se num daqueles sorrisos de mil *watts*, que os jornais de Nova Iorque tanto adoravam. Estava a aproximar-se dos quarenta anos e a sua pele ia ganhando ligeiras rugas em volta dos olhos, mas com um sorriso tão eletrizante como o dela, quem é que reparava nas rugas?

– Querida – disse ela –, não me lembro de te ter pedido permissão.

A vida em Seaview girava em torno do clube e o clube girava em torno da senhora Hubert. Se perguntássemos a qualquer habitante de Seaview porque teria de ser assim, receberíamos um olhar vazio. A senhora Hubert era

conhecida há tanto tempo que ninguém conseguia lembrar-se de quando começara o seu reinado, e considerando o seu robusto estado de saúde («realmente vulgar, o modo como nunca se senta nas festas», dizia a minha mãe), ninguém arriscaria um prognóstico sobre o seu fim. Ela era a rainha Vitória do verão, só que nunca se vestia de preto e mantinha-se alta e magra como um mastro com cabeleira grisalha.

– Mas o que é isto? Lily, minha querida – disse, beijando-me o rosto –, o que fizeste ao teu cabelo esta noite?

Toquei no carrapito acima da nuca.

– A tia Julie apanhou-me o cabelo atrás. Ela queria cortá-lo, mas não a deixei.

– Linda menina! – disse a senhora Hubert. – Nunca aceites conselhos sobre moda vindos de uma divorciada. Agora, Kiki, meu doce – ajoelhou-se –, prometes ser uma menina bonita esta noite? Se não te portares bem, terei de te excluir do clube. Somos jovens *senhoras* no clube, não somos?

A Kiki lançou os braços em torno do pescoço da senhora Hubert segredando-lhe algo ao ouvido.

– Muito bem – disse a senhora Hubert –, mas só quando a tua mãe não estiver a ver.

Olhei de relance para a minha mãe e para a tia Julie, que ficaram retidas no átrio a cumprimentar um conhecido de longa data.

– Esta noite vai sentar-se na varanda? O tempo está tão agradável e ameno.

– Com esta maresia? Acho que não. Os meus ouvidos já não são o que eram. – A senhora Hubert deu uma última palmadinha à Kiki, levantando-se com a graciosidade de uma girafa com artrite. – Mas, podem ir. Ah, não. Espera um pouco, queria perguntar-te uma coisa. – Prendeu-me o cotovelo com a mão puxando-me para junto de si, até eu sentir o perfume de pétalas de rosa que se soltava da sua pele e ver as linhas brancas desmaiadas do pó de arroz acumulado nas rugas do seu rosto. – Com certeza já sabes da Budgie Byrne.

– Ouvi dizer que ela vai reabrir a velha casa dos pais no verão – respondi friamente.

– O que pensas disso?

– Penso que já era tempo. É uma bela casa antiga. Uma pena ter estado vazia tanto tempo.

Os olhos da senhora Hubert eram de um azul-porcelana e não davam mostras de terem perdido uma centelha de intensidade sequer desde que, pela primeira vez, me dera um açoite por ter arrancado pela raiz as balsaminas que enfeitavam o meu carro alegórico na parada do 4 de Julho, quando eu tinha sensivelmente a idade da Kiki. Examinou-me então com aqueles olhos brilhantes e, embora eu soubesse que não devia deixar transparecer nada, o esforço quase me atraíçoa.

– Concordo – atirou ela, por fim –, já era tempo. Vou procurar que ela não

te cause qualquer problema, Lily. Aquela rapariga sempre trouxe sarilhos atrás de si, como um cãozinho de estimação.

– Ah, eu consigo encarregar-me da Budgie. Até logo, senhora Hubert. Vou levar a Kiki a beber o *ginger ale* dela.

– Vou beber um *ginger ale*? – A Kiki pulou de trás de mim em direção ao bar.

– Esta noite vais. Um *gin* tónico – pedi ao empregado do bar – e um *ginger ale* para a jovem senhora.

– Mas quem é quem? – interrogou o empregado com um piscar de olhos. Colegial.

Deixou cair uma cereja no *ginger ale* da Kiki e eu fui com ela de mão dada até à varanda, à espera de que a mãe e a tia Julie se juntassem a nós.

As ondas estavam fortes e rebentavam violentamente ao fundo, na praia. Ao pousar a minha bebida no corrimão enquanto passava as mãos pela madeira envelhecida, os borrifos de sal picaram-me como agulhas nos braços nus e no pescoço. O vestido fora escolhido pela tia Julie, uma concessão necessária para evitar a ameaça de corte de cabelo, e embora ela tivesse *cacarejado* com desânimo quanto ao algodão grosso e aos motivos florais, aceitou-o como o melhor de entre um conjunto lastimável e esforçou-se ao máximo para me puxar o decote para baixo, tanto quanto as leis da física permitiram.

– Amanhã vamos deitar tudo fora – disse –, queimá-los todos. Não quero ver uma única flor sobre ti, a não ser uma grande gerbera, escarlata, espetada no cabelo. Mesmo por cima da orelha, acho eu. Isso sim, seria esplêndido. Isso ia arrumar a própria Budgie.

A Kiki enfiou-se por entre os meus braços e inclinou-se para trás contra a balastrada da varanda, olhando-me fixamente e puxando-me pelo vestido.

– Quem é a Budgie Byrne? – perguntou. – É um problema assim tão grande como diz a senhora Hubert?

– Minha querida, não devias escutar as conversas dos crescidos.

Ela escorropichou o seu *ginger ale* e exagrou um olhar à sua volta.

– Não vejo aqui mais crianças, pois não?

Claro que ela tinha razão. Fosse por que motivo fosse, a minha geração não deu atenção às casas dos pais em Seaview, como tinham feito todas as gerações anteriores, enchendo as ruas estreitas e os *courts* de ténis com crianças barulhentas e adolescentes caprichosos, com barcos de pesca a cruzarem a enseada e os carros alegóricos do 4 de Julho enfeitados com grinaldas de balsaminas de contrabando. Eu compreendia porquê. As coisas que me atraíam de volta a Seaview em cada verão – o seu ambiente fora de moda, a sua imutabilidade, o mobiliário de verga e o cheiro a água salgada impregnado nos estofos – eram as mesmas coisas que afastavam todos os outros. Os desejos de elegância, *glamour* e vida luxuosa não podiam ser satisfeitos aqui, no Seaview Club. Durante a Lei Seca, o álcool fora substituído pela limonada e agora que o *gin* e a água tônica estavam de volta

aos seus devidos lugares, os jovens tinham partido.

Exceto eu.

Assim, a Kiki era esta noite a pessoa mais jovem no clube e eu era a segunda mais nova, e ali estávamos as duas ao entardecer na varanda, a ver o avanço da espuma, sem outro sítio para ir. Eu não me importava. Havia lugares piores para passar o tempo. A varanda estendia-se ao longo de toda a extensão do clube e dava a volta de ambos os lados, para o longo passeio num dos extremos e o resto da Associação de Seaview no outro, casa após casa, com luzes nos alpendres a cintilarem para o mar. Conhecia este cenário com cada osso do meu corpo. Era a segurança. Era a família. Era a minha casa.

A Kiki estava a dizer mais alguma coisa quando outra onda rebentou ruidosamente ao fundo da praia, mas ainda assim consegui ouvir, claramente, o som de um motor de automóvel que descrevia a última curva antes de se aproximar do parque à entrada do clube.

Mais tarde, não soube dizer por que razão aquele ruído me teria chegado no meio de todos os carros que se dirigiam para o Seaview Club nessa noite. Não acreditava no destino e os presságios ou mesmo a intuição nada tinham que ver comigo. Achei que fora simples coincidência os meus ouvidos terem acompanhado o avanço do carro ao dar a volta na esquina do clube; escutado o ronco grave do motor enquanto rodava lentamente para a entrada; ouvido com surpreendente precisão a voz da Budgie Byrne que, uma semana antes, soltara no ar uma sonora gargalhada ao mesmo tempo que uma voz máscula e forte lhe respondia.

Evidentemente, ela já não era a Budgie Byrne, repeti para mim própria. Foi tudo o que a minha mente entorpecida conseguiu recordar.

Agarrei na minha bebida e na mão da Kiki.

– Tens as mãos frias – exclamou.

Encaminhei-me para os degraus pintados de azul que levavam à praia.

– Vamos dar um passeio.

– Mas... o meu *ginger ale*!

– Depois dou-te outro.

Engoli o resto do *gin* tónico enquanto descíamos as escadas, apanhando as saias compridas para não tropeçar. Quando acabámos de descer, o copo estava vazio e deixei-o ali, pousado sob a saliência do passo do degrau, onde ninguém pudesse pisá-lo acidentalmente.

– Os outros também vêm? – perguntou a Kiki, acelerando num salto para o meu lado. Qualquer quebra de rotina a enchia de contentamento.

– Não. Vamos só nós as duas dar um pequeno passeio. Quero... – Faço uma pausa. O *gin* estava a subir-me vertiginosamente à cabeça. – Quero ver como são as luzes do clube vistas do fundo da praia.

Como explicação, serviu perfeitamente para a sua imaginação de seis anos.

– Vamos, então! – exclamei, fazendo balouçar as nossas mãos juntas. Os seus sapatos rasos deslizavam pela areia, enquanto as minhas sandálias de

salto alto se aprofundavam a cada passo. Em pouco menos de cem metros, eu já estava sem fôlego.

– Vamos parar aqui – sugeri.

Ela puxou pela minha mão.

– Mas ainda não chegámos ao fundo da praia!

– Já estamos muito longe. Além disso, temos de voltar antes que a mãe e a tia Julie comecem a procurar-nos.

A Kiki suspirou de insatisfação e deixou-se cair na areia, esticando os pés na direção da água.

– Oh, Lily – disse –, olha esta concha! – Pegou numa concha em cornucópia, miraculosamente intacta.

– Que bonita! Maio é um bom mês para descobrirmos coisas na praia, não é? Ainda ninguém apanhou nada. Guarda bem essa. – Baixei-me e descalcei as sandálias, primeiro uma e depois a outra, saltando sobre cada pé. A areia infiltrava-se entre os meus dedos; a água desfazia-se em espuma com uma proximidade tentadora. Estávamos praticamente na maré-alta. Contemplei-a a ondular, para a frente e para trás, até a minha respiração abrandar e a pulsação normalizar. Um sabor amargo subiu-me à garganta e o meu cérebro, solto e desinibido com o *gin*, reconheceu o sabor do vexame.

Portanto, aí estava. Tinha imaginado este encontro vezes sem conta, calculado o que devia fazer. Pensara nas coisas inteligentes que devia dizer, em como devia manter-me firme, desviando a cabeça com indiferença. Tal como a tia Julie faria.

Em vez disso, fugi.

– Posso tirar os sapatos e procurar conchas na água? – perguntou a Kiki.

Olhei para baixo. Ela tinha disposto um círculo de conchas de amêijoas à volta da concha espiral, como crentes em oração num templo.

– Não, querida, temos de voltar.

– Pensei que íamos ver as luzes.

– Então, olha: ali estão elas. Não são bonitas?

Ela voltou-se para o clube, como que pendurado sobre a praia, com todas as luzes a brilhar, preparadas para o pôr do Sol. As tábuas de madeira, cinzentas com o tempo, constituíam a camuflagem perfeita sobre a areia. Por detrás do telhado, o Sol começava a mergulhar sobre o ocidente dourado.

– É tão bonito. Temos tanta sorte em viver aqui no verão, não temos?

– Muita sorte.

As vozes chegavam-nos à praia, demasiado longínquas para as distinguirmos. Eu estava insuportavelmente consciente da minha cobardia. Se a Kiki soubesse, se compreendesse, sentir-se-ia envergonhada por mim. A Kiki nunca virava as costas a um desafio.

Pego-lhe na mão.

– Vamos voltar.

Quando chegámos de novo à varanda, já tinha tudo planeado. Guardaria uma mesa neste extremo, bem distante, abrigada, enfiada num canto e longe

dos olhares. Mandaria a Kiki procurar a mãe e a tia Julie, enquanto eu informaria o gerente do clube sobre a mesa onde iríamos jantar. A maresia, dir-lhe-ia, estava hoje muito forte para a mãe.

Depois da refeição, percorreríamos o resto da varanda, cumprimentando os conhecidos, e quando chegássemos à mesa dela eu estaria calma, habituada à rotina dos apertos de mão e dos elogios pelos novos penteados e vestidos, do pesar pela perda dos membros mais idosos durante o ano que findara, das felicitações pela chegada de novos netos: a mesma conversa, o mesmo padrão, noite após noite e verão após verão. Sabia de cor o meu discurso. Um minuto, talvez dois, e sairíamos.

A Kiki saltava os degraus à minha frente e eu inclinei-me para recolher o meu copo vazio. O meu penteado soltara-se do carrapito perfeito que me fizera a tia Julie, desfeito pela brisa marítima e pela rebeldia do meu próprio cabelo. Puxei-o para trás sobre as orelhas. As minhas faces tremiam com a maresia e a brisa marítima. Deveria ir à casa de banho das senhoras para me recompor ou seria um grande risco?

– Oh, olá – disse a Kiki, do alto das escadas –, nunca o vi por aqui antes.

Senti-me gelar e curvei-me. A minha mão apertou o copo alto e redondo, como se fosse uma boia de salvação.

Um silêncio horrível prolongou-se pelos segundos seguintes.

– Oh, olá para ti também – disse delicadamente uma voz masculina.

CAPÍTULO 3
Hanôver, New Hampshire
Outubro de 1931

Na Estalagem Hanôver todos conheciam o homem que embelezava a nossa mesa. Ali estávamos os três, sentados nas cadeiras de costas ovais, a comer bifes com batatas gratinadas, e não havia ninguém por perto que não esticasse o pescoço e desse uma cotovelada ao vizinho, segredando algo e indicando com a cabeça a nossa direção.

A Budgie, sentada muito direita, radiante de prazer, ia comendo o seu bife em pedaços minuciosamente cortados.

– Quem me dera que tirassem os olhos de cima de nós – disse ela. – Já conseguiste habituar-te a isso?

O Graham Pendleton fez uma pausa com a faca e o garfo suspensos no ar. Enchia completamente a cadeira, enchia toda a sala: com os seus ombros volumosos e o cabelo castanho brilhante a refletir o dourado da luz sobre nós. Assim de perto, ele era de uma beleza incrível, com cada ângulo em perfeita simetria.

– O quê, isto? – perguntou, apontando com a faca para a mesa ao nosso lado. Apanhados de surpresa, os ocupantes da mesa retomaram a sua conversação.

– Todos. – A Budgie sorri. – Todos.

Ele encolheu os ombros preparando-se para cortar mais um pedaço do seu bife.

– Nem reparo, a sério. De qualquer forma, é só aos sábados. Quando os antigos alunos saem da cidade, sou apenas mais um estudante. Por favor, passa-me a pimenta, menina...? – A última palavra prolongou-se. Ele já se esqueceu do meu nome.

Passei-lhe o pimenteiro de um delicado vidro facetado.

– Dane.

– Menina Dane – sorriu-me. O pimenteiro parecia ridículo na sua mão enorme. – Obrigado.

– Querido, não te lembras da Lily? – interrogou a Budgie. – Passámos o verão juntos, em Seaview.

– Ah, sim. Parecias-me familiar. Mudaste alguma coisa no teu cabelo, ou assim, não mudaste? – Pousou o pimenteiro e fez um movimento com a mão junto à cabeça.

– Na verdade, não.

Mas o Graham já se tinha voltado para a Budgie.

– Seja como for, o Greenwald é que é o verdadeiro talento. Estes velhos é que são demasiado estúpidos para perceberem isso. – Encheu a boca com

bife.

O rosto da Budgie assumiu uma máscara semelhante a um sorriso.

– O quê, o Nick? Mas ele é o *quarterback*. Ele só *fica* ali.

O Graham engoliu a carne. Pegou na bebida, um copo alto com leite cremoso por cima.

– Não viste o lançamento que ele fez no segundo tempo? Quando se magoou?

– Claro, foi incrível. Mas *tu* é que passas o dia a correr, a marcar ensaios. Tu é que fazes o *verdadeiro* trabalho.

O Graham abanou a cabeça.

– Eu só concentro toda a atenção, porque sou o avançado, e porque o Greenwald... bem, tu sabes. – Bebeu o leite, engolindo a origem judaica do Nick Greenwald. – Vais ver cada vez mais o passe para a frente. Ele joga assim e eles encham o estádio. Viste como toda a plateia ficou entusiasmada. O Greenwald é, todo ele, talento. Tem um braço poderosíssimo, tu viste *isso*, e possui um cérebro frio como gelo. Basta-lhe olhar para o campo para absorver tudo, sabe onde estão todos e cada um, como um jogador de xadrez. Nunca o vi a falhar uma chamada.

– Como está ele? – perguntei. A pergunta quase me explodiu nos lábios. – A perna dele, quero dizer.

– Oh, ele está bem. Telefonou do hospital. Não foi tão mau como pensavam. Uma fratura simples, um osso rachado ou algo assim. Acho que tem os ossos bem sólidos e difíceis de quebrar. Estão agora a tratar disso. – O Graham afasta o punho da manga e olha para o relógio de pulso. – Ele disse que se encontraria aqui connosco assim que acabassem.

– O quê, aqui? – perguntei.

– Vai estar esfomeado.

– Ele não vai querer ir para casa descansar?

O Graham riu-se.

– Não, o Nick não. Nem sequer quando teve gripe se enfiou na cama. Ele faz questão de cá vir esta noite, só para mostrar como é rijo.

– Isso é ridículo – disse a Budgie – e estúpido. Ainda vai ficar aleijado.

– O louco queria sair do campo pelo seu próprio pé. Eu mesmo tive de o aguentar quando o puseram na maca.

– Estupidez – insistiu a Budgie.

A voz dela soava-me distante, absorvida pelo baque da pulsação nos meus ouvidos. Senti a mão fria na face. Fiz a pantomima de comer um pedaço de bife, beber água, comer uma fatia de batata gratinada.

– Mas ele vai ficar bem, não vai? – perguntei assim que me senti absolutamente segura de ter recomposto a voz.

O Graham encolheu os ombros.

– Ele vai ficar ótimo. Bem, não vai voltar a jogar, termina o curso em junho, mas pelo menos é uma saída em beleza. Não lhe vai causar qualquer problema. Sortudo. Já o Gardiner, no ano passado, partiu o pescoço a placar

um adversário no jogo de Yale. Entrou de cabeça, o idiota. Quase morreu. Vai ficar numa cadeira de rodas para o resto da vida. Oh, olhem! O Nick chegou. – Pousou o guardanapo e acenou-lhe.

Virei-me e ali estava o Nick Greenwald à entrada do salão de jantar, com a perna esquerda ligada e engessada quase até ao joelho e com os braços suspensos num par de canadianas. Queria ver-lhe o rosto, para ver se encaixava na imagem impossível da minha mente, mas ele estava de pé num intervalo entre as luzes no teto a olhar para o lado, a inspecionar a sala. O ângulo da luz lançava-lhe uma sombra profunda sobre o rosto.

Virou a cara. Localizou o Graham e saltou sobre as canadianas para a claridade gerada por um lustre. Captei apenas um breve vislumbre do seu rosto. Nesse momento, sorriu e o sorriso transformou-o, suavizando todos os ângulos, tornando-o menos formidável do que pensei que fosse.

A Budgie inclinou-se para o meu ouvido.

– Agora é a tua oportunidade, Lily. Não te esqueças de lhe perguntar coisas sobre ele. Eles adoram isso. E, por amor de Deus, não fales em livros.

– Nick! Já não era sem tempo. O que se passou, vieste todo o caminho a coxear desde o hospital? Ou conheceste lá alguma enfermeira bonita? – O Graham puxou uma cadeira para si. – Nick, lembras-te da Budgie, não lembras? A Budgie Byrne.

– Olá, Nick. Lamento pela tua perna. – A Budgie estende-lhe a mão.

O Nick apoiou a canadiana debaixo do braço e apertou-lhe os dedos.

– Budgie. Como estás?

– E esta é a amiga da Budgie, a Lily Dane. Fez a viagem de automóvel com a Budgie desde Smith, hoje de manhã, só para te conhecer.

A voz do Graham era jovial, graciosa, tornando claro que estava apenas a preencher as apresentações com frivolidades para quebrar o gelo, com a perna engessada do Nick e as suas canadianas a baterem em tudo à sua volta. O problema é que estava demasiado próximo da verdade.

O Nick voltou-se para mim e reparou nas minhas faces ardentes. Sorriu delicadamente. Sob a luz elétrica, a sua pele macia parecia cor de azeitona e os olhos eram de um tom de avelã, talvez entre o verde e o castanho. O cabelo, lavado e seco, exibia algumas sombras mais escuras do que o do Graham, de um bonito tom de castanho, nem claro nem escuro, ondulado para trás, rebelde e resistente a uma escovagem minuciosa. Não era acetinado, nem aparentava ter sido pintado com pinceladas elegantes, como o do Graham. Mas quando falava, os seus olhos ganhavam rugas de expressão.

– Menina Dane. Nick Greenwald. Lamento não lhe ter proporcionado uma melhor exibição, após a sua longa viagem desde Massachusetts.

– Com a Budgie a guiar – disse o Graham – deve ter os nervos em franja.

– Oh, esteve fantástica – quase cantei para Nick –, mas é uma pena a sua perna. Está tudo bem?

– Está ótima. Foi a tibia. Por altura da Ação de Graças já estará bem. Pelo menos o gesso está abaixo do joelho e assim consigo mexer-me bem. – O

Nick afundou o corpo na cadeira ao lado da minha, e como não era excessivamente musculado, só então me apercebi da sua imensa corpulência, da sua grande estrutura óssea e das camadas de tendões e de pele que a cobriam. O seu casaco escuro estendia-se, infundável, ao longo dos ombros. Ao lado dele, o Graham, que há momentos enchia a cadeira e o salão, parecia ter encolhido. – Mas obrigado pelo seu cuidado.

Devo ter soado como uma idiota. Ele deve ter pensado que eu era alguma garota estouvada doida por rapazes, uma entre as dezenas que suspiravam por ele por ser alto, bem-parecido e por jogar futebol. Talvez ele estivesse certo. Talvez eu não fosse diferente das garotas doidas por rapazes, escravas do instinto de acasalamento. O que sabia realmente sobre ele, para além de que era alto, bem-parecido e jogava futebol, que tinha uns olhos inflexíveis e se movia como um leopardo?

O Graham pediu a ementa e o Nick examinou-a brevemente, enquanto o empregado aguardava atrás do seu ombro. Estavam todos a observar-nos de novo, de olhares fixos no Nick, nos seus ombros e na sua perna engessada.

– Acho que vou querer um bife, médio. Obrigado. – Entrega a carta ao empregado e serve-se de água.

«É a tua vez, Lily. Pensa em alguma coisa. O que diria a Budgie?»

– Então, diga-me, senhor Greenwald. O que estuda? – perguntei.

– Por favor, trata-me por Nick. História – respondeu. – E tu, Lily?

– Inglês.

Bebemos água, uns após os outros.

– Mas a história não acaba aqui, pois não, Nick? – O Graham deu-lhe uma ligeira cotovelada. Uma vez que o Nick não dizia nada, continuou: – O Greenwald também está a estudar arquitetura, só que o pai é contra.

– Mas porquê? – perguntou a Budgie.

– Oh, ele quer que o filho vá trabalhar com ele na sua empresa...

– Não me refiro ao pai dele, refiro-me ao Nick. Porque quis afinal estudar arquitetura? – A Budgie estava genuinamente curiosa. Aos seus olhos, um arquiteto era mais um empreiteiro do que um profissional, coberto com reboco e serradura e plantas de edifícios, alguém a quem se encomendava alguma coisa, alguém cujo cartão podia ser convenientemente ignorado até à próxima vez que se precisasse dos seus serviços.

– Porque gosto – respondeu o Nick.

A Budgie ficou aterrorizada:

– Mas... com certeza não queres dizer que queres mesmo ser arquiteto!

– Porque não há de ele ser um arquiteto? – perguntei bruscamente –, porque não há de criar coisas belas, em vez de vender ações e obrigações ou defender litígios em tribunal?

Ficaram todos em silêncio. O Graham esboçou um sorriso, tossiu e pegou no seu copo de leite.

O Nick apoiou a ponta do garfo na vertical contra a toalha de mesa e fez o mesmo com a faca.

– Não, claro que não vou ser arquiteto, mas isso não significa que não possa estudar arquitetura.

A Budgie observava os movimentos do Nick e abriu os lábios.

– Claro que não. Graham, de que me estavas a falar há dias ao telefone? Era algo sobre rochas?

– O Grand Canyon – disse o Graham meigamente, dando-lhe uma palmadinha na mão. – Dizia-te que um dia devíamos ir visitá-lo. Pode ver-se como os estratos de rocha foram formados. Milhões de anos de geologia.

– Geologia! Veem? É o que quero dizer. Estudar uma coisa só porque se acha interessante. Não é como se o Graham quisesse ser geólogo. – A Budgie deu uma pequena gargalhada pelo absurdo da ideia.

– E se eu quisesse, querida? Podíamos sair para o campo, acampar nas montanhas. Seria fantástico.

A Budgie riu-se de novo.

– Ele é engraçado, não é?

Mais tarde, os rapazes acompanharam-nos até ao *Ford* da Budgie e abriram a capota para a viagem de regresso a Smith. A Budgie deu-lhes boleia até ao seu dormitório.

– Não posso deixar que regresse a pé com *isso* na tua perna – disse ela, apontando para a perna engessada do Nick.

O Nick olhou para o Graham. Encolheram os ombros.

– Claro, porque não? – disse o Graham. Subiu para o banco do passageiro da frente e o Nick conseguiu manter a porta aberta enquanto se arrastava para o assento traseiro. Lançou as canadianas para dentro do carro e depois o seu próprio corpo comprido, curvando-o transversalmente para caber no carro.

– Desculpa – disse-me, encostando o gesso da perna dele à minha. Estávamos sentados no banco traseiro do pequeno *Ford* da Budgie, tão próximos um do outro que conseguia sentir a respiração dele na minha cara.

– Não, tudo bem – comentei –, eu sou pequena.

Ele dirigiu-me o olhar. Sob a luz amarela do candeeiro da rua à porta do hotel, o rosto dele ficou escuro e distorcido e os seus olhos quase invisíveis.

– Sim, és realmente pequena – confirmou.

– Comportem-se, aí atrás – disse a Budgie, pondo o carro em andamento.

Percorremos as estradas escuras que o Graham ia enumerando de memória à Budgie, aproximando-se dela. Encostou o seu ombro esquerdo ao dela. Observei a flexão muscular do seu pescoço, das suas costas e vi a Budgie, feliz, inclinar a cabeça. O contraste entre a intimidade no banco da frente e o silêncio artificial entre mim e o Nick era impossível de ignorar. Olhei de relance para o Nick, exatamente quando ele fez o mesmo. Um par de faróis passou, a brilhar, e iluminou-lhe o rosto sob o gorro de lã; ele revirou os olhos e sorriu.

– É *aqui*, pateta – diz o Graham. – Não reconheces?

O carro desviou-se para a berma da rua, a seguir a uma grande casa revestida com tábuas brancas.

– Bem, à noite parece diferente – disse a Budgie. Colocou o carro em ponto-morto e tamborilou sobre o volante.

Ninguém se mexeu.

– Cá estamos – disse o Nick.

– Greenwald – disse o Graham –, porque é que não dás só uma voltinha com a Lily, para lhe mostrares um pouco o *campus*?

– Oh, Jesus – murmurou o Nick.

– Budgie? – perguntei em surdina.

– Vai, querida – respondeu –, preciso de um minuto para falar com o Graham.

O Graham abandonou o banco da frente, abriu a porta do Nick e puxou-o para o frio da noite. Eu deslizei atrás dele, absorvendo o calor do assento do Nick, enquanto me preparava para sair.

– É só um minuto – disse o Graham ao Nick.

– De acordo. – O Nick olhou-me. Não conseguia ler-lhe a expressão, não naquela escuridão, mas pressenti alguma simpatia. – Vamos, Lily. Há um banco nesta direção.

– Estás em condições de andar, assim?

– Claro! – Mexeu uma canadiana. – Isto não é nada.

O ar da noite arrefecera nitidamente desde o início da tarde soalheira no estádio. Cruzei os braços sobre o meu casaco de lã e ia acompanhando as canadianas do Nick Greenwald à medida que oscilavam e se apoiavam ao longo do relvado. Se soubesse que íamos ficar até tão tarde, tinha trazido um casaco comprido.

– Numa noite como esta, é realmente desagradável da parte deles – afirmei. – Não podiam ter deixado para falar amanhã por telefone?

– Acho que não. Aqui está o banco. Desculpa, deve estar gelado. – Deixou-se cair no banco, colocando as canadianas entre nós.

– Suponho que a Budgie seja demasiado irresistível.

Ele negou, abanando a cabeça.

– Não achas? – perguntei, surpreendida. A Budgie parecia-me, objetivamente, ser a exata representação carnal do desejo masculino. Os rapazes certamente concordavam. Eu já vira, vezes sem conta, a maneira como caíam à sua volta, oferecendo-lhe tabletes de chocolate e belos jantares de bifos, oferecendo-lhe o braço para atravessar a rua, voluntariando-se para lhe levar os livros, pedindo-lhe para dançar ou indo buscar-lhe bebidas. Oferecendo-lhe tudo o que ela queria.

– Olha – interveio o Nick –, eu não quero falar mal de uma rapariga, mas não consigo ver como é que um indivíduo pode olhar para a Budgie Byrne com alguém como tu junto dela.

Mantive-me sentada, imóvel, fitando o brilho desmaiado do *Ford*, parado à beira do passeio a cerca de cem metros. O dormitório erguia-se atrás de nós como um fantasma gigante e retangular.

Não podia acreditar no que acabara de ouvir. Escrutinei de novo as

palavras, desmontando-as e montando-as de novo.

O Nick pigarreou, limpando a garganta.

– Eu não queria dar a entender o que pareceu. Não estou a tentar... tudo o quis dizer foi que ela, sim, é muito bonita, da mesma maneira que todas as raparigas são bonitas, pela pele, pelo cabelo e pelas roupas que vestem. São todas iguais. Não há nelas nada de especial, nada de interessante. – Fez uma pausa. – Percebes o que quero dizer, não percebes?

– Nem por isso. Todos os rapazes gostam da Budgie. Ela tem de ter *alguma* coisa.

O Nick riu-se alto e com vontade:

– Oh, há *alguma* coisa, é certo. Tenho a certeza de que gostam imenso dela, ou pelo menos grande parte deles. Mas acho que sou diferente. – Fez uma nova pausa e disse, por entre um suspiro, de tal forma que quase não identifiquei as palavras: – Nada de novo nela.

– Bem, eu tenho um gosto diferente.

– Eu sei que sim. Mas, desculpa, estás gelada. – Começou a tirar o casaco.

– Não, eu estou bem – respondi. Mas, ainda assim, colocou-mo sobre os ombros, pesado e quente com o calor do seu enorme corpo. O tecido sedoso deslizou como se fosse líquido no meu pescoço.

«Eu sei que sim», disse ele. O que quererá isto dizer?

– Eu não tenho frio – disse-me. – Então, diz-me lá, Lily Dane, o que fazes quando não andas atrás da Budgie Byrne para assistir a jogos de futebol?

Ri-me. Gostei do uso que ele fez da expressão «andar atrás».

– Estudo, sobretudo. Leio e escrevo. Quero ser jornalista.

– Vai ser bom para ti. Hoje em dia já há muitas mulheres no jornalismo.

– E tu, Nick? Vais acabar em breve a licenciatura.

O Nick esfregou a ponta da canadiana na relva.

– Vou começar a trabalhar na empresa do meu pai.

– O teu pai tem uma empresa de História? – interroguei, de modo provocador.

O Nick riu-se.

– Não. Em Wall Street todos são licenciados em História, embora ninguém consiga dizê-lo, de tal forma vão cometendo os mesmos erros, crise após crise.

– Hum... Então é por isso que também estás a estudar arquitetura? Para descobrir uma maneira de reconstruir tudo com alicerces mais fortes?

– Não – respondeu, deixando desvanecer na voz qualquer vestígio de divertimento. – Gosto, simplesmente, de arquitetura, é só!

– Então porque não queres ser arquiteto?

– Porque o meu pai quer que eu ingresse na empresa.

– E fazes sempre aquilo que o teu pai manda fazer?

– Não sei – respondeu. – Tu fazes sempre o que os teus pais te dizem?

Aconcheguei as abas do casaco dele ao meu peito. Um aroma quente, de

roupeiros de cedro e espuma de barbear, tranquilizante, extraordinariamente íntimo, libertou-se da lã. «É a isto que os homens cheiram», pensei.

– Acho que sim. Claro que a minha mãe pensa que eu só vou precisar de emprego para encontrar um marido.

– E vais?

– Não. Eu quero... – A minha respiração dissolvia-se no ar.

Ele deu-me um toque com o ombro.

– Podes contar-me. Eu sou apenas um estranho qualquer. Nem sequer *conheço* os teus pais.

– Não sei. Viajar. Escrever sobre aquilo que vejo – hesitei novamente, embaraçada, porque nunca antes tivera de exprimir tudo isto por palavras. – O sonho é apenas uma imagem na minha mente, uma visão, um anseio por alguma coisa, por algo mais, algo sublime e esplêndido. Estou algures, sentada a uma secretária, com a máquina de escrever à minha frente, numa sala de um andar bem alto, num qualquer cenário estrangeiro, Paris, Veneza ou Deli, emoldurado numa janela inundada pelo sol.

– Então devias ir para lá e fazer isso já – disse o Nick Greenwald, com ardor –, antes que algum marido te prenda às tarefas do lar e aos filhos. Vai lá para fora e realiza o teu sonho, Lily, antes que seja tarde demais.

O silêncio caiu sobre nós enquanto observávamos o *Ford*. Pus-me a imaginar o que estaria a passar-se lá dentro. Provavelmente não seria só conversa, admiti, com um sobressalto. O Graham a beijar a Budgie, a Budgie a devolver-lhe o beijo. Ambos abraçados, a mão dele no cabelo dela. Como nos filmes, como o Clark Gable e a Joan Crawford.

Senti o rosto tenso e em brasa.

O Nick olhou para o relógio, sacudiu-o e ergueu-o até captar o brilho do luar.

– Peço desculpa – disse. – Não queria parecer tão veemente.

Veemente.

– Não, tens razão. É muito gentil da tua parte interessares-te. – Sentia-me aconchegada sob o casaco do Nick, mas mesmo assim não conseguia parar de tremer. As suas palavras continuavam a ecoar na minha cabeça. Junto a mim, ele era tão sólido e maciço, tão vital. Recordei a sua expressão quando estava com o Graham, envergando o equipamento verde, o olhar inexorável, o golpe relampejante do seu braço ao lançar a bola pelo campo. Não conseguia compreender como todo aquele poder e determinação podiam concentrar-se na simples forma humana que se estendia a partir da sua perna lesionada e engessada, ao lado da minha. Se eu fosse suficientemente corajosa, se fosse tão descarada e confiante no sucesso como a Budgie, poderia simplesmente erguer os dedos alguns centímetros e colocar a minha mão sobre a dele. Qual seria a sensação? Provavelmente áspera, como o couro da sua bola de futebol. Forte, áspera e firme. Poderia provavelmente fazer os meus dedos estalar como ossos de galinha, se o quisesse.

A porta de trás do *Ford* entreabriu-se e o Graham apareceu

desajeitadamente, passando as mãos pelo cabelo e abotoando as calças. A cabeça da Budgie espreitou sobre o tejadilho, do outro lado, deslocando-se no sentido da porta da frente.

– Mas, afinal, porque é que lhe chamam Budgie? – perguntou o Nick. Não fez qualquer movimento para se levantar.

Recuei no tempo.

– Bom, quando era pequena, ela era loura, loura como palha, acredita. Nunca se calava. O pai dela costumava dizer que ela parecia um papagaio louro. Pelo menos, é a história que a família conta.

– Qual é o verdadeiro nome dela?

– Helen. Tal como a mãe.

– E Lily é o teu *verdadeiro* nome ou o de um ridículo animal de estimação?

No meio do amplo clarão de luz dos dois faróis do *Ford*, o Graham esquadrinhou a escuridão e acenou-nos.

– É o meu nome verdadeiro.

O Nick tentou erguer-se do banco e estendeu-me a mão.

– Ainda bem.

– Mas não achas que é ridículo? – disse-lhe, pegando-lhe na mão e levantando-me.

– Só se fosse o nome de um animal de estimação. Assim, é adorável. – Continuava a segurar-me a mão. A sua palma era bem mais macia do que imaginei... suave. Ficámos ali, suspensos, sem olhar um para o outro. O Graham gritou qualquer coisa através do ar frio da noite. O Nick largou-me a mão e pegou nas canadianas.

– Deixa-me ajudar-te.

– Não, já as tenho. – Com perícia, equilibrou-se sobre as canadianas e repentinamente ocorreu-me que ele podia já ter usado outro par, em algum momento, devido a qualquer outra lesão. – A propósito, Nick é o diminutivo de Nicholson. O nome de solteira da minha mãe.

– Nicholson Greenwald. Extremamente distinto.

– Insisto para que, a todo o custo, me trates por Nick.

«Oh, meu Deus, eu gosto dele. Gosto mesmo.»

O Graham estava encostado à porta do passageiro, com as pernas cruzadas à altura dos tornozelos e os braços também cruzados. Piscou o olho ao Nick.

– Já não era sem tempo. Perderam-se os dois?

O Nick ergueu uma canadiana.

– Com isto, não posso propriamente andar a correr por aí.

A Budgie buzinou.

– Temos de ir – disse eu. – Assim, vamos faltar ao toque de recolher.

– Não podemos deixar que isso aconteça. – O Graham abriu a porta com um floreado.

Subi e o Graham fechou a porta atrás de mim. Dentro do carro o ar estava abafado, húmido, vulgar. Desci o vidro da janela.

– Adeus. Foi um prazer conhecer-vos, a ambos.

– Adeus queridos! – disse a Budgie, inclinando-se sobre o meu peito e agitando os dedos para fora da janela. O Graham agarrou-lhe a mão e beijou-a.

– Vemo-nos em breve – disse ele. – Voltas na próxima semana? Nós jogamos no sábado, tal como hoje.

– Então, sim. Lily, fecha a janela, está um frio de rachar. – A Budgie engrenou o carro e soltou o travão de mão.

Fechei a janela.

– Adeus! – repeti, pela abertura que se ia fechando, sentindo-me desesperada. Não podia ter terminado, não agora, quando estava tudo quase a acontecer. – Espero que a tua perna melhore!

Oh, meu Deus. «Espero que a tua perna melhore?»

O Nick disse qualquer coisa, mas a Budgie já estava a pisar o acelerador, a rodar, e as palavras dele perderam-se na frincha da janela.

– Bem, foi agradável, não foi? Tu e o Nick conversaram? – A Budgie estava calorosa, elétrica, fervilhante de energia. Tocou no cabelo, amaciou-o e engrenou uma nova mudança. O seu chapéu desaparecera.

– Sim. Ele é muito simpático.

A Budgie olhou-me de lado.

– *Souvenir?*

O casaco do Nick.

– Oh, não! – Apertei o colarinho com uma das mãos e apoiei a outra na porta. – Volta para trás, depressa!

A Budgie riu-se e inclinou-se para ligar o rádio.

– Minha pobre amadora. Não tens a mínima ideia, pois não?

– Sobre quê?

– Escuta, o esquema é este: guardas o casaco, querida. Assim tens uma desculpa para voltar comigo para a semana e devolver-lho.

– Oh! – Pousei as mãos no regaço e olhei fixamente o pavimento, em frente, a rolar sob o clarão dos faróis, pelo túnel de árvores de cada lado da estrada. O aroma de cedro e loção de barbear ainda se desprendia do casaco dele. O cheiro do Nick. Um estonteante vórtice de antecipação começou a dar-me voltas ao estômago. Do rádio saía o som delicado de *Goodnight, Sweetheart*, que enchia o *Ford* de emoções. Acrescentei:

– Acho que tens razão.

Mas, uma vez na vida, a Budgie estava enganada. De manhã, pouco antes das sete, acordei com alguém a bater determinadamente à minha porta. Atrás dela, uma caloiira, ainda ensonada, com um vestido xadrez e óculos de tartaruga redondos, disse-me que estava lá em baixo um indivíduo com canadianas à minha espera e que queria o seu casaco de volta.

CAPÍTULO 4
Seaview, Rhode Island
Maio de 1938

Ao contrário de mim, a Kiki nunca tinha medo de desconhecidos. Adulto ou criança, alto ou baixo, humano ou animal, todos eram seus amigos. Enquanto eu permanecia imóvel, recolhida ao fundo das escadas, com a mão a apertar o meu copo de *gin*, ela respondeu ao Nick Greenwald como se o conhecesse desde sempre:

– Como é bonito o seu chapéu. Como se chama? – perguntou delicadamente.

– O meu nome é Nick Greenwald. E acho que sei quem é a menina.

– Sabe? – A Kiki ficou entusiasmada com a afirmação.

– Deve ser a menina Catherine Dane, da cidade de Nova Iorque. Estou certo?

A voz dele flutuou sobre mim, exatamente como eu me recordava dela, apenas um pouco mais grave, mais madura. Contornei a base da varanda e afundei-me na areia, tremendo perante a familiaridade do som.

A Kiki gritou sobre a minha cabeça:

– Como é que sabia, senhor Greenwald?

– Bem, vi esses teus olhos. Reconhecê-los-ia em qualquer lugar. – Fez uma pausa. – A tua família está cá?

– A Lily está mesmo aqui comigo. Lily?

Pus-me de pé num pulo e arrastei os meus passos até às escadas.

– Estou aqui, querida. Fui só buscar o meu copo e... oh! Senhor Greenwald!

O Nick estava de cócoras junto à Kiki, a falar com ela, olhos nos olhos, e a expressão no seu rosto era tão suave que parei de respirar. Ergueu-se lentamente em toda a sua enorme altura.

– Lily Dane – exclamou. – Como está?

A Kiki tinha razão quanto ao chapéu dele. Parecia novo, a palha ainda estava rígida e brilhante, como se o tivesse comprado na semana passada nos Brooks Brothers precisamente para passar o verão na praia de Seaview. Sob as abas, os seus olhos tinham o mesmo tom quente de avelã de sempre e o rosto perdera todos os traços da mocidade. Os maxilares eram salientes sob a pele, austeros como os de um monge, serenos e inflexíveis.

– Eu estou bem, estou bem. Como está?

– Nunca estive tão bem. Eu...

Mas, antes de poder prolongar este início promissor, outra voz familiar cruzou a brisa suave que percorria a varanda.

– Oh, Lily Dane! Estás ótima!

O Nick e eu voltámo-nos, ambos, simultaneamente aliviados.

Nesta altura, já eu estava perfeitamente preparada para avistar a Budgie Greenwald. Tinha visto o seu retrato nos jornais, por isso sabia que ela agora tinha o cabelo escuro mais comprido com os caracóis mais atenuados, segundo a moda. Sabia que os seus olhos redondos tinham adquirido uma expressão sensual, embora não soubesse se isso seria devido a algum efeito natural da maturidade ou a algum tipo de pose cosmética; sabia que pintava os lábios com um vermelho-vinho profundo, que era ainda mais desconcertante no meio de todas as cores da vida real. Sabia que devia estar vestida de acordo com a última moda, e que o seu esvoaçante vestido comprido de chifom, com os braços nus e o suave decote grego, não desapontavam.

Mas, ainda assim, chocou-me vê-la, mais do que ver o Nick. Talvez fosse natural. Afinal, conhecia a Budgie desde sempre, da infância à adolescência e à idade adulta, em todas as situações e com todos os humores: bastante melhor do que conhecera o Nick. Esta nova fase da vida da Budgie era a primeira cujo desenvolvimento eu não acompanhara. Mas, naquele momento, ali estava ela à minha frente, completamente realizada, com todos os sonhos cumpridos, e eu não conseguia suportar a estranheza que isso me causava.

– Pensei que podias cá estar. Procurei-te por todo o lado, mas, claro, o Nick foi suficientemente esperto para te encontrar por mim, não foste, querido? – Deslizou para o lado do Nick num fluxo de chifom, envolvendo-lhe o braço languidamente no seu. Ergueu as sobrancelhas com expectativa.

Eu sabia que tinha de falar, mas não me saía uma única palavra.

A Kiki salvou-me:

– É a Budgie Byrne, não é? – interrogou. – Tenho ouvido falar de si.

A Budgie baixou o olhar.

– Como, minha querida?

Não consegui encontrar voz para mim, mas consegui fazê-lo para a Kiki.

– Budgie, como é bom ver-te. Que bela surpresa. Kiki, esta é a senhora Greenwald.

– Kiki. Com certeza. – A Budgie estendeu-lhe a mão e falou-lhe solenemente. – Como estás?

A Kiki apertou-lhe a mão sem hesitações.

– Estou muito bem, obrigada. Adoro o seu vestido.

A Budgie riu-se.

– Ah, muito obrigada. Mas, diz-me, o que ouviste dizer de mim? Algo escandaloso, espero?

– Ouvi dizer que cresceu com a minha irmã, antes de eu nascer.

– Com a tua irmã. – Os olhos matreiros da Budgie encontraram os meus. – Sim, é verdade. Posso contar-te as mais terríveis histórias sobre ela, coisas em que nunca acreditarias.

– Oh, por exemplo? – perguntou a Kiki avidamente.

– Oh, deixa-me pensar. – A Budgie esfregou o seu queixo fino. – Bem, há uma coisa: ela costumava nadar nua no mar, logo pela manhã, antes de toda a

gente se levantar.

A Kiki revirou os olhos.

– Ah, eu sei disso.

– Ela ainda o faz, não é? – A Budgie riu-se de novo. – Na pequena enseada, perto da vossa casa, certo?

– Essa mesmo.

– Bem, bem. Uma destas manhãs tenho de aparecer, como nos velhos tempos. No entanto, a madrugada não é nada o meu estilo. – A Budgie soltou o braço do Nick e baixou-se. O movimento fez com o que o decote do vestido se afastasse um pouco da pele, expondo as esbeltas curvas dos seus seios. Aparentemente, não trazia nada por baixo do vestido. – Mas... olha para ela! É igual à Lily, não é, Nick? – perguntou olhando para trás por cima do ombro.

A minha mão apertou a mão da Kiki e puxei-a para junto da minha perna.

O Nick cruzou os braços e disse em voz baixa:

– Há uma semelhança, naturalmente.

– Exceto o cabelo escuro, claro. E a pele completamente bronzeada! Como consegue ela já estar com aquela cor, Lily? – A Budgie ergueu-se, voltando-se para mim com olhos risonhos.

– Esteve todo o dia a brincar na praia.

Subitamente tomei consciência do inquietante silêncio que saturava a varanda. O tilintar dos copos, o murmúrio das conversas: tudo se silenciou. A brisa soprava entre nós, soltando-me o cabelo, já despenteado; puxei uma madeixa para trás da orelha e procurei ignorar os olhares de soslaio nas minhas costas e a atenção perfeitamente sintonizada no ar.

– Felizarda, com uma pele assim. Oh, olha. Já tens o copo vazio. – Levou a mão ao braço do Nick; a mão esquerda. Três sólidos brilhantes concorriam pela prioridade no seu dedo anelar, subjugando o esguio anel de ouro que os prendia. – Querido, sê um cavalheiro e serve uma bebida à Lily.

O Nick estendeu-me a palma da mão. Esquecera como as suas mãos eram grandes, como tornavam mínimas as minhas.

– O que está a beber, Lily? – perguntou.

Entreguei-lhe o copo.

– *Gin* tónico.

Ele voltou-se para a Budgie.

– Querida, queres que te traga alguma coisa?

– A mesma coisa. – Inesperadamente, a Budgie enfiou o seu braço no meu. – Vamos ter uma bela conversa enquanto tu não estás, não vamos, Lily?

– Tenho de encontrar a minha mãe e a tia Julie. Supostamente devíamos estar a jantar.

– Oh, juntem-se a nós. Elas deviam vir connosco, Nick, não deviam? – Virou-se, mas o Nick já tinha desaparecido à procura de *gin*. – Bem, tenho a certeza de que ele concorda. Vai ficar encantado por poder voltar a conversar contigo, depois de todos estes anos.

– Não posso falar pela minha mãe... – A minha pele contraiu-se ao toque

do seu braço. Dei um passo atrás, como se tivesse sido desequilibrada por aquela estranha pressão. A Kiki lançou-me um olhar ansioso.

– Oh, por favor, Lily. Estava tão ansiosa por voltar a ver-te. – Uma nova nota brotou-lhe na voz, ou antes, soltou-se dela: como uma mudança de brilho. Apertou o seu braço contra o meu e puxou-me. – Tinha saudades tuas, querida. Passámos tempos tão bons juntas. Às vezes penso...

– Lily! Até que enfim te encontro.

A voz da senhora Hubert cortou o ar, tão repentinamente que o braço da Budgie se encolheu como se tivesse sido apanhada a fazer alguma maldade por uma professora de olhar mais atento.

Segui o som até à esquina da varanda, de onde a senhora Hubert avançava com passo decidido, sem sequer dispensar um olhar de relance à Budgie, ou aos olhos interessados que espreitavam o seu percurso por detrás de um exército de copos altos.

– Já nos perguntávamos para onde terias ido. Convidei a tua mãe para se juntarem a nós esta noite ao jantar. Estamos lá dentro, lamento, mas certamente já tiveste brisa marítima suficiente para uma noite. – A sua voz transbordava de significado.

Hesitei e olhei para a Budgie, cujo rosto procurava agora sustentar um falso sorriso.

– A Budgie acabou de me convidar para jantar com ela e com o Nick. Lembra-se da Budgie, senhora Hubert?

– Claro que me lembro da Budgie. – Terminou a frase antes de se voltar para ela. – Como está? Agora é a senhora Greenwald, não é?

– Sim, sou.

A senhora Hubert ignorou as formalidades habituais e, em vez disso, disse:

– Que vestido tão chique, senhora Greenwald. Parece uma estrela de cinema. – O tom da sua voz transmitiu exatamente o que pensava sobre as estrelas de cinema.

– Obrigada, senhora Hubert. Está com um excelente aspeto. Não posso acreditar...

– Receio, porém, ter de lhe roubar a Lily e a Kiki. Neste momento estamos muito envolvidas na discussão dos preparativos para a festa do 4 de Julho e não posso, de modo algum, dispensá-las.

Para mim, isto era uma novidade, pois este ano não me tinha oferecido para integrar a comissão do 4 de Julho.

– A festa do 4 de Julho? – esganiçou-se a Kiki. – Mas a Lily...

– A Lily tem sempre lugar na comissão – afirmou a senhora Hubert. – Não é verdade, Lily?

Não estava preparada para argumentar. O pensamento de partilhar o jantar com a Budgie e o Nick pressionava-me o cérebro como uma faca quente.

– Sim, com certeza. Lamento muito, Budgie. Talvez outra noite.

– Outra noite? – O Nick regressou com dois copos altos e as bebidas ainda

convindicativamente efervescentes sobre o gelo.

– Querido, parece que esta noite teremos de jantar sem as Dane. – A Budgie arrancou-lhe o seu *gin* da mão.

O Nick estendeu-me o outro copo.

– Que pena.

– Senhora Hubert, não sei se já conhece o meu marido, Nick Greenwald.

– Eu conheço o senhor Greenwald – respondeu a senhora Hubert agarrando-me o braço. – Vamos, Lily. Kiki, querida.

– Adeus, senhora Greenwald – disse a Kiki. – Adeus, senhor Greenwald.

Mas a senhora Hubert já nos rebocava ao longo da varanda. Ouvi o *adeus*, *menina Dane* do Nick a flutuar no ar atrás de mim, sobre as cabeças, os chapéus e os copos dos membros do Seaview Club, e perguntei-me a qual de nós ele se referiria.

– Pronto, acabou – disse a senhora Hubert. – Estou estupefacta como ela teve o descaramento.

– Quem?

– *Quem*. A Budgie, quem é que havia de ser? Embora decerto saibas a quem me referia. Sabes sempre, Lily Dane, ainda que pareças tão tranquila.

A mãe subiu para o carro, a seguir à tia Julie, que ia ao volante. O porteiro fechou a porta com firmeza depois de ela entrar. Inclinei-me para beijar a face da senhora Hubert.

– Boa noite, senhora Hubert. Obrigada pelo jantar.

– É sempre um prazer, minha querida. Com alguma sorte, não tardará muito até que desistam do clube, e já não terás de te incomodar comigo. – Voltou o rosto na direção da varanda, onde o Nick e a Budgie presumivelmente ainda permaneceriam depois de terem terminado o jantar. Tinham escolhido uma mesa para dois exatamente em frente à janela do salão de jantar, por isso de cada vez que eu olhava para fora, como sempre fazia, via as suas silhuetas recortadas sobre a vista do mar que me era tão familiar. – Ela está decidida a esperar para ver o que acontece, bem vejo – prosseguiu a senhora Hubert, observando a minha expressão. – Atravimento tem ela, isso reconheço.

– Sempre teve. – Cravei as unhas dos dedos na palma da mão num esforço para aclarar as ideias, que flutuavam numa estranha piscina de *gin*, a que se seguiu o vinho. Tinha escolhido esta mistura precisamente com a intenção de expulsar da mente a mortificante imagem da Budgie e do Nick a jantarem *tête-à-tête*, embora logicamente eu soubesse que não era a primeira vez que isso sucedia; faziam-no frequentemente. Afinal, eram casados. A minha embriaguez suportou algum esforço, porque cada um dos membros do clube, aparentemente, tinha vindo à nossa mesa demonstrar algum apoio e eu tivera de me concentrar fortemente para manter o discurso articulado, completo e razoavelmente sensato.

– Seja como for, boa noite senhora Hubert. Eu... – Algo se agitou na minha mente, interrompendo o ritmo intemporal de uma despedida social. – Perdão, como disse? Desistir do clube?

– Bem, não a podemos expulsar, pois não? Ela tem pago as quotas, Deus sabe como, todos estes anos depois de o pai ter falecido. Malditos regulamentos. Mas ninguém lhe dá atenção, ou a convida seja para o que for...

– Mas porquê? – perguntei, confusa. – A Budgie sempre viveu aqui.

A senhora Hubert pegou-me no braço.

– Ela sabia o que estava a fazer quando se casou com o Nick Greenwald. Se queria casar-se por dinheiro, e suponho que tinha de o fazer, teve oportunidade de escolher. Escolheu-o, a *ele*. – Inclinou a cabeça para as envelhecidas e cinzentas tábuas de cedro da entrada do clube, iluminadas por duas anémicas lâmpadas amarelas em ambos os lados da porta. – E trouxe-o aqui esta noite, claro, à frente de todos nós.

Por entre a confusa rede dos meus sentimentos pelo Nick e pela Budgie, apesar da raiva, do ressentimento e da crueza dos meus nervos sob o efeito do *gin* e do vinho, senti, à revelia de tudo o que se poderia esperar, um fluxo de indignação.

«Ela está velha», pensei, fitando o rosto da senhora Hubert, as suas rugas e os seus defeitos acentuados pelo efeito sombrio das luzes do alpendre. «As suas ideias estão demasiado arreigadas para se poderem mudar. Não vale a pena tentar.»

Além do mais, porque deveria eu defender o Nick Greenwald, de toda a gente? Há muito que desistira de qualquer pretensão relativamente a ele, naquele amargo inverno de 1932. E ele desistira de qualquer pretensão quanto a mim.

A tia Julie faz soar a buzina.

– Tenho de ir – afirmei. – Kiki?

Procurei à minha volta a sua cabecinha escura e oscilante, mas não a conseguia ver. Gritei:

– Tia Julie, a Kiki está no carro consigo?

A tia Julie e a mãe quase davam uma cabeçada, ao olharem para o banco de trás.

– Não – respondeu a tia Julie –, pensei que ela estava contigo.

Os meus ombros cederam.

– Desapareceu outra vez.

A tia Julie ergueu as mãos.

– Outra vez. Por amor de Deus! Não consegues controlar essa criança?

– Vão andando. Eu encontro-a.

A tia Julie agarrou o volante.

– Tens a certeza?

– A pé, pela praia, é perto. Há muito luar.

A tia Julie tamborilou sobre o volante, pensativa. Virou-se para a mãe e

perguntou-lhe algo em voz baixa, demasiado baixa para que eu conseguisse ouvir. Os ombros da mãe encolheram-se sobre o tecido estofado do banco do carro.

– Então está bem – diz a tia Julie. – Avisa-nos quando voltares.

Sobre a precipitação de gravilha provocada pelos pneus do carro, consegui ouvir a mãe dizer para eu ter cuidado.

A senhora Hubert abanou a cabeça. Os brilhantes cintilaram nos lóbulos das suas orelhas.

– És uma mártir, minha querida. Vê no bar. O Jim esteve a servir-lhe *ginger ales* toda a noite, às escondidas.

Mas a Kiki não estava perto do bar, nem estava à conversa com as senhoras idosas no salão de jantar, nem estava a ajudá-las a limpar os pratos na cozinha: na verdade, não estava em nenhum dos seus lugares prediletos.

Eu ainda não estava apreensiva, de todo. Por um lado, havia o *gin* que ainda me corria nas veias. Por outro, desde que aprendera a gatinhar, a Kiki sempre fora uma fugitiva. Passei grande parte dos últimos seis anos a procurá-la no nosso apartamento, nos passeios do Central Park, em volta dos esqueletos de dinossauros do Museu de História Natural, no meio da secção de *lingerie* do Bergdorf. Todos os porteiros da nossa vizinhança na Park Avenue sabiam detê-la e guardá-la até eu chegar, viesse ela a correr pelo passeio, sozinha e descalça, ou, muitas vezes, até já sem o seu vestido. Uma vez até tive de entrar nos lavabos masculinos do Oyster Bar, no Grand Central Terminal, para conseguir apanhá-la, o que levou um velho e corpulento homem de negócios a procurar ansiosamente os seus comprimidos de nitroglicerina e outro a fazer-me uma proposta indecente no próprio local.

Por um momento, estive tentada a aceitar.

– Viram a Kiki? – perguntei, uma a uma, às senhoras que se encontravam no salão de jantar.

Mas não. Não a tinham visto. Já tinha procurado no bar?

Verifico de novo no bar, na casa de banho das senhoras, e encontro o senhor Hubert a tatear à procura dos seus óculos no átrio e peço-lhe para inspecionar os lavabos dos cavalheiros. Espero cá fora com os dedos bem cruzados atrás das costas, escutando-o a abrir as portas dos sanitários e a chamá-la pelo nome. Depois, o som de um gotejar idoso, irregular; uma descarga; uma pausa e o som de uma torneira.

Esperei.

– Oh! Kiki. Não, não há sinal dela, receio – disse o senhor Hubert, assim que apareceu. – Já viste no bar?

Adrenalina, chamam-lhe os cientistas. Em tempos, li um artigo sobre o assunto, na revista *Time*. A adrenalina faz pulsar o coração e torna os membros mais leves, numa resposta natural à percepção de perigo. Presentemente, já estava familiarizada com a adrenalina. Sempre que a Kiki desaparecia, corria-me pelas veias como uma velha amiga. Sempre que conseguia ter a Kiki de novo nos braços, tremia, incapaz de proferir frases

completas.

Evidentemente que ela estava em perfeita segurança. A Kiki era uma criança sensata. Podia ignorar muitas das pequenas regras, mas normalmente acatava as importantes. Não deveria ir para a água sozinha, à noite, não deveria correr ao longo do cais. Eu precisava apenas de descobrir para onde teria ido e ela estaria segura, a divertir-se com alguma coisa, com a sua imaginação flexível a estender-se para novas dimensões.

Mas as glândulas do meu corpo não sabiam disso, nunca tinham sabido. Desde que ela nascera.

Saí para a varanda, onde a precipitação do mar contra a areia tinha aumentado na escuridão. Naquele momento, as mesas já estavam todas vazias, depois de acabado o jantar e terminadas as bebidas. Até o Nick e a Budgie já tinham saído.

Coloquei as mãos em concha à volta da boca e chamei:

– Kiki!

Uma onda rebentou lentamente sobre a praia, com a espuma iluminada pela lua em quarto minguante.

– Kiki! – chamei de novo.

Por cima de mim uma gaivota guinchou, depois outra. Algo caiu sobre a areia e as aves mergulharam, em algazarra. Pensei: «Quem me dera poder avançar meia hora no tempo, para o momento em que a Kiki sem dúvida, *sem qualquer dúvida*, já estivesse sã e salva nos meus braços, e eu não ter de passar por isto.»

Tinha de ser sensata. Era tempo de pensar como a Kiki. Se eu fosse a Kiki, e fossem horas de voltar para casa, porque haveria eu de desaparecer? Que assunto inacabado a teria deixado ficar para trás?

O seu casaco de malha. Tê-lo-ia deixado algures?

Não, tinha-o vestido na altura da sobremesa. Recordava-me porque tive de lhe arregaçar as mangas para ela não as encher de nódoas com o gelado de chocolate.

Laços do cabelo?

Sapatos?

Agora estava a agarrar-me a impossibilidades. Claro que ela tinha os laços no cabelo. Claro que tinha os sapatos calçados. Mas não havia mais nada, ou havia? Não havia outras crianças, ninguém a quem dizer adeus. Teria ela falado de alguma coisa em especial durante o jantar?

Se falou, eu não conseguia lembrar-me. Eu tinha estado a ouvir, não? Tinha estado a beber e a entorpecer, conversando com os adultos, com a minha mente a divagar nas suas próprias preocupações. Como se houvesse alguma coisa tão importante como a Kiki.

– Kiki! – chamei outra vez, gritando o seu nome, mas a minha voz parecia perdida e minúscula no meio do rugido do Atlântico.

Arranquei os sapatos e avancei aos tropeções pela areia. A lógica desaparecera, deixando apenas a adrenalina. Eu era um poço de adrenalina,

pulsante e em pânico.

– Kiki! – gritei de novo, arrastando os passos na areia e tropeçando na batinha do meu vestido. – Kiki!

Ouviu-se uma buzina vinda do parque à entrada do clube, impaciente.

Parei. O parque? Certamente que ela não tinha saído a correr por entre os carros que partiam, na penumbra iluminada pelos clarões dos candeeiros. Certamente que não vira a mãe e a tia Julie saírem no carro e pensado que a tínhamos deixado para trás.

Vacilei, indecisa. Abandonar a praia e procurar no parque? Qual seria a possibilidade mais plausível? Qual era o maior perigo? Não conseguia pensar. Queria mexer-me e não pensar.

Lutar ou fugir, chamam-lhe os cientistas, como se um cientista tivesse sido alguma vez impelido a fazer ambas as coisas. Como se um cientista no seu laboratório tivesse a mínima ideia de como uma menina pode ser preciosa, como pode ser infinitamente importante, profunda e apaixonadamente amada. Como o seu cabelo pode ser sedoso sob a nossa face, como a sua forma pode ser meiga e radiante nos nossos braços.

– Kiki! – gritei outra vez, ao longo da praia.

Pareceu-me ver um movimento, vacilando na escuridão.

Parei e escutei, escutei, o movimento da água no meu ouvido esquerdo e o bater da pulsação no ouvido direito.

Novamente. Como algo a passar entre os meus olhos e as luzes dos alpendres, que se estendiam como um colar de brilhantes ao longo do esguio pescoço de Seaview.

– Kiki! – irrompi a correr, lutando para me equilibrar na areia profunda. – Kiki!

Apareceu vinda do nada: num segundo, a escuridão e as luzes dos alpendres; no segundo seguinte, a Kiki, correndo em frente, brandindo triunfalmente na sua mão direita a perfeita concha em cornucópia. Atirou-se para os meus braços e disse:

– Olha! Encontrei-a!

– Oh, querida. Oh, querida. – Baixei-me repentinamente na areia, sob o peso do seu corpo e com as pernas a tremer. – Estava tão preocupada. Oh, querida.

– Porque é que estavas preocupada? O senhor Greenwald ajudou-me. É tão simpático.

Os meus braços bloquearam-se. Olhei para cima e ali estava o Nick, a dois ou três metros de distância, no limite do meu ângulo de visão, tão imóvel como uma falésia e quase igualmente acolhedor. Segurava o chapéu na mão contra a perna.

– Senhor Greenwald? – repeti enfaticamente.

– Vi-a a correr a descer as escadas, exatamente quando estávamos a sair. Achei melhor segui-la, pelo sim pelo não. – Esfregou o chapéu contra a perna. Uma vez... duas vezes. – Parece que andava à procura de umas conchas.

– Ele foi tão simpático, Lily. Procurámos por todo o lado e conseguimos encontrá-las. E usou o isqueiro para podermos ver. – Voltou-se e olhou embevecida para Nick.

– Espero que lhe tenhas agradecido, querida.

– Obrigada, senhor Greenwald.

– De nada – hesitou ele. – Podes tratar-me por Nick, se quiseres.

– Não, não – intervim eu. – Temos uma norma rigorosa quanto ao tratamento dos adultos. Não temos, Kiki?

– Temos, sim. – A Kiki abraçou-me. – A mãe está zangada?

– Não, ela e a tia Julie já foram para casa. Nós vamos a pé pela praia. – Levantei-me, peguei-lhe na mão e voltei-me para enfrentar o Nick. – Obrigada por a ter encontrado. Ela faz isto muitas vezes: desaparecer. Já devia estar habituada.

– Eu ouvi-a a chamá-la. Procurei responder, mas o vento não deixou ouvir a minha voz. Não vão regressar a pé, pois não? – Estava demasiado escuro para lhe ver o rosto, demasiado escuro para ver se realmente estava preocupado com isso.

– Não é longe. Menos de um quilómetro.

– Pela escuridão?

– Há luar.

Deu um passo em frente, abanando a cabeça.

– Temos o carro no parque. Podemos levar-vos a casa.

– Não! Não, obrigada. Eu gosto de caminhar.

– Mas é certamente uma grande distância para a sua irmã, a esta hora.

– A Kiki é uma boa caminhante. Não és, querida?

A Kiki começou aos pulos.

– Eu quero ver o carro do senhor Greenwald! Oh, vamos para casa com eles.

– Lily – disse o Nick –, peço-lhe que não recuse.

– Eu não... Eu... – deixei as minhas palavras a balouçar no vento salgado, até conseguir ouvi-las à distância e aperceber-me como soavam falsas e alucinadas. Ainda estava perturbada pelo desaparecimento da Kiki e volúvel com o *gin*. – Então está bem. Obrigada pela sua gentileza.

– Não é gentileza – murmurou, metendo pés ao caminho para o clube.

Já tinha esquecido como era caminhar ao lado do Nick, com a sua altura e a sua largura a encherem o espaço a meu lado, e as suas longas passadas a forçarem o nosso andamento. O meu coração ainda palpitava e a respiração ainda estava acelerada. A Kiki agarrava-me a mão, pulando pelo caminho do outro lado, alheia ao desconforto que envolvia os adultos enquanto avançávamos pela areia.

– Devíamos falar – disse Nick, de forma inesperada.

– O quê?

– Precisamos de falar. Foi por isso que cá vim, para falar contigo.

Alcançámos as escadas e ele parou e virou-se para mim. A balastrada

projetava-lhe no rosto uma longa faixa escura.

– O que queres dizer? – sussurrei.

– Tu sabes o que quero dizer.

O coração batia-me com tanta força contra o peito que achei que me ia fazer desmaiar.

– Não vejo como podemos ter algo sobre que falar, ao fim deste tempo todo.

– Temos tudo para falar. – Ergueu a mão, como se fosse pegar-me no braço, e depois deixou-a cair ao longo do corpo.

– Não, não temos, Nick. Nem uma única coisa.

– Lily...

Voltei-lhe as costas e subi as escadas, puxando a Kiki comigo. O cabelo revolia-me as faces húmidas e, de todo o esforço e toda a ansiedade, o vestido colara-se-me às costas. Apanhei os meus sapatos no cimo das escadas e esforcei-me por calçá-los, em desequilíbrio, ignorando a mão estendida do Nick.

Não tinha a carteira comigo. Avancei pela sala, atravessando o átrio, e saí pela porta. A Budgie aguardava no carro, estacionado junto à porta, elegantemente reclinada no banco do passageiro enquanto o motor trabalhava ininterruptamente. Era um carro rápido, de alguma marca elegante, como o *Packard Speedster* que o Nick costumava conduzir, demasiado desportivo para ter um banco traseiro.

– O que é isto? – A Budgie ergueu a cabeça escura do encosto do banco e observou a nossa aproximação. Na escuridão, os seus lábios eram quase pretos. Devia tê-los retocado com batom, ou então não tocou no jantar.

– Vamos levar a Lily e a irmã a casa – disse o Nick, abrindo a porta. – Arranjas espaço?

A Budgie dirigiu-nos um sorriso de boas-vindas e deslizou no banco.

– Claro! Há muito espaço, se eu me chegar ao meu marido. Vejo que encontrei a tua adorável irmãzinha. Koko, não é?

– Kiki – disse a Kiki.

Entrei e pus a Kiki ao meu colo.

– Sim. O Nick teve a gentileza de ir atrás dela.

O Nick fechou a porta sem qualquer comentário e encaminhou-se para o lado do condutor, contornando o carro.

– Ele saiu disparado como um tiro, quando ela passou. Foi muito querido.

– A Budgie encostou a cabeça ao ombro do Nick enquanto o carro acelerava pela noite dentro. – Um dia vais ser um bom pai, não vais, querido?

– Espero que sim – respondeu o Nick.

Se não fosse a conversa da Kiki, tínhamos regressado em silêncio. Ela fez perguntas ao Nick sobre o carro, sobre o motor e as suas características e ele respondeu paciente e pormenorizadamente, dedicando-lhe total atenção.

A casa da nossa família ficava perto do final de Seaview Neck, depois de todas as outras. O Nick conduziu o seu vistoso carro desportivo com uma

lentidão angustiante sobre o piso de gravilha de Neck Lane, como se tivesse receio de perturbar os vizinhos ou a delicada suspensão do carro. A longa perna da Budgie fazia pressão sobre a minha, movendo-nos as duas em conjunto com os solavancos na estrada. Não tardou muito, chegámos à velha e familiar casa de praia, forrada com tábuas de cedro acinzentado, tal como no clube, com um único candeeiro aceso na entrada.

– É aqui? – perguntou o Nick, espreitando por entre os nossos corpos para a porta da frente, pintada de fresco há dois dias, de um branco reluzente, para suportar a intempérie oceânica durante mais uma estação.

– Sim. Obrigada. – Procurei o fecho da porta, mas quando consegui tateá-lo contornando o vestido da Kiki para o abrir, já o Nick estava fora do carro e abriu-nos a porta.

– Mais uma vez, obrigada. – Deixei a Kiki escorregar para o chão. – Diz obrigada aos senhores Greenwald, Kiki.

– Obrigada, senhor Greenwald. Obrigada, senhora Greenwald – soou artificialmente dócil.

– De nada, querida – disse a Budgie, pela porta do carro.

O Nick agachou-se sobre a gravilha e estendeu-lhe a sua mão enorme. – De nada, menina Dane. Foi um grande prazer conhecê-la, finalmente.

– Sou a Kiki. – Apertou-lhe solenemente a mão e olhou para cima, para mim. – Ele pode tratar-me por Kiki, não pode, Lily?

– Suponho que sim, se quiser.

O Nick ergueu-se.

– Boa noite, Lily.

Virei-me antes de ele poder fixar-me com os seus olhos.

– Boa noite – respondi por cima do ombro, para não o ver a regressar ao carro, para o lado da Budgie. Vi-o afastar-se no carro com a Budgie, de volta à casa em que vivia com a Budgie, para a cama que partilhava com a Budgie.

Peguei na mão da Kiki, passámos sob a glicínia trepadeira, e entrámos na casa sombria que os meus bisavôs tinham reconstruído a partir dos escombros, após a grande tempestade centenária de 1869.

CAPÍTULO 5
Smith College, Massachusetts
Outubro de 1931

— **T**u pensas que eu sou louco — disse o Nick Greenwald. — Admite-o.

— Claro que não penso. É um casaco espantosamente bonito. Aqui estamos.

Ele olhou para cima, para a chávina de café de néon cor-de-rosa a piscar sobre as nossas cabeças. Antes de eu poder impedi-lo, fez um hábil ajustamento das suas canadianas e abriu-me a porta. — Sítio simpático — comentou.

— As melhores panquecas das redondezas. E também está aberto ao domingo de manhã.

Conduzi as coisas como uma coquete, como uma mulher mundana, como se sempre tivesse aceitado encontros às sete da manhã para pequenos-almoços de domingo em todos os fins de semana da minha vida. Entrei atrás dele no vestíbulo acolhedor com aroma a café. Pelo menos a minha familiaridade com o local era sincera. Cumprimentei a empregada:

— Olá, Dorothy.

— Oh, olá, Lily. O que posso... — as palavras da Dorothy abrandaram e desapareceram. Inclinou a cabeça, de cabelo frisado, para trás, observando o corpo longo do Nick até se deter no rosto dele. Quase que era possível ouvir os olhos a saltarem-lhe das órbitas.

O Nick sorriu-lhe:

— Dorothy, por favor, pequeno-almoço para dois. Um canto sossegado, se houver algum.

A garganta dela voltou a funcionar:

— A salinha estará bem?

— Com certeza.

Ainda entorpecida, a empregada retirou duas ementas do balcão e conduziu-nos a uma salinha no canto. O restaurante estava quase vazio. Um casal mais velho, vestido para a missa, comia furtivamente perto da porta, e um polícia trincava uma torrada e bebia café ao balcão. Depois da neblina sombria da rua, sentia-se um ambiente extremamente caloroso e brilhante. Atrás de mim, as canadianas do Nick batiam ritmadamente sobre o linóleo.

Entre para um lado da salinha. O Nick entrou para o outro, apoiando as canadianas a seu lado. A Dorothy entregou-nos as ementas.

— Posso trazer-vos café? — perguntou, com a voz rouca.

— Sim, por favor — respondi.

— Todo o que houver — acrescentou Nick.

A Dorothy enfiou o lápis atrás da orelha.

— É para já — respondeu, regressando pelo corredor, a fitar-me com os

olhos muito abertos.

O Nick não reparou. Estava a olhar para mim, sorrindo. O seu rosto estava macilento e pálido e mais delicado do que me lembrava. Pousou a ementa.

– Calculei ter cinquenta por cento de possibilidades de que descesses.

– Então, afinal, porque fizeste a viagem de carro até aqui?

– Bem, por um lado, sem querer, deixei uma nota de cem dólares no bolso esquerdo do meu casaco. – Os meus olhos dilataram-se e ele riu-se. – Estou a brincar. O que passa é que, na noite passada, fui imediatamente para a cama dormir, estava exausto por causa do jogo e tudo o mais, mas só consegui dormir duas horas. Acordei por volta da meia-noite e não consegui tornar a adormecer. Só pensava no nosso jantar e em ti. Às duas da manhã saltei para o carro e fiz-me à estrada. Calculei que, de qualquer modo, não ia conseguir dormir mais.

– Mas a viagem leva umas três horas apenas. – Tinha a boca seca e os ouvidos a retinir. Passei os dedos pela ementa para impedir que tremessem.

O Nick encolheu os ombros.

– Encostei-me um pouco no banco do carro quando cheguei.

Imaginei-o curvado no seu *Packard Speedster* de último modelo, embrulhado no sobretudo, procurando encontrar uma posição confortável para dormir um pouco.

– Como soubeste qual era o meu dormitório? – perguntei.

– Acordei o Pendleton e perguntei-lhe antes de vir. Arrisquei que estarias na mesma casa que a Budgie. – Cruzou ambas as mãos sobre a ementa e inclinou-se para a frente. Os seus olhos ganharam solenidade. – Ficaste aborrecida, Lily?

A Dorothy aproximou-se e serviu o café. Esperei até ela se afastar e respondi:

– Não estou nada aborrecida, Nick. Estou contente por teres vindo.

O Nick pestanejou, baixou os olhos para a ementa, estendeu o braço e pegou-me na mão, muito delicadamente. O seu polegar, largo e enorme, roçou a base do meu.

– Então, ótimo.

Olhei de relance para a minha mão que parecia minúscula dentro da dele.

– Também não dormi muito – disse quase num murmúrio. Sentia na boca a dificuldade de encontrar palavras.

– Nem posso dizer-te o quão satisfeito fico por ouvir isso.

Voltei-me e olhei para cima.

– Mas porquê?

A Dorothy regressou com o seu bloco de pedidos e com a sua habitual compostura.

– Já decidiram? – perguntou, tão amigável e despreocupadamente como sempre, embora com o rosto um pouco mais corado.

– Dois ovos mexidos – pedi – e um monte de torradas.

– Ora bem. – O Nick virou-se para ela, mantendo firmemente a minha

mão na dele. – Esta manhã estou esfomeado. Quatro ovos, *bacon*, torradas. Que tal são as vossas panquecas?

– As melhores panquecas de Berkshires – respondeu ela. – Pergunte a quem quiser.

– Quero uma pilha alta delas, com manteiga e xarope de ácer – pediu, devolvendo-lhe a ementa. – Obrigado, Dorothy.

– Obrigada ao senhor. – Recolheu a ementa dele e a minha, e num movimento exagerado dos lábios murmurou algo enquanto se afastava, algo enfático.

– Tens este efeito em todas as mulheres? – inquiri ironicamente.

– Qual efeito?

– Bem, a Dorothy adoraria trocar de lugar comigo neste momento.

– Não sou um sedutor, se é isso que queres dizer.

Estiquei o ombro na direção da Dorothy.

– Mas gostas de espalhar o teu charme nas pessoas.

Riu-se.

– Se o Pendleton te pudesse ouvir agora... Ele está sempre a dizer-me para ser mais simpático, para sair do meu canto e conversar um pouco.

– Então porque será tudo isto?

– Não sei. Acho que sou apenas feliz.

A minha mão ainda estava presa na dele. Ele apertou-a ligeiramente e senti um sorriso a abrir-se no meu rosto, porque também me sentia feliz.

– Não respondeste à minha pergunta – insisti.

– Não respondi, pois não? Muito bem, Lily. Menina Lily Dane da Smith College, Massachusetts, e... que mais?

– Nova Iorque.

– De Massachusetts e Nova Iorque. Do Upper East Side⁴, calculo.

– E Seaview, Rhode Island – acrescentei, com um sorriso.

O Nick revirou os olhos.

– E a deplorável Rhode Island, onde a tua família provavelmente tem passado o verão desde há gerações, não é verdade? Vira-te. Não, para o outro lado. Para a janela.

Virei-me para a montra de vidro excessivamente embaciada e para os edifícios sombrios do outro lado da rua.

– Como, assim?

– Agora vira os teus olhos para mim. Só os olhos. Inclinando-os um pouco. Sim – suspirou –, isso mesmo. *Isso*, menina Lily Dane, exclusivamente dos melhores lugares, foi por *isso* que eu não consegui voltar a adormecer a noite passada.

Voltei-me para o encarar, rindo. Ele inclinou-se contra a parede da salinha, sorrindo, observando-me com benevolência.

– *Isso?* – interroguei.

– Lançaste-me esse olhar mais ou menos a meio do jantar. Sobre o que estava eu a falar na altura? O hospital, acho eu. E tu olhaste-me de lado, com

esses teus olhos azul-escuros divertidos, e eu nem conseguia lembrar-me do meu nome. Calei-me abruptamente. Deves ter reparado.

– Penso que sim. – De facto, recordava-me perfeitamente. Ele tinha estado a falar acerca da nova máquina de raios X e da exposição à radiação. Na altura, pensei que ele se calara apenas por pensar que o assunto era demasiado técnico para mulheres. Fiquei sentada na minha cadeira elegante da Estalagem Hanôver, profundamente frustrada e ansiando dizer-lhe que me interessava, que queria ouvir tudo o que ele tinha para dizer.

Peguei na minha chávena de café. O vapor envolvia-me a boca e o nariz, enquanto a chávena branca de cerâmica escondia – esperava eu – as minhas faces coradas.

Ele estendeu o braço para pegar no seu café e ergueu-o, com a mão esquerda, porque a direita segurava a minha. Bebeu um longo trago e pousou a chávena no pires sem olhar para ela.

– E assim, ali fiquei sentado, como um perfeito idiota, com o fio do meu pensamento cortado a meio. Disse para comigo: Greenwald, dentro de uma hora esta rapariga vai-se embora. O melhor é pensares como vais conseguir encontrar-te de novo com ela. Porque estás a abanar a cabeça?

– Não sei. Porque tu pareces saído de uma cena de um filme e os meus romances normalmente não dão certo.

– Normalmente? – Ergueu as sobrancelhas. Eram sobrancelhas fortes, como tudo o resto nele: direitas e escuras, espessas, mas não excessivamente pilosas. – E quais é que deram certo?

– Bem, houve o Jimmy, o filho do mestre de um barco de pesca no porto de Seaview. Mas, naquele verão, ele tinha dez anos e eu apenas oito.

– Homem mais velho, hã? E desde então?

Nada. Alguns encontros, alguns namoros de férias, que se esvaíram na indiferença. Não havia rapazes para conhecer na escola da senhora Porter, não havia rapazes aqui em Smith. Durante os verões em Seaview, apenas alguns, demasiado familiares e demasiado convencionais para serem interessantes.

– Oh, não sei – disse eu e bebi um trago de café –, o costume.

A comida chegou em pratos a estalarem de quentes. A Dorothy distribuiu-os com os seus braços lampejantes, pratos de torradas e manteiga, um pote de compota de morango. Tornou a encher-nos as chávenas de café. O xarope de ácer escorria em fios preguiçosos pelos bordos da pilha de panquecas do Nick. Por fim, ele largou-me a mão para pegar no garfo e na faca com os seus enormes dedos.

– Está tudo bem? – perguntou a Dorothy.

– Perfeito. Obrigada.

Os olhos do Nick deixaram-me traiçoeiramente, para se concentrarem com um apetite voraz no pequeno-almoço à sua frente.

– Obrigado – agradeceu à Dorothy e hesitou, educadamente, olhando-me de relance.

– Come! – ordenei-lhe.

Durante alguns momentos, ficámos em silêncio, a devorar o pequeno-almoço. Quase diria que o Nick enchia a boca com pás de comida, mas ele era um pouco mais elegante do que isso – não muito, mas afinal devia estar esfomeado. Era eficiente, talvez seja a expressão mais adequada. As panquecas desapareceram em segundos; os ovos foram obliterados. Observava-o num misto de fascínio e estupefação, quase sem reparar no sabor da minha própria comida.

– Peço desculpa – disse o Nick limpando a boca com o guardanapo –, não fui muito civilizado, pois não?

– Estive quase a cobrar-te uma taxa adicional.

Ele riu-se. Agradava-me o seu riso, fácil e tranquilo.

– Desculpa. Estava morto de fome, com tudo o que se passou ontem e depois de estar a pé quase toda a noite.

Olhei para os seus ombros largos, o tronco sólido, o corpo volumoso que desaparecera sob a mesa. Ele era como um motor: mesmo quando estava em repouso, em ponto-morto, consumia grandes quantidades de energia.

– Não peças desculpa.

– A comida também é boa – disse. – Presumo que venhas aqui com frequência...

– Gosto de estudar aqui. Eles não se importam que eu fique aqui horas e espalhe todos os meus papéis pela mesa. A Dorothy está sempre a servir-me café, traz-me tarte de maçã... Devias prová-la.

– Gostaria de o fazer, noutra ocasião. – Pegou na sua chávena de café. – Agora é a tua vez.

– A minha vez?

– De me dizeres porque estás aqui. Porque desceste do teu quarto em vez de teres mandado a vigilante dar-me um pontapé. – Os olhos dele estavam brilhantes e bem vivos. Eu adorava aquela cor, quente e caramelizada, quase derretida, com laivos de verde em volta do castanho. *Sou apenas feliz*, dissera ele antes, e parecia ser.

Deveria ser sincera?

A Budgie diria que não. A Budgie dir-me-ia para não abrir o jogo, para fazer com que ele lutasse por mim. Eu deveria ser reservada, errática. Deveria deixá-lo na dúvida.

– Foi exatamente antes de partires a perna – disse, por fim. – Estavas de pé no campo, com o Graham, a olhar para o público. Parecias... não sei... feroz e pirático. Diferente de todos os outros, cheio de fogo. Chamaste-me imediatamente a atenção.

Ele ficou agradado. O sorriso cresceu-lhe no rosto, e eu pensei de novo em como isso amaciava a estrutura extraordinariamente robusta do seu corpo, o conjunto inflexível dos seus maxilares, faces e malares. Alguns caracóis desprendiam-se-lhe docemente sobre a testa, e eu tive o desejo de os enrolar nos meus dedos.

– Pirático, hã? – disse ele. – É disso que as raparigas de hoje gostam?

Piratas?

– Foi o termo errado. Decidido, era o que eu devia ter dito.

– Disseste pirático. Foi a tua primeira palavra, a sincera. – Neste momento, como que brilhava para mim, nada feroz ou pirático.

Mudei um pouco o tema da conversa:

– Em que estavas a pensar ao olhar para as bancadas daquela maneira?

– Oh, não sei. Provavelmente, na jogada seguinte. Durante um jogo entramos numa espécie de névoa. A névoa da batalha, a alegria da disputa. O resto do mundo como que desaparece no meio da bruma. – Encolheu os ombros, num gesto de indiferença.

– Mas és excelente a jogar.

Tornou a encolher os ombros.

– É a prática.

– Aquele passe em frente, o ensaio, mesmo antes de te magoares. Não percebo nada de futebol, mas...

– Um golpe de sorte. O recetor é que fez o trabalho todo. – Baixou os olhos para o prato e rapou um vestígio de gema de ovo com a torrada.

– Estás preocupado com a tua perna? – perguntei cuidadosamente.

– Sim, claro. A minha última temporada. Estúpida falta de sorte. Ou antes estupidez, porque eu devia saber... Mas o jogo é assim, sabes? – Voltou a erguer os olhos. – Num minuto, um ensaio, no minuto seguinte, quase aleijado. De qualquer modo, preocupa-me muito menos agora do que ontem.

Terminámos o nosso pequeno-almoço. O Nick insistiu em pagar a conta. Reparei que deixou uma gorjeta generosa à Dorothy. Saímos para o ar frio e húmido e eu levantei a minha gola e apertei-a bem junto ao pescoço. Nesse momento, a rua estava mais buliçosa, com o usual movimento de um domingo. Olhei para o Nick, alto e impermeável no seu sobretudo de lã escura. Ele virou-se para mim e o seu rosto estava sério de novo, quase hesitante.

– E agora? – perguntou.

– Quando tens de regressar?

Olhou para o relógio.

– Há meia hora. Reunião da equipa. Mas acho que eles não deviam esperar que eu fosse. De qualquer modo, o Pendleton dá-me cobertura. Vai dizer que eu estava sob o efeito dos medicamentos ou algo assim. – Tocou com a ponta da canadiana na proteção de gesso.

– Ainda assim, devias voltar. Deves estar exausto.

– Queres que eu volte? – A sua respiração ficou suspensa no ar frio.

– Não. Mas, apesar disso, devias voltar.

Estendeu-me o braço, lembrou-se das canadianas e encaixou-as, contrariado, sob as axilas.

– Então, vou levar-te de volta ao teu dormitório.

Viajámos em silêncio, tal como tínhamos feito quando nos dirigíamos para a cidade, incapazes de expressar o que sentíamos um pelo outro através

de palavras. Mas desta vez era um silêncio mais descontraído, e quando parámos brevemente num semáforo, o Nick pegou-me na mão e apertou-a suavemente.

Arrancou e descreveu a curva com o meu dormitório já à vista. Tal como eu, ele não queria ver os olhos de centenas de raparigas à janela, a observarem-nos.

– Tens dores? – perguntei, apontando para a perna dele.

– Está tudo bem. Tomei umas aspirinas.

– Como consegues pisar a embraiagem?

Ele abanou a perna lesionada.

– Com muito cuidado. Não digas nada ao médico.

– Foi insensato teres vindo. Espero que a perna fique bem curada.

– Está ótima.

O silêncio abateu-se de novo sobre nós, com o carro a ronronar sob as nossas pernas. O Nick tocou com os dedos nas chaves suspensas na ignição, como se estivesse a ponderar desligar o motor.

– Odeio isto – disse, fixando o vazio através do para-brisas. Há muito para dizer. Quero ouvir tudo. Quero saber tudo sobre ti.

– E eu sobre ti. – A minha voz revelava fragilidade.

– Queres, Lily? – Virou-se e olhou para mim. – Queres mesmo? Não estás só a ser condescendente, a querer ser agradável?

– Não, não estou. Eu... – O meu coração estava demasiado acelerado; não conseguia controlar-me. Abanei a cabeça. – Não posso acreditar que estejas aqui. Esperava ter a oportunidade de tornar a ver-te no próximo sábado. A Budgie disse que eu podia devolver-te o casaco nessa altura, que seria uma boa desculpa para eu voltar.

– A Budgie. – Abanou a cabeça e pegou-me em ambas as mãos. – Afinal porque é que vocês são amigas? Não podiam ser mais diferentes.

– As nossas famílias costumam passar o verão juntas. Conheço-a desde sempre.

– É isso, acho eu. Não lhe dês ouvidos, Lily. Sê como és, sê doce e autêntica como és.

– De acordo.

Libertou uma das mãos para afastar uma madeixa de cabelo da minha têmpora.

– Lily, eu quero voltar a ver-te. Posso voltar a ver-te?

– Sim, por favor.

– Quando?

Eu ri-me.

– Amanhã?

– Combinado – respondeu rapidamente.

Tornei a rir-me. O café percorria-me as veias a toda a velocidade, atordoando-me, ou talvez fosse só aquilo, a imagem do Nick, bonito até mais não, fitando-me com um olhar tão sincero. Como podia ter chegado a pensar

que o rosto do Graham Pendleton era mais belo do que o seu?

– Não sejas ridículo. Como vais conseguir ser arquiteto se não fores às aulas?

– Eu não vou ser arquiteto.

– Vais, sim. Tens de ser. Promete-me, Nick.

Ele voltou a ajeitar-me o cabelo e aconchegou-me o rosto na mão.

– Meu Deus, Lily. Sim, prometo. Prometo-te tudo o que quiseres.

Ficámos ali sentados, a olhar um para o outro, respirando-nos mutuamente. Inclinei a face no encosto do meu banco; sobre o casaco do Nick, dobrada sobre ele.

– Não sei o que dizer – afirmou o Nick –, não quero ir-me embora.

– E eu não quero que vás.

– Sinto-me como o Cristóvão Colombo, finalmente com terra à vista e a ter de regressar a casa, para Espanha.

– Colombo era genovês.

Ele beliscou-me.

– Ah, é assim contigo?

– E New Hampshire é muito mais perto do que Espanha. E tu tens um carro bonito e rápido, em vez de uma velha caravela cheia de rombos.

– Bem, foi a última vez que te disse algo sentimental, menina universitária.

– Não, não digas isso. – Estendi o braço e passei os meus dedos pelo seu rosto, amaciando-lhe o cabelo sobre a orelha, estonteada pela liberdade de poder tocá-lo. – Desculpa. Se não me rir já, em vez disso ainda começo a chorar.

– Não me importo. Gostava de saber como és quando choras. Não que te queira ver chorar – acrescentou, apressadamente – nem ver-te triste, de modo algum. Só que... sabes o que eu quero dizer. Não sabes?

Esbocei um sorriso.

– Fico horrível. Ofegante e corada. Sabes bem como é.

– Então tudo farei para evitar as tuas lágrimas.

O modo como me olhava enquanto dizia isto era tão cheio de significado que me senti rendida.

– É grotesco. A Budgie, sim, a Budgie chora com elegância. Algumas lágrimas a escorrerem-lhe pela cara, como a Garbo...

– Já chega de Budgie. Até mesmo eu, de um momento para o outro, começo a choramingar com um bebé. Se não for por outra razão, por absoluto cansaço.

– Peço-te desculpa.

– Não peças. Valeu a pena. – Virou a cabeça, tocando as pontas dos meus dedos com os lábios. Aquele ligeiro contacto atravessou-me o corpo como uma descarga de eletricidade.

– No sábado, eu a Budgie metemo-nos no carro e vamos ter convosco.

– Sim. Vão. Eu estarei à espera no banco com as minhas malditas

canadianas, mas irei cuidar de ti. Depois, vamos jantar, como ontem.

– Mas a Budgie e o Graham estarão connosco.

– Então na manhã de domingo faço-me à estrada, depois da reunião com a equipa. Posso passar o dia aqui, se quiseres. E vou escrever – sorriu –, alinhar as minhas expectativas para ti.

– Até agora as tuas expectativas são bastante favoráveis.

– Tens de escrever a responder-me. Falar sobre ti. Quero saber o que estás a ler, se jogas ténis – riu-se. – Que estou eu a dizer? Claro que jogas ténis. Eu quero a história da tua vida. Quero saber porque é que esse teu cabelo se enrola à tua orelha, dessa forma, e não de outra qualquer. – A cabeça dele inclinou-se e aproximou-se. – Quero...

– O quê? – respirei fundo.

– Nada – endireitou-se de novo. – Tudo a seu tempo. Agora temos muito, não temos? Quando vinha no carro estava completamente em pânico. Agora tenho de me recordar que acabou a emergência.

O motor adormecido tossiu, engasgou-se e recuperou o ritmo. Como um acompanhante atento, avisando-nos discretamente.

– Acompanho-te à entrada – disse o Nick, acariciando uma última vez o meu rosto.

Caminhámos lentamente pelo passeio, usando as canadianas dele como desculpa para prolongar os últimos minutos que nos restavam.

– É horrível ter de te deixar – disse –, e, no entanto, nunca me senti tão bem. Não sentes isso?

– Sim. Como quando éramos crianças e se aproximava o Nat... e se aproximavam as férias de verão.

– Ias dizer *Natal*.

– Sim, eu... – Confusa, fiz uma pausa.

Ele sorriu e deu-me uma leve cotovelada no braço. Aproximávamo-nos do pátio que dava acesso à porta do dormitório.

– A minha mãe todos os anos faz uma árvore de Natal. Vamos à missa juntos.

– Oh. Bem, seja então o Natal. Ou o verão. Ou os dois num só.

Demos a volta e entrámos no pátio abrigados pelos longos ramos de um carvalho centenário, ainda cobertos com as folhas alaranjadas, cerradas e brilhantes. O Nick espreitou para cima, para as filas sombrias de janelas que nos espreitavam lá no alto.

O meu sangue parecia evaporar-se. Já tinha sido beijada antes, mas nunca dera ou recebera um beijo a sério, um que significasse alguma coisa.

O Nick baixou a cabeça e a pala do seu boné de lã bateu-me na testa. Ele riu-se, tirou o boné e inclinou-se mais uma vez.

Os lábios dele eram macios. Pressionou-os contra os meus durante um segundo ou dois, apenas o suficiente para eu conseguir saborear o seu hálito a xarope de ácer, e retrocedeu, atento às janelas acima de nós.

– Guia com cuidado – disse-lhe, ou antes, murmurei, porque a minha

garganta recusou-se a funcionar.

Voltou a enfiar o boné.

– Assim farei. Esta noite escrevo.

– E vê se dormes.

– Como um bebé. – Pegou na minha mão, beijou-a brevemente, e apoiou-se de novo nas canadianas. – Então, até sábado.

– Até sábado.

Permanecemos com o olhar fixo um no outro.

– Vai tu primeiro – disse o Nick.

Virei-me e subi as escadas para a acolhedora sala comum. Lá fora, o Nick ia coxeando ia pelo passeio, de regresso ao seu vistoso Packard, rumo a New Hampshire. Aquelas duas grandes mãos iriam agarrar o volante, a perna engessada pisaria desajeitadamente a embraiagem, e os seus olhos de avelã caramelizada olhariam a estrada à sua frente. Eu esperava que as três chávenas de café tivessem sido suficientes para os manterem abertos.

Nick Greenwald. Nicholson Greenwald.

Nick.

Atravessei a entrada e subi as escadas de madeira até ao meu pequeno quarto individual no segundo andar. A porta estava entreaberta. Empurrei-a e lá estava a Budgie Byrne, ainda em camisa de noite e roupão de caxemira, com o cinto apertado na sua cintura mínima. Estava estendida, atravessada, na minha cama, perto da janela.

– Ora, ora – disse ela, sorrindo e fazendo balouçar o pé enfiado num chinelo de quarto. – Quem é a menina que andou a fazer travessuras?

4 Uma das zonas mais nobres de Manhattan, entre o Central Park e a Quinta Avenida. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 6
Seaview, Rhode Island
Maio de 1938

Ninguém sabia ao certo quando fora construída a primeira casa em Seaview Neck, mas eu já tinha assistido a discussões amigáveis na varanda do clube, que se prolongavam até muito depois da meia-noite, procurando resolver a disputa. As pessoas de Nova Inglaterra eram assim: todos queriam descender em linha reta do pai fundador.

Quem se estabeleceu pela primeira vez em Seaview teve, de facto, uma excelente visão quanto à localização. A terra descrevia uma curva em torno da margem de Rhode Island numa longa e afiada língua, guardada no extremo por um afloramento rochoso e um velho baluarte de pedra, abandonado, que disparara os seus últimos tiros durante a Guerra Civil. De um lado do istmo ficava o oceano Atlântico, raso e imenso, e do outro a baía de Seaview, em cujas casas – na maioria delas – se tinham construído pequenos cais que se projetavam como uma linha de palitos nas águas abrigadas. Geração após geração, nós, crianças, tínhamos aprendido a nadar, a remar e a velejar na baía de Seaview, e a vogar nas ondas e a construir castelos de areia ao longo da ampla praia amarela junto ao oceano.

Com a devida modéstia (e os habitantes de Nova Inglaterra também a têm), a família Dane tinha tanto direito à coroa do fundador como qualquer outra. A nossa casa ficava no fim do istmo, era a última de quarenta e três casas de praia revestidas de madeira, na direção oposta à do velho baluarte e com a sua própria pequena enseada escavada nas rochas. De acordo com a escritura, guardada na biblioteca do meu pai, Jonathan Dane reclamou a posse da terra em 1697, portanto, anteriormente à constituição da Associação de Seaview e à construção do Beach Club de Seaview, há uns bons cento e setenta anos.

Sempre achei que a localização da nossa casa era a melhor em Seaview Neck. Se quisesse companhia, saía pela porta da frente e virava à esquerda, ao longo da extensa linha de casas, e podia ter a certeza de que iria encontrar alguém conhecido antes de chegar a percorrer cem metros. Se quisesse privacidade, virava à direita e encaminhava-me para a enseada. Era o que fazia quase todas as manhãs. A minha janela era voltada a oriente e as velhas portadas com persianas de madeira não impediam que o nascer do Sol de verão madrugasse no quarto, por isso, embrulhava-me no roupão, tirava uma toalha da prateleira e mergulhava o corpo nu nas águas, antes que alguém pudesse ver-me.

O prazer variava durante a estação. Quando chegava setembro, já o Atlântico tinha estado todo o verão ao sol, a recompor-se preguiçosamente do

sul tropical, e a minha manhã de natação equivalia a ficar de molho num banho salgado e morno. Em maio, um mês após as frias chuvas de abril, na manhã a seguir ao Nick e à Budgie nos terem trazido do clube de Seaview para casa, a experiência pareceu-me uma das mais bárbaras formas de tortura medieval.

Pior, a Budgie estava sentada nas rochas à minha espera quando saí da água com o corpo arrepiado.

– Olá – disse ela. – Toalha?

Enfie-me de novo no Atlântico.

– O que estás aqui a fazer?

– O Nick levantou-se de madrugada, teve de ir à cidade. Em vez de voltar para a cama, pensei que te ia encontrar aqui. Fui perspicaz, não fui? Não tens frio?

A água chapinhava contra o meu peito nu. Frio? Eu estava completamente anestesiada, procurando apagar a imagem do Nick na cama com a Budgie, do Nick a levantar-se de madrugada e a Budgie a levantar-se com ele. Apertando-lhe o nó da gravata, compondo-lhe o cabelo. Dando-lhe um beijo de despedida.

– É revigorante – respondi.

Estendeu-me a toalha e sacudi-a.

– Não tenhas vergonha. Já fomos companheiras de quarto, não fomos?

Mexi os braços, agitando a água, procurando encontrar uma desculpa.

– Oh, deixa lá. Eu vou ter contigo. – A Budgie levantou-se e tirou o chapéu, puxou a camisola às riscas azuis e brancas e o camiseiro pela cabeça. Pasmeei à medida que o corpo dela se despia à minha frente, expondo a sua pele pálida à manhã fria. Por baixo vestia uma combinação de seda cor de pêssego, debruada com renda, sem corpete nem meias. Baixou-se, agarrando a bainha, e eu dei meia-volta para encarar o mar e as ondas que reboavam no horizonte em longas linhas brancas.

A Budgie riu-se atrás de mim.

– Cuidado aí em baixo – gritou e eu virei a cabeça mesmo a tempo de ver o seu corpo, comprido e esguio, mergulhar como uma faca na água junto a mim.

Emergiu a berrar:

– Oh, isto é um crime! Oh, meu Deus!

– Habitua-te.

A Budgie abanou a cabeça inclinada para trás, mergulhando o cabelo até este emergir escuro e brilhante, colando-se-lhe ao crânio. A ausência de um penteado acentuava a estrutura simétrica das suas feições, os ângulos e as saliências; o espantoso tamanho dos seus olhos de Betty Boop, que conferiam uma inocência tão incongruente ao seu rosto extremamente anguloso. Sempre fora esbelta, mas a sua elegância alcançara presentemente uma altura e um comprimento quase inacreditáveis. Uma elegância óssea impossível. Junto a ela, sentia-me redonda e demasiado cheia, com contornos imprecisos.

– Como consegues aguentar, todas as manhãs? – perguntou-me a sorrir, dando braçadas na água. Os seus seios pequenos boiavam à superfície da água como dois pêssegos frescos.

– Não te recordas? – respondi. – Quando éramos pequenas, costumavas fazê-lo comigo.

– Não todas as manhãs. Só quando tinha de me escapulir ou perdia a cabeça. Vamos fazer uma corrida. – Sem avisar, rodopiou o corpo e começou a nadar pela enseada, com os seus longos braços a estenderem-se e a mergulharem através das ondas, e com os pés rosáceos a espalharem salpicos de água.

Hesitei, por um instante, hipnotizada pelos seus membros ritmados, e segui-a.

Apesar do grande espalhafato dos seus movimentos, a espalhar água em todas as direções, a Budgie não avançava rapidamente. Apanhei-a em menos de um minuto e ultrapassei-a; cheguei ao lado oposto da enseada e toquei nas rochas para iniciar o percurso de regresso.

Quando atingi o nosso ponto de partida, a Budgie já não estava atrás de mim. Olhei à volta e vi-a a correr nua, sobre as rochas no lado oposto, ao longo da estreita língua de areia onde a minha toalha repousava dobrada sobre um rochedo. Durante um ou dois segundos, a silhueta do seu corpo ficou recortada sobre a rocha cinzenta do baluarte abandonado, enquanto o sol nascente lhe embalava esplendorosamente o corpo.

Então, cobriu-se com a toalha. Esfregou-se até secar, da cabeça até cada um dos dedos dos pés cobertos com areia e terminou a enxugar minuciosamente o cabelo, estendendo depois a toalha na minha direção.

– É a tua vez – disse, sacudindo-a.

Não tinha escolha. Toquei no fundo rochoso com os dedos dos pés e avancei através das ondas, sentindo com dolorosa exatidão, centímetro a centímetro, a exposição da minha pele ao ar frio e ao olhar da Budgie, dos seios à cintura, das pernas aos pés, delineada em espuma.

– Muito bem – estendeu-me a toalha –, considerando todos os aspetos, trataste bem do teu corpo. Claro, a água fria ajuda.

Desviei os olhos, mas não havia maneira de não ver os seus mamilos espetados, nem a chocante nudez total entre as suas pernas.

A Budgie deve ter visto a minha expressão horrorizada. Olhou para baixo e riu-se.

– Ah, isto. Descobri na América do Sul, há dois invernos. Lá toda a gente se depila, totalmente. Já conheces a depilação, não conheces? Todos aqueles pelos desagradáveis?

– Ouvi falar.

– Não podes imaginar como dói. Mas os homens simplesmente adoram, os queridos. – Riu-se de novo, com a sua gargalhada frágil mas brilhante. – Devias ter visto a cara do Nick.

A toalha estava molhada e cheia de areia, mas de qualquer maneira tapei-

me, sequei-me o melhor que pude, a tremer de frio. Quando já não conseguia disfarçar a angústia no rosto, afastei-me da Budgie, encontrei o meu roupão e ateio-o à volta da cintura.

– O teu corpo parece uma ampulheta, Lily, com a tua cintura minúscula e as tuas ancas e o teu peito. Tal como as nossas mães nos seus espartilhos, antes da guerra. Lembras-te? – Atrás de mim, a Budgie vestia as suas roupas. Ouvia-se o tecido deslizar-lhe sobre a pele, os pequenos suspiros e rezingas que fazia enquanto enfiava os braços e as pernas nas respetivas peças de roupa.

– Lembro.

– Não sei porque passou de moda. Mas é assim. Não se compreendem os gostos dos homens. Vamos deitar-nos juntas na areia, como costumávamos fazer. – Saltou das rochas com um pulo que espalhou areia em volta.

Parecia tão estranhamente só, deitada na praia, tremendo e com os lábios azulados, a areia a colar-se-lhe ao cabelo escuro e os ossos salientes sob a sua pele pálida, que por razões desconhecidas me deitei ao lado dela, a um bom meio metro de distância, e fiquei a olhar fixamente para o céu, sem falar. Algumas nuvens rendilhadas voavam para longe, com reflexos dourados, tal como sucedia quando ambas éramos crianças, deitadas precisamente nesta mesma faixa de areia.

A Budgie foi a primeira a quebrar o silêncio.

– Não te importas que eu fale sobre o Nick, pois não? Depois de todos estes anos?

– Não, claro que não. Isso foi há séculos. Ele é o teu marido.

Ela riu-se brandamente.

– Ainda não posso crer. Senhora Nicholson Greenwald. Nunca pensei.

– Nem eu.

– Ah, estás a recordar-te do que eu disse antes, não estás? Como eu era infantil, a pensar que *aquilo* era importante. Claro que é uma contrariedade, a maneira como aqueles caquéticos nos trataram ontem à noite no clube. Tinha-me esquecido de que as pessoas ainda pensam assim.

Pressionei os meus dedos dormentes contra o pescoço para os aquecer.

– Budgie, tu lês os jornais, não lês?

O que ela fazia era folhear os jornais com os dedos.

– Oh, é só o velho louco do Hitler. Quem o leva a sério, com aquele bigode? Refiro-me a *aqui*, a Seaview. As pessoas a recusarem jantar connosco. – Virou-se de lado e encarou-me. – Mas *tu* não farias isso, pois não, Lily?

– Não, claro que não. Tu sabes que isso nunca me incomodou.

A Budgie riu-se.

– Claro que não. A doce e nobre Lily. Ainda me lembro de ti no estádio de futebol, com aquele olhar teimoso no rosto. Posso contar contigo, não posso? Vais visitar-nos a casa e juntas-te à nossa mesa no clube? Vamos mostrar-lhes como é?

– Que importância tem isso? Não devias ligar. – *Se realmente o amas.*

– Fala a nobre Lily. Porém, tu não sabes como é, ou sabes? Fecharem-te as portas na cara. – A voz dela diluiu-se e tornou a deitar-se de costas.

Voltei a cabeça para olhar para ela. Estava a fitar as nuvens, sem pestanejar.

– Fecharam mesmo?

– O Nick está habituado a isso, evidentemente, por isso não diz nada. Mas eu era habitualmente convidada para todo o lado e agora... – Virou-se de novo para mim e agarrou-me a mão sobre a areia. – Vem almoçar comigo hoje. Por favor. Ou jogar ténis, ou outra coisa. Fico tão sozinha quando o Nick não está.

– Quando é que ele volta?

– No fim de semana. Ele só veio para eu me instalar. É-lhe tão difícil afastar-se da empresa, mesmo no verão. Todos dependem dele para a mais pequena decisão. Trabalha tantas horas, é uma barbaridade. – Fitou-me com os seus olhos enormes. – Por favor, vem ver-me, Lily.

Levantei-me e sacudi a areia do roupão.

– Está bem. Apareço para almoçar, que tal? Tenho de levar a Kiki, se não te importas. A mãe e a tia Julie desesperam com ela.

A Budgie deu um pulo e lançou os braços em meu redor.

– Oh, eu sabia que tu virias, minha querida. Eu *disse ao* Nick que tu nos apoiarias. Inclinou-se e beijou-me a face. – Agora tenho de ir. Os operários estão a chegar a qualquer minuto. A velha casa está quase inabitável. Espero que a minha governanta já tenha conseguido acender o fogão.

Enfiou o braço no meu, subimos a praia e contornámos a margem da enseada, onde o sol nascente iluminava já as tábuas cinzentas da casa da família Dane num tom radiante de rosa-amarelado. A Budgie voltou-se para mim e beijou-me de novo.

– Foi tão bom, querida, ver-te a noite passada. O Nick e eu falámos sobre tudo isso a caminho de casa, como foi bom tornar a ver-te. Tal como nos velhos tempos. Lembras-te?

– Lembro. – Beijei-a também. A pele do seu rosto era fina como cetim.

Mesmo quando éramos pequenas, eu nunca passava muito tempo em casa da Budgie. Ela nunca me convidava. Estávamos sempre ao ar livre, a jogar ténis ou no mar. O pouco tempo que passávamos em casa era principalmente na minha cozinha, ou então no meu quarto, no andar de cima, e mesmo assim só quando a chuva de inverno já era tão forte que não se podia ignorar.

Quando caminhava pela Neck Lane ao meio-dia, de mão dada com a Kiki, só reconheci a casa da Budgie porque sabia que ficava ao lado da casa dos Palmer, a meio de Seaview Neck. Durante anos, desviava os olhos sempre que ali passava, como o faria de uma cicatriz. Agora, ali estava e olhei para o pequeno pátio de acesso, coberto de relva e ervas daninhas, que conduzia à

porta da Budgie, a precisar de uma pintura. Dois camiões tinham estacionado lá fora; *L. H. Menzoes, General Contracting* anunciavam os letreiros nas portas; no ar soavam vozes e marteladas invisíveis e marteladas vindas do interior. Todas as janelas e portas estavam abertas de par em par à brisa marítima, e a voz familiar da Budgie sobrepunha-se a tudo, dando ordens.

A casa dos Greenwald, fiz por recordar. Agora pertencia a ambos.

A Kiki puxou-me pela mão.

– De que estás à espera, Lily?

– De nada. Vamos. – Avancei à frente da Kiki pelo pátio e bati na porta entreaberta. O gonzo rangeu com o esforço.

A cabeça da Budgie apareceu a uma das janelas do segundo andar. Tinha o cabelo envolvido num despropositado lenço vermelho com bolinhas brancas.

– Entrem! Está aberta! – convidou.

A Kiki avançou primeiro pela entrada e franziu o nariz.

– Está um cheiro horroroso a mofo.

– Há anos que ninguém vivia aqui – expliquei.

A Budgie desceu as escadas, arrancando o lenço da cabeça. O cabelo ao soltar-se caía-lhe em ondas suaves modeladas por laca.

– Anos e anos! Estava tudo destruído, vês, Koko?

– Kiki.

– Kiki. Desculpa-me, querida. Tudo em ruínas, tudo amassado nas arrecadações, não recomendo a ninguém. Querem uma limonada? Algo mais forte? A senhora Ridge acabou de chegar do mercado, agora mesmo. – A Budgie voltou-se e apontou com a mão para uma porta à sua direita. – Aqui é a sala de estar, completamente arruinada com bolor, segundo me dizem. Lembras-te da sala de estar, Lily?

– Não. Não me lembro de quase nada. Acho que não vim aqui mais do que uma ou duas vezes. – Olhei à minha volta. A casa dos Byrne era relativamente imponente vista de fora, com uma altura de três andares, grandes janelas salientes no primeiro piso e águas-furtadas no terceiro. Lá dentro, dava a sensação de um estábulo e tinha quase o mesmo cheiro arejado e poeirento, mas impregnado de sal em vez de estrume. Os quartos eram frescos e espaçosos, com paredes cobertas de pintura estalada e papel floral a descolar-se. À esquerda, uma porta entreaberta revelava a sala de jantar, com os seus armários de esquina cobertos de pó e o candelabro pendurado mas um bom meio metro descaído.

– Oh, olha – disse a Kiki, curvando-se ao lado da caixa da escada. – Acho que há uma família de ratos aqui debaixo.

– Encomendei mobiliário – explicou a Budgie –, mas só chega mais ou menos dentro de um mês, nunca antes de eles arranjam as coisas. Gostava de deitar abaixo uma parede ou duas e todas estas *portas* miseráveis que há por todo o lado, todos estes velhos lambris meio arruinados, e pintar tudo de branco luminoso. Quero tudo isto *fora*. – Gesticulava amplamente com os

braços, para a esquerda e para a direita, conduzindo-nos até às traseiras da casa.

– Parece que vais ter muito trabalho. – Arranquei uma teia de aranha no canto do vestíbulo, desfiada e vazia, como se até as aranhas tivessem abandonado a casa.

– Estão a contratar um exército de operários para fazerem as obras depressa. Disse-lhes para não se preocuparem com as despesas. O Nick e eu estamos no quarto das visitas enquanto eles arranjam o nosso. É o primeiro da lista, claro. Quero uma casa de banho moderna, não o dispense de todo. Agora, vamos lá para fora. Pensei que devíamos almoçar no terraço. Tenho visto os veleiros na baía de Seaview e sinto-me terrivelmente nostálgica.

A Budgie guiou-nos através de uma porta dupla quase desengonçada na parte de trás da casa e chegámos ao terraço, coberto com o bom granito de Nova Inglaterra e perfeitamente intacto. Apesar dos anos de negligência, apenas alguns tufo de ervas daninhas e relva tinham crescido entre as frestas. O sol espalhava-se livremente, fazendo faiscar e cintilar as águas da baía de Seaview como se estivessem vivas. Um pequeno barco à vela, não muito distante, procurava apanhar vento favorável.

– Limonada, disseste? – A Budgie caminhava a passos largos sobre o pavimento de granito para uma composição idílica de mesa e quatro cadeiras sob um grande chapéu verde de sombra. Um jarro pousou transpirando num tabuleiro, cercado por copos altos, acompanhado por uma garrafa de *gin*, um maço de cigarros *Parliament* e um esguio isqueiro de ouro.

– Tem *ginger ale*? – perguntou a Kiki.

– Ela bebe limonada, obrigada – corrigi. – E eu também.

A Budgie serviu a limonada juntando uma generosa porção de *gin* no seu copo. Agitou a garrafa interrogativamente diante do meu. Acedi com a cabeça, erguendo o polegar e o indicador, separados apenas por uma racha de sol, o que fez a Budgie rir e servir-me uns bons dois centímetros de altura de *gin*. A senhora Ridge trouxe as sanduíches numa travessa azul e branca antiga, lascada ao longo de uma das beiras.

A Budgie descalçou os sapatos, lançou os pés sobre a cadeira vazia, e mordiscou a sua sanduíche. Os seus dedos eram frescos e rosáceos, com as unhas pintadas de escarlate brilhante. Contemplava a baía com um olhar distante, como se estivesse a procurar captar os pormenores do continente.

– Fala-me de todos eles, Lily – pediu-me. O antigo grupo. Alguma bisbilhotice? Sem ser sobre mim, claro.

– Na verdade, não há nada. Não estou a par. De qualquer forma, aparentemente, a maior parte das pessoas nesta altura já está instalada.

– Sim, até eu! – Riu-se, torcendo e apertando os dedos escarlates.

A Kiki levantou-se, terminada a sanduíche e a limonada.

– Lily, posso ir caminhar no molhe?

– Oh, querida, é um molhe velho. Pode haver tábuas soltas...

A Budgie acenou com a mão.

– É seguro. Estive lá a noite passada. Tu és uma menina sensata, não és, Kiki?

– Sou, sim, senhora Greenwald.

A Kiki esperou inocentemente, com as mãos cruzadas atrás das costas; ainda tinha o cabelo muito bem penteado e preso na sua fita branca.

– Muito bem – concedi. – Mas, tem cuidado. Fica onde eu te possa ver.

– Ela é uma criança encantadora – disse a Budgie vendo-a afastar-se pelos restos irregulares daquilo que antes fora um relvado. – Que sorte a tua.

A Kiki avançava em direção ao molhe com uma rara tranquilidade, consciente de que estava a ser observada. Eu vestira-a com o que ela tinha de melhor, ou quase: um vestido branco com colarinho sobreposto de estilo marujo, sapatos pretos lustrosos e meias brancas com a bainha dobrada. O seu cabelo escuro tombava-lhe pelas costas a partir da fita. Tinha a aparência da mocidade imaculada.

– Eu sei. – O meu polegar descrevia círculos sobre a condensação do meu copo de falsa limonada. Pensava contar mais à Budgie, sobre como tínhamos receado a chegada da Kiki, sobre a tristeza que sentimos por ela irromper nas nossas vidas de forma tão inconveniente, sem um pai para a criar. Sobre como, pelo contrário, ela nos salvara, como me resgatara de um atoleiro de desespero, tão sério e profundo do qual pensei nunca mais poder libertar-me. Como neste momento me era impossível imaginar a vida sem a Kiki; como ela se transformara no sol da minha terra fria e desolada.

Mas não falei em nada. Em vez disso, esperei que a Budgie falasse. Ela odiava o silêncio mais do que tudo.

De repente, a Budgie disse:

– Quase me faz pensar que eu também devia ter uma filha.

– Bem, agora és casada. Estou certa de que não tardará muito.

– Quem sabe? Talvez não demore mesmo. – Colocou a mão sobre o abdómen. – Imagina só, Lily Dane. Imagina-me como mãe. – Riu-se e voltou a torcer os dedos.

– Tenho a certeza de que vais ser uma mãe maravilhosa.

– Imagina só. A Kiki pode ajudar a olhar pelo bebé. – Estalou os dedos. – *Babysitter*, é como se diz, não é? Hoje em dia todas as raparigas fazem isso para terem uma mesada.

Naquele momento, a minha Kiki alcançou o molhe. Durante um momento ficou parada junto à beira, a olhar para a água, sentou-se e tirou os sapatos e as meias. Voltou-se na minha direção, acenou, e pensando que estaria a mais de cem metros, exibiu o seu grande sorriso aberto.

– Devia mandá-la regressar – comentei. – Temos de ir. A senhora Hubert – penso rapidamente –, a senhora Hubert quer que nos encontremos esta tarde para tratarmos do 4 de Julho. Ainda não chegámos a acordo sobre o tema.

A Budgie bebeu um trago de limonada e pegou no maço de *Parliament*.

– O tema não é evidente? Fumas?

Aceitei o cigarro que me ofereceu e acendi-o.

– Gostamos de apresentar aspetos diferentes do espírito patriótico. O ano passado foi «America the Beautiful», que resultou muito bem, com toda a gente a pendurar imagens de todo o país, e da outra vez fizemos a «Stars and Stripes Forever», mais direta, como podes imaginar, e...

– Lily. – A Budgie soprou uma longa baforada de fumo. – Olha para ti.

Peguei no jarro da limonada. Estava praticamente vazio e o gelo já derreteria. De qualquer forma, despejei o resto no meu copo, só para evitar o olhar da Budgie. Desta vez, quando ela aproximou a garrafa de *gin*, tapei a boca do meu copo com a mão.

Ela encolheu os ombros.

– Tu enterraste-te aqui. Sempre soube que o farias, se fosses deixada por tua conta, sem ninguém a puxar por ti.

– Isso não é verdade. De maneira nenhuma.

– Enterraste. A confusão que nós armámos naquele inverno. Não devia ter-te abandonado daquela forma; nunca me perdoei por isso.

– Não podias fazer nada. Tinhas as tuas próprias tragédias, não tinhas? – Bati no cigarro para soltar a cinza. Na travessa restava uma única sanduíche de fiambre. Estiquei o braço e alcancei-a. O fiambre era delicado, cortado em fatias finas, e o pão estava bem barrado com manteiga.

Enterraste-te. Pensei na minha secretária em Nova Iorque e na gaveta do fundo fechada à chave, onde um grande maço de cartas permanecia guardado, atado com um elástico, todas elas endereçadas com perfeitas letras de imprensa, para uma caixa de correio na Rua 73. *Estimada Miss Dane, Agradecemos a sua apresentação de há três meses. Embora tenhamos lido as suas páginas com algum interesse, lamentamos que a Peregrine Press não possa neste momento aceitar o seu manuscrito... Cara Miss Dane, Embora a sua escrita se revele consideravelmente promissora, a Metropolitan considera esta história inadequada para publicação na nossa revista...*

A Budgie inclinou-se para a frente e pousou a mão dela sobre a minha.

– Este verão vou compensar-te. Vou proporcionar-te tempos que não vais esquecer. Vou convidar casas cheias de solteiros para ti. Tenho a certeza de que o Nick se vai lembrar de um ou dois candidatos à tua medida.

– Não, por favor. Prefiro que não o faças. – Os meus olhos caíram irresistivelmente sobre os brilhantes que ornavam a mão que cobria a minha. Vistos de perto, pareciam ainda maiores, como *chiclets*, de arestas vivas e modernas, dominando os dedos longos e delicados da Budgie. O do dedo médio era o maior, podia agora dizer, mas por pouco.

Ela percebeu a minha divagação.

– Vulgar, não é? – Riu-se e virou a mão de um lado e de outro, com um sorriso feliz a curvar-lhe a boca. – O primeiro que me deu foi uma brincadeira, um brilhante, no máximo, talvez dois quilates. Eu mesma fui devolvê-lo e escolhi este. Não é lindo?

– É magnífico.

Tornou a rir-se.

– Ah! Não precisas de te afogar. Se bem te conheço, querida Lily, acho que o meu anel não é nada o teu estilo. Tu que passas sossegadamente o verão em Seaview, maldito ano após ano e provavelmente não compras um par de sapatos novos desde 1935. Aposto que é tudo o que consegues fazer agora para evitar abanar a cabeça em reprovação. «*Esta Budgie*», é o que estás a pensar.

– Eu...

A Budgie endireitou-se e voltou-se, como se lhe tivessem tocado no ombro, e vi uma mulher de meia-idade a encaminhar-se para nós pelo terraço, no seu uniforme preto e branco, perfeitamente recortado ao sol.

– Olá, senhora Ridge – cumprimentou a Budgie. – O que se passa?

– Telefone para a senhora. É o senhor Greenwald.

A Budgie pousou o cigarro no cinzeiro, dobrou o guardanapo num triângulo alongado, colocou-o ao lado do seu prato e pôs-se de pé.

– Desculpas-me por um momento, não desculpas, querida?

No vazio provocado pela ausência da Budgie, os meus pensamentos ficaram em suspenso. O terraço aquecera bastante ao sol do meio-dia, deixando o calor entrar nas suas fissuras microscópicas, até eu ficar rodeada de calor como uma lagarta num casulo, a fumar o resto do meu cigarro, com o *gin* a começar a fazer efeito. Uma mosca pairava sobre a minha sanduíche intacta, zumbindo sonolentemente, enquanto dentro de casa a Budgie falava com o Nick ao telefone, provavelmente encaracolando o fio no dedo, provavelmente sorrindo, como fazem as recém-casadas. A duzentos e cinquenta quilómetros de distância, na cidade de Nova Iorque, o Nick estaria sentado à secretária no seu escritório a responder-lhe.

Não conseguia aguentar mais.

No molhe, a Kiki batia com os pés na água. A fita soltara-se-lhe do cabelo e caía-lhe numa espiral branca junto ao rosto. Esmaguei o meu cigarro e encaminhei-me na sua direção, com maior velocidade a cada passo, até já ir praticamente a correr. Duas gaivotas guincharam à minha passagem pelos pilares do molhe e levantaram voo.

– O que se passa? – perguntou a Kiki, olhando-me por cima do ombro.

– São horas de irmos, querida. A senhora Greenwald está ocupada com a casa e eu tenho uma reunião com a senhora Hubert. – Estendi-lhe a mão.

– Está bem – disse ela com relutância. Deu-me a mão e levantou-se. Estava quente como o sol e cheirava a água do mar e a madeira.

Chegámos ao terraço exatamente quando a Budgie atravessava a porta dupla.

– Não se vão embora? – perguntou.

– Lamento, mas temos de ir. Muito obrigada pelo almoço. Foi bom conversarmos.

– Mas quase não o fizemos. Estávamos agora a chegar à parte interessante. Eu *disse* ao Nick que não devia interromper-nos.

– Soube-te bem a conversa ao telefone?

– De modo nenhum. Estas linhas partilhadas horríveis, no campo. Não se pode dizer nada importante. Tenho a certeza de que metade dos ouvintes estava ligada, em toda a Seaview Neck. – Segurou a porta para passarmos. – Venham, então.

Voltámos a entrar em casa, através do pó, do ruído dos martelos e do cheiro a bolor varrido pela brisa oceânica. A Kiki saltou para o pátio, com os sapatos e as meias na mão, e atravessou a rua para a praia.

– Mas o Nick é tão querido – disse a Budgie, cruzando os braços e observando a Kiki. – Telefona-me constantemente. Sente-se terrivelmente por eu estar tão só.

– Ele é muito bom.

– Temos de encontrar alguém para ti, Lily. Na verdade, já tenho os meus planos. Tive uma ideia ótima, uma verdadeira inspiração, exatamente quando estava a falar com o Nick.

– Não devias preocupar-te, a sério. Eu não tenho tempo para esse tipo de coisas.

– Toda a gente tem tempo para o *amor*, minha querida! – Beijou-me a face. – Espera e verás, Lily Dane. Espera e verás o que estou a cozinhar nesta minha velha cozinha.

Não respondi. Limitei-me a devolver o beijo, disse-lhe adeus, agradeci o almoço, segui a Kiki pelo pátio e atravessei a rua, onde tirei os sapatos para enterrar os dedos nus na areia da praia. A Kiki saltava já sobre as cortinas de água à medida que estas se espalhavam na areia da praia. O sol batia-me na cara em toda a sua força, e desejei ter trazido o meu chapéu. Porque não trouxera o chapéu, para me proteger do sol?

Estendi a mão em pala sobre a testa para proteger os olhos, enquanto vigiava a Kiki. Aos meus ouvidos ainda soava a voz da Budgie.

O Nick é tão querido... telefona-me constantemente.

O Nick levantou-se de madrugada.

A sua mão de dedos esguios repousando sobre a barriga: *Quem sabe? Talvez não demore mesmo. Imagina só, Lily Dane.*

Os homens simplesmente adoram... Devias ter visto a cara do Nick.

Muito lentamente, deixei a mão cair ao meu lado.

O Nick e eu estamos no quarto das visitas enquanto eles arranjam o nosso.

Olhei para o alto e deixei o sol banhar-me o rosto; soube-me bem, era quente e lânguido. Soube a verão.

«Porque não?», penso. Porque não sair com alguém? Porque não hei de deixar a tia Julie cortar-me o cabelo e pintar-me os lábios com batom? Porque não subir dois dedos a bainha das saias e deixar-me ser beijada de novo por alguém? Porque não beijar de novo, e esquecer tudo num beijo?

Imagina só. A Kiki pode ajudar a olhar pelo bebé.

A Kiki estava quase a fazer sete anos. No próximo outono começaria a

escola primária. Desde há anos que a necessidade que tinha de mim absorvera a minha vida, consumira ternamente todo o meu amor, pensamento e energia, mas nos meses e anos que se aproximavam ela precisaria cada vez menos de mim. O mundo ir-lhe-ia abrir os braços, pouco a pouco, e os meus iriam ficar vazios, pouco a pouco.

E eu queria voltar a ser beijada. Queria recordar a sensação de um homem a apertar-me nos seus braços, baixar a cabeça para a minha e dizer-me o que eu significava para ele. Queria sentir as suas mãos firmes e os seus lábios quentes na minha pele. Queria deitar-me a seu lado e escutar o som da sua respiração e saber que aquele homem era meu.

Porque não voltar a beijar e esquecer tudo num beijo, e com o esquecimento perdoar?

Espreitei o sol através das pálpebras, deixando o calor dos fins de maio ser absorvido pelos meus ossos. Quando já sentia o corpo suficientemente quente, encaminhei-me para a beira-mar e acompanhei a Kiki, a saltar e a gingar por entre a espuma de champanhe.

5 Canções patrióticas norte-americanas. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 7
Smith College, Massachusetts
Meados de dezembro de 1931

O Nick e eu estamos enrolados no banco do seu *Packard Speedster*, a conversar sobre o Natal.

– Pensa nisso – disse ele. – Vamos estar separados por menos de dois quilômetros, durante três semanas inteiras. Podemos ver-nos todos os dias, ir jantar fora, ter alguma privacidade. O que gostavas de receber como presente?

– Não tens de me dar nada.

– Algo macio? Algo cintilante? – A sua respiração aquecia-me o alto da cabeça; o seu braço repousava aconchegadamente em torno das minhas costas e dos meus ombros. Sob a minha face, a lapela do seu sobretudo tinha o toque macio e suave da caxemira.

– Nada. Apenas tu.

– Mas isso tu já tens. – Beijou-me o cabelo. – Não importa, já sei o que te vou dar, minha carochinha Lily.

– O que é?

– Tens de esperar para ver.

– *Hum...* – Fechei os olhos. Começava a ficar ensonada com o calor do corpo do Nick e com a hora tardia. Há muito que ele já devia ter ido, mas ainda estávamos ali sentados, incapazes de nos largarmos. Ele chegara às onze horas da manhã, como fazia na maior parte das manhãs de domingo, e tínhamos passeado ao ar matinal bem fresco antes de almoçarmos no restaurante, sob os olhos brilhantes da Dorothy. Mais um passeio e depois uma visita ao museu, onde trocáramos sub-repticiamente um beijo breve durante uma pausa momentânea no fluxo de visitantes. Jantámos com a Budgie e um amigo ou dois, depois o cinema, e naquele momento isto: o banco de pele do pequeno carro desportivo do Nick, porque era o único lugar onde podíamos estar a sós sem congelar ao ar de dezembro e onde o Nick Greenwald, como sempre, estava a comportar-se como um perfeito cavalheiro. Nem um único botão do meu casaco foi desapertado, nem um só centímetro do meu vestido foi erguido ao longo da minha perna revestida com meias de seda.

– Nick, tens de ir. As estradas vão ficar com gelo. Não vais chegar antes da meia-noite. – A minha respiração transformava-se em nuvens brancas no ar. A temperatura descera durante todo o dia e o cheiro da neve prestes a cair pairava sobre nós.

– Eu sei – respondeu, sem se mover.

Voltei-me para ele. Adorava os seus beijos, quentes e perfeitos,

normalmente nos meus lábios mas por vezes deslizando-me pelo maxilar, pelo pescoço, a cova da garganta, com a sua respiração a acelerar sobre a minha pele e os seus dedos a pressionarem-me o corpo através das minhas espessas camadas de roupa.

Mas não mais do que isso.

– Tu não és a Budgie Byrne – disse-me, há uma semana. – És demasiado preciosa para bancos de automóvel e jogos furtivos. Tu és *sagrada*, Lily.

– Não me importava de ser um bocadinho menos sagrada – disse-lhe.

– Quando chegar a altura, Lily. Quando tudo estiver certo. Espera e vais ver.

Naquela semana não estava disposta a esperar mais. Envolvi-lhe o pescoço nos meus braços e aprofundei o beijo. A sua boca estava doce e melosa da tablete de chocolate *Hershey* que partilhámos no cinema. Pensei em Claudette Colbert e Fredric March a abraçarem-se no ecrã e na maneira como o Nick entrelaçara os dedos nos meus na penumbra do cinema, interrompida pela luz de prata tremeluzente, e no modo como senti o seu toque até ao meu âmagô, como um desejo decadente, como nenhuma outra sensação no mundo.

Acariciei-lhe a pele macia da nuca, os rígidos pelos curtos do cabelo que lhe cresciam um pouco mais acima. O seu perfume era delicioso, saponáceo e quente.

– Lily – sussurrou.

Continuámos a beijar-nos, sofregamente, ardendo juntos no frio, e de repente apercebi-me de que a mão dele passara para a frente do meu casaco e começava a desapertar-me os botões, um por um, com os seus dedos longos e diligentes.

O meu coração voltou a bater com força contra o peito, com tanta força que ele mesmo o devia sentir sob a sua mão.

– Lily – repetiu, enfiando os dedos dentro do meu casaco para acariciar o meu seio esquerdo.

Recuperei o fôlego, a minha cabeça tombou para trás, e os lábios dele viajaram pelo meu pescoço. Sem a luva, a palma da sua mão devia estar fria, mas em vez disso escaldava através da seda da minha camisa e do sutiã por baixo dela.

Recuou repentinamente, como que desperto de um sonho, lançando-se contra as costas do banco.

– Oh, meu Deus. Desculpa-me.

– Não pares. – Puxei-o para mim. Senti o seio gelado, exposto, privado da mão quente do Nick.

Ele juntou as abas do meu casaco e abotoou-as sem jeito. O seu peito arquejava com falta de ar.

– Perdi a cabeça.

– Não foste tu, fui eu.

– Sim, tu és irresistível. – Colocou as mãos nas minhas faces, beijou-me o

nariz e pousou a testa sobre a minha. – Mas é minha obrigação resistir. Vê como és bela, como és inocente.

– E tu não és? – Procurara obter dele esta informação, mas ele estava relutante em dar-ma, como se os pormenores pudessem, de alguma forma, contaminar a pureza da nossa recente relação. Pensei que anteriormente teria havido mulheres na vida dele. Tivera certamente alguma mulher no verão passado, deduzi isso de algumas insinuações e alusões. Alguma mulher que conheceu quando esteve na Europa com os pais. Alguma mulher com quem provavelmente ele fez amor, ou esteve perto disso. Quão perto? Como podia eu dizer, quando eu mesma não conhecia as gradações, o passo a passo da consumação sexual? Qual a distância do salto que iria da aceitação da enorme mão do Nick sobre o meu seio a ir para a cama com ele? O terreno de permeio seria vasto ou curto?

As suas mãos afagaram-me o cabelo.

– Os meus pensamentos não são inocentes, com certeza.

– Nem os meus.

As mãos do Nick imobilizaram-se em volta das minhas orelhas. Ergueu o rosto e fitou-me.

– É mesmo? E o que... Não. Espera, não me digas, meu Deus. – Respirou fundo. – Lily, Lily. Isto é... Isto é... *difícil*.

– Eu sei.

– Sabes mesmo? Eu quero tanto, Lily. Não penses que não quero. Penso nisso a cada minuto; é uma tortura para mim. Deitar-me contigo, junto a ti, todo o tempo do mundo. Imagina só, Lily.

– Eu imagino. – Levei uma mão ao tecido de lã que lhe cobria o coração e imaginei como seria sem a lã, sem o casaco, sem a camisa... quando sobrasse apenas o Nick.

– Mas não *aqui*, por amor de Deus. És demasiado importante, demasiado preciosa para mim, também...

– Sagrada? – A palavra tinha um sabor pesado e enfadonho na minha língua.

– Sim, *sagrada*. Se porventura ainda há alguma coisa a que possa chamar-se sagrada. – Aconchegou-me a cabeça junto ao seu pescoço, até eu sentir o impacto da sua pulsação constante contra a minha fronte. – Lily – disse-me –, o que me dizes acerca de conheceres os meus pais?

Hesitei um breve instante.

– Adoraria.

– E eu posso, durante as férias, ter a honra de conhecer os teus?

Imaginei o rosto distraído do meu pai, os olhos severos da minha mãe. As palavras da Budgie ecoaram-me na cabeça: *Passa uns bons momentos... mas não o leves lá a casa para o apresentares à tua mãe*.

– Lily – disse o Nick delicadamente, e apercebi-me de que não lhe respondi.

– Sim. Claro que podes conhecê-los.

– Falaste-lhes sobre mim?

– Ainda não.

O Nick não diz nada.

– O meu pai está um pouco fragilizado por causa da guerra, compreendes? E a minha mãe... – «A minha mãe vai proibir-me de voltar a ver-te, assim que souber do assunto.» – *A minha mãe* é simplesmente antiquada. Não quero dizer que seja intolerante, não é isso. – «Meu Deus, pareço a Budgie a falar» –, mas é daquelas pessoas que não acredita que uma coisa possa ser feita até ver com os seus próprios olhos. Percebes o que quero dizer?

– Claro. – A voz dele era fria.

– Não fales nesse tom. Tu sabes o que penso. Sabes que, para mim, não importa quem é o teu pai. Mal posso esperar por conhecê-lo.

– Se assim o dizes. Mas importa para as pessoas que tu amas.

– Então elas que vão para o inferno, Nick. – Endireitei-me e encarei-o. – Compreendes? Vai ser difícil dizer-lhes, porque *sei* como pensam, sou *sincera* sobre isso, Nick, conheço os defeitos deles. Mas é tudo. Esta é a única razão porque ainda não lhes disse nada, por saber que vai ser desagradável. A minha decisão já foi tomada. Tomei-a naquela manhã, quando vieste de carro desde Hanôver com a tua perna partida.

O Nick ficou em silêncio. Quase não havia luar, e estacionámos tão longe quanto possível de quaisquer candeeiros públicos. O rosto do Nick era vago, quase invisível; só conseguia ver o leve brilho do seu olhar, o contorno do rosto.

– A questão é que – disse – a *ironia* disto é que eu nem sequer sou judeu. Pelo menos de acordo com a lei. Transmite-se pela linha maternal.

Ali sentada no seu colo, pensei, escutando a sua respiração.

– Bem, e o que pensas? Quero dizer, sentes-te judeu? Ou cristão?

– Bem, acho que nem uma coisa nem outra. Não sei – respondeu suavemente. – Os pais do meu pai eram praticantes. Diria apenas isso. Normalmente íamos para casa deles nas férias grandes, quando eles eram vivos, e era sempre estranho, porque para eles eu era um gentio, um profano. Eles amavam-me, evidentemente, mas... bem, havia sempre uma linha entre mim e os meus primos. Todos os rapazes usavam os seus quipás e conheciam os responsos hebraicos; eu não.

Senti-me a vibrar por dentro. O Nick raramente falava de assuntos como este, assuntos profundamente pessoais. Eu receava dizer seja o que for, com medo de dizer coisas erradas e fechar para sempre este canal. Perguntei hesitantemente:

– Não te podias ter convertido, ou algo assim? O teu pai não queria que fosses... enfim, como ele?

O Nick encolheu os ombros.

– O meu pai realmente não pratica. Tanto quanto me lembro, nunca respeitou sequer a dieta *kosher*. Nunca me mandou para a escola judaica ou algo assim. Simplesmente ignorou o assunto, lavou daí as suas mãos.

– E a tua mãe?

– É crente, acho eu. Mas muito discreta sobre isso. Natal, Páscoa.

As suas palavras começavam a ficar mais presas, mais endurecidas. Por agora, disse-me tudo o que queria: uma lasca minúscula do icebergue inteiro que era o Nick.

Fiz mais uma tentativa.

– Portanto foste apanhado no meio dos dois, não foste? Cada lado pensa que tu pertences ao outro.

– Mais ou menos.

– E a qual queres tu pertencer?

– Não sei, Lily. Não sei. Aquilo que tu quiseses que eu seja. Caramba, até serei o Pai Natal, se tu quiseses.

Virei a cabeça.

– Não sejas indelicado.

– Então, não sejas tão bisbilhoteira.

– Eu não estava a ser bisbilhoteira, pelo menos não era essa a intenção. Só quero conhecer-te. – Procurei afastar-me, mas o braço do Nick, que tinha descaído, apertou-se à minha volta.

– Espera, Lily – suspirou –, desculpa. Não queria dizer aquilo. Só não queria falar no assunto, é tudo.

– De acordo.

– Tu tinhas razão. *Devias* bisbilhotar. Tens todo o direito.

Não respondi.

Ele ergueu a outra mão e aconchegou-a à minha cabeça, com imensa delicadeza e, com imensa delicadeza, puxou-me de volta para o seu peito.

– Desculpa fazer-te passar por tudo isto – disse, por fim.

– Não me fizeste passar por nada. Tu *deste-me* tudo. Olha, para mim não *importa*, Nick. Tu sabes que não. Por favor, diz-me que sabes.

– Sim, sei – disse, beijando-me. – Eu sei isso.

– Não passam de alguns aspetos práticos por resolver. E as coisas vão melhorar. As pessoas estão a modernizar-se. Todos os velhos preconceitos acabarão por desaparecer.

– Querida Lily – sussurrou –, tens ideia sobre o que se passa no mundo neste momento?

– Na Europa. Não aqui. Esse tipo de extremismo aqui nunca conseguiria vingar.

Agarrou-me silenciosamente.

– E, de qualquer modo, os meus pais não são extremistas, nem por sombras. Eles lamentam tudo isso. São boas pessoas. São quase socialistas, a sério. Eles só... as coisas foram sempre de certa maneira durante a vida deles e...

– E tu tencionas estragar tudo.

– Tenciono. E vou fazê-lo – disse apaixonadamente, antes de me calar, confusa. Estávamos a avançar para um terreno perigoso. Afinal, o Nick não se

tinha propriamente declarado. Nem sequer dissera que me amava, pelo menos de forma clara e direta. Ele só queria conhecer os meus pais, queria encontrar-se com os meus pais.

– Bom – disse –, vamos estragar tudo, juntos. Eles que pensem o que quiserem.

– Isso mesmo, eles que pensem.

Beijámo-nos um pouco mais longamente, até o Nick dizer, relutantemente, que devia levar-me a casa. Afastou-me do seu colo, deslizou para trás do volante e conduziu o carro pelas ruas sombrias do *campus* até chegarmos ao dormitório.

O gesso já tinha sido removido há duas semanas, mas o Nick ainda se movimentava um pouco rigidamente enquanto percorria o caminho para parar, como sempre, sob o velho carvalho. O seu tronco estava agora nu, como um alto e complexo esqueleto de árvore, à exceção de algumas folhas mais persistentes que se mantinham teimosamente presas, contra todas as possibilidades. O frio tinha-se acentuado tremendamente e alguns flocos de neve davam saltos mortais sobre nós.

– Tenho dois exames nesta semana e depois vou para baixo na sexta-feira – disse ele. – Tenho o teu número de telefone. Vives no cruzamento da Park Avenue com a Rua 70, certo?

– Sim, número 725, Park. A Budgie dá-me boleia no sábado.

– Posso passar lá no domingo?

Imaginei o Nick Greenwald a encher a entrada do apartamento dos meus pais, sorridente e bonito, com alguns caracóis escuros a caírem-lhe sobre a testa e um toque glacial de dezembro ainda a pairar sobre o seu sobretudo e o seu chapéu.

– Sim, podes – respondi.

Puxou o chapéu para a nuca e inclinou-se para me beijar; endireitou-me o chapéu, pegou na minha mão enluvada e beijou-a também.

– Então até domingo, querida Lily.

Deslizei em ritmo de valsa sobre sapatilhas douradas para o acolhedor dormitório, assinei o livro de entradas, troquei uma piada rápida com a vigilante sisuda, e voltei-me para o salão, onde a Budgie Byrne se encontrava estirada num sofá ao lado da minha tia Julie.

Parei imediatamente.

– Olá, tia Julie. – Senti o corpo rígido e imóvel, os meus lábios artificialmente inchados e corados. Aparentemente, a história completa da última hora descrevia-se ao mais íntimo pormenor sobre as linhas do meu rosto.

A tia Julie levantou-se.

– Olá, até que enfim! – O tom dela era tão cordial como sempre. Trazia o cabelo louro encaracolado sob uma belíssima cloche cinzento-clara e a condizer usava um casaco de caxemira da mesma cor com luvas pretas de pele. Agarrou-me os ombros e deu-me um beijo leve como uma pena em cada

face, cercando-me de *Chanel*.

– Aqui estás, por fim! Estou à espera há horas.

– Peço imensa desculpa. Se eu soubesse...

– Oh, não faz mal. A nossa querida e bem conhecida Budgie fez-me companhia. – Olhou de relance por cima do ombro enquanto a querida Budgie agitava os dedos e sorria maliciosamente.

– Ainda bem – disse e fiquei em silêncio.

Enfiou o seu braço no meu e conduziu-me ao sofá.

– Eu estava de passagem, sabes, a caminho de Nova Iorque, e não consegui resistir a parar para ver a minha sobrinha preferida.

De passagem? A caminho de Nova Iorque? Vinda de onde, Montreal?

– Estou contente por ter vindo. – Instalei-me no sofá ao lado dela e tirei as luvas de lã à prova de inverno, que estavam agora insuportavelmente quentes e me causavam comichão. – Se eu soubesse que vinha, não a teria feito esperar. Vai ficar na cidade?

Negou num aceno de mão.

– Não, vou seguir caminho. Sou uma coruja notívaga sem remédio.

– A senhora Van der Wahl acabou de me falar do divórcio dela – disse a Budgie, balouçando o seu pé enfiado num chinelo. – Ela conta tudo de uma maneira tão divertida. Começo a pensar que gostava de me casar, só pelo divertimento do divórcio.

– Pobre Peter – comentou a tia Julie, num suspiro benevolente. – É um autêntico cavalheiro. Gostava que tivesse dado certo, mas depois acho que não há nenhum homem no mundo capaz de me aturar durante mais de um ano ou dois.

– De qualquer forma, os seres humanos não foram concebidos para a monogamia – afirmou a Budgie. – Este trimestre tenho uma cadeira deveras fascinante sobre psicologia sexual. O professor é realmente encantador. Estava a contar isto à tua tia, Lily, quando finalmente chegaste do teu encontro com o Nick.

– Divertiste-te, querida? – A tia Julie cravou em mim os seus famosos olhos verdes.

– Muito. O Nick é um autêntico cavalheiro.

– Budgie, minha querida – disse a tia Julie –, não te importas de nos deixar um momento a sós?

A Budgie levantou-se do sofá estendendo os braços esguios para o teto.

– Eu também estou extremamente cansada – respondeu. – Que fim de semana. Vejo-te amanhã de manhã, querida. Boa noite, senhora Van der Wahl. Boa viagem. Dê uma grande e sonora beijoca a Manhattan por mim, de acordo?

Soprou dois beijos e começou a subir as escadas.

– Ora bem – começou a tia Julie, vendo desaparecer pelas costas a silhueta da Budgie coberta de caxemira –, conta-me lá sobre esse teu encontro.

– Para ir diretamente à questão, não é?

– Vou sempre. Por isso, conta-me.

– Não sei o que dizer. – O salão estava quente, abafado. O irradiador chiava bem alto no canto. Desabotoei o colarinho do casaco. – Conheci-o em outubro, quando fui de carro com a Budgie a Dartmouth para assistir a um jogo de futebol. O Nick joga como *quarterback*, ou jogava, até ter partido a perna. Ele é fantástico. Atencioso, divertido.

– Deve ser um verdadeiro ídolo, tenho a certeza. Sabes quem é o pai, não sabes?

– Sei, mais ou menos. Sei que a minha mãe não vai ficar feliz com o apelido dele, mas tenho a certeza de que a tia tem a mente muito mais aberta do que isso – introduzi um tom de desafio na minha voz.

– O apelido dele. – Expirou elegantemente pelas narinas. – Não, tens razão. A tua mãe não vai ficar nada feliz. Não sabes nem a metade, nem a quarta parte.

O meu temperamento começou a ferver.

– Pois, não me interessa. Estou apaixonada por ele e ele está apaixonado por mim.

– Ah, estás apaixonada por ele, é isso? Que encantador. Uma vez também estive apaixonada. É uma coisa muito agradável. Recomendo a qualquer pessoa.

– Não brinque. Isto é a *sério*, tia Julie.

– Sabes? Antes de nos casarmos, comigo e com o Peter o caso também era muito sério. Ou seja, tão sério quanto eu própria consigo ser sobre qualquer coisa. Por acaso tens um cigarro? Ou são proibidos nos colégios femininos de mais alto nível?

As mãos tremiam-lhe no colo. Deslocou o braço para a parte lateral do sofá e começou a tamborilar o indicador com a unha coberta de verniz vermelho sobre o estofado já desgastado.

Pus-me de pé.

– Porque veio cá, tia Julie? Alguém a avisou de que eu tinha um caso com alguém inelegível? Veio cá como uma avó vitoriana para me proibir de tornar a vê-lo?

– Oh, cala-te. Senta-te. Por amor de Deus, nunca pensei que tivesses tamanha veia dramática. O *amor* é realmente responsável pelos mais vulgares excessos.

Permaneci de pé por mais um momento, apertando os dedos, antes de me deixar cair de novo sobre o sofá.

– Agora, ouve. Evidentemente que podes fazer como quiseses. Acredita em mim: sei melhor do que ninguém que não há melhor maneira de conseguir que uma jovem obstinada faça uma coisa do que proibi-la de a fazer. Só peço que me escuches.

Cruzei os braços.

– Muito bem.

– Bem, sabes, com certeza, que a empresa do pai do Nick está à beira do

colapso?

– *Colapso?* – descruzei os braços. – O que quer dizer com *colapso*?

– Quero dizer que ele vai perder tudo. Tem procurado aguentar-se, desde o *crash* da bolsa, mas já não consegue equilibrar mais o castelo de cartas. Está falido. Acabado.

– Quem o diz?

– Diz o Peter, que como sabes não é dado a hipérboles ou a falsos rumores – afirmou-o triunfalmente, e tinha razões para o fazer. O Peter Van der Wahl era o paradigma da discrição, o modelo do *ancien régime* da aristocracia nova-iorquina. Não esperaria outra coisa senão que ele se mantivesse amigável e confidente com a sua ex-mulher, avisando-a sobre eventuais problemas relacionados com admiradores da sua sobrinha.

O choque desta informação atravessou-me o corpo com fortes pulsações.

– Não quero saber do dinheiro do senhor Greenwald. Nem sequer cheguei a pensar no assunto. De qualquer modo, não está nos planos do Nick ir trabalhar no negócio do pai. Ele vai ter uma profissão independente, arquiteto.

– Arquiteto? – espantou-se a tia Julie. – Oh, o jovem. Que encantador. Um arquiteto. E vocês os dois vão viver disso?

– Não sei. Ainda não conversámos sobre o assunto. Mas o dinheiro não me preocupa. Preferia viver num casebre a casar-me com um homem pelo seu dinheiro.

– Bem, esse é um sentimento muito bonito, minha querida. Uma nobre ambição. Não posso deixar de te aplaudir. – Começou a bater palmas. – Então, para ti o amor é tudo? É o suficiente para compensar o conforto material, a boa opinião da tua família e dos teus amigos, a boa saúde do teu pobre pai...

– Chega! – atirei com firmeza. – *Não* me atire à cara a situação do meu pai. Ele vai gostar do Nick, tenho a certeza. Ele não partilha o seu conservadorismo.

– Sabes que ele não vai aguentar um choque como este.

– Não seja ridícula.

A porta da frente abriu-se e fechou-se com estrondo. Um grupo de raparigas inundou o salão, rindo, numa algazarra, como aves, tirando os seus gorros. À vez, assinaram o livro de entradas, mirando-nos, enquanto a tia Julie e eu nos mantivemos rigidamente sentadas no sofá. As palavras ternas do Nick misturaram-se na minha cabeça. Ainda sentia o peso da mão dele sobre o meu peito, cada um dos seus dedos gravados sobre o meu coração.

As raparigas estavam demasiado agitadas para irem para a cama. Sentaram-se no sofá e nas cadeiras à nossa volta. Uma delas reconheceu-me:

– Oh, olá, Lily! Pensava que ainda estavas fora com o Nick.

– Não, ele voltou para Hanôver.

– Coitado, com estas estradas geladas. Deve estar louco por ti.

Apresentei-a à minha tia, trocámos mais alguns gracejos.

– Olha – disse a tia Julie, levantando-se –, tenho de ir. Só parei para te ver.

– Tem de ir já? – A minha voz soou exatamente tão falsa e viva como eu queria.

– Bem, não chores, está bem? Sabes como eu odeio pieguices – beijou-me as faces. – Pensa naquilo que te disse. Estás numa nuvem, querida, o *brincalhão* do amor, mas acredita, ao fim de algum tempo a nuvem desaparece e depois? Ainda tens uma vida inteira pela frente.

– Mas connosco é diferente.

Acenou com a mão.

– É sempre diferente, não é?... Até se revelar que afinal é o mesmo. Mas... bem. Eu tentei, não tentei? Vou ficar fascinada por saber como tudo isto acabará. Vou estar na fila da frente; sorte a minha. Não, não me acompanhes. Eu sei o caminho.

Saiu num sopro de perfume e pó de arroz e eu subi as escadas para o meu quarto individual com a cama de solteira, perfeitamente feita. Tinha alguma expectativa de que a Budgie lá estivesse estendida, ansiosa por saber novidades, como fazia a maior parte dos domingos, mas o espaço estava vazio.

A Budgie já sabia tudo o que precisava de saber.

CAPÍTULO 8
Seaview, Rhode Island
4 de julho de 1938

Há mais de cem anos que a celebração do Dia da Independência se erguia no meio do verão em Seaview como um mastro de tenda gigante, vermelha, branca e azul.

Naquele ano, o verão ainda não tinha sido evidente. Depois de uns belos dias no final de maio, junho degenerou num estupor ensopado, viscoso e chuvoso, obrigando-nos a ficar em casa a disputar partidas infundáveis de *bridge* e de majongue. Como medida de desespero, a senhora Hubert começou a organizar charadas bem abastecidas de *gin* no clube de Seaview, com um sucesso variável. Quando julho chegou, naquele verão de 1938, estávamos prontos para a folia.

Todos os anos, as senhoras da Associação de Seaview passavam semanas a preparar cuidadosamente o 4 de Julho. Durante a manhã, organizávamos uma pequena mas entusiástica parada desde Neck Lane até ao antigo baluarte, onde a família Dane – conforme a antiga tradição de Seaview – disparava um canhão de salva com rodas, em miniatura, que mantínhamos na casota do jardim. Quando o pai esteve em combate durante a guerra, encarreguei-me dessa função, aprendendo a limpar e a carregar o pequeno canhão, a prepará-lo e a armá-lo e depois a dispará-lo. Após o regresso do pai, continuei tranquilamente a desempenhar a função e todos o aceitaram tranquilamente.

O tiro do canhão marcava o início do piquenique do 4 de Julho na praia. Nos primeiros anos, o piquenique era um caos de crianças em alvoroço e de foguetes e petardos, intercalados com frango frito e salada de batata. Neste momento, com as crianças já crescidas e sem haver quem ocupasse os seus lugares nas areias de Seaview, o piquenique caíra numa sonolência incurável, repleto de cabelos grisalhos e saias compridas, sem um único foguete à vista.

– Não é repousante? – interrogou a senhora Hubert apoiada sobre os cotovelos, expondo uma arrojada porção das suas magras canelas ao sol meio encoberto.

– Repousante? Isto é uma maldita catacumba – contrapôs a tia Julie – e cada ano fica pior. Recordo-me bem de haver muito mais foguetes, quando eram todos mais novos. Passa-me outro ovo recheado, passas, Lily? Pelo menos esses têm um pouco de paprica.

Espreitei para o cesto de piquenique.

– Acabaram, tia Julie.

– Que diabo. Então, cigarros.

Passei-lhe os cigarros e o isqueiro e recostei-me de novo sobre a toalha. O ar acompanhava-me, pesado e quente.

– Aposto que vamos voltar a ter trovoadas de verão esta tarde – afirmei.

– Oh, só de pensar na emoção... – A tia Julie acendeu o cigarro com alguns estalidos do isqueiro. Tinha uma revista sobre o colo, aberta numa página de flamejantes modelos de moda. – Estou quase tentada a aceitar o convite dos Dalrymple para Monte Carlo. Talvez tão quente como aqui, mas pelo menos há diversão... – Fez uma pausa subtil, perfumada com o fumo do tabaco. – Ora, ora. Por outro lado...

Fechei os olhos.

– O que é?

– Não olhes agora, querida, mas acho que finalmente chegou o entretenimento da tarde.

Antes que eu pudesse abrir a boca, a Kiki aterrou à minha frente com uma explosão de areia.

– Lily! Lily! Está ali o senhor Greenwald! Posso ir cumprimentá-lo? Por favor?

Fiquei com o rosto salpicado de areia. Sacudi-a da cara, dos lábios e do cabelo.

– Então, Lily? O que achas? – interrogou a tia Julie. – A criança pode ir cumprimentar o senhor Greenwald?

Olhei para a senhora Hubert em busca de reforços, mas ela adormecera sob o seu chapéu de palha e começava a risonar.

– Acho que não devíamos incomodá-los, meu doce. Acabaram de chegar.

– Mas ele está a acenar, Lily.

– É verdade, Lily – asseverou a tia Julie, inspirando o fumo do cigarro –, ele está a acenar.

A Kiki apoiou-se no meu peito e olhou-me nos olhos.

– *Por favor*, Lily. Ele é tão simpático. E faz os castelos mais bonitos.

Que podia eu dizer? O Nick Greenwald *era* simpático para a Kiki, sempre que estava por perto. Muitos dos maridos que ainda estavam a trabalhar em Nova Iorque vinham no comboio de quarta ou quinta-feira e regressavam à cidade ao final do domingo; o Nick raramente aparecia em público antes da manhã de sábado e ficava apenas o tempo suficiente para acompanhar a Budgie nos jantares de sábado. Era possível avistá-lo em casa durante o fim de semana, envergando roupas velhas e caminhando a passos largos por entre projetos de arquitetura e martelos, ou então na praia, entre trovoadas, transportando o chapéu de sol e a toalha da Budgie e aceitando as suas carícias com espontaneidade.

Embora durante a semana eu visse a Budgie com frequência, tinha conseguido evitá-los a ambos aos fins de semana. Toda a gente em Seaview me apoiou neste projeto, numa espécie de conspiração silenciosa, até que comecei a suspeitar da existência de uma secreta Comissão para Isolar os Judeus, presidida pela própria senhora Hubert. Quando os Greenwald apareciam em qualquer parte, eu era instantaneamente convidada a sentar-me com uma família ou outra, ou a participar em caminhadas ao longo da praia,

ou ainda a ser conduzida para a fortaleza armada do clube para jogar *bridge* e tomar uma bebida, para onde os Greenwald nunca me seguiam. Aos domingos, ao jantar, se me cruzava com o Nick e a Budgie, mal tinha tempo para trocar escassas palavras antes de alguém me requisitar para uma consulta urgente sobre a recente inclusão de *crepes susette* na ementa do clube (a senhora Hubert considerava vulgares todas as sobremesas flamejantes), ou então para informar qual o nome do autor de *Mill on the Floss*.

Mas a Kiki escapava a todas estas barreiras. Desde o início que ela gostara do Nick Greenwald e sempre que eu voltava de uma observação de caranguejos-ferradura com Miss Florence Langley, ou de uma partida de *bridge* com os Palmer, encontrava inevitavelmente a Kiki a construir castelos de areia com a ajuda do Nick, ou ao largo na baía onde ele a ensinava a velejar, ou a jogar ao *pé de galo* com as suas mãos minúsculas encaixadas nas mãos enormes do Nick, ou ainda a trocarem desenhos em guardanapos de papel, enquanto os outros membros do clube os observavam horrorizados e a Budgie os olhava com uma tolerância divertida por cima das páginas de um romance ou de uma revista, ou através de um copo com algo mais forte.

Quando eu chegava, ela procurava-me logo.

– Aqui está ela, Lily! Olha para os dois. É encantador, não achas?

O Nick levantava-se, dava uma cotovelada à Kiki e dizia-lhe para ir imediatamente ao encontro da sua irmã; e a Kiki, que só a mim obedecia, naquelas ocasiões obedecia-lhe, tal como um acólito obedece ao seu bispo.

Assim, logo que vi os olhos suplicantes da Kiki naquela tarde do Dia da Independência, soube imediatamente que não havia maneira de a impedir.

– Vai, querida – disse-lhe –, mas atenção às tuas maneiras e não os interrompas se eles preferirem estar sozinhos.

A Kiki beijou-me ambas as faces com os seus lábios húmidos.

– Obrigada, Lily!

Desatou a correr e eu fiquei em pé a sacudir a areia do vestido e do rosto, e voltei a pôr o chapéu, sem evitar um olhar de relance à acolhedora intimidade do piquenique dos Greenwald. De qualquer forma, quase não precisava de o fazer. Um vácuo passou pela praia, quando a Associação de Seaview reparou nos recém-chegados e arfou numa reprovação unânime. Eu podia não contar com mais nada, mas contava seguramente com uma observação atenta sobre os Greenwald.

A sombra do chapéu começava a desviar-se do sol; ajustei-a para tapar a senhora Hubert e voltei a sentar-me, completamente ao sol. A sudoeste, sobre o continente, formava-se uma massa ascendente de cúmulos-nimbos.

– Devíamos limpar-nos, não acha? – perguntei.

– Limpar-nos? – A tia Julie virou a página da sua revista, com o cigarro elegantemente suspenso nos dedos. – Não vês que agora é que a festa está a começar?

Percorri com os olhos a praia triste.

– O que queres dizer?

– Quero *dizer*, minha criança distraída, que essa tua Budgie tem hoje outro truque escondido na sua bela manga e ele vem nesta direção. – Esmagou o cigarro na areia e compôs o cabelo. – Que tal estou?

Uma sombra cruzou-me as pernas.

– Não posso crer, Lily Dane!

Com o braço, fiz sombra sobre os meus olhos e olhei para cima, para o rosto sorridente e bronzeado do Graham Pendleton.

– Graham! – Pus-me de pé num salto.

Ele agarrou a minha mão estendida com ambas as mãos.

– A Budgie disse-me que hoje estarias aqui, mas quase não queria acreditar. Meu Deus, há quantos anos? Cinco? Seis?

– Quase sete. – Não conseguia parar de lhe sorrir. Ele quase ria às gargalhadas, os seus olhos riam e a boca alargava-se-lhe num enorme sorriso. Tinha o mesmo aspeto de sempre, talvez um pouco mais curtido pelo tempo, um pouco mais esculpido; a sua beleza em nada diminuíra. O cabelo, riscado pelo sol apesar do tempo cinzento, pendia-lhe preguiçosamente para a testa sob o seu já gasto chapéu de palha. Senti uma vibração de alegria por vê-lo, uma investida inexplicável da minha alma rumo ao antigamente e ao familiar.

– Como tens passado? – perguntou.

– Incrivelmente atarefada. E tu? Envolvido com o basebol, não é?

– É isso. – O Graham lançou um olhar de amigável interrogação à tia Julie. – Não se importa que me junte a vós por uns momentos?

– Por favor – respondeu a tia Julie, estendendo-lhe a ponta da mão escarlate sem se dar à maçada de se levantar. – Sou a Julie Van der Wahl, a velha e delapidada tia da Lily.

O Graham curvou-se sobre a mão dela e beijou-a.

– Não acredito numa só palavra sua.

– É verdade – confirmei. – Ela é muito velha, divorciada e diverte-se de escândalo em escândalo, colecionando e descartando amantes impróprios. Evita-a todo o custo, é o meu conselho.

O Graham deixou-se cair entre nós na toalha, mantendo-se à distância da senhora Hubert adormecida.

– Não sei. Acho que ela me parece o meu tipo de rapariga.

– Gosto deste companheiro, Lily – disse a tia Julie. – Pergunta-lhe se quer um cigarro.

– Queres um cigarro, Graham?

Ele riu-se.

– Obrigado, tenho os meus. Posso?

– À vontade. – Olhei de relance por cima do ombro para onde a Kiki instruía o Nick na construção de um fosso aberto em volta do seu castelo. A Budgie lia um romance atrás de um par de grandes óculos de sol redondos, aparentemente alheia aos olhares perfurantes da Associação de Seaview que a fulminavam. Voltei-me para o oceano e para o Graham Pendleton. – Na verdade, acho que vos vou acompanhar.

Ele tirou os cigarros do bolso da sua camiseta, acendeu um e colocou-mo exatamente no meio dos meus lábios, que eu tinha pintado com um batom novo da Dorothy Gray Daredevil.

– Obrigada – agradei, soprando o fumo num cacho longo e irregular.

– Não tens de quê. Vi a tua mãe no clube, a jogar *bridge*. Penso que não me reconheceu.

– A mãe da Lily não reconhece ninguém quando está a jogar *bridge* – disse a tia Julie.

– Bem, de qualquer forma, ela disse-me onde eu podia encontrar-te. Não consigo acreditar que este velho lugar permanece exatamente igual. Olha, ali. As mesmíssimas rochas sobre as quais aquele velho barco à vela teve um fim triste. – Apontou para além do cais na direção do afloramento rochoso que protegia os habitantes nascidos em Seaview que se banhavam ao sol, longe dos olhares dos veraneantes na praia pública, mais afastada. – Eu estava a tentar impressionar a minha passageira e acabei por me aproximar excessivamente e encalhar.

– Eu lembro-me. A Budgie ficou tão impressionada.

O Graham riu-se.

– Não ficou nada.

– Mas vejo que não há ressentimentos. – Inclinei o queixo sobre o meu ombro na direção da Budgie. – Ela até te pediu para voltares.

– O quê, a Budgie? Não, eu não estou com ela. Estou de novo com os meus primos. Conheces os Palmer, não conheces? Sim, claro que sim. Eles souberam que este meu terrível ombro me ia imobilizar durante alguns meses e ofereceram-se para me receber durante algum tempo. – Esticou o braço esquerdo para trás e esfregou o ombro direito.

– Ah, os Palmer! Claro. Simplesmente assumi, porque...

O Graham riu-se de novo.

– Bem, seria um pouquinho estranho, não seria? Mas eu telefonei ao Nick e à Budgie a avisá-los de que vinha para aqui. Vai ser bom ver o que os dois andam a fazer agora, a sério. – Observou a ondulação do oceano. – Para mim, foi algo desconcertante, confesso. O Nick e a Budgie. Nunca os imaginaria juntos.

– O coração tem razões que a própria razão desconhece – sentenciou a tia Julie.

– Na verdade, parecem ambos muito felizes – afirmei. – Mas o que se passa, afinal, com isso do baseball? Tenho a certeza de que ouvi alguma coisa e não foi há muito tempo...

– Neste momento, sou lançador suplente dos Yankees – respondeu o Graham, sacudindo uma mancha de areia da sua toalha.

– Os Yankees! Isso é muito bom, não é?

– Muito bom – asseverou a tia Julie. – Está a gostar?

– Sim, estou bem – respondeu Graham. – De qualquer forma, finalmente o meu pai está de acordo. Ele pertence à geração dos desportistas cavalheiros,

não consegue meter na cabeça a ideia de jogar baseball por dinheiro. – Bateu no cigarro para fazer cair a cinza. – Mas eu disse-lhe que seria muito mais feliz a lançar bolas o dia inteiro do que se ficasse sentado num escritório a contar colunas num livro de contabilidade.

– Presumo que deve ajudar o facto de ser tão bom nisso – disse a tia Julie.

– És mesmo? – perguntei, olhando para o Graham. Ele sempre fora um atleta por natureza, evidentemente, mas eu nunca segui com atenção o desporto, muito menos depois da faculdade. Não tinha a ideia de quem era quem, à exceção da Babe Ruth, e daquele indivíduo mal-educado com quem a tia Julie costumava sair; que nome tinha? Alguém chamado Cobb, ou Cobb qualquer coisa.

– Razoável – disse Graham modestamente.

– Ele é o melhor lançador suplente no baseball – declarou a tia Julie. – Uma lenda viva. Creio que ainda tem a sua própria marca de cigarros, não é assim, senhor Pendleton?

– Por favor, trate-me por Graham. De qualquer modo, são cigarros horríveis. Não lhe recomendaria que os experimentasse.

– Que emocionante! – exclamei. – Conta-me mais. O que é um lançador suplente?

– Significa que entro em campo para lançar quando o primeiro lançador já concluiu o seu trabalho. – Sorriu-me com indulgência.

– O primeiro lançador?

– O que começa o jogo, Lily. Lança até ficar cansado ou então até nos deixar ficar muito para trás na pontuação.

– A sério? Portanto, esperas um dia vir a ser o primeiro lançador?

– Não, não. – Dirigi-me um novo sorriso indulgente. – Na verdade, estou feliz onde estou. Gosto da pressão. Vencer ou morrer, herói do dia, cavaleiro branco montado no seu corcel e tudo o mais.

Espetei um dedo do pé na areia, procurando lembrar-me de outra pergunta.

– Ainda jogas futebol de vez em quando?

– Acho que o Joe me matava.

– Joe?

– McCarthy. O diretor da equipa. O meu patrão. – O Graham apagou o cigarro na areia. – Mas já chega de tudo isto, fala-me de ti, Lily. Sempre esperei grandes coisas desse teu cérebro.

– Mantenho-me ocupada. Por um lado, cuido da minha irmã. – Virei-me para espreitar a Kiki, mas ela e o Nick tinham desaparecido, deixando a Budgie sozinha com o seu romance e os seus dedos dos pés de unhas vermelhas bem vivas a escavarem a areia fora da sombra do seu chapéu. – Acho que ela deve ter ido com o Nick a algum sítio. Talvez à procura de conchas.

– Ah, sim – exclamou o Graham –, a famosa Kiki.

– A famigerada – disse a tia Julie.

– Lamento dizer que ela se parece muito com a tia – afirmei. – Só um momento enquanto a procuro. – Dei uns passos hesitantes e fiz sombra sobre os olhos para conseguir ver toda a praia. Uma gota de suor escorreu-me pelas costas, entre a cavidade da coluna e o algodão desmaiado do meu vestido. Deles, nem sinal. Levei nervosamente aos lábios o que restava do meu cigarro.

O Graham apareceu a meu lado.

– Eles costumam desaparecer assim com frequência?

– Sim. Ela tem uma espécie de amor pueril por ele, acho eu, porque é o único adulto daqui que ela leva a sério, para além de mim.

– E a Budgie não se importa? – perguntou o Graham a meia-voz.

– Não. Acho que ela julga ser um bom treino para ele.

Ele pareceu ficar surpreso.

– O quê, ela não está à espera.... está?

– Ainda não. Pelo menos, ainda não me disse nada. Mas eles querem desesperadamente ter filhos. É só uma questão de tempo, não é?

O Graham não respondeu, limitando-se a abanar a cabeça e a levantar a mão à altura da aba do chapéu.

– O bom velho Nick – disse, quase num murmúrio, e depois: – Oh, olha! Ali estão eles.

Segui o olhar dele e avistei-os, ao fundo da praia; cabeças escuras inclinadas para a frente exatamente no mesmo ângulo. O Nick parecia especialmente alto ao lado dela, quase esquelético, travando as suas longas pernas para a Kiki poder acompanhá-lo.

– Outra vez à procura de conchas, acho eu. Espero que ela não esteja a forçá-lo.

– Não sei. Ele parece-me bastante feliz – disse o Graham. Baixou a mão, quase roçando na minha, e tomei imediata consciência de como esteve perto mim, do quão sólido era o seu ombro junto ao meu ouvido, vestido para o calor com uma camiseta branca e sem casaco, a cheirar a cigarros e a roupa engomada com um leve vestígio de suor masculino. O ar à nossa volta não bulia, pesado com o calor de julho.

– Bem, bem, meus queridos – disse a tia Julie –, estão a tapar completamente o sol.

O Graham riu-se e voltou-se, tirando o chapéu com um gesto floreado.

– Queira desculpar, senhora Van der Wahl.

– Os meus amigos chamam-me Julie.

– Podes tratá-la por *tia* Julie, se quiseres – disse-lhe. – Ela adora.

A tia Julie estendeu a perna até os dedos dos pés ultrapassarem a bainha da toalha e tocarem na areia, tal como a Budgie fizera antes.

– Não se atreva, Graham. Devia ter visto o cadáver do último homem que o fez.

O Graham saudou-a prontamente:

– Julie será, senhora.

– Também sem a *senhora*. E certamente que não quando me está a piscar o olho dessa maneira. Tenho a certeza de que esse tipo de coisa vai contra os estatutos da Associação.

O Graham dirigiu o seu olhar radiante para mim.

– Lily, por muito que prefira ficar, a minha prima Emily mata-me se eu não voltar a tempo do *bridge*. Mas esta noite vais ao baile, não vais?

O cigarro ardia nos meus dedos. Deixei-o cair na areia e cruzei os braços.

– Claro que sim. Há semanas que andamos a planeá-lo.

– Tenho a certeza. – Sorriu abertamente, exibindo um belo conjunto de dentes de um branco imaculado, como que saídos de um anúncio da *Pepsodent*. Todo o seu rosto, esculpido com perfeita simetria, bronzeado do sol quente, parecia irradiar saúde e jovialidade. – Mas o teu cartão de danças ainda não está cheio, pois não? Reservas uma para o teu velho amigo Graham?

– Claro que reservo.

Inclinou-se, beijou-me no rosto e tornou a pôr o chapéu na cabeça.

– Muito bem, então. Depois procuro-te. Julie? Foi um prazer conhecê-la. Vou reservar a minha *última* dança para si. – Piscou-lhe um olho azul-celeste e começou a subir a praia em direção ao clube, fletindo os músculos com o esforço ao ultrapassar as dunas macias mais altas.

– Bem, bem – comentou a tia Julie, vendo-o afastar-se. A revista escorregou-lhe despercebida do regaço.

A seu lado, a forma adormecida da senhora Hubert soltou um ronco e deu um solavanco. Ergueu a cabeça e olhou em volta, confusa. Franziu o nariz.

– Esteve alguém a fumar? – perguntou, num tom algo impertinente.

– Todos nós, receio eu. – Deixei-me cair na ponta da toalha e comecei a arrumar as coisas no cesto de piquenique.

– Pregos para o caixão – disse a senhora Hubert. Abanou a cabeça mas parou a meio para me olhar fixamente, a seguir a tia Julie, e depois observar-me de novo a mim. – Muito bem, senhoras. Perdi alguma coisa?

A tia Julie tirou outro cigarro do maço e levou-o aos lábios.

– Se perdeu!

A orquestra era um desastre, o cantor ainda pior, mas ninguém no Beach Club de Seaview se preocupava com esta respeitável tradição, uma vez que a alternativa era gastar dinheiro para contratar melhores músicos.

Ninguém, excluindo a tia Julie.

– O que vem a seguir? *Jazz*? – disse, bebendo o seu *cocktail* de champanhe, frustrada. – Quem é que consegue dançar com isto? Lily, devias ter escolhido um batom mais escuro. O que é feito daquele que te enviei?

– A Kiki pegou nele para pintar os lábios às bonecas.

– Essa criança. Vou buscar outra bebida. Podia perguntar-te se queres mais alguma coisa, mas ainda mal molhaste os lábios. – Levantou-se com uma

rapidez de tirar o fôlego, deixando atrás de si um vestígio de *Chanel*.

Beberriquei o meu *cocktail* e perscrutei a varanda. O Sol ainda não tinha começado a pôr-se e, sob o brilho da bruma ao final da tarde, todos pareciam bonitos, até as velhas senhoras, com as suas linhas atenuadas, a pele amaciada e os vestidos subtilmente luminosos. Os homens usavam casacos brancos de jantar e rígidos laços vermelhos, brancos e azuis a condizer (conforme determinado pela senhora Hubert para ligar com o tema deste ano, «You're a Grand Old Flag»⁶) e o efeito era fulgurante, por entre o turbilhão de Gershwin, o lustre da brilhantina e as bolhas dos *cocktails* de champanhe. Os Palmer tinham acabado de chegar, com o cabelo do Graham Pendleton tingido pelo sol a destacar-se acima deles. A sua gargalhada atravessou a sala, sobrepondo-se ao burburinho das conversas.

Como se percebesse que eu estava a observá-lo, o Graham voltou-se para mim e eu perdi a coragem e disparei para a beira da varanda, onde ergui a minha bebida ao horizonte e mirei através do copo o oceano para além dele. Os barcos à vela adejavam num padrão turvo por detrás das bolhas e do brilho dourado do mais famoso *cocktail* de champanhe de Seaview, uma receita secreta que foi registada por escrito e guardada num cofre pessoal num banco quando foi promulgada a Lei Seca. Felizmente, a senhora Hubert ainda tinha a chave quando foi a lei revogada.

Levei de novo o copo aos lábios e bebi o resto. Seria um desperdício não beber enquanto estava efervescente.

Um par de mãos tapou-me os olhos; uma segurava um cigarro e a outra um copo alto gelado.

– Adivinha quem é? – sussurrou a Budgie.

– Alguém que fuma *Parliament* e que usa perfume a mais – pousei o copo vazio no corrimão – só pode ser a Budgie Greenwald.

– Oh, diabo! És muito esperta. – Contornou-me. – E olha para ti! Onde diabo foste desencantar esse vestido? Devia ser proibido por lei.

– A tia Julie levou-me às compras a Newport a semana passada. Gostas?

– Se gosto? Adoro. Eu própria o usaria, se tivesse peito suficiente para isso. – O hálito da Budgie cheirava como uma banheira cheia de *gin* e os seus lábios estavam pintados de vermelho-sangue brilhante. – Olha bem para esta gente... Já não via tanto cabelo grisalho desde... hã?, desde esta tarde no piquenique, acho eu! Oh, lá está aquela maldita senhora Hubert, vem resgatar-te das minhas garras. Rápido! – Enfiou o braço no meu e arrastou-me para o meio da turba, divertida. A orquestra começara a tocar um alegre *fox-trot*. A Budgie segurou-me a mão e fez-me rodopiar até eu lhe encarar o rosto.

– Vamos dançar, querida. Isso deve agitá-los um pouco.

Ri-me e pus a mão à volta da cintura dela. Começámos a dançar um estranho *fox-trot*, enquanto o cigarro da Budgie ardia entre as nossas mãos fechadas e o seu *gin* se entornava sobre o meu ombro.

– Oh, é isso! – exclamou. Os seus caracóis pretos sedosos balouçavam no ritmo perfeito e os seus lábios abriram-se. Inclinou-se sobre o meu ouvido. –

Estão todos a observar-nos. Imagina a cara deles se eu lhes dissesse que passei oito meses na América do Sul a dormir exclusivamente com mulheres.

O *fox-trot* terminou e abrandou para uma valsa e a Budgie conduziu-me, valsando, para o outro lado da varanda, onde acabámos, a rir e ofegantes, encostadas à balaustrada.

– Oh, foi bem divertido. Já não me divertia assim há séculos, Lily. Para a semana vamos a Newport, ou a Providence, só nós as duas, enquanto os homens estão fora. Vamos divertir-nos à grande. Conheço os clubes mais travessos das redondezas.

Peguei no seu cigarro, dei uma longa passa e devolvi-lho.

– Não posso deixar a Kiki.

– Ai podes, podes. A tua mãe pode ficar com ela, ao menos uma vez, ou a governanta. Nem que seja preciso eu mandar a senhora Ridge. Quem está a cuidar da Kiki esta noite?

– A minha mãe. Detesta dançar.

– Bem, aí tens. Vais ver que ela vai sobreviver até de manhã. – A Budgie apagou o cigarro e lançou-o pela varanda para a areia. – Diz-me: gostaste da minha pequena surpresa, hoje à tarde?

– Qual surpresa?

Tocou-me com um pé e inclinou-se para trás sobre a balaustrada. O seu corpo estirou-se sobre o tecido de seda vermelho-vivo, a condizer com o batom.

– Lily. Como se toda a Associação de Seaview não vos tivesse visto, aos dois, a namoriscarem na tua toalha.

– O *Graham*? Mas ele disse que estava em casa dos Palmer!

– *Claro* que está em casa dos Palmer, querida. Ele não pode ficar connosco, quando o Nick está fora toda a semana em Nova Iorque. O escândalo que *isso* seria. Riu-se e acabou o *gin*, lançando o copo sobre o ombro para a areia, onde se foi juntar à ponta do seu cigarro. – Mas quem julgas que telefonou à Emily Palmer e lhe disse para o convidar?

– Tu?

– Exatamente. Ela devia-me um favor, desde há muito. Diz-me: ele está ou não mais delicioso? Quero que vocês se divirtam à grande neste verão e quero ouvir todos os pormenores na manhã seguinte, estás a ouvir? – Voltou-se para me encarar e inclinou-se sobre o corrimão, sobrepondo o seu corpo vermelho-sedoso ao meu. Disse-me ao ouvido: – Todos os pormenores. Agora, não olhes, que ele vem na nossa direção. Eu vou escapar-me escadas abaixo para a praia e deixar-vos sozinhos, seus garotos tontos.

A Budgie beijou-me a face e saiu, e quando desapareceu num esplendor de vermelho-sangue, ali estava o Graham Pendleton no seu casaco branco de jantar e laço regulamentar vermelho, branco e azul, sorrindo-me abertamente como um cão para o seu dono. Estendeu-me um *cocktail* de champanhe.

– Pareces estar a precisar de uma bebida – disse.

– Obrigada. – Peguei no copo e toquei no dele. – Saúde!

O Graham tirou o lenço do bolso do peito.

– Espera. Tens uma marca do batom dela.

Limpou a mancha de batom enquanto eu bebia do meu copo. Quando terminou, eu também já acabara. Pousei o copo no corrimão e ele sorriu-me de novo.

– Mais devagar, campeã. Temos a noite toda. Cigarro?

– Um da tua marca?

– Por Deus, isso não.

– Então quero. – Coloquei o cigarro nos lábios e deixei que ele me desse lume. Os seus amplos nós dos dedos roçaram no meu queixo. Acendeu também o cigarro dele e voltámos as costas à festa e ficámos ali, observando fixamente o movimento incessante do oceano sobre a praia. A maré estava a encher, estirando-se para a linha de algas e de detritos no ponto mais alto da maré anterior. Não havia sinais da Budgie.

– Bonito vestido – disse o Graham.

– Obrigada.

Inclinou-se sobre os cotovelos, deixando pender e cair a cinza do seu cigarro sobre a areia.

– Sabes? Tu és muito curiosa, Lily Dane. Levas a tua vida, sempre serenamente e «não me toques», e depois, de vez em quando, explodes num vestido como *esse*, e maldito seja se não estivemos todos ali sentados a coçar a cabeça, a procurar descodificar-te.

Ri-me.

– E há quanto tempo é que isso dura?

– Mais ou menos cinco minutos, diria.

Virei-me para ele, apoiando a anca na balaustrada, com o sangue a acelerar agradavelmente ao longo das pernas.

– Diz-me uma coisa, Graham. O que aconteceu entre ti e a Budgie há tantos anos? Todos pensávamos que era amor, casamento e carrinho de bebé.

O Graham abanou a cabeça.

– O quê? Casar-me com a Budgie? Nem em sonhos. Andávamos apenas a divertir-nos um pouco, era tudo.

– Pois parecia-me extremamente sério. O Grand Canyon, lembras-te?

– A ti tudo te parece sério, Lily. Faz parte do teu encanto. – O Graham endireitou-se, voltou-se para mim e pousou a mão no corrimão, a menos de dois centímetros da minha anca. Ficou tão perto que tive de esticar o pescoço para lhe ver os olhos. Uma espiral de fumo flutuava-lhe sobre o rosto. – Sim, nós falávamos sobre o futuro, mas eu digo-te como funciona, doce Lily, caso não saibas. Quando duas pessoas jovens, despreocupadas e solteiras, digamos, o Graham Pendleton e a Budgie Byrne, por exemplo, começam a envolver-se num relacionamento sexual, falam sobre amor, falam sobre o futuro, às vezes a sério e outras vezes não, porque de outro modo estarão a contrariar a pequena e conveniente ficção de que não estão apenas a ter sexo no banco de trás de um automóvel para simples e mútua satisfação. Fui suficientemente

claro?

Falou com voz baixa e cordial, sobre o fundo de música da moda e do marulhar das ondas. Os seus olhos, fixados nos meus, observavam a minha reação, como se eu não soubesse de onde vêm as cegonhas.

Levei o cigarro aos lábios e mantive o olhar fixo no dele.

– Portanto, é isso. Tiveram apenas sexo no banco de trás do carro da Budgie?

– Ela era feliz assim. E eu estava certamente mais do que feliz com tudo. Olha, queres que te conte os pormenores mais chocantes? Demo-nos bem durante o verão, demo-nos ainda melhor no outono. Sempre divertidos, sem nos magoarmos. Mais ou menos perto do Natal, ela começou subitamente a falar em casamento e não estava apenas a brincar, como sucedia antes entre nós. Sem mais nem menos, queria uma aliança e um casamento na primavera. – Parou para fumar e retirou uma partícula, talvez de tabaco, do lábio inferior. – Depois ouvi alguém dizer que o pai dela estava com problemas, a ser arrastado pelo sorvedouro da crise, como todos os outros. Disse-lhe que sabia aquilo que ela queria. Os nossos caminhos separaram-se.

– Isso é o resumo.

– É tudo o que precisas de saber. Mas ela recuperou bem, como podes ver. – Apontou para o grupo com um movimento da cabeça. Segui a direção do seu gesto, e lá estava a Budgie, magicamente reaparecida, a dançar num abraço aconchegado com o marido, com um novo copo alto equilibrado na mão esquerda. Os outros dançarinos concederam-lhes um espaço amplo. O cabelo castanho encaracolado e as costas brancas do Nick estavam voltados para mim, e eu só conseguia ver a metade superior dos grandes olhos da Budgie sobre o ombro dele. Piscou-me o olho e inclinou a cabeça para beber. O seu anel refletiu a luz numa explosão ótica deslumbrante.

Virei-me de novo para o Graham. Ele estava de olhar fixo em mim com uma expressão curiosa, com o lábio semicurvado num sorriso intrigante.

– Incomoda-te? – perguntou.

– De maneira nenhuma. Pelo menos não estão só a ter sexo no banco de trás do carro.

Pôs de lado o cigarro.

– O carro do Greenwald não tem banco atrás.

– O teu tem?

O Graham tirou-me o cigarro dos lábios e apagou-o. Pegou na minha mão livre e beijou-me a palma com os seus lábios quentes.

– Por acaso tem. Um banco amplo, com estofos flexíveis, muito confortável. Mas tu não és o tipo de garota que um homem leva para o banco de trás, pois não?

O Sol começava a pôr-se e os olhos de Graham estavam agora mais cinzentos do que azuis, envolvendo-me com uma seriedade que nunca antes vira neles. O *cocktail* de champanhe formigava-me alegremente no cérebro.

– Ah, não sou, pois não? E o que quer isso dizer exatamente?

O Graham puxou-me o cabelo para trás da orelha e apertou-me levemente o lóbulo.

– Não sei o que quer dizer. Neste momento estou um pouco desnortado. Mas há uma coisa que eu sei: se um indivíduo conseguir pelo menos arrancar-te uma dança, ao fim da noite vai ficar a uivar à lua.

Levantei-me e afastei-me da balaustrada, até ficar próxima do seu peito.

– Isso podemos ter.

O Graham conduziu-me ao salão para dançarmos, passando pela tia Julie com o seu segundo *cocktail*, pela pestanejante Budgie com o seu terceiro ou quarto; pelo olhar semicerrado do Nick Greenwald, cujas grandes mãos envolviam a cintura vermelha e sedosa da sua mulher, e cuja boca ostentava vestígios do seu batom vermelho-vivo.

6 Marcha patriótica que presta tributo à bandeira norte-americana. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 9
725 Park Avenue, Nova Iorque
Dezembro de 1931

Para minha tranquilidade, o meu pai estava num dos seus dias. Já estava levantado e a tomar o pequeno-almoço quando apareci acabada de acordar na manhã de domingo, ainda embrulhada no meu roupão, com o olhar ainda nublado por algum sonho inquietante meio gravado na memória.

– Bom dia, boneca – disse-me, olhando-me com um sorriso, e eu espetei um beijo no seu cabelo enfraquecido.

– Bom dia, papá. – Pousei o meu braço sobre os seus ombros. – Queria dizer olá quando cheguei, ontem à noite, mas já era tão tarde. O pai e a mãe já estavam na cama. Não quis acordar-vos.

– Podes acordar-me sempre, boneca – disse, apertando-me a mão. – Senta-te. Vem tomar o pequeno-almoço.

Sentei-me na cadeira à sua direita. O sol aguado de inverno entrava pela janela, inundando a mesa, que já estava posta para três, com manteiga e compota em abundância e um jarro de sumo, ao meio, brilhando com a cor de laranja artificial de uma gema de ovo.

– Onde está a mãe? – perguntei.

– Oh, ainda na cama. Esta manhã fui eu o madrugador. Que tal foi a tua viagem da faculdade?

– Perigosa. O pai conhece a Budgie. – A porta da cozinha abriu-se e a Marelda, a nossa empregada, entrou com um grande jarro de café. O branco imaculado do seu avental refletia de tal maneira o sol que me fez doer os olhos.

– Bom dia, Marelda. Oh, abençoado café. Obrigada.

Ela serviu-nos.

– Bom dia, menina Lily. Que tal a faculdade?

– A faculdade estava maravilhosa, Marelda. Maravilhosa!

– Algum rapaz interessante? – Pestanejou.

Olhei de relance para o meu pai, que devolveu a sua atenção às enormes folhas do *The New York Times*, e pestanejei em resposta.

– Talvez. Nunca se sabe.

– Que bom, menina Lily. Que bom.

O meu pai estudava o *Times* com a sobrelance erguida, em concentração. Tinha um belo perfil, reto e firme, no seu pescoço o colarinho era rígido e branco, e o cabelo louro começava a enevoar-se de cinza nas têmporas. Vendo-o assim, ninguém seria capaz de identificar algo de errado. Quando muito, talvez pudesse reparar no ligeiro tremor da sua mão, sacudindo o jornal. Se ele virasse o rosto, podia ser perturbante o modo como os seus

olhos azul-claros teimavam em manter-se afastados dos nossos, como se fosse totalmente incapaz de comunicar connosco. Mas só isso. Hoje estava, com certeza, num dia bom.

– Papá – disse-lhe –, conhece a empresa Greenwald and Company?

– O que é, boneca? – respondeu.

– Greenwald and Company. Conhece?

– Claro que conheço, boneca. Bom homem, o Greenwald. Títulos obrigacionistas, não é? Tem tido bastante sucesso, pelo que sei. – Arrumou o jornal respeitando as dobras originais.

– Sabe se eles tiveram alguns problemas recentemente?

– Bem, todos tiveram problemas, Lily.

– Mas, mais do que o usual. Eles *são* uma... – procurei as palavras – uma empresa estável, não são?

O meu pai encolheu os ombros, ainda muito esguios sob o seu casaco; tudo nele estava ainda demasiado esguio, desde a pneumonia no inverno passado. Já por duas vezes que fora vítima de pneumonia e de cada vez ficava pior. Embora nunca falasse sobre a guerra, sei pelo Peter Van der Wahl que o meu pai foi gaseado em Belleau Wood, que não conseguiu colocar a máscara a tempo, porque estava ocupado a ajudar um dos seus homens com uma alça defeituosa, e evidentemente os seus pulmões nunca mais foram os mesmos depois disso.

– Nunca ouvi dizer o contrário, boneca. Porque perguntas?

Abri a boca, tornei a fechá-la, bebi um grande gole do meu café.

– Oh, por nada.

O telefone tocou. Uma, duas vezes. Ouviu-se o murmúrio da voz da Marelda através das paredes.

Servi-me de um copo de sumo de laranja. O jarro estremeceu na minha mão.

A porta da sala de estar abriu-se.

– Menina Lily, telefonema para si. É...

– Obrigada, Marelda – levanto-me rapidamente –, vou já.

A mãe detestava telefones e o nosso estava enfiado num recanto sem janelas, entre a sala de estar e o escritório, apenas com um austero banco para comodidade. Contudo, tinha a vantagem de proporcionar privacidade acústica e senti-me grata por isso.

– Bom dia, querida Lily – disse o Nick, com voz alegre, quente e entusiástica, desfazendo as minhas dúvidas.

– Bom dia. Onde estás?

– Em casa. Que tal a tua viagem?

– Horrível. A Budgie quase nos matava, pelo menos três vezes.

– Aquela Budgie. Eu é que te devia ter levado. Estás bem?

Encostei-me à parede e fechei os olhos para me concentrar no som da sua voz. Senti a dureza da parede sob os nós da minha coluna.

– Sim, claro. Sinto a tua falta.

– E eu estou desesperado por ti. Estou neste momento a olhar para o parque, a ver se consigo descortinar o teu prédio.

– Não consegues. Estamos no meio do quarteirão.

– Vamos encontrar-nos algures. Estás vestida?

Olhei para baixo, para o meu roupão.

– Ainda não. Estamos a tomar o pequeno-almoço.

– Bem, apressa-te e veste-te. Encontramo-nos a meio caminho, de acordo? Perto da casa dos barcos, está bem?

– Sim, sim. Perfeito.

– Mas despacha-te, ouviste? Não precisas de te arranjar para mim. Vem, simplesmente.

De qualquer maneira arranjei-me, um pouco: um toque de batom, um pouco de pó de arroz, o meu melhor chapéu. Escapei-me pela sala de estar com uma vago murmúrio sobre compras. Lá fora, o ar fresco acolheu-me com uma rajada de boas-vindas e limpou-me a alma.

Quando o Nick me viu chegar, abriu os braços e eu lancei-me sobre ele com tal força que o obriguei a cambalear para trás, rindo, fechando os meus braços à sua volta como se não nos víssemos há meses.

– Cá está a minha miúda – disse.

– Em carne e osso.

Abraçou-me ainda com mais força e fez-me rodopiar ligeiramente.

– É tão maravilhoso ver-te aqui. Não posso acreditar que partilhámos a mesma cidade todos estes anos sem o saber.

– Bem, na realidade não o fizemos, pois não? Eu estava fora na universidade durante o ano, e em Seaview durante o verão. Às vezes sinto-me quase como se não conhecesse Manhattan. – Ainda não tinha levantado a cabeça do peito dele. Estranhamente, tinha medo de lhe enfrentar os olhos.

– E eu também. Mas, finalmente, aqui estamos. Aonde vamos?

Caminhámos pelos passeios do parque durante muito tempo, lentamente, mantendo-nos nos limites do parque por consentimento silencioso. O meu braço ia aconchegadamente enfiado no dele. Por fim, encontrei a compostura para o encarar, e ele era ainda melhor do que me lembrava, a boca a sorrir, a sua respiração a condensar-se, branca, no ar gélido.

– Nova Iorque fica-te bem – disse-lhe.

– *Tu* ficas-me bem. Escuta, Lily, tenho tanto para te dizer. Nestes últimos dias enchi a cabeça de planos. Naquela longa viagem desde New Hampshire, ficou tudo claro para mim. Desta vez estou decidido.

– Decidido a quê?

– A fazer o que disseste naquela primeira manhã. Acerca de seguir o meu próprio caminho. – Apertou-me o braço puxando-o mais para junto dele. – Tenho tanto para te agradecer.

– Eu não fiz nada.

– Fizeste tudo. Diz-me: quais são os teus planos para a noite de passagem de ano?

O sangue acelerou sob a minha pele.

– Não sei. Normalmente ficamos em casa.

– Bem, vem a nossa casa. Todos os anos damos uma festa, com máscaras, caviar e fontes de champânhe, absolutamente a última palavra em banalidade. Podes conhecer os meus pais.

– Como é que eles me vão conhecer, se eu vou usar uma máscara?

O Nick inclinou-se para o meu ouvido.

– Porque nos desmascaramos à meia-noite, minha caloiira. Exatamente antes de eu te dar um beijo.

Ele estava a seduzir-me. Adoro a sedução do Nick.

– A sério? E porquê? Para teres a certeza de que estás a beijar a rapariga certa?

Um grupo de rapazes aproximou-se a falar em voz alta. Um deles trocou uma bola de futebol entre as mãos, nuas e vermelhas do vento frio de dezembro. O Nick esperou até passarmos por eles e disse:

– Para as outras, talvez. Mas o teu beijo, conhecê-lo-ia em qualquer lugar.

– Ah, é assim, Casanova? Anseias arrastar-me contra uma árvore para o provar?

– Não preciso de te arrastar contra uma árvore – disse o Nick e envolveu-me com os seus braços agasalhados em lã, levantou-me e beijou-me ali mesmo, no centro gravitacional do passeio, no centro gravitacional de Nova Iorque, com a sua boca quente contra a minha pele fria. Alguém gritou para nós e a bola de futebol embateu nas costas largas do Nick.

Afastou os lábios.

– Novatos... – murmurou. Curvou-se, ganhou balanço e devolveu a bola num lançamento com a força de um torpedo.

– *Uau!* – ouviu-se um grito distante.

O Nick levantou-me de novo e regressou ao trabalho; quando terminou, a minha pele já não estava dormente, mas quente e viva.

– Ora, a isto é que eu chamo a última palavra em banalidade – comentei, limpando do rosto dele a ténue marca cor-de-rosa do meu batom.

Continuámos a caminhar durante mais um minuto ou dois, com as mãos enluvadas bem apertadas e a intimidade a rodear-nos como nevoeiro. Os nossos pés batiam contra o pavimento gelado; os bancos verdes como que passavam por nós em filas silenciosas.

– Portanto, com isto o encontro com os meus pais está combinado – disse ele, por fim. – E com os teus?

– Tenho a certeza... Tenho a certeza de que eles irão adorar conhecer-te.

– Ainda não lhes disseste, pois não?

– Hoje de manhã, a minha mãe ainda não se tinha levantado. – À medida que as palavras me saíam da boca, sentia a sua própria estranheza. A minha mãe nunca dormia até tarde. Podia ficar no quarto durante horas, a escrever cartas e a fazer listas, mas levantava-se com o sol.

– Estou a ver.

– Não digas isso. Ela não estava levantada, Nick, o que podia eu fazer?
– Com certeza. Compreendo. Há muito tempo.
– Podemos ir agora mesmo até ao meu apartamento.
– Não é preciso.
– Não, a sério. Agora mesmo. Eu provo-te, mostro-te...
– Lily. – Ele deteve-se, voltou-se e pegou-me pelos cotovelos. – Não é preciso. Não tens de me provar seja o que for.

Mas o seu rosto estava rígido e tenso, como se cada músculo, descontraído pelo nosso encontro, se tivesse de novo contraído. O seu orgulho expressava-se nas longas rugas traçadas na sua fronte.

Toquei-lhe no canto da boca com a minha luva de lã.

– Nick, por favor, vem a minha casa comigo. Quero que conheças os meus pais e que eles te conheçam; que vejam o quão maravilhoso és. Por favor, vem.

Ele expirou lentamente, aquecendo-me os dedos.

– De acordo – disse. Mas a sua expressão permanecia inflexível, deformada pela tensão.

Deixámos o parque na Rua 66, subimos desajeitadamente a Quinta Avenida e descemos a Rua 70, sem falar. O braço do Nick estava tenso, debaixo do meu, como se quisesse retirá-lo mas não soubesse como. Quase que conseguia senti-lo em expansão ao meu lado, adquirindo altura e fôlego; se olhasse para os olhos dele, sei que estariam em brasa e semicerrados.

Ele ia a caminho da batalha, reconheci, irremediavelmente.

À entrada do edifício detive-o.

– Estás irritado. Por favor, não estejas.
– Não estou irritado contigo. É com tudo, é tudo isto...
– Para. Não fiques assim. – Coloquei-lhe as minhas mãos sobre o rosto. – Por favor. Se estiveres irritado, vai ser um desastre. Olha para mim, Nick.

Ele olhou-me.

– Sou *eu*, a Lily. Estou do teu lado. Vou apoiar-te, Nick.

Estávamos ali como uma rocha, com o fluxo de gente que passava a rodopiar no passeio à nossa volta. Alguém nos deu um encontrão, praguejou, olhou para cima, mais para cima ainda, para o edifício taciturno do Nick que se erguia lá no alto e apressava-se a desaparecer.

– Eu sei – beijou-me na testa –, eu sei que sim.

O nosso prédio não era o mais elegante da Park Avenue, nem por sombras, mas agradava-me a sua decadência, os seus pesados ascensores e os seus porteiros monossilábicos. Um deles premiu o botão de chamada para nós. Em silêncio, eu e o Nick vimos o ponteiro por cima da porta do elevador deslocar-se no sentido descendente, fazendo uma espécie de pausa para refletir em cada piso, até atingir o patamar com um trovejante estrépito metálico.

– Confias a tua vida a esta máquina? – perguntou o Nick, ironicamente, enquanto o porteiro fechava o portão atrás de nós e as portas corriam até se

fecharem.

Apesar das minhas palavras encorajadoras e solidárias, o meu estômago revolvía-se com a ansiedade. O que diria o meu pai? Não fazia ideia. Ele conhecia o pai do Nick, gostava dele, mas uma coisa é apertar a mão a um homem e apreciar a sua companhia e outra é encará-lo como sogro da sua única filha. Mas o meu pai era justo e amável. O meu coração dizia-me que ele ia gostar do Nick, que ele era de tal forma bem-educado que seria incapaz de revelar qualquer vestígio de desapontamento pela escolha da sua filha, pelo menos em público.

Mas a minha mãe...

Os meus dedos encaracolaram-se no interior das luvas. Talvez ela não aparecesse. Talvez ainda estivesse na cama, talvez estivesse doente; talvez estivesse com gripe.

A minha mãe com toda a certeza não aprovaria o Nick. Os olhos dela iriam arregalar-se e depois semicerrar-se. Iria comportar-se com uma correção angustiante, perguntar ao Nick se queria tomar café ou chá, convidá-lo a provar um pouco do bolo de limão da Marelda. Far-lhe-ia perguntas sobre os pais, sobre os amigos, sobre os seus estudos, com cada pergunta concebida para procurar expor qualquer falha ou alguma revelação impressionante. Iria referir-se com fortuita facilidade à ascendência Dane, deixaria que o seu sagrado nome de solteira aparecesse inopinadamente na conversa. No fim, ficaria claro para o Nick e para mim que não somos ajustados um para o outro, que eu estou tão fora do seu círculo como a órbita da Lua está do Sol.

Ela apertar-lhe-ia a mão e fecharia a porta depois de ele sair, voltar-se-ia para mim e diria:

– Bem! Que rapaz simpático. É uma pena ter o pai que tem, senão podia mesmo ter gostado dele para ti.

O elevador subia num constante para-arranca, passou o oitavo andar, passou o nono. O Nick estava pacientemente de pé, ao meu lado, olhando sucessivamente cada número que se acendia. A manga do casaco dele roçou na do meu. Na proximidade do cubículo, chegou-me o perfume da lã do seu casaco, do seu sabonete, da sua respiração.

Eu tinha vinte e um anos, e estava a terminar a faculdade. Não precisava da aprovação dos meus pais para nada. Se queria o Nick, ele podia ser meu.

O elevador alcançou o décimo segundo andar, suspirou profundamente e imobilizou-se. As portas correram. O Nick saiu e abriu o portão gradeado.

– Vou comportar-me o melhor possível, juro – disse ele.

– Não te preocupes. Eles vão adorar-te.

Procurei encontrar as chaves na carteira, tirei a luva e procurei melhor, até finalmente as encontrar.

– Aqui estão – murmurei.

– Olá, Lily!

A juvenil e alegre saudação fez-me saltar.

– Oh, olá, Maisie – respondi –, vais descer?

No nosso edifício havia dois apartamentos em cada andar e a Maisie vivia no outro apartamento do meu andar, com os pais e dois irmãos mais velhos, de cujos nomes nunca conseguia lembrar-me corretamente. Ela olhou, primeiro para mim e depois para o Nick, com os seus grandes olhos castanhos bem abertos, e na ingenuidade dos seus dez anos perguntou-me:

– É o teu *namorado*, Lily?

– Eu... bem, ele...

– Sou sim, Maisie – respondeu o Nick, estendendo-lhe a mão. – Nick Greenwald. Vives naquele apartamento? – perguntou-lhe indicando o lado oposto do patamar do elevador, onde a porta dos Laidlaw se encontrava entreaberta.

Ela apertou-lhe a mão.

– Sim, vivo. Vamos fazer compras de Natal, assim que a mamã encontrar a carteira. Já estiveram no Bergdorf?

– Ainda não.

– Eles têm uma árvore e um comboio na montra que está carregado de brinquedos e anda à volta da árvore. – Moveu as mãos em círculos para mostrar como. – O que vai oferecer à Lily pelo Natal?

O Nick riu-se.

– É surpresa.

A porta dos Laidlaw abriu-se repentinamente e a senhora Laidlaw, parecendo incomodada, passou por nós envergando o seu prático casaco de lã castanho, com a discreta carteira presa junto ao cotovelo, enchendo o ar abafado com o perfume do seu pó de arroz recentemente aplicado.

– Maisie! Estás aí. Oh, olá, Lily. Já voltaste da faculdade?

– Voltei ontem. Como está, senhora Laidlaw?

– Oh, sabes como é esta época do ano. Atarefada, atarefada. – Reparou no Nick pelo canto do olho.

– Senhora Laidlaw, apresento-lhe o Nick Greenwald, um amigo meu.

– Ele é o *namorado* da Lily – disse a Maisie com ar importante.

– Senhora Laidlaw – disse o Nick estendendo a mão –, é um prazer.

A senhora Laidlaw arregalou os olhos e a sua boca cor de magenta assumiu a forma um *O* de surpresa. Deixou que o Nick lhe agitasse a mão inerte para cima e para baixo. – Eu... sim. Que agradável... *Greenwald*, disse?

– Nick Greenwald. – O Nick deixou cair a mão ao lado do corpo.

A senhora Laidlaw observou-me, olhou para o Nick, olhou-me de novo. Com a mão direita segurou a alça da carteira.

– Bem, bem. Gostei... gostei de conhecê-lo. Eu... *bem*.

O elevador deu um solavanco, como se alguém tivesse premido o botão de chamada em qualquer outro andar. O Nick esticou o braço para impedir a porta de se fechar.

– Vai descer, não vai?

– Sim. Obrigada. Maisie? – A senhora Laidlaw empurrou a Maisie para o elevador e carregou no botão. O Nick fechou o portão metálico, e as portas

deslizaram, fechando-se diante do rosto pálido da senhora Laidlaw.

– Bem – disse o Nick melancolicamente –, isto correu bem.

Olhei para a chave, ainda apertada na minha mão direita.

– Parece-me ela ficou surpreendida por ver um homem de braço dado comigo, é só.

– Não duvido.

O Nick manteve-se atrás de mim, silenciosamente, enquanto eu dava a volta à chave para abrir a porta do apartamento.

– Mãe! Papá! Cheguei – anunciei e voltei-me para o Nick, dizendo-lhe: – Entra.

A Marelda apareceu na entrada.

– Olá, Marelda. Onde estão os meus pais? Estou com um amigo.

– Menina Lily. O seu pai está no escritório e a sua mãe...

Mas o pai apareceu, com um livro debaixo do braço.

– Lily, estás aí! Pareceu-me ouvir a tua voz. – Estava trémulo, nervoso. A relativa estabilidade da manhã já não estava com ele. Os seus olhos refletiam desolação.

– Oh, papá. – Avancei e toquei-lhe na mão. Todo ele tremia.

– Papá, está bem? Onde está a mãe?

– Eu estou bem, boneca. – Procurou recompor-se. Queria abraçá-lo, segurá-lo junto a mim e acalmar o tremor do seu corpo, mas não me atrevi.

– Não apanhaste a tua mãe por pouco. Ela vestiu-se e saiu. Alguma compra de Natal de última hora, com certeza.

Ri-me.

– Bem, conheces a mãe. Tudo tem de ser perfeito.

– Mas tens uma visita. – A sua voz soava a falsa alegria, o que me magoou.

– Tenho. – Afastei-me do meu pai com um último aperto na sua mão. – Papá, apresento-lhe o Nick. Nick Greenwald. É meu amigo. Conheci-o este outono. Ele estuda em Dartmouth.

O Nick deu um passo em frente e estendeu a mão.

– Senhor Dane, é um grande prazer conhecê-lo. A Lily fala de si com tanto amor.

O corpo do meu pai ficou rígido. Olhou para o Nick, depois para mim desesperadamente. Estendeu a mão e aceitou o cumprimento do Nick.

– Greenwald – disse. – Nick Greenwald.

– Sim, senhor. Talvez conheça o meu pai. Robert Greenwald. – O Nick falava num tom confiante, com um misto de firmeza e respeito, não deixando transparecer o mínimo vestígio de hesitação.

Voltei-me para ele e o meu coração irradiava orgulho. Ali estava ele na entrada, tal como eu o imaginara, alto, direito e atraente, com o cabelo a refletir a luz vinda dos apliques. Tinha o chapéu seguro entre os dedos da mão esquerda e largava o suave aperto de mão do meu pai, deixando cair a sua mão direita junto ao corpo. Tinha um sorriso nos lábios e ninguém a não ser a

Lily Dane, que o conhecia tão bem, conseguiria detetar a tensão nos cantos a sua boca.

Por um momento, por um belo e fugaz instante, pensei: «Vai correr tudo maravilhosamente, o pai vai adorá-lo. Como poderia não ser assim?»

– Sim, eu conheço o Robert Greenwald – murmurou o meu pai e desviou o olhar na minha direção. – Era isso que querias dizer esta manhã? Greenwald and Company?

Fiquei atordoada.

– Eu... Eu... bem, sim, de certo modo...

– Este homem é... Não compreendo... – Os seus lábios continuaram a mover-se, gaguejando. Colocou a mão atrás do pescoço, tornou a colocá-la sobre a testa e depois na cabeça, passando os dedos pelo cabelo enevoadado sobre as orelhas, como se estivesse a procurar encontrar os óculos. – Este homem... Greenwald... ele insinuou-se perante ti?

O Nick deu um passo em frente.

– Senhor Dane.

O pai ergueu-lhe a mão como que a avisá-lo para se afastar.

– Não. Não é possível. A minha *filha* não.

– Papá, por favor. – Interpus-me entre ambos e agarrei o meu pai nos ombros. – Papá, está transtornado. Vamos sentar-nos. Vou mandar preparar-lhe um chá. Vou chamar a Marelda, ela vai trazer chá e bolo...

– Não preciso de chá. – Olhou para mim, começando a divagar. Na sua pele pálida, acima dos lábios superiores brotavam gotas de transpiração. – Eu preciso... Não compreendo. Porquê *ele*, querida? *Porquê*, boneca?

– Vamos sentar-nos. O papá não está bem, não está a pensar com clareza. Marelda! – chamei. Olhei por cima do ombro para o Nick, que nos observava num misto de espanto e revolta. – Não é por tua causa. Juro que não é. Ele está só a ter um ataque; acontece com frequência. Por favor, Nick.

O Nick deu um pulo em frente.

– Por favor, deixe-me ajudá-lo. Precisa de uma cadeira.

– Não. – O pai afastou-me com tanta força que cambaleei para trás. – Não preciso de uma cadeira. Não preciso de chá. Preciso que me deixem em paz. Porque não me deixam em *paz*, por amor de Deus?

O Nick agarrou-me pelo ombro.

– Cuidado, Lily!

– Papá, por favor...

A voz do pai estalou no ar como uma chicotada.

– Cavalheiro, tire as mãos da minha filha!

– *Papá!*

O Nick olhou para mim e perguntou-me:

– Estás bem, Lily?

– Estou bem. Papá...

O pai apontou o dedo para o peito do Nick. O seu rosto acendeu-se com determinação. A voz dele soou-me como nunca a ouvira: decidida, autoritária,

tal como deve ter soado em Belleau Wood, antes de os Alemães terem lançado bombas de gás-mostarda sobre as crateras lamacentas nas suas trincheiras.

– Jovem, exijo-lhe que *tire... a sua... mão... da minha... filha*.

O Nick ficou imóvel. Inclinou a cabeça ligeiramente para mim.

– Lily?

– Nick – sussurrei, a tremer –, por favor.

O Nick deixou cair as mãos.

– Agora, caro senhor – disse o pai, mais calmo –, peço-lhe, mais uma vez, para sair e deixar esta família em paz.

– Papá, não! Espera, Nick. Não vás. O papá não queria dizer aquilo. Papá, não pode ter querido dizer aquilo, é um homem bom, não deu uma *oportunidade* ao Nick...

– Lily, acho que é melhor eu sair. Não é verdade, senhor?

– Ficar-lhe-ia muito grato, senhor Greenwald.

– Papá! Papá, não diga isso, eu *amo-o*, não o magoe, não faça isto! – As palavras morreram-me na garganta. A minha mãe, a animosidade da minha mãe eu poderia compreender. Mas o meu pai? A minha alma gémea, o meu doce e justo pai, na adoração de quem sempre vivi desde a minha infância? Era um inesperado golpe de traição.

A Marelda apareceu à porta da sala de estar. Fitou-nos aos três, com os olhos arregalados e desapareceu.

O meu pai olhou para mim. Tinha o cabelo espetado nas têmporas, despenteado pelos seus dedos; os seus lábios estavam secos, desmaiados e tremiam.

– Não terás dignidade, Lily? Não terás uma gota de compaixão?

– A sua filha, senhor, tem mais dignidade no dedo mínimo do que todas as raparigas juntas. – O Nick pôs o chapéu na cabeça. – Bom dia, senhor Dane. Espero vê-lo em breve, com melhor disposição. Lily, bom dia e feliz Natal.

– Nick, não te vás embora! – estendi-lhe a mão.

– Lily, querida – disse o Nick suavemente.

– Lily – chamou o meu pai.

Os pormenores da entrada começaram a rodar à minha volta, gravuras de Audubon cuidadosamente emolduradas e apliques elétricos cintilantes, a sólida porta branca de seis painéis com o seu puxador de cobre polido.

– Nick, depois ligo-te. Eu...

– Desta casa nunca; não telefonarás àquele jovem.

– Lily, é melhor eu ir. – O Nick voltou-se para a porta.

– Sabes como contactar-me – disse, desesperada.

– Ele não o fará – declarou o meu pai. – Proíbo-o.

O Nick deu meia-volta e olhou para trás. O seu rosto estava impenetrável, como se estivesse a tratar de negócios, o seu maxilar erguia-se, anguloso, sobre o cachecol de lã escura.

– Senhor Dane, com o devido respeito, a sua filha tem vinte e um anos e,

portanto, tem idade suficiente para conduzir a sua vida como achar melhor para ela. Lily, querida, hei de encontrar-te, não te preocupes.

Encaminhou-se para a porta, fechando-a atrás de si com um estalido suave. Fiz um movimento para o seguir, mas ouvi a voz da Marelda:

– Senhor Dane! Oh, menina Lily!

Consegui virar-me a tempo de amparar o meu pai ainda a cambalear, com a mão apoiada na mesa de meia-lua perfeitamente polida, até escorregar para o chão, a chorar.

CAPÍTULO 10
Seaview, Rhode Island
Julho de 1938

Quando eu ia a sair para me encontrar com a Budgie, a senhora Hubert deteve-me.

– Então, senhora Hubert – pressionei os lábios para disfarçar o brilho do meu batom e juntei as abas do casaco para esconder a extensão do meu decote. – Pensei que vinha visitar a mãe.

– E vim, mas já acabámos. – Espreitou para a janela e viu o carro da Budgie estacionado na rua e depois reparou nela a retocar os lábios mirando-se no espelho retrovisor. – Presumo que vais a algum lado com a senhora Greenwald?

Endireitei as costas e ergui o queixo.

– Vamos jantar a Newport, esta noite, só nós as duas.

– Achas isso sensato?

Voltei-lhe as costas, tirei o chapéu do bengaleiro da entrada e pu-lo na cabeça. Vi o rosto da senhora Hubert refletido no espelho, sobre o meu ombro.

– Não sei o que quer dizer. A Budgie e eu somos velhas amigas.

– Sinceramente, Lily – disse a senhora Hubert abanando a cabeça. Trazia uma saia branca comprida, uns velhos sapatos de calfe e um chapéu de palha de abas largas, o mesmo traje que usara no verão passado, e no anterior. A roupa da senhora Hubert mudava da mesma maneira que Seaview: mais cinzenta, com mais rugas, mas por fora era a mesma. – Foste enganada por aquela rapariga quando vocês eram crianças e agora ela está a enganar-te de novo.

– Ela não me enganou. Eu sei o que ela é.

– Saberás? Duvido. Não que eu a possa culpar, com o pai que tinha, e Deus sabe o que se passa por trás das portas fechadas. Vira-te e olha para mim, Lily Dane, por amor de Deus.

Virei-me. A entrada, voltada para oriente, não recebia luz do sol direta e as nuvens a ameaçar trovoadas começavam já a erguer-se no ocidente. A expressão da senhora Hubert era vaga, cansada e sombria, com duas rugas profundas em cada canto da boca como um par de parênteses.

– Tens a noção de que ela está a manipular um jogo, não tens? – perguntou-me.

– Ela não sabe fazer outra coisa.

– E consegues perdoá-la por isso? Consegues perdoá-la por se ter casado com aquele Greenwald, trazendo-o para o nosso meio, como um... como um...

– A sua voz desvaneceu-se.

– Como um *judeu*, senhora Hubert? Era isso que queria dizer?

– Claro que não.

A minha voz baixou de tom até se transformar num murmúrio forte, porque a Kiki estava na cozinha com a empregada a jantar e eu não queria que ele ouvisse o que eu ia dizer.

– Sim, era. É o que todos pensam. Como pôde a Budgie Byrne trazê-lo para aqui? Como pôde a Lily Dane deixar a sua pequena irmã brincar com aquele judeu nojento?

Lá fora, a Budgie fez soar a buzina e disse qualquer coisa, algo que não entendi.

– Bem, bem – disse a senhora Hubert –, a Lily sensata e moderna decidiu trazer-nos todos ao século xx, quer gostemos quer não. Batons e judeus para todos. Que encanto. E a experiência funcionou tão bem contigo anteriormente.

– *Li-ly!* – A voz da Kiki fez-se ouvir, vinda das traseiras da casa. – A senhora Greenwald está a buzinar.

– Como se atreve – sussurrei. Fiquei surpreendida por descobrir que fui capaz de dizer alguma coisa. Fiquei gelada, com os ouvidos a retinirem ao longe. O perfume da água de rosas da senhora Hubert começou a provocar-me náuseas.

A senhora Hubert estendeu as mãos.

– Desculpa-me, Lily. Eu estava absolutamente enganada.

– Estava absolutamente enganada.

– Eu sou uma velha mulher mal-educada. Todos sabem que não tiveste culpa.

– Senhora Hubert, acho que... – A minha voz tremia; aclarei a garganta. – Acho que agora vou sair, se não se importa.

Dirigi-me para a porta. A minha mão húmida escorregou na maçaneta por duas vezes. Tive de a rodar com ambas as mãos para conseguir abri-la.

– Lily Dane – chamou a senhora Hubert –, tens tendência para apostar no cavalo errado.

Parei sob o umbral da porta aberta e olhei para o carro da Budgie e também para ela, que me acenava lá de dentro com um grande sorriso vermelho nos lábios. Disse, sem me voltar:

– Senhora Hubert, talvez não seja o cavalo errado, mas sim a corrida errada.

As primeiras grandes gotas de chuva explodiram no para-brisas assim que a Budgie arrancou para a estrada e quando tornou a estacionar, já chovia torrencialmente, como se um balde gigante tivesse transbordado nos céus. Procurei olhar através da chuvada para as baixas casas de madeira com os seus sinais pintados à mão e os velhos e decrepitos automóveis estacionados ao lado do nosso.

– Pensei que íamos a Newport – comentei.

A Budgie abriu totalmente a janela do seu lado e deitou fora o cigarro.

– Bem, se eu te dissesse que vínhamos a um bar de estrada, terias dito que não vinhas. Vamos, querida, a não ser que estejas a planear passar a noite no carro.

Puxou o casaco sobre a cabeça para tapar o cabelo, abriu a porta do condutor e correu para a entrada do bar sem olhar para trás.

Continuei sentada no meu banco mais alguns momentos, a acabar o cigarro. A chuva caía em cortinas pelas janelas e o ar quente no interior do carro começava a ficar pesado, húmido e fumarento.

– Para o diabo! – exclamei em voz alta, puxei o casaco sobre a cabeça e abri a porta do meu lado.

No curto percurso até à entrada do bar, fiquei com o cabelo e as roupas completamente encharcados. O mesmo se passara com a Budgie, mas mesmo assim ela estava impressionante com os seus caracóis molhados a brilharem sob as luzes difusas e a pele pálida e húmida a emoldurar-lhe o vermelho-vivo do batom.

– Abana a cabeça, assim – disse-me, e eu imitei o gesto dela, espalhando gotas de água. Ela anuiu. – Assim está melhor.

O lugar não era grande. A maior parte da sala era ocupada pelo longo balcão do bar, de um dos lados, onde um empregado com um colete preto abotoado sobre uma camisa branca atendia os pedidos, enquanto algumas mesas de madeira redondas e gastas davam o toque dissonante. O chão era escuro, manchado de nódoas e cheira a levedura, como que a cerveja sem gás misturada com suor e fumo de tabaco. Ao canto, uma pequena banda tocava um *jazz* decadente e, gradualmente, fui-me apercebendo de todos os olhos fixados em nós: olhos masculinos, sobretudo, alguns duros e calculistas e outros divertidos. Homens em fatos-macaco, outros com fatos de trabalho com faixas refletoras, e até alguns homens com discretas roupas de verão bem confeccionadas como as que eu toda a vida conhecera.

Também havia mulheres. Uma prostituta ou duas com os homens; um grupo divertido de três ao balcão usando vestidos baratos com motivos florais; uma senhora de cabelo grisalho embrulhada num casaco de caxemira rosa-púrpura, debruçada sobre o seu jogo de cartas como se porventura se tratasse de uma braseira durante um nevão.

Mas nenhuma das mulheres era como a Budgie, cujas roupas sedosas e elegantes lhe cobriam os membros também sedosos e elegantes, e cujos enormes olhos azuis prateados dominavam tudo à sua volta com aquele irresistível mistério de inocência sabida, de feroz fragilidade. Os homens olhavam para ela e desejavam imediatamente roubar-lhe aquele mistério, ou então salvá-la dela mesma, tal como eu fizera. Tal como, talvez, o Nick Greenwald fizera; tal como o Graham Pendleton não fizera.

A sala estava quente e húmida. Tirei o casaco, tal como a Budgie já tinha feito, e pendurei-o nas costas da cadeira.

A empregada de mesa chegou, uma rapariga dos seus vinte anos, qual ovelhinha massacrada, com maquilhagem brilhante e cabelo ainda com mais brilho, de olhos vidrados.

– Bebidas?

– Dois *Martinis*, muito secos, com azeitonas. Não, traga logo quatro. – A Budgie piscou os olhos. – Poupa-lhe trabalho, não é?

A empregada lançou-nos um olhar que dava a entender que os *Martinis* só tinham um sentido, *filhas, ou os bebem ou os deixam*, e regressou ao balcão.

A Budgie puxou pelos cigarros da carteira e acendeu-me um sem perguntar se eu queria.

– Ora aí está, não é melhor assim? – Soltou uma longa e aliviada baforada.

– Já me sinto melhor. Escuta-me aquela música. O saxofonista é péssimo mas o trompetista é divino, não é? Um génio.

Olhei para a banda e o trompetista *era* divino, um mulato com maxilares pronunciados e olhos melosos e amendoados. Quanto ao seu talento, não sabia dizer. Eu não ouvia *jazz*, só em raríssimas ocasiões ouvira alguns trechos, no rádio ou no gira-discos de outras pessoas. Gostava do som do trompete, temperamental e sinuoso. Os olhos melosos amendoados do músico conquistaram a admiração da Budgie e, naquele momento, ele já estava a tocar para ela. Quando terminou de tocar, colocou o trompete no estojo e vagueou à nossa volta.

Nessa altura, o local começava a ficar cheio, repleto de corpos, fumo e riso. A Budgie perguntou ao trompetista se queria uma bebida e ele respondeu que sim e sentou-se numa cadeira com as costas redondas voltadas para frente, para apoiar os cotovelos.

– Aqui a Lily não percebe muito de *jazz* – disse a Budgie.

O trompetista sorriu.

– Eu posso ensinar. Gostou do que ouviu?

– Muito. – Bebi um gole do meu *Martini*, que estava tão quente como um banho de imersão e não muito seco.

– O *jazz*, menina Lily, é o filho bastardo da música, nasceu das velhas canções de trabalho dos negros e teve um conjunto completo de papás que não reclamaram a sua paternidade. – A empregada de mesa apareceu com um copo de *whisky*, que colocou à frente dele, quase sem parar. – Obrigado – atirou ele, sobre o ombro. – E o que leva duas jovens senhoras tão finas a atravessar o rio esta noite?

– Apenas o desejo de ouvir música – respondeu a Budgie. – Um pouco de *jazz* para me lembrar que estou viva.

O trompetista riu-se.

– Realmente faz isso. Este cavalheiro está convosco?

Sobressaltei-me na cadeira, com o coração a bater.

Mas a figura que assomou sobre nós não era a de um Nicholson Greenwald desaprovador, que vinha libertar a sua mulher das mandíbulas do *jazz* e da iniquidade. Era o Graham que, sorrindo abertamente, colocou uma

mão sobre o ombro de cada uma de nós.

– Consegui – disse, beijando-me primeiro no rosto e depois à Budgie, e sentando-se na cadeira ao meu lado. – És terrível a dar indicações, Budgie Greenwald.

A Budgie encontrou o meu olhar acusador com um piscar de olhos e um encolher de ombros indefeso.

– Nunca consigo dizer bem os números. Mas encontrei-nos, não foi, coisinha esperta?

– Não estava disposto a desistir. – Fez sinal na direção do trompetista. – Um amigo vosso?

– Apresento-te o... – a Budgie riu-se. – Nem sequer sei o seu nome, pois não?

O trompetista sorriu abertamente e estendeu a mão dizendo:

– Basil White, trompetista de jazz.

A Budgie apertou-lhe a mão.

– Budgie Greenwald, dona de casa aborrecida. E a minha amiga Lily, que também está aborrecida, mas que nem sequer é dona de casa, e o Graham Pendleton, que nunca está aborrecido!

– Limito-me a aborrecer os outros – disse o Graham, apertando a mão a Basil White.

O rosto do músico iluminou-se.

– Mas... não é o lançador suplente dos Yankees?

Graham ergueu as mãos.

– Culpado.

– Não me diga! É uma honra conhecê-lo! Aquele salvamento contra os Tigers, caramba, foi o melhor jogo que vi no ano inteiro. Como está esse ombro?

O Graham esfregou-o.

– Vai andando, vai andando. A operação correu bem. Devo estar a lançar umas bolas dentro de uma semana ou duas.

– Deixe-me oferecer-lhe uma bebida. – Basil White voltou-se para o balcão e fez um gesto com a mão.

– O que estás aqui a fazer? – sussurrei ao Graham.

– Oh, apenas a certificar-me de que vocês as duas não se metem em grandes sarilhos. – Pousou o braço sobre as costas da minha cadeira e remexeu nas pontas do meu cabelo. – Estás toda molhada.

– Fui apanhada pela chuva.

– Que pena. – Não me soou desapontado. Reparei na direção do seu olhar e vi que estava apenas a fitar a parte de cima do meu vestido.

Dei uma passa e segui o fumo com os olhos enquanto bebia o resto do *Martini*.

– É esse o espírito – disse Graham. A empregada regressa com um copo de *whisky*, sem gelo, e o Graham dá um toque com o seu copo no meu segundo *Martini*. – Um brinde. À chuva e ao jazz.

Fumámos e bebemos, conversámos sobre *jazz*, baseball e o tempo horrível, e quando o Basil White regressou ao seu trompete, o Graham já ia no terceiro *whisky* e a minha cabeça zumbia com o *gin* morno e o tabaco.

– Danças? – perguntou o Graham, esmagando o seu cigarro.

Olhei para a Budgie.

Ela remexia os dedos para nós. Não usava o seu anel de noivado, apenas a tradicional aliança de ouro de casada.

– Avancem, garotos. Eu vou ficar aqui, a admirar o cenário.

O Graham levantou-se e levou-me pela mão para o meio da massa de gente que se movimentava junto ao balcão do bar, alguns deles agarrados numa espécie de movimento ritmado, semelhante a uma dança. Os corpos estavam densamente compactados e emanavam suor e calor. Tinha a palma da mão direita colada à do Graham e a minha mão esquerda enrolada ao seu pescoço. A outra mão dele fazia pressão contra as minhas costas.

– Não conheço esta dança – gritei ao ouvido do Graham.

– Nem eu – respondeu ele, e gingámos e movimentámo-nos o melhor que podíamos, guiados pelos encontrões com outros corpos, com as nossas ancas a aproximarem-se cada vez mais até eu conseguir sentir todos os músculos do Graham pressionados contra o meu corpo. Ambos transpirávamos a fio. Pensei no Nick e na Budgie, colados um ao outro na varanda durante o baile do 4 de Julho, movendo-se simultaneamente, com a boca dele manchada pelo batom dela. Pensei em como o Nick a teria levado para casa naquela noite, ajudado a despir, levado para a cama com ele. Quem poderia ter resistido à Budgie, com aquele vestido de seda vermelho-vivo resplandecente sobre o corpo? O Nick certamente que a teria levado para a cama, e ter-se-ia sentido confortavelmente em casa entre as sedosas pernas da sua mulher. Como tinha dito o Graham? Envolver-se com ela num relacionamento sexual. Ter sexo com ela para simples e mútua satisfação ao longo de uma noite húmida de julho.

O Graham puxou-me.

– Vamos lá fora apanhar um pouco de ar, vamos?

Concordei com um aceno de cabeça. O Graham foi buscar mais duas bebidas ao bar e conduziu-me pela porta da frente até à parte lateral do edifício, longe dos carros e da entrada. A chuva tinha parado, mas algumas gotas ainda pingavam das caleiras do telhado. O ar estava pesado e quente, não refrescava absolutamente nada, mas pelo menos propagava o aroma das folhas das árvores molhadas e do fumo dos escapes em vez de cigarros e suor.

Encostado à parede havia um banco corrido de madeira, ambos pintados com a velha tinta azul a estalar. O Graham pousou as bebidas, sentou-se no banco e puxou-me para o seu colo.

– Lily Dane – abanou a cabeça e bebeu metade do *whisky* –, o que faz uma rapariga como tu num sítio destes?

– Não sei. Beijo-te, acho eu – respondi e puxei-lhe a cabeça para baixo.

A boca dele tinha um forte sabor a *whisky*, que se juntava à espiral de embriaguez no meu cérebro, e o seu braço direito abraçou-me as costas enquanto com a mão esquerda mexia a bebida. Beijámo-nos durante algum tempo, várias vezes e de cada vez mais profundamente até que ele me afastou e me estudou com os seus olhos de avelã.

– Bem, bem – disse.

– Bem, bem – repeti. Levantei-me e escanchei-me nele.

O Graham pousou o *whisky* e desapertou-me o vestido nas costas, até à cintura. Levantei os braços e, pelos ombros, ele puxou-me o corpete para baixo deixando-o cair sobre um crepe da China completamente encharcado em volta da minha cintura. Eu trazia um sutiã simples cor de marfim, sem qualquer tipo de renda.

– Agora está melhor – comentou. – Muito prático, muito Lily. Enfiou um dedo prospetivamente sob a bainha. Como não o contrariei, as suas mãos experientes correram-me pelas costas para soltar os fechos do sutiã.

– Bem, bem – disse de novo. Apoiou-se contra a parede de madeira, inclinando um pouco o banco, e deixou cair o sutiã a seu lado. O sol começava a esconder-se no seu ocaso, atrás das nuvens espessas que reboavam no céu, e o rosto do Graham suavizou-se sob o efeito da embriaguez. O seu olhar de pálpebras pesadas percorreu-me o peito, sem perder um pormenor.

– Não contaria com isto a não ser daqui a muitas semanas.

– Mas contavas com isto.

– Um homem pode ter esperança. – Pegou no *whisky* e deixou cair umas gotas sobre a curva do meu seio direito, depois inclinou a cabeça e lambeu-as. – Isto é bom. *Scotch* e Lily. Muito bom. – Fez o mesmo com o outro seio, desta vez deixando o *whisky* escorrer até ao bico do peito antes de o apanhar com a sua língua quente. Voltou a pousar o copo.

Nessa altura, os meus olhos estavam fechados. Eu como que flutuava, à deriva, numa nuvem quente e húmida. Algures na minha mente nublada, o Nick e a Budgie copulavam, uma e outra vez, com os seus corpos difusos, unidos e a boca dele manchada com o batom da Budgie. O Graham roçou o polegar sobre os meus mamilos e depois as suas mãos, fortes e grandes, cobriram-me ambos os seios apertando-os delicadamente. Arqueei as costas.

– Então, Lily – beijou-me o pescoço molhado –, e agora?

– Receio estar um pouco embriagada – disse eu.

– Também eu. Embriagado e não muito cavalheiresco.

Abri os olhos. Beijámo-nos de novo, desta vez ainda mais longamente. Lancei os braços em volta do seu pescoço. Ele agarrou o copo de *whisky* e acabou-o, quase sem interromper o beijo, e brincou com os meus seios. Senti as suas mãos duras sobre a minha pele, duras e suavemente polidas pelas bolas de basebol, pelos bastões e pelas luvas de receção.

– Acho que agora é melhor pararmos – afirmou.

– Tens razão.

– Não trouxe preservativos.

– Então temos mesmo de parar.

O Graham suspirou e avançou para a segunda bebida.

– De acordo – concordou. Apanhou o sutiã do banco e voltou a colocarmo, enganchando os fechos como se já tivesse nascido a fazer aquilo, e subiu-me o vestido enfiando os meus braços pelas cavas. Fez-me depois girar e fechou todos os botões nas minhas costas. O coração batia-me contra o peito; as minhas mãos tremiam. Um fio fresco de sobriedade começava a varrer-me a cabeça, fazendo-me enrubescer, envergonhada.

– Então – perguntou o Graham pegando-me no queixo –, o que se passa?

– Nada.

– Sem arrependimentos, certo?

Não respondi.

O Graham beijou-me a ponta do nariz, pegou-me na mão e beijou-a também.

– Diz-me uma coisa, Lily. Quando foi a última vez que beijaste um homem?

– Há mais ou menos seis anos e meio.

O Graham praguejou.

– A sério?

– A sério.

Pousou as mãos nos meus joelhos e fez deslizar os dedos sob a bainha do meu vestido, até à orla das meias de seda.

– Então eu diria que já não era sem tempo, não achas?

Eu não disse nada. Pensei nos beijos do Graham com sabor a *whisky*, nas suas mãos quentes sobre a minha pele, e em como eram simultaneamente diferentes e semelhantes dos que eu antes conhecera. Por dentro, eu ardia numa confusão de desejo, vergonha e impaciência. O rosto do Nick relampejou à minha frente, circunspecto e recriminador, um pouco acusatório. Queria fugir, enfiar-me num buraco, mas as mãos do Graham mantinham-me no lugar, escanchada no seu colo.

– Pela maneira como eu vejo as coisas – disse o Graham –, temos aqui duas escolhas. Uma, continuamos esta conversa interessante, por exemplo, no teu quarto, ou em qualquer outro lugar adequado. Aí, convenientemente equipados, com privacidade e conforto, consumamos as coisas naturalmente. Talvez até possamos repetir, para dar sorte. Talvez até possamos transformar isto num hábito.

– Diversão permanente – digo –, e qual é a segunda opção?

O Graham bebeu mais um trago.

– A segunda escolha é começarmos de novo. Sem bares, sem *jazz*, sem bebidas, sem beijos abaixo do pescoço. Apenas um indivíduo a cortejar a sua garota.

Uma gota de chuva caiu-me na cabeça, depois outra. Algures lá do alto chegava um vago ribombar de aviso.

– Vai tornar a chover – afirmei.

– O quê? – perguntou o Graham. – Nenhuma das duas?

– Não sei. O que queres dizer com *cortejar*?

– Eis uma boa pergunta. O que quero dizer com *cortejar*? – Mais um trago. – Lily, vou contar-te uma pequena história. Quando telefonei à Budgie, antes de me dirigir para Seaview, ela disse-me que tu estarias aqui. Pediu-me para te visitar, para te proporcionar uns bons momentos.

– O que lhe disseste?

– Disse: com certeza, porque não? A Lily é uma rapariga bonita, simpática. Portanto, foi por isso que eu apareci na praia a semana passada. Para te sondar, para ver qual era a tua disposição, para me certificar de que estavas bem. Mas o curioso, Lily Dane... – voltou a calar-se e bebeu novo trago – ...o curioso é que, quando te vi sentada na areia, com o sol a banhar-te o cabelo e a tua pequenita a abraçar-te daquela maneira... bem, pensei...

– Pensaste o quê?

– Pensei... – Os olhos de Graham perderam o bom humor. Ele parecia confuso, grave, um pouco perdido. Tamborilou os dedos sobre as minhas pernas e abanou a cabeça. – Não sei. Não sei o que pensei. Não ligues ao que eu digo, bebi de mais. Vamos esquecer que tudo isto aconteceu, *hum*? Começar de novo, tu e eu. – Tirou as mãos debaixo do meu vestido, deu-me uma pequena palmada na nádega e depois pegou no *whisky* e acabou de bebê-lo.

– Está bem. – Levantei-me do colo dele e ajeitei o vestido. A chuva voltara. Já conseguia ouvir a primeira onda de chuva a cair sobre as folhas próximas. – Vamos ficar encharcados – previ.

– Não, vamos ser mais rápidos. – O Graham levantou-se, agarrou-me a mão e dobrámos a esquina a correr em direção à entrada, para chegarmos à justa à entrada, antes de sermos alcançados pela enorme carga de água.

O ar abafado de *jazz* e fumo envolvia-nos. Um homem musculado, vestindo um fato castanho, barato e folgado, abria caminho com os cotovelos. Olhou-me de relance e depois fitou o Graham.

– Ora, se não é o lançador suplente dos Yankees? É, não é? Pendleton, certo?

– Certo – respondeu o Graham. Largou-me a mão e estendeu-lha. – Graham Pendleton.

– Companheiro, eu sou adepto dos Red Sox – disse o homem, que puxou o punho atrás desferindo um potente soco no maxilar do Graham.

Toquei com a moeda na caixa de metal do telefone público e olhei para os dois, a Budgie e o Graham, sentados no banco do escritório do gerente. O Graham esmagava um bife da vazia contra o seu maxilar e tinha os olhos meio fechados. A Budgie estava aconchegada ao braço dele, lamuriando-se, com a cara rosada e embriagada. Não podia ligar para os Palmer, isso era certo.

Talvez para a tia Julie?

Mas depois a mãe ia ouvir a tia Julie sair, pôr o carro a trabalhar. Viria fazer perguntas.

Enfie a moeda na ranhura e telefonei para casa dos Greenwald. Era quinta-feira; o Nick ainda estava em Nova Iorque. A senhora Ridge sabia guiar. A senhora Ridge podia meter-se no outro carro, a carrinha, e vir ter connosco. Havia espaço para todos na carrinha, uma grande *Oldsmobile*.

O telefone tocou duas vezes e uma voz masculina anunciou:

– Greenwald.

– Nick! – exclamei.

– *Lily?*

– Oh, Deus. Pensei que estivesse em Nova Iorque.

– Vim mais cedo. O que se passa? Onde estás? – A voz do Nick deixava transparecer ansiedade.

Respirei fundo e agarrei o auscultador com ambas as mãos. Ouviu-se um clique na linha, depois outro. Em Seaview Neck, pelos vistos, os telefones estavam todos em linha.

«Pensa, Lily. Escolhe as palavras.»

– Está tudo bem. Eu estou com a Budgie. Íamos jantar a Newport, lembras-te?

Fez-se silêncio, e depois:

– Sim, claro.

– Tivemos um pequeno problema com o carro. Mesmo à saída de South Kingstown.

A Budgie soltou um sonoro soluço.

– Oh, Deus. Não estão na estrada, pois não? – perguntou o Nick.

– Não, não. Encontrámos um... acho que é uma espécie de bar de estrada...

O Nick praguejou em voz baixa.

– Vou já para aí. Onde fica?

Dei-lhe o endereço.

– Mas é um pouco difícil de encontrar. Da estrada não se vê.

– Eu dou convosco, não te preocupes. Não saiam daí. Vocês estão bem, Lily?

– Sim, estamos bem.

– Dá-me meia hora.

Ele desligou e eu pousei o auscultador e voltei-me para a Budgie e o Graham.

– O Nick diz que está aqui dentro de meia hora.

A Budgie gemeu baixinho e encostou a cara ao ombro largo do Graham, que também gemeu e depois virou a cara para o outro lado e vomitou no chão.

O Nick chegou trinta e cinco minutos depois, com o cabelo castanho molhado e escuro e os olhos contraídos pela preocupação. Avistou o Graham

e a Budgie no banco sem um murmúrio. Os dois ajudámo-los a entrar no *Oldsmobile* e sentámo-los no banco de trás, a gemerem, agitados. O vestido da Budgie estava desarranjado, com os botões de cima abertos. O Nick compôs-lhe o decote descaído e apertou-lhe os botões. Arrancou o bife da mão do Graham e lançou-o para o meio das árvores.

Viajámos em silêncio ao longo da autoestrada molhada, de volta a Seaview. O Nick ligou o rádio; alguém lia as notícias com uma voz forte. O *Oldsmobile* tinha um tejadilho alto, mas a cabeça do Nick estava ligeiramente inclinada, por força do hábito. As suas longas pernas curvadas em torno do volante, com os pés sobre os pedais. Ele cheirava a lã húmida e a tabaco, ou talvez o cheiro a tabaco fosse meu.

A meio caminho da costa, o Nick perguntou-me:

– Podes contar-me o que aconteceu?

Baixei os olhos para as mãos, cruzadas sobre o colo.

– Íamos jantar a Newport. Foi o que a Budgie disse. Acabámos por parar naquele sítio pelo caminho.

– Ideia dela ou tua?

Respondi com a voz áspera do fumo e do *gin*:

– Bem, dela.

– Acho que nem era preciso eu perguntar. E o Graham veio convosco? – Fez um gesto para o banco de trás.

– O Graham chegou mais tarde. Levou um soco de um adepto dos Red Sox.

Inesperadamente, o Nick riu-se:

– Não me digas. Deu-lhe um soco, sem mais nem menos?

Fiz girar o meu punho.

– Bateu-lhe, simplesmente, e ele caiu como uma pedra.

– Já tinha bebido uns copos por essa altura, suponho.

– Alguns.

– E a Budgie? Também tinha bebido?

Olho para trás para a Budgie, que ressonava confortavelmente apoiada no ombro do Graham, com o seu cabelo preto despenteado sobre o rosto. Um clarão de faróis iluminava-a. Tinha o batom esborratado para além dos lábios, cujo vermelho-vivo há muito se transformou em rosa desmaiado. Eu acabara por encontrá-la, depois de muito a procurar, na casa de banho, corada, a sorrir e despenteada. «Acho que estou um pouco embriagada, Lily», dissera-me ao cair nos meus braços com um sorriso lânguido, «imagina só».

– Ela bebeu uns copos. Ambas bebemos. *Martinis* e cigarros, foi uma vergonha.

– Parece que minha mulher te está a desviar para os caminhos da devassidão – fez uma ligeira inflexão ao pronunciar a palavra *mulher*.

– Há séculos que não me divertia tanto – disse-lhe.

– Não?

– Nos últimos seis anos e meio não. Nem uma única vez.

A luz dos faróis revelou um sinal à frente, na saída para Seaview. O Nick travou suavemente, preocupado com os corpos amparados no banco atrás de nós.

– Para ti foi diferente, claro – prossegui –, ou, pelo menos, assim ouvi dizer. Paris, mulheres, dinheiro, não é verdade? Por falar em devassidão, quero dizer.

Ele não pronunciou uma palavra. Não havia outros carros perto do cruzamento e o Nick aliviou o pedal da embraiagem, engatando outra velocidade com uma das mãos e segurando o volante com a outra. Não havia candeeiros públicos em Seaview Neck e a lua e as estrelas estavam escondidas pelas nuvens. Não conseguia ver muito mais do que os contornos do rosto do Nick, as sombras dos seus braços e pernas enquanto guiava o carro através da escuridão.

Encostámos antes da casa dele.

– O Pendleton pode dormir aqui – sugeriu o Nick. – Não quero acordar os Palmer.

– Está bem.

O Nick saiu do carro e afastou a Budgie do Graham. Ela emitiu um som de protesto, e depois deixou-se cair sobre o marido.

– Ajuda-a – disse o Nick –, que eu ajudo o Pendleton. Aqui vamos nós, irmão. Vamos a eles.

Lancei o braço da Budgie sobre o meu ombro.

– Oh, Lily, querida. Aqui estás tu – disse ela, mesmo junto ao meu rosto e o hálito a *gin* quase me fez cair de joelhos. Quantos mais *Martinis* mornos teria ela bebido enquanto eu estive lá fora com o Graham?

Cambaleámos pelas escadas. O Nick tomara a precaução de desligar a luz do alpendre antes de sair. Encontrei o fecho da porta, dei-lhe a volta para a abrir, e arrastei a Budgie para dentro. O Nick e o Graham vinham logo atrás de nós, tropeçando e gemendo sob o alpendre.

– É lá em cima – explicou o Nick –, segunda porta à esquerda.

– Vamos, Budgie – incitei –, não consigo carregar contigo.

– Que pena! – Deixou-se cair no primeiro degrau, apoiou a cabeça entre os joelhos e vomitou.

– Jesus – murmurou Nick. – Aguenta-a um pouco. Vou levar o Pendleton lá acima e já volto para a levar depois.

Arrastou o Graham escada acima. Eu fui à cozinha procurar um pano. Molhei-o com água da torneira, voltei para junto da Budgie e limpei-a o melhor que podia; depois, lavei o vomitado das tábuas do soalho. Os últimos vestígios do meu próprio par de *Martinis* por esta altura já haviam desaparecido e tinha a mente fresca, clara e cansada.

O Nick regressou, descendo as escadas.

– Não precisavas de fazer isso. – Pegou no pano e foi à cozinha. Ouvi o tilintar de um balde e o fluxo de uma torneira.

Sentei-me ao lado da Budgie e peguei-lhe nas mãos.

– Acorda, querida – disse-lhe.

Ela olhou-me com as sobrancelhas semicerradas.

– Sou um desastre, não sou? Pobre Nick. Ele devia ter... ele devia... – A cabeça voltou a cair-lhe.

– Desmaiou, foi? – perguntou o Nick, que cheirava fortemente a sabão.

Mantive-me de lado enquanto ele lhe pegava e a carregava pelas escadas acima. Hesitei, por um instante, ao ver o corpo do Nick a subir para os quartos no andar de cima, ao ver as pernas e a cabeça da Budgie pendurados sobre ele, e depois segui-o. Ele podia precisar de ajuda, disse com os meus botões, se ela voltasse a vomitar.

O quarto deles ficava nas traseiras. Segui o Nick até ao quarto. Havia duas camas iguais, cuidadosamente arrumadas, com colchas imaculadamente brancas. Procurei não as fixar. O Nick deitou o corpo inerte da Budgie sobre uma, a mais próxima da janela.

– As roupas dela ainda estão molhadas – disse ele –, por favor dás-me um pijama? Gaveta de cima, à esquerda.

Encaminhei-me para a cómoda em cima da qual se encontrava um espelho, rodeado por cosméticos sem tampas, lenços de papel amarratados, algodão, frascos de perfume e joalharia valiosa. Vi o reflexo do meu rosto, escassamente iluminado pela luz do corredor, os olhos bem abertos mas cansados, o batom desmaiado, o cabelo em desalinho com caracóis indomáveis. Abri a gaveta superior e encontrei um pequeno monte de pijamas, perfeitamente dobrados.

O Nick tentava tirar o vestido à Budgie, puxando-lho pela cabeça. Ela não usava sutiã, apenas um corpete e meias. Os seus pequenos seios, como alperces frescos, estavam quase espalmados e os mamilos macios e castanhos. O Nick soltou as meias e desapertou o corpete, enfiou-lhe a parte de cima do pijama pela cabeça e puxou-lhe os braços pelas mangas. Estendi-lhe as calças e ele vestiu-lhas, também, levantando-lhe as pernas, uma de cada vez, e deu um laço no cordão da cintura. Curiosamente, eram pijamas extremamente conservadores, quanto a mim nada conforme a roupa de dormir da Budgie que eu imaginara. Bom, na verdade eu não imaginara absolutamente nada; sempre imaginei que ela dormisse nua, com as pernas entrelaçadas nas do Nick, rodeada de marfim e ouro.

O Nick puxou a roupa da cama e aconchegou o corpo da Budgie. Ela gemeu e enterrou a cabeça na almofada, com o cabelo negro espalhado sobre o branco imaculado.

– Ela vai ficar bem? – perguntei.

– Vai. Claro que de manhã vai sentir-se no inferno, coitada. – Deu um último aconchego à roupa e voltou-se para mim. – Bem hajas.

– Muito bem, então vou-me embora. – Virei-me para a porta.

O soalho rangeu atrás de mim.

– Eu acompanho-te a casa.

– Não é preciso. É perto.

– Está escuro como breu lá fora.

– Eu conheço o caminho.

O Nick desceu as escadas atrás de mim, abriu a porta e desceu as escadas até à rua.

– Nick, não é preciso – disse, voltando-me para ele.

Ele respondeu:

– Caminhas simplesmente comigo, por favor? Não precisas de dizer nada.

Descemos a Neck Lane, passando pelas luzes dos alpendres, com o Atlântico a rugir brandamente à nossa esquerda. A chuva aparentemente passara; a sombra de uma nuvem passou rapidamente, fantasmagórica à luz da lua próxima. Inspirei o ar do mar, escuro e salgado, o aroma do verão.

– Tinhas razão quanto a Paris – disse Nick. – Bebi e gastei dinheiro. Cortejei mulheres, dormi com mulheres. Ao princípio, com tantas quanto pude.

– Que bom para ti. Espero que te tenhas divertido com elas.

– Estava a tentar esquecer-te. De cada vez, procurava esquecer-te, e de cada vez ali estavas tu, a olhar para mim, a observar-me enquanto eu pecava, rindo-te na minha cara.

– Que bom para mim.

Ele não respondeu.

Perguntei-lhe:

– E a Budgie? Presumo que te casaste com a Budgie para me esqueceres...

– De facto foi. Para te esquecer, para te castigar, também, creio.

– Castigar-me porquê?

– Por me teres esquecido.

Os nossos pés esmagavam a gravilha enquanto caminhávamos.

– Eu nunca te esqueci – suspirei. – Nem um só dia, nem uma só hora. Como poderia fazê-lo? Tu eras o Nick. Não havia mais ninguém no mundo.

– Eu armei uma trapalhada. Hoje sei disso. Era jovem e estúpido, não pensei com clareza, assumi que tu... – emudeceu. – Foi por isso que regresssei, para te dizer, pelo menos para te dar uma *explicação*, mesmo que seja muito tarde para...

Parei e virei-me para ele. Estávamos no espaço que separava a penúltima casa e a minha, fora do alcance das luzes dos alpendres, com a escuridão entre nós. Conseguia sentir a respiração do Nick no meu rosto.

– E onde queres chegar com isso, exatamente? É tarde demais. Já estás casado. O que é que pode trazer de bom? Sabes o que me custa, ver-vos juntos? Sabes? É tudo parte do meu castigo? Estás a procurar cravar a faca mais fundo, torcê-la ainda mais?

– Não digas isso. Ouve, Lily, há algo mais, algo que deves saber...

– Esta noite beijei o Graham – disse-lhe. – Fomos para trás do edifício do bar, beijei-o e deixei-o despir-me até à cintura, ali mesmo ao ar livre. Deixei-o tocar-me. Sentei-me no colo dele.

O Nick respirou silenciosamente.

– Mais alguma coisa?

– Não. Ele quis que parássemos. Disse-me que preferia cortejar-me.

Uma pausa.

– Aceitaste?

– Porque não haveria de o fazer? Talvez também queira casar-me. Talvez também queira ser beijada, abraçada e amada, e ter uma família minha, com um marido ao meu lado. Talvez eu queira alguém que me tire a roupa, me vista o pijama e me aconchegue na cama, quando eu beber demasiado.

O Nick voltou-se e continuou a avançar pela rua. Pela sua silhueta na escuridão, consegui ver que tinha as mãos enfiadas nos bolsos e a cabeça estava inclinada para baixo sobre o passeio.

Recuperei o atraso e tornei a posicionar-me ao seu lado.

– É claro que eu merecia isso – disse.

– Isso e mais.

Deteve-se à entrada da passagem que conduzia ao alpendre.

– Queres casar-te com o Graham?

– Não sei. Acho que vou descobrir.

Ali estava o Nick, a olhar-me. A luz do nosso alpendre estava acesa e iluminava-lhe o rosto que parecia distante e duro. Murmurou algo entre dentes.

– O que disseste? – perguntei-lhe.

– Disse que se ele te magoar, o mato.

Uma onda, inesperadamente grande, explodiu sobre o afloramento rochoso no extremo da minha enseada. Sobre o ombro do Nick, consegui ver a forma do baluarte, mesmo no extremo, atarracada e com as pontas prateadas ao luar.

– Isso é bonito – disse eu – vindo de ti.

– Lily... – respondeu suavemente.

Interrompi-o:

– Bem, então boa noite.

– Espera! – pediu, segurando-me o braço.

Soltei-me e cruzei as mãos atrás das costas.

– O que é?

– Obrigado por me teres deixado conhecer a Kiki. É uma menina maravilhosa, um tesouro.

O meu coração bateu na escuridão. Julgo que, a um passo ou dois de distância, o coração do Nick também batia, o seu peito movia-se, os seus braços, pernas e cabeça palpitantes de vida cruzavam o ar, com a sua inimitável substância. Após seis anos e meio, o Nick Greenwald estava de pé à minha frente naquela quente noite atlântica.

Pensei na boca de *whisky* do Graham sobre a minha, nas mãos de *whisky* do Graham sobre a minha pele nua. O Graham, com os seus olhos vidrados e um pouco perdidos na parede pintada de azul do bar.

– És muito bom para ela. A Budgie tem razão; um dia vais ser um pai maravilhoso.

Dei meia-volta e subi a passagem para a casa até encontrar com a mão o fecho da porta. No último momento, olhei para trás. O Nick ainda ali estava, com as nuvens a deslocarem-se atrás dele, banhando-se no oceano à luz do luar.

– Lamento a forma como estão a tratar-te – afirmei. – É horrível. Já o disse à senhora Hubert.

– Não esperava outra coisa. Boa noite, Lily.

– Boa noite.

O Nick não se mexeu. Entrei em casa e subi as escadas, sem acender a luz da entrada. O quarto da Kiki ficava na parte de trás da casa, junto ao meu, e a porta estava completamente aberta. Entrei silenciosamente, abri um pouco mais a janela para dissipar o ar abafado, aconcheguei-lhe o corpo e verifiquei a sua respiração sobre a almofada. O seu cabelo escuro tinha um toque macio sob as minhas mãos e a sua face era sedosa. Beijei-lhe a testa e fui para o meu quarto; tirei a roupa e vesti a camisa de dormir. A Marelda tinha posto o jarro com água fresca ao lado da cama. Bebi um copo de água, fui à casa de banho e escovei os meus dentes sujos de *gin* e de cigarros.

Antes de ir para a cama, olhei pela janela para a rua. O Nick fora-se, mas pareceu-me ver a silhueta dele a caminhar pela rua, com as mãos nos bolsos e cabisbaixo.

CAPÍTULO 11
725 Park Avenue
Véspera de Ano Novo, 1931

Os ponteiros do relógio aproximavam-se das dez horas em impulsos de uma lentidão agonizante. Por cima do meu livro aberto espreitei o meu pai, que se encontrava sentado junto ao rádio, ocultado pelos encostos de cabeça laterais da cadeira de braços e pelas folhas verticais do seu jornal.

O rádio soava baixinho, suavizando o tom das falências bancárias, aumentos de preços e morticínios da máfia. O jornal do meu pai tremia enquanto ele voltava a página.

Espreitei de novo o relógio. Nove e trinta e nove.

Pousei o meu livro no colo, passei o polegar pela coluna e bocejei gigantescamente.

– Vai ficar a pé até à meia-noite, papá?

Ele respondeu num bocejo.

– O que é, boneca?

– Vai ficar acordado até à meia-noite?

– Meia-noite? Não. Não, acho que não. E tu, boneca?

– Oh, não – nove e quarenta –, não; estou extremamente cansada.

– Não tens planos para esta noite? – Virou outra página do jornal. – Pensei que tu e a Budgie tivessem alguma festa.

– Não, não – ri-me –, o grupo da Budgie é demasiado acelerado para mim. Não consigo acompanhá-los.

O meu pai pousou o jornal. Os óculos de leitura tinham-lhe escorregado quase até à ponta do nariz e estavam precariamente pendurados, quase a cair.

– Que pena. Devias ir, boneca. Devias divertir-te.

– Sabe como eu sou, papá. – Agarrei as bandas do meu roupão e juntei-as sob o livro.

– Lembro-me de quando tinha mais ou menos a tua idade e os Van der Wahl organizaram uma grande festa de fim de ano no apartamento deles. Quinta Avenida com a Rua 64. Uma coisa verdadeiramente notável, como costumávamos dizer – riu-se. – Foi lá que conheci a tua mãe. Tínhamos tudo planeado, sabes? Foi a primeira vez que a beijei, atrás do caramanchão do antigo salão de baile da senhora Van der Wahl.

– Papá! Sua raposa matreira!

Puxou o cabelo para trás da têmpora.

– Oh, naquele tempo a tua mãe era uma coquete. Cheia de estilo. Mas só tínhamos olhos um para o outro, desde que nos conhecemos.

– A mãe, uma coquete?

– Oh, papá – comentei com meiguice.

– Casámo-nos seis meses mais tarde e depois tu nasceste, boneca. – Sorriu. – Agora, olha para ti, uma senhora. Aqui, sentada com o teu velho pai, em vez de saíres. A tua mãe já voltou?

– Ainda não.

O meu pai olhou para o relógio – nove e quarenta e dois – e abanou a cabeça. – Aquele seu comité. Imagina, precisarem dela na véspera de Ano Novo.

– A mãe é assim. Mesmo na véspera de Ano Novo. – As palavras lançaram uma sombra sobre os sonhos reluzentes que me bailavam na cabeça. A minha mãe trabalhara obsessivamente todo o inverno; quase que não consegui vê-la, entre um comité e outro, pela noite dentro. É como se nos tivesse esquecido completamente, como se tivesse trocado a nossa monotonia familiar, insuportável, pelo zelo de tratar de órfãos.

Mas eu já não precisava da minha mãe, pois não? Agora tinha os meus próprios sonhos. O meu motivo de zelo pessoal. Desejava apenas, para bem do pai, que ela pudesse vir um pouco mais cedo para casa. Que este ano ela não se oferecesse como voluntária na véspera de Ano Novo.

Bocejei de novo, espreguicei-me, levantei-me da cadeira e espreguicei-me outra vez com o livro erguido bem acima da cabeça.

– Papá, já não consigo manter os olhos abertos. Acho que me vou deitar. Acorde-me quando a bola da Times Square cair.

O meu pai riu-se.

– Oh, nessa altura já estarei a dormir profundamente, boneca. Na verdade, acho que também vou para a cama. Não adianta estar aqui sentado sozinho na véspera de Ano Novo, pois não? – Levantou-se, desligou o rádio e pousou o jornal na mesa. Durante um momento, permaneceu imóvel a olhar para a natureza-morta composta pelo rádio, jornal e candeeiro de porcelana chinesa azul e branca, tudo aquilo que preenchia as suas noites, uma após a outra. Os seus ombros, cobertos por um roupão de seda azul, estavam descaídos com o mesmo ângulo que o seu pescoço curvado. Por cima da lareira, o relógio continuava a arranhar o tempo, nove e quarenta e três, agora...

Recordava-me muito bem do meu pai antes da guerra – memórias fortes e risonhas. Lembrava-me dele como do sol, sempre dourado e a brilhar, lançando-me ao mar enquanto eu gritava e depois erguendo-me da água, ou então a acariciar-me no sofá do meu quarto de criança enquanto me lia histórias de um grande livro colorido a pastel, *Peter Rabbit* ou algo parecido.

Neste momento, evidentemente, não existia semelhante contacto com o meu pai. Segurava-lhe a mão, beijava-lhe a face; se ele estivesse num dia bom, podia até arriscar pousar-lhe o braço sobre os ombros.

Dirigi-me para ele, arrastando os chinelos no tapete, para que ele soubesse que me aproximava. Pousei a mão no ombro dele e pressionei os meus lábios contra o seu rosto. Tinha os olhos fechados.

– Boa noite, papá. Feliz Ano Novo.

– Feliz Ano Novo, boneca.

Dei-lhe uma palmadinha no ombro e saí da sala atravessando o longo corredor em direção ao meu quarto.

Quando entrei, fechei a porta e tirei o roupão. O meu vestido revelou-se brilhante, um deslumbrante vestido com lantejoulas douradas comprado no Bergdorf uma semana antes, com a ajuda da Budgie. Ajoelhei-me junto à cama, puxei pelos sapatos a condizer – dourados, de saltos alto – e calcei-os com os dedos a tremer.

Virei-me para o espelho que se encontrava sobre o meu toucador. Vi o reflexo reluzente do meu rosto, corado, com os olhos a brilhar. Retoquei nariz, faces e testa com um pouco de pó; peguei no batom. Uma passagem, duas. Sequei os lábios com um lenço de papel e passei-lhes de novo o batom.

Ao lado do espelho estava o pequeno frasco de *Shalimar*, por estrear, que o pai me dera no Natal («Realmente, querido, não é nada prático», dissera-lhe a mãe com a sua carranca). Apertei os dedos em volta dele, tirei a tampa, esfreguei levemente atrás das orelhas e nos pulsos. O perfume vagueava à minha volta, adulto e discreto. Já não podia voltar atrás. Não se pode ir para a cama a cheirar a *Shalimar* sem se passar mais nada.

O meu cabelo estava apanhado com ganchos em caracóis apertados; retirei os ganchos, afofei tudo no seu lugar. Da minha caixa de joias, retirei um colar de pérolas, mas quando o enrolei em volta do pescoço, não gostei de ver: demasiado cerimonioso e juvenil, ao lado das lantejoulas douradas do vestido. Tornei a guardar o colar e dirigi-me ao roupeiro, onde estava o segundo melhor casaco de visom da minha mãe, pendurado atrás de velhos vestidos, com um ligeiro odor a cânfora.

Envolta em visom e *Shalimar*, abri a porta e espreitei para a entrada. No quarto dos meus pais via-se agora luz; o meu pai já estava na cama. Com os dedos frios e culpados desliguei o interruptor do meu quarto, escapuli-me pela porta e avancei em bicos de pés pelo corredor e pela sala de estar e a copa até à entrada de serviço. A Marelda já se deitara, no seu quartinho junto à cozinha.

Abri a porta de serviço e vi a Maisie em pé, vestida com um pijama de riscas cor-de-rosa e com o cabelo louro escuro armado numa única e longa trança a cair-lhe pelas costas. Apertou com toda a força um urso de peluche castanho debaixo do braço.

– Maisie! – exclamei, unindo as bandas do meu casaco com o punho fechado. – O que estás aqui a fazer? Não devias estar já na cama?

– A Marelda costuma dar-me bolinhos. Vais sair? – perguntou, apontando o urso de peluche para o casaco de visom da minha mãe.

– Sim, vou.

– Estás tão bonita. Porque estás a usar a porta de serviço? – interrogou a voz curiosa e sonora da Maisie. Com os olhos voltados para mim, emoldurados por espessas pestanas negras, sob a luz nua e forte da lâmpada do patamar de serviço todas as manchas das suas íris eram visíveis.

– Por nada.

– Vais sair com o teu *namorado*?

Sorri.

– Talvez vá. Mas vai para a cama, Maisie. A Marelda já está a dormir.

– Não há bolinhos? – A Maisie parecia desolada.

Olhei para ela. Tinha o pijama amarrotado, com uma nódoa amarelada sobre a zona do coração, como se aí tivesse entornado leite. As suas mãos remexiam espasmodicamente o pescoço gasto do urso de peluche.

– Espera um pouquinho, está bem, querida?

Voltei a entrar em casa e esgueirei-me até à cozinha, onde o frasco dos bolos estava, como sempre, cheio. Retirei dois biscoitos, bem grandes, embrulhei-os num guardanapo e levei-os à Maisie.

O elevador de serviço era escuro, sem aquecimento, e era ainda mais lento do que o principal. Agradavelmente aconchegada no casaco da mãe com o visom a roçar-me o rosto como se fosse seda, observei os números a decrescerem, um por um, até o elevador atingir o rés do chão com um estrondo e um suspiro hidráulico.

Lá fora, o Nick estava encostado à porta do lugar do passageiro do *Packard Speedster*, envolto num espesso casacão e num cachecol de lã, com os seus sapatos bem polidos cruzados sobre os tornozelos e a sombra das abas do chapéu projetada sobre o rosto. Deu um salto quando me viu.

– Finalmente! – disse, pegando em mim e fazendo-me dar voltas e mais voltas. – Pensei que afinal já não vinhas.

Lancei a cabeça para trás e ri-me, ri-me a sério, pela primeira vez desde há muito. A força férrea dos braços do Nick prendia-me enquanto o mundo rodopiava aos meus olhos. Já não via o Nick há duas semanas, desde que o pai o expulsara do nosso apartamento, e desta vez respondi-lhe colando os meus lábios aos dele e beijando-o loucamente.

– Olha para ti, toda peles e lantejoulas – disse ele, enterrando o rosto junto à cavidade do meu pescoço. – Cheiras deliciosamente. És demasiado deslumbrante para mim, Lily.

– A Budgie é que escolheu o vestido e o casaco de peles é da minha mãe. Não digas a ninguém.

Pegou em mim e sentou-me no banco do passageiro antes de se lançar para o seu próprio banco. A capota estava recolhida, expondo-nos ambos ao ar gelado da noite. O Nick ligou a ignição e inclinou-se para mim na escuridão.

– Estava capaz de te comer. Tenho andado como um louco. Porque não quiseste encontrar-te comigo antes?

– Eu disse-te que não podia. O meu pai praticamente não tem saído do quarto, o pior ataque que já teve, e a mãe... – Abanei a cabeça.

– Deixa lá – disse e beijou-me. – Hoje vou proporcionar-te a melhor das noites, Lily. Vamos fazer de tudo. Meu Deus, estás linda. Já te tinha dito? – Engrenou uma mudança e arrancou da curva com um magnífico rugido do motor.

Nas últimas duas semanas, não pensara em mais nada senão no Nick, não

planeara mais nada senão aquilo que lhe ia dizer esta noite. Naquele momento, com a Park Avenue a passar rapidamente por nós e com o vento frio a precipitar-se sobre a minha cabeça, não tinha palavras. De qualquer maneira, o ronco do motor e o turbilhão do ar tê-las-iam abafado.

O Nick gritou qualquer coisa e pegou-me na mão.

– O que é?

O carro abrandou ao aproximarmo-nos de um semáforo.

– Primeiro vamos à festa, pode ser? Tens uma máscara?

– Tenho. – Dei um toque na minha carteira.

– Ótimo.

A luz do semáforo passou a verde e o Nick soltou a mão para engrenar as mudanças. Virou à direita para a Rua 66 para atravessar o parque. Enterrei-me no casaco de visom da minha mãe e saboreei o vento gelado no rosto; deixara-me aprisionar tempo a mais no sufocante apartamento dos meus pais, tomando ansiosamente cuidado do meu pai, apenas com breves excursões para recados ou para as visitas sociais indispensáveis. Engoli os frígidos cinco graus negativos de ar aos tragos. Como conseguira o Nick baixar a capota com este frio? Inclinei a cabeça para trás contra o banco e voltei-me de lado para observar o Nick enquanto conduzia, contemplando o seu perfil afiado de águia sobre a passagem que deslizava. Todo o meu corpo pulsava com amor. Queria deitar-me com ele, aqui mesmo no carro aberto. Chegámos a outro semáforo e ele virou-se para mim e sorriu.

– Para com isso – disse ele – ou vou começar a beijar-te e ainda chocamos com um candeeiro.

O Nick estacionou a seguir à esquina do prédio dos pais, em Central Park West, na Rua 72.

– Deixa-me ajudar-te a colocar a máscara. – Deu a volta para me apertar.

– Que tal estou?

– Como uma deusa. – Um beijo, e ainda outro, mais prolongado, com as mãos do Nick a segurarem-me atrás do pescoço e a revolverem o meu cabelo.

– Tenho fome de ti. Tenho de parar ou nunca chegaremos lá acima. Toma, ata a minha máscara. – Ele estendeu-ma, uma simples mascarilha preta de seda, e voltei-lhe a cabeça para dar um laço nas fitas.

– Pareces um bandido.

– Eu *sou* um bandido. Esta noite já raptei uma bela donzela. Anda, Lily. Anda, vem conhecer a minha louca família.

Conseguimos ouvir o ruído da festa no elevador, que partilhámos com outros oito convidados.

– Conhece os Greenwald? – perguntou-me um, pressionado contra as peles da minha mãe.

– Um pouco – respondi.

– Não lhe dê ouvidos – disse o Nick. – Ela não passa de uma penetra.

– Também eu! – exclamou o homem alegremente. – Ouvi dizer que é a melhor festa da cidade.

O elevador parou na *penthouse* e saímos para um majestoso átrio, repleto de mascarados risonhos e ondas esvoaçantes de fumo dos cigarros. Pensei que o meu vestido era algo ousado, mas na verdade sentia-me quase subjugada ao lado dos pronunciados decotes e das saias esplendorosas das outras mulheres.

– Vou levar o teu casaco para o meu quarto – disse-me o Nick ao ouvido, fazendo deslizar o casaco de peles pelos meus ombros – para não se misturar com as roupas dos outros. Espera aqui.

Um empregado passou com uma bandeja de champanhe. Peguei numa taça e bebi sequiosamente sentindo o estalido das bolhas no nariz. À minha volta flutuava um mar de máscaras, algumas austeras como a do Nick e outras revestidas de plumas e de joias. Uma espantosa obra-prima cubista deve ter deixado o seu portador praticamente cego. Nenhum dos rostos me parecia minimamente familiar. Bebi mais um trago de champanhe, ainda maior do que o anterior, e senti-me como se me tivessem nascido asas e eu estivesse a voar, para longe dos meus pais e da Park Avenue, para longe de Seaview e da Smith College, para longe de qualquer coisa conhecida.

Passeei pelo átrio até uma espaçosa sala de receção, com uma lareira num extremo e um par de portas envidraçadas no outro, deixando antever um terraço. No centro, uma fonte gigante cintilava num tom amarelo pálido sob as luzes e apercebi-me, chocada, de que o Nick tinha razão, que dela escorria champanhe num feliz desafio à lei constitucional. Os convidados iam-se comprimindo cada vez mais, rindo cada vez mais alto, e algures, numa sala ou duas mais adiante, uma orquestra tocava temas de Gershwin com um entusiasmo bem pago.

Dois braços envolveram-me por trás. Por um instante pensei que o Nick voltara, mas os braços eram de longe bastante mais finos e a voz era a de Budgie.

– Olá, querida! *Quelle surprise*.

Voltei-me.

– Ah, estás aqui! Oh, olha para ti. – Vestia de lamê prateado, que se lhe colava ao corpo flexível sem uma prega e usava uma máscara prateada a condizer. Tudo combinava com o seu cabelo escuro, o batom escarlata e os enormes olhos azuis e prata perfeitamente contornados a negro.

– Não, olha para *ti*! Eu disse-te que esse vestido era perfeito. – Enfiou o braço no meu. – Anda comigo.

– Onde está o Graham?

Ela acenou vagamente com o braço.

– Por aí. Estava a fazer-se difícil, por isso mandei-o embora. Oh, olha! Aqui está o teu fiel namorado.

– Ah, estás aqui. – O Nick tocou o meu braço nu. – Pensei que tinha dito para esperares onde te deixei. Com esta multidão julguei ter-te perdido de vez. Budgie, que bom ver-te. – Fez-lhe uma vénia discreta.

A Budgie esticou-se para cima de modo a beijar-lhe a face, mesmo abaixo do contorno da sua máscara.

– Nick, querido! Estás extremamente elegante. Que festa maravilhosa. Muito obrigada por me teres convidado.

Ele olhou para o lado.

– Não tens nada que agradecer. O Pendleton está por aí?

Novo aceno do seu braço nu.

– Algures. Vocês os dois já comeram?

– Esperava persuadir a Lily a dançar comigo primeiro. – O Nick virou-se para mim.

– Oh, por favor. Não se prendam por mim. Gostas do vestido que eu escolhi para a Lily?

– Gosto muito.

– Transformou-a, não achas? Nunca serias capaz de imaginar que o meu doce e pequeno ratinho poderia estar dentro de tudo isto. – Deu-me um leve beliscão na face. – Divirtam-se os dois, prometem? E não se metam em sarilhos.

A orquestra marcava a cadência na transição para *Embraceable You*. Assim que ficámos confortavelmente dissimulados no meio dos outros pares dançantes, levantei a mão do ombro do Nick e limpei a mancha de batom da Budgie no rosto dele.

– Que maravilha. Há uma eternidade que eu não dançava.

– Nem eu. – Sorri.

– De certeza que gostas do vestido? Não é demasiado ousado?

O Nick olhou para baixo com os seus olhos piráticos.

– Bem, pelo contrário, diria eu.

Dançámos um tema ou dois, até eu ver pela pequena contração em torno dos olhos dele que a perna começara a doer-lhe. Afastei-me dos seus braços e disse-lhe que tinha fome; ele procurou um sítio para eu me sentar e trouxe-me um prato servido do *buffet*, com camarões, morangos e caviar sobre delicadas tostas triangulares. A música esvoaçava à nossa volta. Não havia sinais da Budgie. O Nick sorriu-me sob a sua máscara de seda negra, serviu-me mais champanhe e pôs-me um morango na boca. Estávamos sentados junto a uma janela alta num dos extremos do salão de baile, um recinto decorado com pilastras talhadas e acantos rebocados. Tudo parecia resplandecer, captando a luz dos candelabros e multiplicando-a infinitamente. Inclinei-me para o Nick e disse-lhe, sobre o som da orquestra e do ruído das vozes e dos risos:

– Como é que *vives* aqui?

Ele riu-se.

– Não vivo! Ou melhor, vivo pouco.

– O teu quarto também é assim, desta grandeza?

– Não gostarias de saber como é?

Descobri o seu joelho com a minha mão ousada, sob a toalha de mesa.

– Adoraria.

Sob a sombra da sua máscara, os olhos castanhos esverdeados do Nick dilataram-se e flamejam. Nesta altura já bebera algumas taças de champanhe e

a sua determinação estava enfraquecida. O meu sangue fervia. Inclinei-me para ele.

– Por favor, Nick? Sabes como detesto multidões.

– Também eu. – Levantou-se. – Está bem. Vem comigo.

Tinha a mão quente em volta da minha enquanto me fazia serpentear pelo meio dos convidados, uma massa de corpos estreitamente comprimidos que exalavam um cheiro a perfumes, transpiração e cigarros, o aroma inconfundível de uma boa festa. Embora a cena que passava diante dos meus olhos cintilasse nas suas cores e formas, eu só via as costas de ombros largos do Nick, cobertas pelo negrume do seu *smoking*, num movimento ondulante enquanto ia abrindo caminho por entre a multidão à nossa frente. Acima do seu colarinho branco, a nuca tinha um brilho rosáceo desmaiado, como se tivesse sido recentemente coçada.

Atravessámos a entrada do salão de baile e passámos para a sala da receção, onde a fonte de champanhe continuava a brilhar sob as luzes e uma bela mulher loura estendia um braço nu para voltar a encher a sua taça. Observei, fascinada, quando o champanhe começou a transbordar a taça e a mulher se riu, voltando-se e beberricando sofregamente. Usava uma grande máscara branca coberta com plumas brancas e um pequeno cacho de brilhantes em cada ponta e o seu vestido era comprido, branco e também recheado de brilhantes que refletiam a luz nas tonalidades do arco-íris. Era alta e imponente e havia algo nos seus movimentos graciosos, algo no seu sorriso, que fez soar uma campainha da familiaridade no meu cérebro enevoado pelo champanhe.

Mas o Nick continuava a puxar por mim, mantendo-me na vertical enquanto os meus sapatos de delicados saltos altos escorregavam sobre o mármore polido. Tinha de saltar para o acompanhar, e na minha exuberância levantei-lhe a mão para lhe beijar os longos dedos. O meu vestido borboleteava em torno das minhas pernas. O Nick riu-se e beijou-me também a mão e juntos precipitámo-nos como crianças traquinas, através da massa de gente apinhada no átrio, para um grande vestíbulo à direita, onde subitamente havia paz e a música e o riso se desvaneceram num distante murmúrio.

O Nick retirou uma chave do bolso.

– Durante estas coisas, fecho sempre a porta à chave – disse, e fez-me entrar à sua frente.

O quarto do Nick nada tinha de grandioso. Nem sequer era especialmente grande; não mais do que o meu, pelo menos. Estantes de livros alinhavam-se nas paredes, recheadas de numerosos volumes e encimadas por maquetas de arquitetura em diferentes fases de acabamento; duas grandes janelas brilhavam com o reflexo das luzes amarelas da cidade. À minha direita, havia duas portas entreabertas: uma casa de banho e um roupeiro, presumi. Uma estreita cama de solteiro estendia-se a partir da parede oposta, entre as estantes, impecavelmente feita com os lençóis e cobertas dobrados como nos hospitais, uma almofada volumosa e o segundo melhor casaco de visom da

minha mãe pousado na largura da cama, como uma lagoa castanha voluptuosa. Olhei para a cama, pensei no longo corpo de Nick e interroguei-me como podia ele caber nela.

Os braços do Nick rodearam furtivamente os meus ombros pelas costas. Repousou o queixo sobre a minha cabeça.

– O que achas?

– Reconhecê-lo-ia em qualquer lugar. – Voltei-me nos seus braços. – Então quantas mais garotas arrastaste até ao teu covil?

– És a primeira.

– Verdade?

– Verdade, juro. – Ele percebeu a minha expressão cética e riu-se. – Olha, a minha mãe vive sob este teto. Eu não traria a minha casa qualquer rapariga estouvada, se é isso que estás a pensar.

– Então aonde *levaste* essas tuas raparigas estouvadas?

O Nick afagou-me o cabelo na nuca.

– Então, então. O que te preocupa, Lily? Em que estás a pensar? Pensas que não estou a dizer a verdade sobre o assunto?

Os seus olhos, macios e cor de avelã, envolveram-me de alto a baixo.

– Não. Sei que és verdadeiro sobre mim.

– Então o que é? Outras raparigas? O passado? Tens ciúmes, Lily? *Tu*?

Os meus olhos desceram até à altura do seu peito.

– Talvez um pouquinho.

– Elas acabaram, Lily. Desde o primeiro momento em que te vi, só tu existes. Acabou tudo o mais, entendes? – Emitiu um som depreciativo. – Nunca fui de muitas aventuras. No que respeita a passados sórdidos, o meu é uma grande decepção para todos os nele envolvidos.

– Por mim, está tudo bem – garanti.

– Vês? Por isso, sim, Lily, tu és a primeira rapariga que eu trago a este quarto. – Ergueu-me o queixo e beijou-me. – E gosto de pensar que vais ser a última.

Fiz deslizar as mãos ao longo da lapela de cetim do seu *smoking* e passei-as em volta do seu pescoço. A pele que eu admirara momentos antes repousava agora auspiciosamente sob a ponta dos meus dedos.

– Gosto destes sapatos. Tornam mais fácil alcançar-te aí em cima.

– Também gosto dos teus sapatos. Mas se quiseses alcançar-me, só tens de o pedir. – Passou a mão à volta da minha cintura e ergueu-me sem qualquer esforço; beijámo-nos, continuámos a beijar-nos, partilhando o sabor do champanhe e dos morangos, até que mesmo os braços fortes do Nick cederam e eu deslizei ao longo do seu corpo até tocar o chão com as pontas dos meus sapatos.

– Então, cá estamos – disse, mexendo com os dedos no botão do seu casaco.

– Cá estamos. – Desviou para o lado a minha manga minúscula e beijou-me o ombro nu. – Tenho uma confissão a fazer-te.

– Uma confissão? Alguma travessura, espero.

– Escrevi uma carta ao teu pai há cerca de uma semana.

Cambaleei para trás.

– Escreveste o quê?

– Anda cá. – O Nick agarrou-me as mãos. – Não sei se ele a leu ou não. Pode até tê-la deitado fora sem a abrir. Mas... bem, Lily, como eu disse, tenho as mais sérias intenções quanto a ti, desde o início, e quero fazer as coisas como deve ser.

Levei a mão à cabeça, que parecia andar à roda. Todo o quarto oscilou à minha volta e o único objeto sólido e estável era o Nick: as suas mãos apertando a minha, o seu rosto sério a olhar-me.

– O que dizia a carta?

Ele sorriu.

– Penso que sabes.

– Oh, Deus.

– Pareces angustiada. Era uma carta respeitosa, Lily, juro. Passei uma semana a aperfeiçoá-la. Pedi-lhe a sua bênção, expressei as minhas intenções, disse-lhe que compreendia as suas reservas. Mas, escuta, Lily, disse-lhe que a decisão final continuava e devia continuar a pertencer-te.

– Oh, Nick. – Não consegui dizer mais nada. Pensei no meu pai, a ler a carta na penumbra do seu quarto, sem me contar nada. Ou então a reparar no endereço do remetente e a deixar cair a carta no cesto de papéis, sem sequer querer saber o que ela dizia, enterrando a cabeça na areia da sua inocência. Como me teria passado despercebido o envelope? Tê-lo-ia visto a minha mãe?

A minha mãe.

O Nick voltou a envolver-me nos seus braços e beijou-me de novo.

– Foi por isso que te trouxe aqui, quando antes nunca trouxe ninguém a minha casa. Contigo, o caso é sério. Estou *doido* por ti. Sabes isso, não sabes? Louco por ti. Embriagado por ti, não quero outra coisa senão tu. Desde o dia em que nos conhecemos, não passou uma hora em que não tenha pensado em ti.

Devolvi-lhe o beijo, porque os beijos são muito mais fáceis do que as palavras e porque ele parecia tão grande e dominador com o seu *smoking* e a sua máscara de bandido, e no tumulto da minha mente jovem e do meu corpo jovem isso era tudo o que eu queria, ser dominada.

– Eu ia esperar até mais tarde, até depois da meia-noite, mas a maneira como olhaste para mim... e esse *vestido*, meu Deus... – Ergueu-me repentinamente e transportou-me para a cama dele. Deixei-me ficar ali deitada por um momento, aninhada entre peles e dúvidas, com a cabeça aconchegada na almofada volumosa e macia do Nick, estendendo-lhe os braços enquanto ele se via livre do casaco do *smoking*. No instante seguinte, ele cobriu-me com o seu corpo, grande e quente, beijando-me, até eu estar rodeada pelo Nick, afogada no Nick, por nada mais no mundo senão o Nick e a sua mão

todo-poderosa, introduzindo-a sob o decote em V do meu leve vestido para embalar os meus seios nus.

A minha mãe.

Dei um grito.

Abri os olhos subitamente. Empurrei o peito do Nick.

– Nick! Oh, Deus, *Nick!*

O Nick ergueu a cabeça; a sua mão afastou-se do meu peito.

– Lily! Perdoa-me, eu...

Debati-me freneticamente debaixo do seu corpo. Ele levantou-se e afastou-se, com o cabelo a cair-lhe sobre a testa e os olhos confusos e enevoados pela paixão, atrás da sua máscara de seda.

– Não, não és tu – gritei. – É a minha *mãe*, Nick.

– A tua *mãe*?

Agarrei-lhe a camisa com os meus punhos cerrados.

– Ela está aqui, esta noite, Nick. Eu vi-a. Junto à fonte de champanhe, com um vestido branco. Ela está *aqui*.

7 Apartamento de grandes dimensões no último piso de um prédio. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 12
Seaview, Rhode Island
Agosto de 1938

O Graham Pendleton cortejou-me durante o irrespirável verão de 1938 e toda a Seaview aprovou.

Dois dias depois dos nossos beijos no bar de estrada, no dia seguinte, de manhã cedo, apareceu à minha porta, com sapatos a brilhar, cabelo penteado para trás, flores na mão e perguntou-me se eu queria dar um passeio a pé.

Eu parei, estupefacta.

– A pé?

– Decidi escolher a segunda opção. – Pegou na minha mão e beijou-a. – O que pensas?

Olhei para o seu rosto perfeito, marcado apenas por uma grande nódoa arroxada ao longo do maxilar, e para aqueles olhos cintilantes de cor azul de verão. Eu tinha acabado de regressar do meu exercício de natação matinal, com o cabelo a gotejar de água salgada e o meu corpo despido estava ainda embrulhado num roupão.

– Estás a falar a sério?

– Totalmente a sério.

– E supostamente eu devo alinhar nisso?

– Espero que o faças. Passei todo o dia de ontem a arranjar coragem para te perguntar. – Estendeu-me as flores. – Aceita-as. Dá-me uma oportunidade, Lily. Pelo menos vem passear comigo.

Peguei nas flores e cheirei-as. Eram lírios, um pormenor atencioso e maravilhosamente fragrante. Sorri-lhe.

– Vai à cozinha e procura uma jarra. Eu vou tomar um duche e vestir-me.

Quando descí, o Graham estava sentado à espera na cadeira da entrada. Ao seu lado, numa longa jarra de cristal cheia de água, sobre a mesa, repousavam as flores. Ele abriu-me a porta e pegou-me na mão enquanto saímos para a Neck Lane.

– Vou mostrar-te a enseada – disse-lhe.

Sentámo-nos nas rochas, perto do baluarte. O céu estava encoberto, como que com um cobertor quente, e o mar agitado. Ainda não se via ninguém. Seaview Neck estava em silêncio e sem vida, à exceção de algumas gaivotas pousadas sobre a muralha circular do baluarte, perscrutando as rochas com olhos penetrantes. O Graham fixava o mar, franzindo a testa, como se não soubesse como olhar para mim. Dei-lhe um toque no sapato com o dedo grande do pé.

– Supostamente, devias estar a cortejar-me.

Ele riu-se e voltou-se. Era realmente bonito de mais.

– Muito bem. Como é que uma rapariga gosta de ser cortejada?
– Podes começar por dizer-me como sou amorosa, como nunca conhecestes ninguém como eu.

– És amorosa, Lily. Nunca conheci ninguém como tu.

Ri-me.

– Supostamente, deveria soar como se realmente o sentisses.

Pegou-me na mão e brincou com os meus dedos.

– Eu sinto-o.

– Graham, eu não sou tola. Desde que começaste a usar calças compridas que tens andado com belas mulheres. Não posso comparar-me a elas.

– Isso é que podes. – Ergue o olhar. – Tu és como... Não sei. Não és glamorosa, evidentemente, exceto quando te vestes para ir a bailes e bares de estrada. Mas o teu rosto... é de uma beleza autêntica, Lily. Uma beleza clara. A forma dos teus olhos. E as tuas pestanas: não tinha reparado nelas até àquela noite, mas são tão longas e curvadas como as de uma criança.

– Agora, sim, estás a falar. E que mais?

– O teu cabelo. – Tocou-o e encaracolou uma madeixa em torno do seu dedo indicador. – Sempre gostei do teu cabelo, mesmo nos velhos tempos. Era como eu costumava pensar em ti: a namorada do Nick, a Lily, com aquele cabelo. Completamente revoltado e cheio de cor. Com esta luz quase parece vermelho. – Fez uma pausa. – Posso falar sobre o teu corpo, quando estivermos a namorar?

– Isso é considerado vulgar.

Ele pestanejou.

– Então não o farei. Mas *penso* nele. *Bastante*.

– *Hum...* – Retirei a minha mão da dele e apoiei o queixo nela. – E quando começou toda essa admiração? Apareceu vinda do nada, há uma semana?

– Não sei... – tornou a olhar para o mar –, mas não, não foi assim. Na verdade, não me saís da cabeça há anos. Talvez tenha sido naquela véspera de Ano Novo, na festa em casa dos Greenwald. Eu vislumbrei-te a escapares-te com o Nick, usavas mais um dos teus sensacionais vestidos. Pensei: «Maldição! Afinal talvez o Nick tenha escolhido a rapariga certa.»

– E depois disso?

Procurou e tirou os cigarros do bolso e brincou com o maço, fazendo-o girar de um lado para o outro, uma e outra vez.

– E depois a minha vida continuou, tal como a tua e tal como a do Nick. Mas pensava em ti, sempre que me sentia triste e cansado da vida. Não sei porquê, simplesmente aparecias-me na mente como o antídoto para todos os males. E depois a velha Emily telefonou-me, inesperadamente, e convidou-me para cá vir. E aqui estamos. – Ofereceu-me um cigarro. Segurei-o entre os lábios, e ele estendeu o seu isqueiro de ouro e fê-lo estalar duas vezes, até a ponta do papel flamejar, alaranjada à luz pesada e cinzenta do dia.

– Aqui estamos – disse, soprando uma baforada de fumo para o mar.

O Graham acendeu o seu próprio cigarro e ficou silencioso por um

momento.

– Desculpa o que se passou na outra noite. Perdi a cabeça. Não penso em ti daquela maneira, Lily.

– De que maneira?

– Apenas como alguém com quem passar alguns bons momentos.

Enterrei o dedo grande do pé numa das fissuras das rochas tapada com areia.

– Não há nada de errado em desfrutar de alguns bons momentos.

– Há, sim. Não que eu lamente o que aconteceu. Acho que, desde então, não tenho pensado noutra coisa. – Abanou a cabeça. – A questão, Lily, e agora estou a falar a sério, é que há uma altura em que um indivíduo precisa de assentar, não é assim? E se quer assentar, pode muito bem fazê-lo com uma rapariga como tu.

Sacudi a cinza do cigarro para as rochas.

– Bonita, mas não muito. Sossegada, mas não muito. Virtuosa, mas não muito.

– Muito bonita. Suficientemente virtuosa para mim.

Olhei para o mar, pensando no Nick, pensando em sexo, pensando em casamento. Também pensava no meu pai e no que ele teria dito se eu tivesse levado o Graham Pendleton para lho apresentar naquele Natal já distante. Teria ele aprovado? Naturalmente que sim. O genro perfeito, o Graham. Um encantador casamento branco, uma lua de mel na Europa. Claro que teria de ser no inverno, para não interferir com o basebol. Ou então, talvez fosse melhor nas Bahamas. Em algum local mais quente. Dias com o Graham, noites com o Graham. Era isso que eu queria?

– Não te incomoda? – perguntei-lhe. – O que se passou entre mim e o Nick?

– Isso foi há muito tempo. De qualquer modo, quem é que ainda é virgem? – Encolheu os ombros e riu-se. – Não te quero chocar, mas não me incomoda.

– Não me digas. – Dei voltas ao meu cigarro, não desejando realmente fumá-lo. Um barco de pesca arrastava-se lentamente pela água à nossa frente, rumando ao oceano, fazendo ouvir no ar o ruído crepitante do seu motor. O ténue rasto oleoso do fumo de escape do motor misturava-se com a água salgada e com os cigarros. – Não te esqueças da Kiki. Não posso deixá-la com a minha mãe. Para onde eu vou, ela vai.

– Claro que pensei nisso. Não me importo. Ela é uma criança encantadora. Posso ensinar-lhe basebol.

Estava sentada com um braço em volta dos joelhos e com o outro segurava o cigarro, pensando e repensando.

O Graham esticou-se e pegou-me no cotovelo. A preensão era suave, como a sua voz.

– Então, Lily, o que dizes? Dás-me uma oportunidade?

Dar-lhe uma oportunidade. Porque não? Teria eu realmente escolha? Eu

podia dizer não. Podia continuar como até aqui, a murchar como uma solteirona até ficar uma ameixa seca. Ou podia regressar a Nova Iorque, no final do verão, e começar a frequentar festas, à procura de um amante, tal como fazia a tia Julie quando chegava setembro. Queria eu ser como a tia Julie?

Ou podia aceitar este homem, que qualquer rapariga no seu perfeito juízo seria capaz de saltar do seu lugar para procurar enfeitiçar: bonito, de uma perfeição física inigualável, uma companhia encantadora, de boas famílias, inexplicavelmente fervoroso pelo casamento e pela família. Daria ele um bom marido? Ser-me-ia fiel e seria um bom pai para os nossos filhos? Quem poderia saber? Haveria algum homem irrepreensível? Mas eu achava que podia amá-lo. Já me sentia atraída por ele, sempre gostara dele. Namorava e beijava como ninguém. Já tinha lambido *whisky* da minha pele, na verdade, um começo promissor; que mais poderia ele saber para me encantar na cama? Levar-me-ia a sair, manter-me-ia divertida, dar-me-ia filhos e um lar a que poderia chamar meu. Conhecíamos as mesmas pessoas. Ele encaixava primorosamente no meu mundo, como a mão numa luva. Seaview gostava do Graham Pendleton, sempre gostara do Graham Pendleton. Um bom desportista, o Graham Pendleton. Um bom passe.

– Mas então, porque não a primeira opção? – perguntei-lhe. – Porque não ir simplesmente para a cama comigo e tratar do resto mais tarde?

– Porque são duas coisas diferentes. Porque simplesmente não dormimos com a rapariga com quem estamos a pensar casar-nos.

– Isso é uma proposta?

– Não, ainda não é. Mas pode vir a ser. Gostarei certamente de o descobrir.

Uma das gaivotas guinchou e levantou voo do baluarte; seguiu-se-lhe outra. O barco de pesca perdeu-se de vista, no mar aberto, e o horizonte estendeu-se nitidamente aos nossos olhos.

Acabei o cigarro, lancei-o às ondas e pus-me de pé.

– De acordo, Graham. Sobra-te um mês e meio para me cortejares. Depois veremos.

E assim namorámos com grande decoro e ao chegarmos ao tórrido final de agosto, as notícias sobre o nosso noivado eram diariamente aguardadas em toda a Seaview Neck.

– Ele é perfeito para ti, querida – dizia-me a tia Julie, abanando-se languidamente com um leque. Não sei porque não me lembrei disso antes.

Eu estava deitada de bruços, de frente para o mar, com o chapéu a fazer-me sombra na cabeça e observava os rapazes a saltarem na praia. A Budgie decidira convidar amigos para o fim de semana, enchera os quartos de casa com jovens e afetados corretores da bolsa e as suas amantes de lábios vermelhos, que bebiam e fumavam ainda mais do que ela. Um grupo deles

estava a organizar um jogo de futebol na praia, mesmo à nossa frente – a maré estava vazia – e o Graham fora chamado para integrar uma das equipas.

Tinha estado deitado a meu lado na toalha, exatamente sobre o limite do perímetro do chapéu de sol.

– Não devia – disse ele –, devia estar a repousar o ombro. – Mas a própria Budgie aparecera para o arrastar, até que, rindo e protestando, ele deixou cair um beijo na minha face (*não te importas, pois não, querida?*) e saiu a correr pela areia.

– Nunca ninguém pensou que fosse possível – disse eu. – O Graham não, nem certamente eu mesma. – Mesmo naquele momento, enquanto o observava, quase não podia acreditar que um ser de tal modo magnífico me pertencia ou declarara pertencer-me. Todos os homens vestiam fatos de banho, sem camisas, e entre eles o Graham era como um Adónis dourado, bronzeado do sol, com os músculos bem recortados numa simetria digna de um livro de ilustrações, maxilares quadrangulares e brilhantes olhos azuis. Os seus malares erguiam-se elegantemente acima do resto da multidão.

A Budgie puxou-o pela mão, conduzindo-o para junto do grupo. Alguém lhe lançou a bola e ele fê-la rodar entre as mãos, sorrindo, tomando-lhe o peso. Olhou para mim e piscou-me o olho.

– A sério, gostava que, de quando em quando, o partilhasses – disse a tia Julie. – Às segundas-feiras, por exemplo, quando estás a planear as compras da semana e não precisas de um homem ao pé de ti. As minhas necessidades são simples, com a idade que tenho. Uma hora ou duas seria o suficiente.

Dei-lhe uma palmada no braço com uma indignação que não estava bem segura de sentir. A verdade é que eu estaria inteiramente feliz por partilhar o Graham Pendleton às segundas-feiras, se a tia Julie o quisesse. Eu gostava muito dele, admirava-o, sentia um desejo físico irreprimível a desenvolver-se no meu ventre quando ele me beijava, ao fim do dia no nosso alpendre das traseiras. Mas ser possessiva?

Neste momento, observava-o enquanto ele seguia a Budgie e lhe dava uma palmada inocente na nádega quando ela pontapeou um impaciente jato de areia às suas pernas, procurando que ele lhe lançasse a bola. Em tempos, tinham sido amantes. Tinham-se conhecido carnalmente. Ainda se podiam detetar alguns vestígios desse conhecimento na maneira fácil como interagiam, nos pormenores do contacto físico. Procurei identificar em mim vestígios de ciúme, de qualquer sensação de desconforto ou desagrado. Não descobri nenhuma. Seria por eu estar tão segura da sua devoção, diariamente expressada, ou porque realmente isso não me preocupava como devia?

O Graham olhava para cima, para mim, e encolhia os ombros. Eu respondia acenando-lhe. Ele procurava organizar o grupo em duas equipas, baseando-se em eventuais capacidades físicas. Os seus longos braços moviam-se e apontavam. Apoiei o queixo na mão, peguei no cigarro e dei uma última passa, experimentando a precipitação de sensações nos meus pulmões. Estava outra vez um dia quente, quente e húmido, como estivera

durante todo o verão. Naquela tarde iria haver trovoadas, tal como houvera na véspera. Sentia o peso do ar sobre os ombros, tornando lento cada movimento e lânguida cada ação. Apaguei o meu cigarro e levantei-me.

– Vou nadar. O calor é de mais.

A tia Julie recostou-se sobre a toalha.

– Estás louca. Está um tempo divino.

Caminhei até à beira-mar, mantendo-me afastada do jogo de futebol. O mar estava calmo como uma lagoa, as ondas moviam-se lentamente como que tão oprimidas pelo calor quanto eu. Deixei a espuma do mar lambe-me as pernas, as algas enrolarem-se nos meus tornozelos e fechei os olhos. («Vais apanhar um escaldão», disse a minha mãe.)

– Lily!

A voz da Budgie gritou o meu nome. Virei-me.

– Falta-nos um jogador! Tens de vir jogar connosco. Por favor, diz que sim.

Encolhi os ombros.

– Não sei como.

O Graham chegou e puxou-me para os seus braços.

– Eu ensino-te. Anda, Lily. Podes jogar na minha equipa.

Esbracejei e esperee até ele me pôr no chão.

– Não, a sério. Podes fazer melhor. Que tal a senhora Hubert?

A Budgie riu-se.

– Tínhamos de parar a cada dois minutos, sabes bem para quê. Até a tua mãe seria melhor.

– Ela nunca sairá de casa com este sol, iria arruinar-lhe a pele – argumentei. O braço de Graham ainda se enlaçava na minha cintura; um amigo lançou-lhe a bola e ele apanhou-a só com uma mão, sem me largar.

– Então e o Greenwald? – lembrou alguém. – Ele costumava jogar na faculdade, não era?

– É verdade – respondeu o Graham, voltando-se para a Budgie. – Onde está o seu marido, senhora Greenwald?

– Provavelmente em casa, a cuidar das suas velhas gravuras. Ele nunca aceitará vir.

– Oh, vá lá – pediu o Graham piscando os olhos –, não consegues fazer valer a tua astúcia feminina sobre ele, para nós?

Ela pestanejou fortemente.

– Eu quero continuar a jogar futebol. Manda a tua namorada. O Nick fará tudo pela Lily.

Duas das mulheres trocaram um riso trocista. A mão do Graham apertou-me mais a cintura.

– Eu vou – disse o Norm Palmer.

– Não, está bem – disse o Graham –, a Lily pode ir; não podes querida? – Olhou-me, com um sorriso no rosto e os olhos frios.

– Eu vou, querido – afastei a mão do Graham da minha cintura e beijei-a

–, volto num minuto.

Quando avancei, o Graham deu-me uma palmada na nádega, tal como antes fizera com a Budgie.

Parei junto à minha toalha e enfiei o vestido de algodão por cima do fato de banho, calcei as sandálias e pus o chapéu. A tia Julie olhou para mim.

– Onde vais?

– A casa dos Greenwald. Precisam do Nick para o jogo de futebol.

Ela soltou um longo assobio.

– Bem, bem. Agarra bem as tuas alças.

– Não seja ridícula.

O ar quente colava-se à minha cara enquanto caminhava pela rua em direção à casa do Nick. No último mês nem sequer tínhamos falado, desde a noite no bar da estrada; eu quase não o vira. Ele e a Budgie nunca mais compareceram aos jantares das noites de sábado no clube; em vez disso, ficavam em casa, onde a Budgie organizava festas, enquanto Seaview se amontoava e cacarejava criticando a música, os ruídos das gargalhadas e as mulheres em trajes arrojados que se divertiam no terraço de granito.

Quanto a mim, tinha andado demasiado ocupada a ser cortejada pelo Graham Pendleton. Aos sábados, jantávamos com os Palmer; às sextas-feiras, íamos dançar ou ao cinema; passeávamos, velejávamos e jogávamos *bridge* com a minha mãe no clube quando chovia. Quando as manhãs estavam boas, o Graham dava-me a sua luva de basebol e eu procurava apanhar os lançamentos dele, à medida que ele exercitava o ombro, preparando-se para voltar a jogar. Mais ou menos no espaço de uma semana, eu já apanhava as bolas com uma confiante *pancada* amortecida pelo couro da luva.

Não tornou a haver *jazz*, *whisky* nem beijos abaixo do pescoço. À meia-noite, o Graham deixava-me à minha porta. Bebíamos limonada no alpendre das traseiras, beijávamo-nos, fumávamos, beijávamo-nos um pouco mais. Uma vez ou outra, a mão do Graham aventurava-se sob o meu vestido, ou vagueava na terra de ninguém entre as minhas costas e o peito, sem nunca tocar nos seios. Depois, ele retrocedia, pestanejava sugestivamente e dizia que era altura de se ir embora. Cortava caminho pelos relvados sem cercas das traseiras das casas de Seaview Neck, com um assobio nos lábios, e desaparecia na penumbra quente da noite, com o brilho alaranjado do cigarro nos dedos, para voltar a aparecer na manhã seguinte, mais uma vez de cara fresca e olhar vivo.

Portanto, o Graham ocupava a maior parte do meu tempo, e eu gostava que fosse assim. Não queria pensar no Nick, ou nas coisas que ele me dissera na noite do bar da estrada. Eu arranjava maneira de não ter tempo para pensar no Nick Greenwald, nem para imaginar o que ele fazia com a sua mulher e o seu tempo.

Eu sabia, evidentemente, que ele passava muito tempo com a Kiki. Quando abri a porta da frente, que ficou entreaberta, arranjada e com pintura nova, ouvi o riso dela à minha direita. Segui o som, passei as paredes brancas,

as portas abertas e os espelhos brilhantes da casa da Budgie, até encontrar os dois esparramados no solário de barriga para baixo, lado a lado, com planos de arquitetura espalhados pelo chão. Devido ao calor, o Nick vestia uma camisa de manga curta e umas calças leves, com as suas pernas enormes estendidas no meio da sala. A Kiki tinha o seu vestido azul com riscas brancas e estava descalça. Ela olhou para cima e viu-me primeiro.

– Lily! – saltou, correu para mim e abraçou-se às minhas pernas. – O Nick estava a mostrar-me os planos do seu novo apartamento em Nova Iorque. Uma escada em caracol, Lily! Ele disse que eu podia ir lá e escorregar pelo corrimão se... – calou-se.

– Se não dissesse à tua irmã – completou o Nick pondo-se de joelhos. – Está tudo bem, Lily?

Ele sorria abertamente quando entrei, mas o seu sorriso desvaneceu-se à medida que olhava para mim, milímetro a milímetro, e deu lugar a um olhar de intensa apreensão. Virei-me para ele, e num estranho impulso da memória, pensei no seu aspeto do outro lado da mesa do restaurante na faculdade, naquela primeira manhã. Os seus traços eram os mesmos, ainda precisos e impressionantes, ainda capazes de se alterarem conforme o seu humor: duros com a determinação, suaves com o amor. A luz nebulosa do sol flutuava na sala, retocando-lhe os olhos de avelã com tons de ouro. O meu coração estava a abandonar gradualmente o meu corpo.

Curvei-me e pus os braços em volta das costas da Kiki.

– Está tudo ótimo. Querem-te na praia. Estão a jogar futebol.

– Futebol?

Eu sorri.

– Ainda te lembras do que é o futebol, não lembras? Bola oblonga, campo retangular.

– Tu sabes jogar *futebol*, Nick? – perguntou a Kiki, espantada.

– Kiki, o Nick em tempos foi o melhor jogador de futebol de Dartmouth College. Devias tê-lo visto. Costumava lançar a bola tão depressa e tão longe, que nem se conseguia vê-la no ar.

O Nick levantou-se.

– Mas depois fracturei a perna e, desde então, nunca mais peguei numa bola.

– Exceto uma vez – dei por mim a dizer –, no Central Park.

A Kiki virou-se nos meus braços.

– Qual perna?

– Esta. – Aponta para a perna esquerda.

– Mas já está bem curada agora?

O Nick olhou-me de relance e depois desviou o olhar.

– Bem curada.

A Kiki correu para ele e agarrou-lhe a mão.

– Vamos à praia! Quero ver-te jogar. Quero que lances a bola para mim. Aposto que consigo apanhá-la.

– As senhoras não apostam, Kiki – disse-lhe eu.

– Pareces a mãe a falar. Vamos, Nick! – Puxou-o pela mão.

O Nick olhou para mim, desamparado.

– Não tens de ir, se não quiseres. Eu digo-lhe que estavas ocupado.

– Tu *tens* mesmo de ir – insistiu a Kiki. – Eu *quero* que vás.

– Kiki! – exclamei, chocada.

– Não, está bem – acedeu o Nick. – Eu vou. Vamos lá, Kiki. Veremos o que o meu velho braço pode fazer.

Ela desatou a saltitar ao lado dele.

– Eu também jogo, Nick? Fico na tua equipa?

– *Posso* – corrigi. – *Posso* jogar na tua equipa.

– Se quiseres – respondeu o Nick.

Encontrámos as sandálias da Kiki e fizemo-nos ao caminho para a praia, os três lado a lado, a Kiki saltando no meio de nós e segurando as nossas mãos. O sol abatia-se sobre o meu chapéu de palha e refletia-se na gravilha da rua incidindo nas minhas pernas nuas. A Kiki tagarelou o caminho todo ao ritmo dos nossos passos sincopados.

Quando chegámos à praia, todos olharam para nós, e até as gaivotas pareceram silenciar os seus guinchos durante um momento significativo.

Então um Graham sorridente avançou e, sem aviso, lançou a bola ao Nick. O Nick ergueu o braço e apanhou-a só com uma mão, enfiando-a debaixo de braço, sem largar a mão da Kiki.

– Ele apanhou-a! – disse a Kiki triunfalmente.

Nos lábios do Nick desenhou-se um sorriso. Fez girar a bola, até a ter de novo na palma da mão, presa pelos seus longos dedos e, com um movimento rápido quase fortuito do seu braço, devolveu-a a girar como uma bala de espingarda, até bater exatamente no meio do esterno perfeito do Graham Pendleton.

A Kiki deu gritinhos de alegria.

– Oh, outra vez, Nick! Faz outra vez!

– Está bem. – O Nick largou-lhe a mão e descalçou os sapatos e as meias, enrolou as mangas e as bainhas das calças. Cada movimento era claro e deliberado, ritmado com energia latente. Correu para o meio do aglomerado de corpos semidespidos, entre troncos nus e ousados fatos de banho, meia cabeça mais alto do que todos os outros, incluindo o Graham. Uma sensação quente instalou-se no centro do meu estômago, uma sensação de legitimidade.

A Kiki puxou-me pela mão.

– Eu também quero jogar, Lily. Deixa-me jogar!

O Nick apontou com o braço, destinando o lugar de cada um. Observei com agrado o seu rosto, as sobrancelhas finas e firmes, os seus olhos duros e faiscantes, e as linhas familiares há muito escondidas do seu rosto de pirata ganharam forma.

– Querida – respondi –, acho que é melhor sentarmo-nos um pouco.

Levei-a até à toalha, onde a tia Julie se sentara para ver o jogo a desenrolar-se em torno da figura ampla e majestosa do Nick.

– Nunca me apercebi de que fosse tão alto – comentou ela.

– Não o temos visto muito este verão, pois não? – Enleei o cabelo da Kiki.

Não conhecia grande parte das pessoas do grupo, quase todas elas convidadas da Budgie. Conhecia o Graham e a Budgie, claro, que estavam os dois a jogar contra o Nick. Vi o Norm Palmer na equipa do Nick, aparentemente embaraçado. Os Palmer tinham sido embaraçosamente apanhados no meio da linha divisória relativamente aos Greenwald, tal como eu: o Graham recusara marginalizar a Budgie, por isso a Emily e o Norm entravam por vezes no seu círculo.

Com o Nick, o caso era diferente. Ele próprio se tinha mantido à parte até àquela altura, evitando-nos qualquer embaraço declarado e neste momento o pobre Norm não sabia o que fazer. Lançou um olhar desesperado à mulher, sentada na sua toalha. A Emily encolheu os ombros ossudos e recostou-se, apoiada sobre os cotovelos.

Em breve se tornou óbvio que o Graham e o Nick eram os únicos homens que sabiam tudo sobre como jogar futebol. A equipa do Nick foi a primeira a ficar com a bola e ele lançou-a ao Norm Palmer, num lançamento em arco perfeito, para ela se ir encaixar suavemente sobre a junção das costelas do Norm. Hesitante, o Norm trocou a bola entre as duas mãos durante alguns segundos de tirar o fôlego, com a bola a descrever movimentos cada vez mais altos, até que o Graham apareceu em mergulho como uma águia ao ataque e lha roubou, correndo cerca de quinze metros pela areia antes de o Nick o placar numa explosão de areia voadora.

Num pulo, o Graham pôs-se de pé e brandiu a bola.

– Interceção! – gritou. – Uma interceção a um passe Greenwald! Nunca tinha sido feita! – Beijou a bola e apontou-a para mim.

Acendi um cigarro.

– Imagino o que pensaria o Joe McCarthy daquela placagem.

– Quem é Joe McCarthy? – perguntou a tia Julie.

– O treinador dos Yankees, quem havia de ser? Toda a gente sabe isso. – Sopro uma longa baforada descuidada de fumo.

Mas o júbilo do Graham rapidamente se desvaneceu.

Primeiro entregou a bola à Budgie, que deu dois pulos em frente para logo ser arrastada para a areia por uma formação de braços resolutos de corretores bolsistas – alguns dos quais pertenciam à sua própria equipa – que levou algum tempo a desfazer.

A seguir, o Graham tentou passar a um dos corretores. Ele apanhou a bola, mas antes de conseguir virar-se e correr, o Nick voou sobre ele com tal força que a bola lhe saltou das mãos para as de um atónito Norm Palmer, que por acaso estava ali por perto.

– Corre! – gritou o Nick, e o Norm avançou alguns passos na direção

errada antes de o Nick o fazer dar meia-volta e simultaneamente fazer uma blocagem lateral com o braço ao Graham Pendleton, que aparecera para acorrer à defesa. O Norm correu desenfreado pela praia para marcar o primeiro ensaio do jogo.

A Kiki saltava e gritava.

– Hurra, NICK! Viste, Lily?

Uma onda de tensão atravessou o terreno de jogo.

Não havia possibilidade de desferir um pontapé, devido aos pés descalços. A equipa do Graham conquistara de novo a bola e desta vez o Graham delegou a missão de *quarterback* a um dos corretores.

– Limita-te a passar-me a bola – disse-lhe. O suor corria-lhe pelo rosto sob o sol tórrido. Limpou-o da testa e preparou-se para a jogada seguinte com a ponta do dedo a pressionar a areia para ganhar balanço.

– Meu Deus – disse a tia Julie. – As coisas estão a ficar sérias.

Estiquei as pernas e acendi outro cigarro. O Nick também transpirava sob a sua camisa branca e as calças, agora repletas de areia. Esperava pela jogada com as pernas afastadas, os olhos ferozmente semicerrados, as mãos fletidas, tal como da primeira vez em que eu o vira jogar. Em resposta, os músculos do meu corpo retesaram-se. Senti-me a sufocar, incapaz de respirar sob o peso da emoção que me pressionava o coração enquanto observava o Nick Greenwald imóvel, em pé, pronto para o combate na areia.

A Kiki aplaudia e gritava a meu lado. A bola disparou no ar e voou até ao Graham, que mergulhou em frente como uma locomotiva, com as pernas num turbilhão, tal como a Budgie o descrevera numa muito longínqua tarde de outono, numa outra vida.

Mas o Nick Greenwald não temia locomotivas. Investiu diretamente para o Graham, envolvendo-o e imobilizando-o ao terceiro passo.

A tia Julie esticou-se para o cesto de piquenique.

– Bem, bem. Quem quer um copinho de *gin* tónico?

Um a um, os corretores e suas companheiras abandonaram o jogo, esgotados pelo calor, e mergulharam no oceano para se refrescarem e assistirem ao duelo entre o Graham e o Nick, apoiado pelo Norm e pela Budgie e outros dois dos mais tenazes. A maré estava a subir, comprimindo o terreno de jogo. Recuámos um pouco as toalhas para lhes dar mais espaço.

– Na verdade, eles deviam parar – comentei, esmagando o meu quarto cigarro com os dedos a tremer. – Está demasiado calor. Ainda desmaia alguém.

A tia Julie disse:

– Duvido que eles parem até alguém *realmente* desmaiar.

Nesse instante, um dos restantes corretores solta um grito. Uma das mulheres correu para ele, a gritar, e curvou-se sobre o seu pé magoado.

– Ele pisou uma concha – anunciou –, não pode jogar mais.

– Pronto, então acabou – disse o Nick. O corretor era da equipa dele.
– Não acabou, não – contrapôs o Graham, cuja equipa estava a perder por seis pontos.

A Budgie segurou-o pelo braço.

– Não sejas tonto. Já jogámos o suficiente. Temos falta de jogadores.

O Graham olhou para mim.

– A Lily pode jogar.

Todos se voltaram para mim, no momento em que eu estava a acender outro cigarro. Olhei, ora para o Nick ora para o Graham, pousei o cigarro e o isqueiro e abanei a cabeça.

– Oh, não. Eu nunca joguei futebol.

– É fácil. O Nick faz o trabalho todo. Não é, Nick? – O Graham ergueu uma sobrancelha para o Nick.

– Vamos acabar com isto, certo? Eu desisto. Tu ganhas.

– Não, não! Nem penses, desgraçado... – O Graham calou-se.

O Nick disse friamente:

– Por amor de Deus, Pendleton. Está muito calor. Ela não quer jogar.

Eu saltei.

– Sabem que mais? Vou jogar.

Um aplauso meio entusiasmado ergueu-se à minha volta. Sacudi a areia das pernas e encaminhei-me para o sítio onde estava o Nick, de cenho franzido, trocando a bola entre as mãos.

– Tens a certeza, Lily? – perguntou em voz baixa.

– Absoluta. Diz-me só o que tenho de fazer.

– Não precisas de fazer nada. Mantém-te afastada das confusões.

– Não sejas condescendente. Eu venho para jogar. Tenho estado a ver, sei o que se está a passar. Passa-me a bola e eu apanho-a.

– Sabes como apanhar uma bola de futebol?

– Não pode ser assim tão difícil.

O Nick suspirou.

– Olha – disse-lhe eu –, tenho praticado a apanhar bolas do Graham durante todo este verão.

– Isso é basebol. E no basebol usa-se uma luva.

O Graham fez uma concha com as mãos em volta da boca, gritando:

– As senhoras querem que eu envie algumas limonadas?

– Passa-me a bola, Nick. Eu apanho-a.

O Nick observou o meu olhar.

O Norm Palmer bateu-lhe no ombro.

– Vamos, Greenwald. Vamos a isto.

– De acordo – afirmou o Nick. – Palmer, tu saís a correr como se eu fosse lançar-te a bola. Lily, tu corres pela linha lateral, pelo lado direito, dez metros e depois voltas-te. Põe as tuas mãos assim, Lily. – Mostra-me, formando um triângulo com os indicadores e os polegares. – Mantém as palmas das mãos flexíveis, e também os dedos. Deixa a bola fazer o trabalho. Percebeste? Aos

três.

Não fazia ideia o que significava *aos três*. Alinhámo-nos sobre a areia quente, o Norm, o Nick e eu à direita dele. A Budgie piscou-me um olho grande e redondo. Ela suava: uma espécie de delicado orvalho feminino, um polimento sobre a sua pele radiante. Enterrei os dedos na areia e esperei.

O Nick disse algo incompreensível e de repente estávamos em movimento: o Nick recuou, o Norm Palmer desatou a correr em frente. Eu comecei a correr, contei dez passos e voltei-me.

A bala voou dos dedos do Nick na minha direção.

«Palmas flexíveis», pensei. «Dedos flexíveis».

A bola aterrou-me suavemente nas mãos. Sem passar, virei-me e corri em frente, e ali estava a Budgie, dançando à minha frente, com um sorriso aberto, a preparar-se para a placagem. Desviei-me para um lado, depois para o outro.

– Lily! Aqui!

O Nick corria do meu lado esquerdo, estendendo-me as mãos. Não parei para pensar. Lancei-lhe a bola.

Na minha exuberância, o meu objetivo estava demasiado alto. O Nick saltou, esticando o seu longo corpo até ao limite, expondo os músculos esbeltos do seu abdómen abaixo da camisa branca. As pontas dos seus dedos arranharam a bola. Quase a apanhava.

Mas repentinamente a minha visão foi obscurecida pela forma volumosa do Graham Pendleton, pelas pernas do Graham a correrem na areia e os seus ombros enormes curvados para o ataque. Embateu contra o Nick ainda no ar, exatamente nas costelas, e o Nick caiu violentamente no chão.

A bola rebolou aos solavancos e imobilizou-se na areia junto à sua cabeça.

Por um momento, ficámos congelados, como atores que numa peça subitamente se esqueceram das falas. Olhávamos fixamente para o corpo do Nick prostrado na areia, para o seu cabelo a ondular na brisa, para as mangas da sua camisa e para as calças de bainhas enroladas e os calcanhares virados para o sol.

Então, a Kiki soltou um gritinho e correu para o lado deles e todos saltaram ao mesmo tempo. A Budgie caiu de joelhos e começou a chorar; o Graham praguejou e levou as mãos à cabeça, gritou por um médico e praguejou de novo. Obriguei as minhas pernas a mexerem-se, na direção do corpo do Nick, para me ajoelhar junto a ele, para lhe agarrar pelos ombros, virá-lo e esbofetear-lhe as faces pálidas.

– Ele está a respirar – ouvi-me dizer, bastante calma. Olhei para o Graham. – Vai ao clube. O Charlie Crofter está a jogar *bridge* com a minha mãe. Ele é médico.

O Graham desatou a correr. Alinhei cuidadosamente os membros do Nick, coloquei uma mão sobre o seu peito. A respiração dele parecia pouco

profunda mas era regular. Continuava com as pálpebras cerradas sobre os seus olhos de avelã.

– O que se passa? – choramingou a Kiki. – Ele está morto?

– Não, não está morto. Com o choque ficou inconsciente. Mas ele vai ficar bem – respondi-lhe. – Ele vai ficar bem. Não vais, Nick? Fala com ele, Kiki. Tenho a certeza de que ele te pode ouvir.

«Senhor, faz com que ele fique bem, deixa-o ficar bem. Eu faço o que for preciso. Deixa-o ficar bem.»

– Nick, acorda – disse a Kiki, numa voz coberta de lágrimas, que não era a sua. – Por favor, acorda. É a Kiki. Por favor, acorda.

Eu não estava certa sobre o que fazer. Não era enfermeira. O meu coração quase me fazia rebentar os ouvidos, mas sentia-me anormalmente calma, quase serena, como se estivesse num sonho. Desabotoei a camisa ao Nick e abria-a com cuidado. As suas costelas estavam já a ficar arroxeadas devido à violência do choque com o Graham. Possivelmente, fraturadas. Tinha de falar nisso ao Dr. Charlie.

– Tu estás bem, Nick – afirmei firme e serenamente, porque a Kiki nesse momento só balbuciava. – A Lily, Nick. É a Lily, lembras-te? O médico está a chegar. Vais ficar bem. *Tens* de ficar bem, estás a ouvir? – Atrás de mim ouvia a Budgie, ainda a chorar. – A tua mulher precisa de ti, Nick. Acorda para ela.

«Qualquer coisa, Senhor.»

Espreitei por cima do ombro. A Budgie arrastava-se pela areia na nossa direção, o rímel escorria-lhe dos olhos em duas riscas negras arenosas. Nunca antes a tinha visto chorar, chorar realmente.

– A culpa é minha – disse ela. – Eu disse-lhe para jogar. A culpa é minha. Ele está morto, não está? Não posso olhar.

– Ele não está morto – exclamei com firmeza. – Está apenas inconsciente, mas está a respirar bem. O médico vem a caminho.

Ela apertava as mãos sobre o ventre.

– A culpa é minha. Oh, meu Deus. Não posso vê-lo assim. Preciso de uma bebida.

Eu disse-lhe baixinho:

– Recompõe-te, Budgie, és a mulher dele; ele precisa de ti. Recompõe-te.

A Kiki afastou suavemente o cabelo do Nick da testa.

– Acorda, Nick. Acorda, Nick. Sou a Kiki, sou a tua Kiki. Preciso de ti, Nick. Por favor, acorda.

As pálpebras do Nick estremeceram.

Surgiu uma sombra sobre o seu rosto. Olhei para cima e vi a silhueta do Charlie Crofter recortada contra o sol, com a respiração acelerada.

– O que aconteceu?

Abro espaço para ele.

– Estávamos a jogar futebol. Ele foi atingido nas costelas e caiu. Acho que caiu de cabeça. Tem estado inconsciente, pode ter as costelas partidas.

O Nick gemeu.

– Ah, é isso – disse o Dr. Charlie, olhando para mim. – Mandei o Pendleton ir buscar a minha mala. Mantém-te atenta, sim? A senhora Greenwald está aqui?

– Aqui mesmo – respondeu a Budgie, esfregando os olhos.

– Senhora Greenwald, preciso que se sente ao lado do seu marido e que fale com ele. Não, do outro lado. Alguém tire daqui a criança, por amor de Deus.

Peguei na mão da Kiki e afastei-a meigamente. Ela resistiu-me.

– Eu quero ficar! Ele precisa de mim! – exclamou ela. As suas faces estavam molhadas e reluzentes, com manchas de areia e madeixas de cabelo escuro caídas.

– Ele precisa da senhora Greenwald – sussurrei-lhe ao ouvido. – É a mulher dele. Ela depois diz-nos como é que ele está. Anda. Vamos dar-lhe algum ar. Já cá está o médico; ele vai ficar bem.

Envolvi a Kiki nos meus braços, afastei-a lentamente e sentei-me com ela, embalando-a, afagando-lhe o cabelo. Lançou-se num pranto, aos soluços, chorando como nunca a vira chorar, aconchegada a mim. Senti alguém pousar a mão no meu ombro: era a tia Julie.

– Que comoção – disse delicadamente, sentando-se junto a nós. – Ele vai ficar bem?

– Tenho a certeza de que sim. Ele já mexia os olhos quando o Dr. Charlie chegou. Está sempre a acontecer no futebol.

O Graham apareceu na orla das dunas, em corrida acelerada, com uma mala preta na mão. Levou-a ao Dr. Charlie e abriu-lha. Espreitei por entre os dois e pareceu-me ver a cabeça do Nick mover-se, pareceu-me ver os olhos do Nick abertos.

– Vês? – disse eu. – Ele já acordou.

O Graham e o Charlie puxaram pelo Nick para lhe colocar o tronco na vertical, até ele ficar sentado na areia, abanando a cabeça. O sangue parecia escoar-se do meu corpo sob o peso do meu alívio. O meu coração ainda palpitava, mas agora mais lentamente, numa cadência regular, alheia a este mundo, com intervalos longos e silenciosos entre cada pulsação. Como me sucedera uma vez, depois de ter feito amor.

«Obrigada. Obrigada. Obrigada.»

– Lily, não consigo respirar – disse a Kiki, e eu afrouxei os meus braços numa fração de segundo.

– Vês, querida? Ele agora está sentado – expliquei-lhe. – Ele vai ficar bem. – Ela fez menção de avançar, mas eu segurei-a. – Ainda não. Ele agora tem de ir para casa e descansar. Podes ir visitá-lo depois.

A Kiki ficou nos meus braços, já sossegada e silenciosa, observando o Nick com os seus olhos vivos. Estavam a falar com ele, a fazer-lhe perguntas. A Budgie estava sentada a seu lado, com a cabeça entre os joelhos, a chorar. Os meus olhos doíam-me da secura.

Talvez por instinto, virei a cabeça na direção do clube. Uma pequena

multidão reunia-se na varanda, com os braços a fazerem sombra na testa, observando a cena na praia. Reconheci a figura alta e roliça da minha mãe, o seu vestido branco e o chapéu de palha. Segurava alguma coisa na mão; provavelmente um copo alto.

Quando eu olhei, ela deixou cair o braço que lhe protegia os olhos e regressou ao interior do clube. O torneio anual de verão de *bridge*, lembrei-me, estava a decorrer.

*

O Graham apareceu depois de jantar, com os olhos pesados e o cabelo brilhante invulgarmente despenteado, como se tivesse estado a remexê-lo com as mãos durante toda a tarde.

– Ele agora está bem – anunciou. – De início pregou-nos um susto... Não se lembrava de como se chamava, não deixava de murmurar coisas sem sentido. – Olhou-me de relance e bebeu um trago da sua bebida.

Ainda estávamos sentados em volta da mesa da sala de jantar, a tia Julie, a Kiki, o Graham e eu. A mãe estava a jantar no clube, o jantar de *bridge* do clube. A Marelda tinha acabado de trazer café e o seu famoso bolo de limão *glacé* para a sobremesa. O Graham espreitara para os refrescos mas foi direto ao tabuleiro de bebidas espirituosas no aparador, muitas das quais eram anteriores à guerra, exceto as preferidas da minha mãe. Serviu-se de um copo de *whisky* sem gelo e sentou-se pesadamente numa cadeira.

– Mas ele está bem agora, não está? – perguntou a Kiki, com olhos ansiosos.

– Bom, doem-lhe a cabeça e as costelas, esta noite vai ficar alguém a vigiá-lo. Depois de uma concussão, o paciente deve ser acordado de hora a hora, mais ou menos, só para se ter a certeza de que está tudo bem.

– E a senhora Greenwald não pode cumprir essa tarefa? – A tia Julie acendeu um cigarro.

– Não fume, tia Julie – pedi. – A mãe vai sentir o cheiro quando voltar.

– Sucede que isso não me importa minimamente. Graham? Como está a senhora Greenwald?

O Graham desenhou um círculo no tampo de madeira polida da mesa.

– A Budgie – disse, com ligeira ênfase – está compreensivelmente transtornada e teve de ser sedada. Neste momento, está a dormir. – Pegou no maço de cigarros da tia Julie e tirou um. O isqueiro da tia Julie estava pousado ao lado da bandeja do café, mas ele levou a mão ao bolso e serviu-se do seu. Tinha os dedos a tremer; precisou de várias tentativas para conseguir acender o cigarro.

– O Nick está consciente? – perguntei.

– Oh, sim. O bom velho Nick. Na verdade, não queria ir para a cama, mas toda a gente insistiu. Ficou no quarto das visitas, claro, para evitar perturbar a Budgie. – O Graham bebeu mais um pouco. – Ele disse-me... – abanou a cabeça e aproximou o cigarro – ...disse-me para não me preocupar, que a

culpa tinha sido dele, cair daquela maneira. Jesus.

– Foi um acidente – afirmei rapidamente.

O Graham apoiou a cabeça nas palmas das mãos.

– Foi?

– Claro que foi – confirmei, a sorrir. – De qualquer forma, não se consegue magoar o Nick. Ele é como o couro velho. Lembras-te quando ele partiu a perna, da primeira vez em que eu fui ver o jogo? E na manhã seguinte foi de carro, a guiar até Northampton, Massachusetts.

A Kiki sentou-se na sua cadeira.

– A guiar para *onde*? Não foi aí que andaste na faculdade? Porque é que ele fez isso?

O Graham ergueu a cabeça e olhou para mim. Eu olhei para a Kiki. Ela olhou para mim, depois para ele.

A tia Julie deu uma longa passa no seu cigarro, soprou o fumo e disse:

– Porque, há muito tempo, o Nick costumava sair com a Lily.

A Kiki voltou-se para mim, com os olhos tão dilatados que pareciam pratos, tão azuis como o oceano.

– O Nick foi teu *namorado*?

Cruzei as mãos no colo.

– Sim, foi.

– Mas tu... mas... – Olhou para a tia Julie e depois para mim. Os seus olhos começaram a brilhar e a ficar húmidos. – Porque não te casaste com ele?

– É uma longa história, minha querida.

Ela bateu-me no braço.

– Podias ter-te *casado* com ele! Ele podia ser *nosso*! Tu mandaste-o embora, não foi? E depois ele casou-se com a malvada senhora Greenwald e tem de viver com *ela*. Bateu-me de novo do braço, desta vez chorando já abertamente. – Ele podia estar a viver *aqui*, aqui mesmo. Ele podia ser o meu *pai*.

– Para com isso, Kiki. – Agarrei-a pelos braços. – Para. Sei que estás abalada.

– Ele podia ser o meu *pai*!

– Tu *tens* um pai!

– Não, não tenho!

O Graham levantou-se, agarrou na bebida e nos cigarros e saiu da sala.

– Olha, vê o que fizeste – disse-lhe, irritada. Libertei-me dos braços da Kiki e corri atrás do Graham.

Fui encontrá-lo sentado, encostado ao ulmeiro, no jardim, observando a baía de Seaview. Na verdade, na escuridão eu não conseguia realmente vê-lo; guiei-me pelo brilho da ponta do seu cigarro. Tirei-lho da mão e esmaguei-o na relva, peguei na bebida e sentei-me a seu lado.

– A culpa não foi tua – disse-lhe.

– Foi, sim. Pensei sobre isso, revi o assunto vezes sem conta na minha cabeça e tenho a certeza de que o fiz deliberadamente. Vi o velho Nick, o bom velho Nick, a estender o abdómen e zás! – Fez um movimento brusco com o braço. – Não consegui resistir, não foi?

– Não sei de que estás a falar. Vocês estavam a jogar futebol, é tudo.

– Oh, com certeza. É isso.

Pegou na bebida, mas eu segurei-lhe o pulso.

– Não!

– Nick felizardo – disse ele. – Tem a mulher completamente apaixonada por ele e a ex-noiva também. Até a sua própria filha há muito perdida.

– A sua *quê*?

– A sua filha.

Olhei fixamente para ele, para o que conseguia ver dele na escuridão. O quarto crescente da Lua realçava-lhe o branco dos olhos e dos dentes. Os meus ouvidos zumbiram com o choque.

– Não percebo o que queres dizer.

– Oh, por amor de Deus, Lily. Toda a gente sabe.

– Sabe o quê? Sabe exatamente o quê? – O estremecimento na minha voz parecia pertencer a outra pessoa.

– Que a Kiki é tua filha. Tua e do Nick.

Abanei a cabeça. A minha mão inerte soltou o pulso do Graham.

– Isso é ridículo. A Kiki é minha irmã. Foi a minha mãe que a teve. Eu estive no hospital quando ela nasceu.

O Graham deu-me um ligeiro empurrão e levantou-se, agarrando na sua bebida.

– Não vou discutir. Seja como queres.

Segurei-o pelo ombro quando ele voltou as costas.

– É isso que as pessoas dizem? Diz-me a verdade.

– Por amor de Deus, Lily. Basta olhares para ela. Aquele cabelo, aquela pele.

– Isso é ridículo – repeti. – A minha mãe tem o cabelo escuro.

Ele ficou em silêncio e não se mexeu. A sua respiração encheu o ar entre nós, com aromas de cigarros e de *whisky* escocês, a recordar-me a noite no bar da estrada. Tocou-me no queixo com a mão.

– A maneira como tu a amas, Lily.

– Admito que a *amo* como uma filha. Praticamente fui eu quem a criou. A mãe... bem, tu conheces a minha mãe, não é especialmente *afetuosa*. E andava muito ocupada a tratar do meu pai, e de todos os seus projetos...

– Oh, meu Deus, Lily. Esquece. Quem me dera que alguém me amasse assim.

Pus a mão sobre a dele, ainda pousada sobre o meu queixo.

– Há milhares de pessoas que te adoram, Graham. Talvez milhões. Tu és um herói.

– Tu amas-me, Lily?

– Claro que amo.

Aproximou a outra mão e fez uma concha em redor do meu rosto.

– O suficiente para te casares comigo?

– Graham. – Estava tão escuro. Queria vê-lo, mas as nuvens voltaram a encobrir a lua e as luzes da casa ficaram muito distantes. A sua beleza física, naquele momento, perdera-se para mim. Só podia cheirá-lo, senti-lo e escutá-lo.

Sentia-o agora, com a sua testa a tocar na minha.

– Tu consegues trazer tudo de volta à vida, não é, Lily? A tua menina. O Nick, ali, sobre a areia. Por isso, traz-me de volta a mim.

– Tu já estás vivo. Demasiado vivo, se queres saber.

– Não, não estou. Eu... Jesus, Lily. Não sabes a metade. Eu não te mereço, nem por um segundo, mas se tu me deres apenas... uma *oportunidade*, Lily. Juro por Deus que serei bom para ti. Vais *tornar-me* bom, não vais?

– Tu *és* bom, Graham. És um bom homem. Todo este verão, foste um perfeito cavalheiro, um...

– Para de falar, Lily. Não suporto ouvir-te. Estás a matar-me. – As suas mãos enfiaram-se no meu cabelo, agarrando-me. A respiração dele aproximou-se da minha pele.

– Então, calma – sussurrei. – Acalma-te. Bebeste muito, Graham. Muito de tudo.

– Lily – murmurou, beijando-me a testa e as faces. – Se eu pudesse tirar-lhe uma coisa. Só uma coisa. Só tu.

– Sou tua, Graham. – Pus os meus braços em volta dele. – Sou tua. O Nick tem a Budgie, tu tens-me a mim.

O Graham riu-se.

– É verdade. Claro. Ele tem a Budgie, eu tenho-te a ti.

Não respondi. Acariciei-lhe as costas com as minhas mãos, para cima e para baixo. Os músculos amontoados sob o meu toque.

– Tu és como leite com mel, Lily. Sabes isso? – beijou-me a boca. – Tu és consolo e alegria. És o antídoto para todo o mal.

– Não, não sou.

Os seus dedos exploravam o meu vestido, a sua boca explorava a minha boca.

– És, sim. Minha garota leite com mel. Minha pequena e serena Lily. – Caiu de joelhos, agarrou-me a mão e beijou-a. – Casa-te comigo, por amor de Deus. Casa-te comigo já.

– Para com isso, Graham. Estás completamente embriagado.

– Não, estou totalmente sóbrio. Tu és a minha derradeira esperança, Lily Dane.

– Pergunta-me de novo amanhã de manhã. – O meu vestido meio desabotoado abriu-se sobre os meus seios. Segurei-o com a mão e com a outra segurei a do Graham.

– Amanhã de manhã, vais dizer-me que sim?

– Talvez.

– Diz que sim, por amor de Deus, Lily. O Nick é casado, não podes tê-lo. Aceita-me em vez dele.

Ajoelhei-me para o encarar, segurando o meu vestido e a mão dele.

– O que queres, realmente, Graham? O que procuras? Só pensas que me queres por causa do Nick. Tu não queres uma mulher, realmente não queres.

– Eu preciso de uma mulher. Alguém que me mantenha na linha. Maldição! Estou tão perdido, Lily, não imaginas quanto. Preciso de ti, Lily. Porque não dizes que sim?

Coloquei os braços em volta do seu pescoço.

– Não sei. – Beije-o. – Não sei.

Os dedos do Graham estenderam-se pela pele nua das minhas costas.

– *Eu* sei. Maldição!

Ficámos ali, abraçados, respirando um contra o outro, enquanto o vestido pendia, frouxo, dos meus ombros. As asas dos insetos rasavam a relva à nossa volta. Pouco a pouco, a tensão desvaneceu-se dos meus membros, com a respiração quente do peito do Graham junto à minha face, o rasto meditativo das suas mãos nas minhas costas. A trezentos metros de distância, o Nick estava deitado na cama do quarto de visitas, com dores nas costelas, dores de cabeça, e alguém o acordava de hora a hora. A Budgie estava deitada no quarto de ambos, num sono intoxicado, exausta pela histeria. Ambos pareciam agora bem distantes, ao lado das sólidas dimensões do Graham Pendleton, musculoso e carente, abraçando-me na escuridão como um objeto precioso de valor inestimável.

Alguns no meu íntimo, o desejo físico começava a arrastar e a dissolver uma série de barreiras por mim criadas, peça a peça, cada uma cuidadosamente ajustada à seguinte. Os meus seios formigavam. Ergui a cabeça, pus-me em bicos de pés e beijei o Graham, pressionando as minhas coxas contra as dele.

Por um instante, ele respondeu-me com paixão, estendendo os seus dedos sob o algodão leve do meu vestido para encontrar apenas a bainha de renda das minhas cuecas de seda cor de marfim. Ao mudar de roupa, com o calor opressivo do final da tarde e com o apressado pânico de que o Nick se pudesse ter magoado, não me dei ao trabalho de vestir corpete ou calçar meias. Nem sequer os poderia ter apertado, de tal forma os meus dedos tremiam.

– Jesus, Lily – murmurou o Graham, envolvendo-me as ancas com as suas mãos.

Ter-me-ia dado a ele naquele mesmo momento, sobre a relva, contra a árvore, de qualquer forma que ele quisesse. Eu precisava do consolo do sexo, do conforto do corpo de um homem sobre o meu, dentro do meu. Precisava de uma ligação, precisava do toque, do delírio e da libertação. Precisava de algo que me trouxesse de novo à vida. Arranquei a camisa que o Graham tinha à cintura e puxei pela sua camisola interior.

– Jesus, Lily – repetiu ele, e depois: – Não. – Largou-me o vestido, recuou, enfiou os dedos no cabelo.

– Graham.

– Não. Eu jurei, Lily. Eu jurei fazer isto como deve ser. Nem que seja a única coisa.

– Graham, está tudo bem. Eu quero isto; estou pronta para ti. – Estendi-lhe os braços vazios. Estava em brasa e pronta para implorar.

Ele aconchegou-me o rosto com as mãos.

– Diz-me que te casas comigo, Lily. Diz-me apenas que sim, e dou-te tudo, como tu quiseses. Vou dar-te tudo do melhor.

Olhei-o, desamparada, com o corpo a derreter e a boca congelada.

– Muito bem, então – sussurrou. – Numa outra altura.

O Graham Pendleton beijou-me delicadamente os lábios e afastou-se, um pouco cambaleante, pelos jardins das traseiras das casas de Seaview Neck, com as luzes do continente a cintilarem ao longo da baía.

CAPÍTULO 13
Manhattan
Véspera de Ano Novo, 1931

Os edifícios deslizavam perante os meus olhos como uma névoa cinzenta acastanhada.

– Aonde vamos? – perguntei, encolhendo-me dentro do casaco. O segundo melhor casaco de visom da minha mãe. Só espero que ela não o tenha reconhecido quando fugimos por entre a multidão de convidados.

– O meu pai tem um apartamento no centro, para clientes e para as noites em que fica a trabalhar até tarde – respondeu o Nick. – É um bom sítio para darmos as boas-vindas ao Ano Novo. Se conseguirmos chegar a tempo. – Espreitou o relógio, torcendo um pouco o pulso. – Estás bem?

– Sim, estou ótima. Apenas atordoada.

– Compreendo.

– Bem vêes, ela nunca sai. Disse-nos que ia supervisionar uma festa, para órfãos! – Tinha de gritar, acima do ruído do carro e do vento. As ruas estavam impressionantemente vazias para uma véspera de Ano Novo na cidade de Nova Iorque. Já todos deviam estar em festas, ou em casa, à espera da meia-noite. – Mas, suponho... bom, com o pai no estado em que está, talvez ela precise de se divertir um pouco de vez em quando e não queira que ele se sinta... – A minha voz desvaneceu-se.

O Nick estendeu a mão e pegou na minha. Já estávamos sem as máscaras e à medida que a luz dos candeeiros públicos se refletia no seu rosto, uma após outra, eu conseguia captar um vislumbre da sua expressão: terna, curiosa.

– Queres ir para casa? Podemos regressar, se preferires. Simplesmente pensei... bem, que seria uma pena estragar a noite. Não tens frio?

– Estou bem. – Voltei-me para ele e sorri. – Na verdade, é quase engraçado, não é? Ali estou eu, a escapar-me do apartamento dos meus pais para ir a uma festa, a pensar que sou muito endiabrada... e lá está a minha mãe, exatamente no mesmo sítio, a fazer a mesma coisa.

– Concordo que é chocante.

Olhei para baixo para o espaço do banco entre nós, onde as nossas mãos se agarravam sobre as máscaras, pretas e brancas.

– E o curioso, Nick, é que eu achei que ela estava linda. Nunca tinha pensado nisso antes. Ela sempre me pareceu tão normal, tão *matronal*, com os seus fatos e os seus chapéus. Sinto-me como se a tivesse visto pela primeira vez, como se realmente estivesse a *vê-la*. E ela estava linda e eu não a reconheci.

– Bem, claro que estava linda. Olha para *ti*. – Riu-se. – Mas, não importa;

agora, nós os dois, teremos a nossa própria festa. Só tu e eu.

– Isso agrada-me. – Deslizei no banco e aconcheguei-me a ele. O Nick envolveu-me com o seu braço, retirando-o apenas para mudar de velocidades ao parar e arrancar nos semáforos.

O apartamento do pai do Nick ficava no centro da cidade. Aproximámo-nos de um edifício discreto em Gramercy Park, onde o Nick estacionou o carro e me abriu a porta. O parque encontrava-se na penumbra do outro lado da rua, atrás de uma cerca de metal. O meu coração batia ao ritmo da braçada de mariposa. Se escapar do apartamento dos meus pais para ir a uma festa de máscaras em Central Park West me fazia sentir desobediente, isto então era escandaloso. Encaminhava-me para um apartamento em Gramercy com um homem que não era meu marido, na noite de fim de ano, com o champanhe ainda a correr-me ilegalmente nas veias e o meu vestido a cintilar debaixo do casaco de visom.

– Tens a certeza? – perguntou o Nick, apertando-me a mão.

Olhei para ele, para os seus fortes traços retangulares, salientados pela luz do candeeiro público mais próximo, e para o seu cabelo descaído sobre a testa e debaixo do chapéu. Os seus magníficos ombros impediam-me de ver o resto do passeio. «Estou com o Nick», faço por me lembrar. Não há nada que possa correr mal, nada é pecaminoso com o Nick.

– Absoluta. – Enfie o meu braço no dele.

O apartamento era no oitavo andar, com vista sobre o parque. O Nick fez-me entrar primeiro e acendeu a luz da entrada. Estaquei, chocada. O espaço era liso e branco, repleto de superfícies espelhadas e mobilado com simplicidade. Nas paredes viam-se enormes pinturas abstratas em vermelho-vivo, sem molduras visíveis, um universo completamente diferente do das gravuras de Audubon na parede do apartamento dos meus pais.

– Graças a Deus que o aquecimento está ligado – disse o Nick. – Deixa-me tirar-te o casaco. – Fê-lo deslizar pelos meus ombros, deu-me um beijo no pescoço e conduziu-me à sala de estar. – Fica à vontade. Aposto que há champanhe na geleira. O meu pai guarda sempre à mão uma garrafa ou duas para o caso de ter de celebrar algum negócio.

Vagueei pela sala descontraidamente, inteirando-me dos poucos e indecifráveis objetos modernos, passando os dedos pelos livros, procurando não pensar no quarto que se insinuava ao fundo da entrada. As janelas eram curiosamente escuras, como se a luz dos candeeiros públicos e dos edifícios vizinhos não conseguisse encontrar um caminho para chegar até nós. Ao lado do sofá havia um candeeiro sobre um tripé; liguei-o e um círculo de luz dourada libertou-se na escuridão. Na cozinha, ouvi os ruídos do Nick a mexer em copos e nos armários. Pelo ar chegou até mim o estalido suave de uma rolha de champanhe a saltar.

– Aqui estamos, querida – disse o Nick, estendendo-me um copo. – Saúde. A um 1932 encantado – de soslaio, olhou para o relógio – que está apenas a doze minutos de distância.

– Saúde. – Bebi um longo trago.

A mão dele fechou-se em volta da minha.

– Estás a tremer. O que se passa? Estás nervosa?

– Um pouco.

Tirou-me o copo da mão e pousou-o junto ao dele sobre a superfície espelhada da mesa.

– Vem cá, Lily.

– Vou aonde?

– Aqui. – O Nick puxou-me para o sofá. – Estou a avançar depressa de mais? Sê sincera, Lily. Podes dizer-me a verdade. Diz-me exatamente o que pensas.

– Não. Não estás a ser rápido de mais. – Olhei para as nossas mãos entrelaçadas sobre o joelho do Nick.

– O que se passa, então?

O coração dele batia sob o meu ouvido em pulsações regulares, através das minúsculas pregas da camisa do seu *smoking*. Conto-as, uma após a outra, procurando controlar-me.

– Lily. Sou *eu*, o Nick. Seja o que for, eu vou compreender.

Murmuro:

– É só que são tantas as sensações. Tantos os desejos. E não posso... Nunca fiz isto... Ainda me sinto como uma criança; não estou pronta, não o *suficiente* para ti...

– Ah! – Sentado, afagou os meus dedos com o polegar. – Disseste uma coisa ao teu pai, na entrada da tua casa, há duas semanas. Desde então, isso é tudo o que tem ocupado o meu pensamento. Lembras-te?

Lembro-me. Ainda assim, pergunto:

– O que foi?

Inclina-se sobre o meu ouvido.

– Disseste: eu *amo-o*.

– *Hum*. Bem, sabes, eu estava um pouco demente na altura.

– Sentes-te suficientemente demente para o dizer outra vez?

Ri-me.

– Nick. Claro que te amo. Ainda precisas de perguntar?

O seu corpo quente envolvia-me.

– Quero perguntar-te uma coisa antes, Lily. Antes de termos fugido aterrorizados. – A sua mão, que estivera a remexer no bolso do seu *smoking*, o bolso do mesmo casaco que ele tinha arrancado tão apressadamente no seu quarto, uma hora atrás, emergiu e repousou no meu colo. Quando a retirou, deixou ficar uma pequena caixa, atada com uma fita de seda branca.

– O que é isto?

– O teu presente de Natal, com uma semana de atraso. Queres, Lily, querida? Aceitas?

Toquei o canto com um dedo. As arestas quadrangulares confundiam-se e refletiam-se nas lágrimas dos meus olhos.

– Sim!

A meia-noite chegou e partiu e 1931 passou invisivelmente para 1932, sem darmos por isso. Estávamos deitados no sofá, eu de costas e o Nick absorto junto a mim. O braço dele enlaçava-se em volta da minha cabeça, a roçar no meu cabelo; o seu anel brilhava no meu dedo. Falávamos sobre o futuro.

– Casamo-nos logo depois de eu terminar a licenciatura – disse o Nick. O casaco dele estava caído no chão, e o colete de cetim branco pendia-lhe dos ombros, desabotoado. Os seus dedos vagueavam pela frente do meu vestido. – Vamos para fora na lua de mel e passamos lá o verão inteiro. Ou talvez a vida inteira. O que achas?

– Então e a arquitetura?

– Vamos para Paris. Podes escrever para o *Herald Tribune*, ou estudar, ou aquilo que quiseses. Hei de encontrar um *atelier* em que possa começar como aprendiz. Haverá melhor lugar para aprender o meu negócio do que Paris? – Deu-me um beijo. – Havemos de encontrar algures umas águas-furtadas, com vista sobre os telhados, e enchê-las de livros e jornais, vinho barato e móveis em segunda mão. Não precisas de nada sofisticado, pois não, Lily?

– Se estiver contigo, não. – A mão dele era tão grande, que parecia rodear toda a minha coxa. Mergulhou a cabeça e beijou-me o colo do peito, acima do decote do vestido. Os meus dedos descobriram os botões da sua camisa e soltaram-nos. Queria investigar, descobrir o Nick. – Estamos noivos – disse eu. – Não posso acreditar que sou a *tua* noiva, Nick.

– Temos seis meses para convencer os teus pais. Mas de qualquer maneira, avançamos. De acordo, Lily?

– Sim. Não me importa o que digam. Sou tua.

Ele não respondeu e eu olhei para cima para encontrar o rosto dele inclinado sobre o meu, indistinto e decidido, escaldante de intimidade.

– Nick?

– De onde vieste, Lily? Tu és como um milagre.

– *O teu milagre.*

Beijou-me profundamente, virou-se sobre mim e desviou o brilhante decote em V do meu vestido, expondo os meus seios à luz do candeeiro. Pensei: «Eu devia estar chocada, devia afastá-lo», mas em vez disso as minhas costas arquearam-se na direção do seu olhar.

O Nick suspirou.

– Lily, tu és perfeita. Mais do que sonhei. – Esfregou o polegar sobre a ponta do meu mamilo e aquele pequeno contacto inflamou-se como uma centelha na minha pele inexperiente, fazendo-me arquejar.

– Está tudo bem, Lily? – perguntou, olhando-me nos olhos.

– Sim. *Por favor.* Não pares.

– Só se quiseses, Lily. Prometo. Só se tu disseres. – Os seus olhos estavam

escuros e sérios.

– Eu quero, Nick. Tudo. Eu quero. – A minha pele raspava contra a camisa dele e conseguia sentir cada fio, cada costura. Ansiava por mais, por conhecer melhor a pele do Nick, a carne do Nick, por toda e qualquer coisa que ele me quisesse fazer. Queria que entre nós todos os segredos se aclarassem.

O Nick fechou os olhos. A luz brilhava-lhe nas pálpebras, que tinham uma coloração púrpura junto às pestanas, como uma nódoa negra. As suas pestanas agitaram-se, encantadora e inesperadamente longas.

Ele baixou a cabeça e sussurrou-me ao ouvido:

– *Tudo?*

– Tudo, Nick.

Virou-se sobre mim, soerguendo-se nos cotovelos. Tinha o pescoço curvado e o rosto ainda a tocar no meu. As suas pernas compridas estavam entrelaçadas nas minhas. Eu adorava o seu peso, a sua massa sólida equilibrada à distância de um cabelo.

– Tens a certeza? A certeza absoluta? Confias em mim?

– Nick. Não acabei de prometer casar-me contigo? Com certeza que confio em ti. *Sim*. Sim e sim.

O Nick levantou-se e afastou-se do sofá, estendendo-me ambas as mãos.

– Vem – disse-me, puxando por mim. – Temos de ser cuidadosos. Não tenho nada comigo.

Franzi as sobrancelhas, sem ter a certeza do que ele queria dizer.

– Não importa – disse ele. – Não te preocupes. Eu trato disso.

Atravessando a entrada, o Nick conduziu-me até ao quarto escuro ao fundo e depois acendeu o candeeiro ao lado da cama. Tal como o resto do apartamento, o quarto era brilhante e moderno, uma divisão branca e acetinada, com um grande retrato desarticulado sobre a cabeceira da cama que bem poderia ser um Picasso.

Por um momento, o Nick observou-me, com os seus olhos a devolverem a incandescência do candeeiro.

– O que é? – perguntei, erguendo o vestido dois ou três centímetros.

– Não faças isso. Nunca mais te escondas de mim. – Aproximou-se, tirou o vestido dos meus dedos e procurou os botões. – Agora estamos juntos, Lily. Uma só carne. Não tens nada a esconder de mim. – O meu vestido soltou-se, caindo-me ao longo do corpo até aos meus pés. Tirou o colete e lançou-o sobre a cadeira; desabotoou o resto da sua própria camisa e puxou-a pelos ombros. Eu observava-o, incapaz de respirar, incandescente como uma brasa no ar frio do quarto. O Nick puxou pela bainha da sua camisola interior e passou-a sobre a cabeça. À luz dos candeeiros, a sua pele nua tinha um brilho crepuscular, salpicado com pelos escuros encaracolados. Maravilhada, toquei o peito do Nick.

Ele encontrava-se de pé, absolutamente imóvel, com os olhos fechados.

– Não sei o que fazer – suspirei. – O que devo fazer?

– Acredita em mim, Lily: aquilo que quiseses – disse e olhou de relance para as janelas; depois riu-se. – Não vamos deixar que os vizinhos assistam, *hum?*

Dei um salto e cruzei as mãos sobre os seios.

– Eles conseguem ver-nos?

– Não vou correr riscos. Conheço muita gente pela cidade que tem os binóculos junto à janela. – Deu um passo largo até à primeira janela, agarrou o cordão e olhou para baixo.

Sei qual foi o momento exato em que ele reparou no carro que subia a rua lá em baixo. Fez um movimento de ombros que depois ficaram rígidos, com as omoplatas a sobressaírem prontamente da sua massa muscular nas costas. A doce tensão no ar disparou como um elástico que se estira demasiado.

– O que é? – Avancei, alarmada.

– Não acredito – disse, expirando. – O raio se acredito.

– Nick, *em quê?*

Virou-se para mim. O seu rosto estava calmo e terrível.

– Escuta, Lily. O meu pai está lá fora.

– *O quê?*

– Com a tua mãe, parece-me. Devem ter-nos descoberto, sabe Deus como.

As mãos voaram-me para a boca.

– Oh, não! *Como?*

– Não importa. O que queres fazer? A escolha é tua. Se quiseses ficar aqui e enfrentá-los, estarei ao teu lado. Ou podemos sair. Levo-te para baixo no elevador de serviço e deixo-te em casa. Tu és que decides.

Corri para a janela, segurando o vestido na mão, e olhei para baixo. Cá de cima não conseguia ver claramente, mas reconheci o vestido comprido branco da minha mãe, a brusca intencionalidade dos seus gestos. O senhor Greenwald – tinha de ser ele, um homem formidável de ombros largos – estava a ajudá-la a sair do carro, desembaraçando as suas saias ondulantes do assento. Em poucos minutos, estariam a sair do elevador, a chegar à porta, com os braços estendidos para me arrastarem de volta à Park Avenue, para a vida trivial e constante que era a minha.

Voltei-me para o Nick. O seu peito estava inundado de luar; o rosto pálido e determinado. O sangue acelerava-me no corpo, cheio de champanhe, cheio de vida, cheio de amor.

– Não escolho nada.

– Nada? Então o que fazemos?

Lancei os meus braços em volta do seu pescoço nu e ri-me.

– Vamos fugir como dois amantes.

– *Fugir?*

– Sim. Agora. Vamos. Temos o teu carro.

Ele riu-se também, pegou em mim e fez-me rodopiar.

– Miúda louca. Para onde vamos?

– Não sei. Para onde vão os amantes quando fogem?

– Para Lake George, acho eu. Ou para Niágara.

– Lake George é mais perto – comentei.

Fitámo-nos, sorrindo, com os olhos abertos de possibilidades.

– Vamos – disse o Nick.

Ele ajudou-me com o vestido e eu ajudei-o com os botões e os fechos. Os meus dedos tremiam: não com nervos mas da excitação. Atirou-me o visom; estendi-lhe o colete e o casaco. Ele desligou as luzes, foi à cozinha, pegou num pão fatiado e embrulhou-o no seu sobretudo de lã.

– Estou esfomeado – explicou.

Corremos para a porta, ainda a rir. No último segundo, parou, virou-se e precipitou-se para a sala de estar, onde a garrafa de champanhe ainda repousava sobre a mesa do sofá, ornada com pérolas da condensação. Pegou nela e nos nossos dois copos.

– Vamos, querida Lily – disse-me. – Vamos casar-nos.

CAPÍTULO 14
Seaview, Rhode Island
Dia do Trabalhador, 1938

Um furacão avançara sobre Florida Keys durante o fim de semana. Ouvimos as notícias na rádio, aterrorizados, enquanto nos aprontávamos para a festa do Dia do Trabalhador em casa dos Greenwald: casas arrasadas, comboios descarrilados, uma equipa inteira de veteranos de guerra desaparecera.

– Assustador – disse a tia Julie. – Hoje em dia andam todos a ansiar loucamente pela Florida. Não compreendo. Deem-me um só dia no Sul de França.

– Há o vento mistral – recordei.

– Mas não está ninguém em casa durante o mistral, querida.

– Bem, não está ninguém na Florida agora – respondi. – Ah, espera! Exceto as pessoas que lá vivem, claro.

A Kiki puxou-me pela mão.

– Vamos. O Nick está à espera.

Desde o acidente do Nick uma semana antes, a Kiki não tinha querido perdê-lo de vista. Fomos a casa dos Greenwald na manhã seguinte para ver como estavam todos. O Nick já se encontrava no piso térreo, com as costelas ligadas, dizendo-nos que não fora nada, deixando a Kiki subir para o colo dele e rabiscar nos planos sobre a mesa à sua frente. A Budgie estava sentada na cama, no piso superior, a comer um ovo cozido, e ainda parecia confusa.

– Ontem devo ter envelhecido uma década, querida – disse-me pegando no ovo. – Não consigo imaginar a vida sem ele. Prometi a mim mesma que a partir de agora serei uma boa mulher para ele. Vou ser recatada e fiel e preparar-lhe o pequeno-almoço todas as manhãs.

Quis dizer-lhe que, naquele momento, os primeiros progressos não estavam a ser muito promissores, mas em vez disso dei-lhe uma palmadinha na perna sob o edredão e disse-lhe que o Nick era um homem com sorte.

Mas era mais do que o simples desejo de a Kiki se querer assegurar de que o Nick continuava a existir. A sua imaginação fora tomada pela ideia de que eu, em tempos, fora namorada do Nick, que outrora tínhamos sido noivos. Tinha-se convencido de que o Nick devia divorciar-se da Budgie e casar-se comigo, e a Kiki não era o género de menina que sonhasse sem razão. Três dias antes, ao sair da água na enseada deserta depois da minha sessão de natação matinal, descobrira que afinal ela não era assim tão deserta. O Nick permanecia de pé, nas rochas perto do baluarte, rígido como uma estátua, com o rosto contraído numa expressão de terror extremo. Ao seu lado estava pousado um grande balde de metal.

– Nick! – saltei de novo para dentro de água.

– Lily! – Virou-se de costas. – Desculpa. Não fazia ideia. A Kiki...

– O que fez a Kiki?

– Pediu-me para me encontrar com ela, aqui, esta manhã. Tinha que ver com pesca.

– Ela está aqui?

Ele olhava fixamente as muralhas do baluarte, com as suas costas amplas a absorverem o brilho avermelhado do nascer do Sol.

– Não me parece.

Mantive-me com a cabeça fora de água durante alguns longos segundos, interrogando-me há quanto tempo estaria ele ali, sem me atrever a perguntar.

– Nick, importavas-te muito...?

– O que é?

– A minha toalha.

O Nick encontrou a toalha nas rochas. As suas bochechas pareciam coradas, mas podia ser o brilho do sol nascente. Estendeu-me a toalha de costas, sem olhar. Saí da água, tirei-lha das mãos e enrolei-me nela.

– Agora já podes olhar – disse-lhe.

Ele deu meia-volta, mirando com determinação o movimento das ondas na enseada.

– Desculpa. Ela parece ter interiorizado esta noção...

– Eu sei. Procurei explicar-lhe que era impossível... – Deixei as minhas palavras arrastarem-se.

– *Procuraste?* – perguntou-me.

– *Tu* não?

– Eu não disse nada. Este não é o meu lugar, pois não? – Abanou a cabeça. – Tenho de ir. Desculpa se te perturbei.

– Nick, espera. Como está a tua cabeça?

– Ótima.

– E as costelas?

– Ótimas.

– És um tremendo estoico, Nick Greenwald. Sempre foste.

– Querida Lily – disse, fixando o olhar na areia junto aos seus pés –, tu não fazes ideia.

Nessa altura virou costas, pegou no balde e afastou-se, e eu regressei a casa e dei à Kiki uma severa lição sobre a santidade do matrimónio. Permaneceu cabisbaixa o tempo todo junto à mesa da sala de jantar e, quando terminei, perguntou se podia almoçar em casa dos Greenwald.

Respondi-lhe que não.

Portanto, a festa do Dia do Trabalhador era a primeira vez em vários dias em que a Kiki iria ver o Nick, e ela precipitou-se escadas acima e entrou em casa dele antes mesmo de a tia Julie e eu termos chegado à entrada. (A minha mãe, que continuava a respeitar a ordem de isolamento relativamente aos Greenwald, decidira participar nas celebrações mais afetadas que se realizavam no Seaview Club, com a sua cabeça rigidamente erguida.)

A Budgie veio saudar-me à porta, de olhos brilhantes e lábios vermelhos, com um beijo na face. Segurava um copo de *gin* tónico, repleto de gelo.

– Tenho estado à tua espera.

Aceitei o copo.

– Aqui estamos.

A Budgie enlaçou o braço no meu.

– O Graham está cá, parece algo taciturno. Ainda não lhe deste o teu *sim*, minha tonta? Pobre rapaz.

– Eu só saio com ele há algumas semanas.

A casa já estava cheia, com mulheres risonhas e homens maliciosos. A Budgie levou-me para o solário, murmurando-me ao ouvido:

– Preciso de falar contigo. Estou desesperada para falar contigo.

– Aqui?

– Mais tarde – respondeu, pestanejando, parando à entrada do solário, onde há uma semana o Nick e a Kiki tinham estado deitados e debruçados sobre as plantas do apartamento de Nova Iorque.

– Mas o Graham está ali. Vai. Fá-lo feliz, querida. Deu-me um pequeno empurrão pelas costas.

O Graham estava de pé no vértice de um estreito triângulo formado com duas jovens nos cantos opostos, uma loura e outra ruiva. Ele tinha um copo de *whisky* numa mão e um cigarro na outra e agitava-o para explicar o seu ponto de vista. Olhou de relance quando entrei no solário e teve o gesto benevolente de se sentir embaraçado. Voltei-me para a Budgie, mas ela tinha desaparecido.

– Minhas senhoras – disse o Graham, fazendo uma ligeira vénia. As suas palavras tinham contornos pouco precisos. – Quero apresentar-vos a minha noiva, a bela Lily Dane.

As duas mulheres viraram-se em simultâneo. As suas sobranceiras estavam delicadamente pintadas, ao estilo de Greta Garbo e ergueram-se-lhes na testa em idênticos arcos de surpresa.

O Graham pousou o seu *whisky*, apagou o cigarro num cinzeiro próximo e encaminhou-se para mim. Já não o via desde a noite do incidente com o Nick. Tinha-me mantido entre a minha casa e o clube e ele não me tinha visitado. Tomou-me a mão e beijou-a reverencialmente.

Acenei com os dedos em volta do meu copo alto.

– Boa tarde, senhoras.

O solário estava quente. O Graham conduziu-me através da casa até ao terraço. Mantive os olhos nas suas costas, recusando-me a tentar descobrir o Nick. Chegámos ao terraço e ele prosseguiu, até pararmos no cais, voltados para a baía.

– Senta-te – disse-me e sentou-se. Ofereceu-me um cigarro e eu aceitei. – Bebe – sugeriu. – Tudo. Quero-te bem e embriagada, Lily. Contigo é a única maneira.

Bebi o meu *gin*, obedientemente, fumei o meu cigarro. As nuvens

pairavam pesadamente sobre nós, a ameaçar chuva iminente. Da casa e do terraço chegava-nos o ruído estridente das gargalhadas. O Graham sentou-se de pernas cruzadas à minha frente, sério, radiantemente bonito, surpreendentemente humilde, um pouco mais do que ligeiramente embriagado. Acendeu um cigarro dos dele, prendeu-o nos lábios e pegou na minha mão livre com ambas as mãos.

– Dei-te uma semana para sentires a minha falta – disse.

– Senti a tua falta.

Ergueu uma das mãos para retirar o cigarro da boca.

– Quanto?

– Muito – respondi-lhe, a sorrir.

– Bebe mais.

Bebi outro trago.

– Já tens alguma resposta para mim?

Fiquei sentada, pensativa, mantendo-me ocupada com a minha bebida e o meu cigarro.

– Quem eram aquelas raparigas que estavam contigo? Amigas tuas?

– Admiradoras. Nunca as tinha visto até esta manhã. Faz parte do jogo.

Mas estás a fugir à minha pergunta.

– O que queres dizer com *faz parte do jogo*?

Ele suspirou.

– Quero dizer que, no decurso das minhas obrigações, por vezes encontro membros do sexo oposto com propósitos mesquinhos relativamente à minha pessoa. Percebes?

– E o que fazes em relação a isso?

– Nada.

– Nada, Graham? Olha, eu não nasci ontem. Se não consegues dizer-me a verdade, eu posso muito bem levantar-me já e voltar para dentro de casa.

Outro suspiro.

– Em tempos que já lá vão, posso ter tirado partido, ocasionalmente, dessa vantagem. Mas hoje já não.

– *Hum*. – Bebi um trago.

– Não duvides de mim, Lily, com esse teu tom misterioso. Eu preciso de uma resposta. Amanhã volto para a cidade. Tenho consulta com o médico da equipa.

– Amanhã?

– Querem ver se eu estou pronto para outubro.

– O que acontece em outubro?

Revirou os olhos e inclinou-se para trás apoiando-se na mão.

– São os *playoffs*, Lily. As World Series, se conseguirmos lá chegar.

– O teu ombro já está em perfeitas condições?

– Melhorou o suficiente. O Palmer tem treinado comigo durante as manhãs; o meu braço parece estar bastante recuperado. Amanhã de manhã cedo faço-me logo à estrada. – Procurou no bolso do casaco. – Vou ficar num

hotel. Emprestei o meu apartamento a um companheiro durante o verão, um companheiro de equipa, do Ohio. Aqui tens a morada. – Estendeu-me um pedaço de papel onde se lia *The Waldorf-Astoria, Suite 1101*.

– Porque me estás a dar isto?

– Para ires visitar-me.

– Oh! – Aceitei o papel. Não tinha carteira nem bolsos. Remexi-o entre os dedos, examinando a tinta preta dos rabiscos descuidados da caligrafia do Graham.

– Com licença. – Ergueu um dos lados do suave decote em V do meu vestido e prendeu o papel sob a bainha do meu sutiã.

– Eu não vou regressar à cidade antes do fim do mês. A minha mãe gosta de ficar mesmo até ao fim e a escola da Kiki só começa depois do dia 26.

– Podes arranjar uma desculpa? Compras, talvez?

– Talvez possa. – O cigarro começava a queimar-me os dedos. Dei uma última passa e apaguei-o sobre a madeira do cais.

– Talvez. Talvez possa. Não haverá maneira de te arrancar uma resposta direta, Lily?

O meu copo estava vazio. Pousei-o e segurei as mãos do Graham.

– Não haverá maneira de ficares feliz com *isto*, Graham? Não precisas de te casar comigo.

– Alguém tem de proceder contigo como deve ser, Lily.

Peguei no meu copo vazio e levantei-me.

– Não, não tem. Francamente, o casamento já não me impressiona muito. Tudo o que consigo ver são ruínas. A minha mãe e o meu pai, a tia Julie e o Peter. O Nick e a Budgie. Acontece sempre alguma coisa, não é?

– Conosco vai ser diferente.

As palavras da tia Julie soram-me de novo vindas de um átrio de um singelo dormitório, sete anos antes. Apertei o copo.

– É sempre diferente, Graham, até se revelar exatamente igual. Posso ir visitar-te a Nova Iorque, se quiseres. Mas, por amor de Deus, vamos deixar o casamento fora disto.

Ele deu um salto.

– Não. O acordo passa por isso.

– Então não há acordo.

– *Li-ly!*

A Kiki chamou-me. Vinha a correr freneticamente pela relva em direção a nós.

Precipitei-me para ela.

– O que é? O que é, querida?

Abraçou-me as coxas.

– Nada. Só queria encontrar-te. Volta para dentro de casa, Lily. Por favor! O Nick diz que vai chover.

Espreitei por cima do ombro. O Graham abanava a cabeça, sentado no cais. Uma pontada de remorso golpeou-me o peito.

– Desculpa – disse-lhe. – Vejo-te mais tarde.
Acenou-me com a mão e puxou de outro cigarro.

A Budgie serviu um piquenique ao jantar, que passou para dentro de casa porque a chuva chegou impiedosamente. Sentámo-nos no chão branco junto às mesas da sala, a comer frango e fatias de fiambre finas como papel e a beber champanhe gelado. Lá fora ficou tão escuro que a Budgie acendeu as luzes todas, fazendo brilhar todos os seus candelabros e apliques com desenvoltura. O Nick não estava à vista.

A Kiki ficou junto a mim, comendo silenciosamente. Vislumbrei o Graham, aparentemente um pouco molhado, a conversar com as duas mulheres com quem se encontrara antes e com uma terceira que entretanto se lhes juntara. Uma mão pousou-me no cotovelo, acompanhada pelo perfume da Budgie. Virei-me.

– Kiki – disse ela, baixando-se. – Emprestas-me a tua irmã por um momento?

A Kiki fitou-a e afastou-se sem dizer uma palavra. «Eu devia chamá-la», pensei apaticamente, «mandá-la voltar atrás e obrigá-la a ser educada.»

– Bem, bem. – A Budgie endireitou-se ao vê-la a afastar-se. Segurava elegantemente uma taça de champanhe na mão e um cigarro na outra. Passou o cigarro para os dedos da mão que pegava na taça de champanhe e pegou na minha mão. – Vem, Lily. Vamos encontrar um canto.

Todas as divisões do andar térreo estavam cheias. Por fim, avistei o Nick, de pé junto à janela mais distante da sala de jantar, conversando seriamente com um homem que vestia um fato de crepe de algodão e cujo cabelo era ligeiramente grisalho. A Kiki estava agarrada à perna do Nick, a trincar um biscoito. Ele baixou-se e, distraidamente, fez-lhe uma festa no cabelo.

A Budgie levou-me ao piso de cima e depois conduziu-me pelo corredor para a esquerda, até ao seu quarto. Parecia menos arrumado do que antes, vagamente sórdido, a cómoda revolteada e os lençóis da cama bastante amarrotados, como se alguém tivesse acabado de se levantar. Havia um forte aroma de notas orientais do perfume da Budgie. Ela deu a volta ao quarto, cantarolando, ligando todos os candeeiros e recolhendo vários copos com restos do seu champanhe, enquanto a chuva batia nas janelas. Fiquei de pé a observá-la e a bebericar do meu copo.

Quando o quarto ficou iluminado, puxou-me para junto dela na cama e recostou-se na almofada, com o cigarro ainda entre os dedos, onde se cruzava com os três grandes brilhantes do seu anel de noivado.

– Tenho grandes novidades, Lily. – Descalçou-se fazendo voar os sapatos. Não usava meias e as suas unhas dos pés, pintadas com verniz brilhante, pressionavam a minha perna. – Quis que fosses a primeira a saber.

Eu sabia o que estava para vir. O meu estômago sentiu-o primeiro, numa espiral de náusea, cambaleante e fervilhante. Pousei o champanhe no chão e

apoiei-me numa das mãos.

– O que é? – perguntei despreocupadamente, balouçando o pé.

Ela esmagou o cigarro no cinzeiro ao lado da cama e inclinou-se para a frente.

– Vamos ter um bebé. Não é maravilhoso? Passei o verão a rezar por isto.

Por alguma razão, não me é nada difícil tomar-lhe as mãos nas minhas e apertar-lhas fortemente. Não me é nada difícil dizer, com grande sinceridade, com voz clara e brilhante:

– Mas... isso é maravilhoso, Budgie! Estou felicíssima por vocês os dois!

Ela olhou-me seriamente, com os seus olhos redondos e infantis, de um azul gélido e luminoso à luz de todos aqueles candeeiros, e com a sua pele branca como leite.

– Estás mesmo, Lily? Tu não te importas?

Segurei-lhe as mãos ainda com mais força.

– Importar-me? Eu esperava por isso. Vais dar uma mãe maravilhosa, Budgie. Olha para ti! Estás absolutamente radiosa! Para quando esperas o bebé?

– Abril, parece-me. O médico não tinha a certeza e eu também não podia dizer ao certo, percebes? – Piscou-me o olho, com as suas longas pestanas preguiçosas com o rímel.

Parecia que eu estava a ver a cena à distância, de algum ponto perto do teto, observando a Lily de cabelo encaracolado a falar deliciada com os belos ossos frágeis da senhora Nicholson Greenwald, felicitando-a pelas sensacionais notícias da sua gravidez.

– O Nick deve estar na lua – ouvi-me dizer.

– Claro que está. Ele sonha ser pai. Disse-mo durante a nossa lua de mel, como queria ter filhos meus, como queria uma *verdadeira* família.

– É claro, pois então. É por isso que as pessoas se casam, não é? – Aperto-lhe de novo as mãos. – Como te tens sentido?

– Melhor do que esperava. Exausta, evidentemente. Por isso fiquei tão histérica no outro dia, quando o Nick se magoou. Pensei... oh, tu não podes imaginar. Ter este segredo tão precioso guardado dentro de mim e o Nick ali deitado na areia sem se mexer. – Colocou as mãos sobre o ventre. – Graças a Deus que estavas lá para manter toda a gente calma. Tu és uma rocha tão forte, Lily. Vais ajudar-me com o bebé, não vais?

– Com certeza.

– Daqui a uns minutos vou anunciar a novidade na festa. Mas quis dizer-te primeiro, em privado. És a minha amiga mais querida, Lily. Nem sabes o que isso significa para mim, contar de novo com a tua amizade.

– Com certeza – disse mais uma vez. Peguei no meu champanhe, bebi-o até à última gota e levantei a cabeça. – Oh, escuta. É de novo a Kiki. Vais ter de me desculpar. São notícias maravilhosas, Budgie. As melhores. Mal posso esperar pelo feliz acontecimento.

– És tão querida, Lily. – Beijou-me a face e deixou-me levantar.

– Não vens para baixo?

– Não, vou ficar aqui a descansar mais alguns minutos. É tão cansativo, sabes? – Sorriu-me, feliz, do seu ninho de almofadas.

Ao descer as escadas, encontrei a tia Julie a namoriscar no canto da sala de estar com um homem de cabelo negro liso e de laço ao peito.

– Pode levar a Kiki para casa por mim? – perguntei. – Não estou a sentir-me bem.

Ela fitou-me, apreensiva.

– Claro. O que se passa?

– Champanhe a mais, acho eu.

O Graham estava de volta ao solário, sentado numa cadeira de vime branca, com mulheres empoleiradas em cada braço. Avancei para ele, peguei-lhe nas mãos e puxei-o para cima.

– Mudei de ideias – disse-lhe. – Importas-te de me dar boleia para casa no teu carro? O tempo está horrível!

O Graham teve de ir a correr a casa dos Palmer buscar o carro. Quando parou em frente da casa num longo *Cadillac* negro, estava completamente ensofado em água.

– Desculpa – disse-lhe, escapando-me para o interior do carro, sacudindo a água da cabeça descoberta.

– Não faz mal. – Segurou-me no rosto e deu-me um beijo demorado. A boca dele sabia a *whisky*, como na noite no bar da estrada. – Estamos noivos.

– Sim. Leva-me a casa, depressa.

Circulámos por Neck Lane por entre a chuva, com os limpa-para-brisas a faiscarem freneticamente contra o vidro. O Graham guiava a baixa velocidade e tomou-me a mão. A sua condução era um pouco instável. Calculei quantas bebidas teria tomado.

– O que te fez mudar de ideias? – perguntou.

– Não sei. Estive a pensar melhor. Quero ser de alguém, acho eu.

– Sê minha, Lily. Seremos um do outro. – Levantou a minha mão e beijou-a.

Encostámos junto à minha casa. As luzes estavam apagadas, exceto uma bem intensa nas traseiras da casa. Provavelmente na cozinha. Tínhamos dado folga à Marelda, mas com a ameaça de mau tempo ela não foi à cidade.

– Vais convidar-me para entrar?

Voltei-me para ele.

– A Marelda está lá dentro. Vamos só sentar-nos aqui por uns momentos.

– Está bem. – Desligou o motor. O seu rosto estava escuro enquanto chovia torrencialmente à nossa volta. Inclinou-se para me beijar, e apoiou a mão no meu joelho. O meu vestido tinha encolhido e ele ainda o puxou mais para cima enquanto me beijava e os seus dedos deslizaram sobre as minhas meias.

Beijou-me o maxilar, levantou-me o cabelo, beijou-me o pescoço.

– Lily, não achas que estaríamos mais confortáveis no banco de trás?

– Julgava que não levavas raparigas como eu para o banco de trás.

– Agora estamos comprometidos, não estamos? Sãos e salvos.

O corpo dele permanecia pesado e molhado contra o meu; a sua mão aquecia-me a coxa.

– Acho que estamos bem aqui – respondi, mexendo-me sob ele.

O Graham continuava a beijar-me. Os seus dedos avançavam e com um hábil estalido soltaram a mola que prendia a minha meia ao corpete. Senti o alívio da tensão da alça, o toque da seda solta na minha pele, e estendi a mão para a dele.

– Espera, Graham – disse-lhe –, aqui, não. No carro não.

– Só um pouco mais, Lily. Vá lá, deixa-me ver-te um pouquinho. Adoro contemplar-te. – As suas mãos descobriram o primeiro colchete do meu vestido e soltaram-no; soltaram o seguinte e o seguinte. A minha cabeça caiu para trás contra a janela.

– Graham...

– *Chiu*. Deixa-me saborear, deixas? Só preciso de saborear, para sobreviver. Andei o verão inteiro louco por isto. – Soltou-me o vestido dos ombros e puxou-mo até abaixo do sutiã. O ar dentro do carro começava a ficar mais quente e sufocante, embora a janela atrás da minha cabeça estivesse fria com a chuva. – Eu preciso disto, Lily. Não fazes ideia quanto.

A sua voz continha uma nota de dor, o que me enterneceu. Envolvi-lhe o pescoço com os meus braços.

– *Chiu* – disse eu. – Está bem.

Ele beijou-me, puxou-me para baixo no assento do carro, puxou-me o vestido até à cintura e desapertou-me o sutiã. Com um suspiro profundo e libertador mergulhou o rosto nos meus seios. O estofado de tecido do assento estava quente e macio sob as minhas costas. Por cima de nós, a chuva ressoava no tejadilho do carro com uma força renovada. O Graham massajou-me a pele, sugou-me como um bebé faminto. Totalmente concentrada, eu procurava o desejo físico, o mesmo que sentira há uma semana no jardim. O desejo ardente, a atração, o desespero pelo contacto. Pelo contrário, sentia-me extremamente distante, desprovida de terminais nervosos, como se fosse uma boneca com que alguém fazia amor.

– És tão doce, Lily. Não imaginas quanto. – Lambeu-me um seio. – Minha garota de leite com mel. Agora és totalmente minha.

Eu tinha o cérebro um pouco embriagado. Sabia que devia detê-lo. As suas mãos já avançavam ao longo das minhas pernas, desapertando-me a outra meia.

– És tão bela, Lily – disse o Graham.

– Eu não sou bela. Sou apenas desejável.

– Leite com mel. – Apoiou os cotovelos ao lado da minha cabeça e debruçou-se quase na horizontal sobre o meu peito, com o braço esquerdo

apoiado no chão do carro e o seu grande joelho direito entre as minhas pernas. Ele estava quente e húmido de suor, no ar pegajoso daquele Dia do Trabalhador. A sua respiração cobriu-me de *whisky* e fumo. – Deixa-me entrar, Lily, deixas? Por um momento apenas. Não consigo parar de pensar. Quero-te tanto. Estou a tremer.

– Graham, espera. Não na primeira vez. Vamos esperar até mais tarde, até eu te ir visitar à cidade. O hotel, lembras-te? Teremos a noite toda.

– Esperei por isto durante todo o verão. – Beijou-me e levantou-se. – Só por um momento, sim? Só para sentir o mínimo de ti. Eu não me venho, juro.

Apoiei as mãos no peito dele.

– Graham...

Mas ele já estava a tatear os botões das suas calças, já a explorar debaixo do meu vestido, a puxar-me as cuecas debaixo do corpete aberto.

– Só um momento, juro – disse. – Preciso tanto de ti.

Pressionou os polegares desesperados na minha pele, abrindo-me, e eu cedi. Cedi e deixei que ele me possuísse, porque já estava deitada de costas no assento do seu carro, porque já o deixara tirar-me o sutiã e saborear a minha boca e os meus seios na escuridão sufocante, porque já concordara vir a ser sua mulher. Tinha dado todos os sinais da minha submissão; parecia grosseiro e até desonroso negar-lhe a entrada, exatamente aos portões, quando ele precisava tanto.

E, afinal, eu não era virgem. Já não tinha nada a perder.

No instante da minha submissão, senti a mão do Graham entre as minhas pernas. Sobressaltei-me com o choque da intrusão.

– Oh, Jesus – disse o Graham. Ergueu-se sobre mim e esticou-se entre os nossos corpos. Preparei-me. Um empurrão, uma pressão dura; senti-me esticar e ceder até as minhas costas deslizarem sobre o banco do carro e as minhas pernas ficarem desamparadamente abertas. Ele gemeu. – Oh, Jesus. Isto é bom. – Baixou-se, ofegante, com a sua pele húmida a colar-se à minha. – Deixa-me... só... oh, como tu és doce... um pouco mais...

– Graham, espera...

Ele investiu de novo, agarrou-me as ancas, empurrou com mais força. A minha cabeça bateu no fecho da porta.

– Oh, *Jesus*, Lily – disse, e os seus movimentos ganharam velocidade, impelindo-me contra a porta a cada impulso. A sua respiração ficou mais ofegante. O carro encheu-se com o ritmo dos seus grunhidos que abafavam o ruído da chuva. Ele gritou: – Oh, Jesus, vou vir-me.

Ao simples pensamento do Graham a ejacular descontroladamente dentro de mim, levantei as pernas e os braços, voltei-me para o lado e espetei os cotovelos no peito dele. Já descontrolado, saiu de mim e caiu no chão do carro, tremendo, a respirar convulsivamente.

– Mas que raio? – gritou por fim, arrancando o lenço do bolso da lapela.

– Tu disseste que não te vinhas! – A palavra grosseira passou pelos meus lábios sem qualquer dificuldade.

– Jesus, Lily. – Pôs a mão sobre o peito agitado esforçando-se por se levantar. – Eu vou casar-me contigo, não vou? Que diabo importa se o Júnior vier um pouco mais cedo?

– *Eu* importo-me! – Encontrei o meu sutiã e vesti-o com puxões irritados.

Ele sentou-se e abotoou as calças.

– Bem, então que diabo foi *isto*?

– Isto? *Isto*? – Bati com a palma da mão aberta no estofado do banco ao meu lado. – Isto fui eu a deixar-te muito estupidamente fazer sexo comigo no banco do teu carro para mútua satisfação, só que a satisfação não foi propriamente mútua, Don Juan, caso não tenhas reparado. – Enfie os braços pelas mangas e sentei-me. – E tu juraste que não... acabarías. – Desta vez não consegui dizer a palavra.

– Irra, Lily. Não sejas suscetível. – Aproximou-se de mim, agarrou-me a mão e puxou-me para o seu peito. – Estou arrependido, está bem? – Tentou beijar-me, mas virei-lhe a cara. – A sério que estou. Devia ter parado. Só que pensei... Vá lá, dá-me um beijo. Dá-me um beijo e perdoa-me. Perdi a cabeça. Tens este efeito em mim. Dá-me um beijo, Lily, ou nunca me perdoarei.

Ele estava a ser tão persuasivo, tão atraente e arrependido. O seu cabelo molhado caído sobre a testa. Por momentos pensei na Budgie, a descansar, feliz, entre as suas almofadas, e deixei-o beijar-me, deixei-o passar a mão sob a parte de cima do meu vestido.

– Tu és tão doce. Essas curvas, tão... tão *voluptuosas*. É esta a palavra. Eu não consegui parar. Há tanto que esperava e finalmente disseste sim, deste-te a mim, assim, completamente minha. Eu já não podia resistir mais.

Comecei a tremer, numa espécie de reação retardada ao que acabáramos de fazer. Fizera amor ou algo parecido com o Graham Pendleton, com o meu *noivo* Graham Pendleton, no banco do seu novo e luxuoso *Cadillac* com interiores revestidos de madeira e tecido, macios como um suspiro. Os braços do Graham envolveram-me.

– Da próxima vez avanço com mais lentidão. Vou fazer com que seja bom para ti. Eu sei fazer com que seja bom para ti.

– Tenho a certeza de que sabes.

– Podíamos ir já para o teu quarto, lá em cima.

– Não podemos, não. Em breve os outros estarão de volta a casa.

Ele continuou:

– Vamos casar-nos em breve, está bem? Assim que acabar a liga de basebol. Não posso esperar mais. Teremos o nosso primeiro filho no próximo ano.

– Graham...

– Eu sei, eu sei. Assegurarei que as velhas senhoras tenham os seus nove meses, não te preocupes. – Beijou-me o cabelo. – Ninguém irá perguntar por *este*, prometo.

Abanei a cabeça e exclamei:

– Graham...

Tomou-me as mãos e beijou-as.

– Eu quero o quadro completo, Lily. Tantos filhos quantos puderes, um cão e um gato, a maior casa no bairro. Dar-te-ei tudo o que pedires. Todo o apoio de que precisares. Não precisarás de mexer um dedo. Serás a mulher mais invejada da costa leste. Caramba, vou adotar a Kiki para ti e criá-la como se fosse minha filha. Eu...

– Para com isso, Graham. – Torci as mãos até agarrar as dele. – Tem calma. – A minha mente começava a ficar clara. «Preciso de um cigarro», pensei. Fechei os olhos e falei cuidadosamente: – Avancemos com uma coisa de cada vez, de acordo? Primeiro vamos desfrutar do facto de estarmos noivos.

O Graham riu-se.

– Estou a pôr o carro à frente dos bois, não é?

– Sim, estás.

– Desculpa. – Esfregou-me os dedos. – Vamos então começar pelo anel.

– Qual anel?

O Graham pestanejou, alcançou o casaco lançado sobre o banco e retirou uma caixa do bolso esquerdo.

– Pedi ao banco para mo enviarem. Foi da minha mãe e da minha avó paterna antes dela. Irás passá-lo para o teu filho. Uma espécie de tradição de família.

– Oh, Graham. – A vertigem regressou com força redobrada.

Ele abriu a caixa, e o anel de noivado Pendleton estava aninhado numa convexidade de velho veludo azul, cintilante ao lusco-fusco. Um pequeno solitário, num conjunto de banda de ouro com minúsculas folhas.

– Um pouco antiquado, mas tu gostas deste tipo de coisas, não gostas?

Estava demasiado estupefacta para me opor quando ele o tirou da caixa e o enfiou no meu dedo anelar.

– Está um pouco largo – comentei, rodando ligeiramente.

– Podes mandar ajustá-lo quando me fores visitar. Vá lá, Lily. Dá um beijo a este pobre homem e diz que gostaste.

Olhei para cima. O seu belo rosto brilhava de esperança, da mesma maneira que o da Kiki quando eu lhe disse que podíamos ir comer um gelado à tarde. Puxei-lhe o cabelo para trás, beijei-lhe os lábios e disse-lhe que gostava muito.

– Então, ótimo. Perdoas a minha grosseria?

– Não sei. Foste muito grosseiro.

– Hei de compensar-te. Da próxima vez, estarei completamente sóbrio e adequadamente equipado, prometo. Um cavalheiro até à ponta dos dedos. Quando podes ir visitar-me?

– Não sei. Dentro de uma semana, talvez. Preciso de uma desculpa.

Segurou-me a mão.

– Que tal precisares de ajustar o teu anel? Procurar um vestido de noiva?

– Tu estás mesmo em ânsias, não estás?

– Lily, eu sinto-me outro homem. Como se, esta mesma noite, estivesse a virar uma nova página na minha vida. – Beijou a minha mão sobre o anel. – Minha garota leite com mel. Trouxeste-me de novo à vida.

Finalmente, a chuva começou a abrandar. O Graham tornou a apertar-me as meias, ajudou-me a sair do carro, e endireitou o meu vestido húmido e amarrotado. Usou o seu corpo como escudo para me proteger enquanto corremos pela pequena passagem que conduzia à porta da frente de minha casa.

– Eu entrava – disse ele –, mas depois nunca mais saía e amanhã tenho de me levantar bem cedo.

– Tudo bem.

– Passo por aqui antes de me fazer à estrada, para dizer adeus. Telefone-te quando chegar.

– Perfeito.

Deu-me um beijo de boas-noites, com a mão a apertar-me o rosto e correu de volta pelo meio do chuveiro em direção ao carro. Vi-o afastar-se e, quando desapareceu, entrei e fui tomar um banho quente prolongado.

Na manhã seguinte, conforme prometido, o Graham passou por minha casa para dizer adeus e a minha mãe, ainda enrolada no seu roupão e encantada com as notícias, insistiu para ele se sentar e tomar o almoço preparado pela Marelda. A minha mãe disse-lhe que podia fumar, se quisesse, e ele acendeu um cigarro com ar de paxá indulgente.

Quando se falou que ele planeava ficar no Waldorf, a mãe recusou-se a aceitar. Subiu as escadas e foi buscar as chaves do nosso apartamento e disse-lhe para ele se instalar como se estivesse em sua casa, para usar o quarto das visitas como quisesse, usar as toalhas que se encontravam no armário; já que nós não regressaríamos antes do final do mês.

Afinal, disse ela, ele agora era da família.

8 Partidas eliminatórias nas séries finais (World Series) da liga de futebol.

(*N. do T.*)

CAPÍTULO 15
Estrada 9, Estado de Nova Iorque
Dia de Ano Novo, 1932

Acordei a norte de Albany, quanto o pneu da frente do lado direito teve um furo.

Por um momento, fiquei profundamente desorientada. A minha primeira sensação foi a da maciez aveludada do casaco da minha mãe a roçar-me na face e depois dos odores misturados de pele e óleo. Quando abri os olhos e vi o painel de instrumentos do carro do Nick, o enorme volante, pensei por um instante que estava de volta à faculdade, que adormecera e que não chegara a tempo do recolher ao dormitório.

Sentei-me, sobressaltada, e uma luz prendeu-me o olhar: o esplendor pesado de um único brilhante preso à minha mão esquerda.

O Nick. Estávamos a fugir.

O meu coração batia. Doía-me a cabeça. Tinha a língua suja colada ao céu da boca. Inclinei-me e mudei de posição no assento.

Mas onde estava o Nick?

O carro balouçou com a tampa da bagageira a fechar-se. No momento seguinte, abriu-se a porta do passageiro numa corrente de ar gelado.

– Acordaste? Estou a remendar o pneu. Agora tenho de o encher; queres ficar aí dentro ou preferes vir cá para fora? Está um frio de rachar.

Olhei para cima e afastei o cabelo do rosto. O Nick sorria-me; a sua pele estava iluminada pelo brilho opalescente de uma madrugada de inverno e tinha o chapéu enfiado aconchegadamente em volta do seu rosto. «Daqui a poucas horas», pensei, «este homem será meu marido».

– Consegues levantar o carro comigo cá dentro?

O Nick riu-se e estendeu o braço para me tocar no queixo.

– Querida, tu és um peso-pluma. Fica aí dentro, se quiseres. Não demoro mais de um minuto. Estás bem? Pareces um pouco... não sei, pálida.

– Estou ótima – menti.

– Vamos parar para tomar o pequeno-almoço, entretanto. Tal como nos velhos tempos, lembras-te? – Piscou-me o olho e bateu com a porta para a fechar.

Tornei a encostar-me no banco. O carro começou a dar pequenos solavancos, a compasso com as palpitações ritmadas na minha cabeça. Algo rebolou no chão do carro; arregalei os olhos e vi a garrafa de champanhe vazia.

Precisámos de quase uma hora para encontrar um restaurante aberto na manhã de Ano Novo. A empregada olhou-nos de alto a baixo.

– Vêm da cidade, não é verdade? – perguntou. Tinha o rosto enrugado e

descaído, como se tivesse estado toda a noite acordada. O batom do dia anterior acumulara-se nas rugas verticais que lhe caíam dos lábios.

– Estamos a fugir para nos casarmos – disse o Nick. – Café para a senhora, por favor. E, pensando melhor, uma caneca também para mim.

Fui à casa de banho e lavei-me o melhor que pude. O meu cabelo, cuidadosamente encaracolado na noite anterior, estava agora despenteado e espetado em múltiplas direções e as três camadas de batom tinham desaparecido por completo. Belisquei as bochechas e comprimi os lábios. As lantejoulas do meu vestido captaram a luz com um brilho vulgar sob as curvas sombreadas do meu peito, e embora a sala estivesse bem aquecida por um radiador entusiasticamente ruidoso, cruzei as abas do visom à minha volta. Antes de me voltar, reparei na minha mão esquerda refletida no espelho e no anel cintilante no meu dedo. Ergui-o bem à luz, experimentei um ângulo e outro, procurando habituar-me a ele.

– Então para onde vão? Lake George? – O lápis da empregada repousava sobre o bloco de pedidos.

– É verdade – respondeu o Nick, e durante um momento conversaram sobre qual a estrada a seguir e que autoestradas estavam ainda fechadas devido ao nevão do Natal. A empregada mirou de soslaio a minha mão esquerda, como que a confirmar a veracidade da nossa história.

– Mas claro que não estão a planear casar-se antes de amanhã – disse a empregada.

– Estamos sim, queremos casar-nos hoje. – O Nick sorriu e pegou-me na mão. – Tão breve quanto possível.

Ela sorriu-lhe, com a condescendência de quem sabe estar perante gente da cidade.

– Mas, querido, é dia de Ano Novo. Está tudo fechado.

Olhei para o Nick. Ele olhou para mim.

– Então, têm as vossas certidões de nascimento e tudo isso, não têm? – acrescentou a empregada. – Para a licença?

O Nick deixou cair a cabeça entre as mãos.

– Não te preocupes – disse eu, de regresso ao carro, com a barriga cheia de ovos com *bacon* e sentindo-me muito mais confortável. – Havemos de arranjar solução. Eu telefono à Budgie. Ela pode...

– Esgueirar-se até ao teu apartamento e encontrar a tua certidão de nascimento?

– Algo do género.

O Nick tinha as mãos pousadas no volante.

– Lily, a esta altura já o teu pai leu o bilhete. Deve estar tudo em alvoroço.

– Eles não sabem para onde viemos.

– Sim, mas Lake George é um lugar óbvio, não é?

Um minúsculo floco de neve rodopiava no ar e caiu, como que num pensamento tardio, sobre o para-brisas.

– Seja como for, vamos embora – afirmei. – Havemos de resolver o assunto. Assim que lá estivermos os dois, todos terão de levar o assunto por diante. Podemos fazer com que telefonem para os Registos em Nova Iorque. Tenho a certeza de que estão habituados a isso.

O Nick tamborilou os dedos sobre o volante.

– E se eles não puderem fazê-lo? Se tivermos de esperar?

– O que queres dizer?

– Se lá chegarmos e não pudermos casar-nos logo. Importas-te? – Virou-se para mim com uma expressão grave no rosto, quase suplicante.

– Oh. Sim, percebo.

O Nick segurou-me a mão.

– Deveremos voltar atrás? Tentar de novo noutra altura?

– Não! – As palavras projetaram-se da minha garganta. – Não, Nick. Vamos. Logo veremos quando chegarmos lá. Não importa.

– Toda a gente vai falar.

– Isso não me preocupa. Deixa-os falar. Não vês? Se estivermos nisto juntos, não há nada que os meus pais possam fazer, pois não? Eles vão ter de te *aceitar*.

As minhas palavras ficaram a vaguear, para trás e para diante, no meio do silêncio de Nick.

Largou-me a mão e agarrou o volante. A sua voz adquiriu um registo completamente diferente, grave, no seu peito.

– Vão ter de me *aceitar*? Que raio quer isso dizer?

– Quer dizer... tu sabes o que quer dizer.

– Ah, está bem, percebo. Se já tiver ido para a cama contigo, se eu já lhes tiver desflorado a filha, eles terão de deixar o lobo mau entrar no redil. Percebi bem?

– Não ponhas as coisas dessa maneira.

– Porque não? Era o que querias dizer, não era? Talvez fosse melhor eu engravidar-te já. Isso selaria eficazmente o assunto, certo?

– Talvez – devolvi, desafiante, cruzando os braços sob o peito. – Talvez fosse melhor. Porque não tratamos já disso? Aqui mesmo no carro? De que estás à espera? Quanto mais cedo melhor.

– Não me tentes. – O Nick procurou manter-se calmo, com a sua enorme corpulência curvada sobre o volante, contemplando as amplas planícies geladas para lá de Albany. – Isso é absolutamente fantástico – disse, ligando a ignição. – O respeitável genro. Absolutamente fantástico. Como eles me vão adorar.

O carro tremeu debaixo de mim. Ele manteve-o em ponto- -morto, a aquecer o motor. O silêncio estendeu-se entre nós, tão tenso como um contraestai, tão tenso que eu receava falar, com medo de fazer estalar tudo de uma vez.

Finalmente, arrancou e abandonou o lugar de estacionamento.

– Para onde vamos? – perguntei.

– Lake George, acho eu. – Ele verificou se vinha algum carro e acelerou ao entrar na autoestrada com um poderoso ronco do motor do *Packard*. – Que Deus nos livre de os desapontarmos a todos.

Quando chegámos a Lake George, eram praticamente sete horas da noite e nevava incessantemente.

– Em tempos fiquei aqui com os meus pais – disse o Nick, espreitando a escuridão através do para-brisas. – Um hotel grande e antigo, mesmo sobre o lago. Devem ter quartos, de certeza.

Pesavam-lhe os olhos e tinha um semblante sério. Estava exausto. Uma autoestrada estava bloqueada obrigando-nos a recuar e a usar uma estrada mais sinuosa até quase ficarmos sem gasolina antes de encontrarmos uma estação de serviço isolada. E devido à queda de neve tivemos de reduzir drasticamente a velocidade. Vi bem como ele estava cansado e pedi-lhe para me deixar guiar, mas ele recusou.

– Tu nem sequer sabes guiar – disse-me.

– Sei, sim. Costumo guiar o carro do meu pai em Seaview Neck.

Ele revirou os olhos.

– Não chega. Não para estas estradas. Não te preocupes, eu desvençei-me.

Parámos para almoçar e o Nick bebeu quase meio litro de café, mas mesmo assim eu ainda conseguia sentir as ondas de fadiga que se abatiam sobre ele.

– Estamos perto? – perguntei.

– Devemos estar. – Ao descrever uma curva, o *Packard* derrapou debaixo de nós por um segundo vertiginoso antes de o Nick recuperar o controlo.

– Desculpa. – Soltei as mãos do banco do carro. – A culpa é toda minha. Não sei em que estava a pensar.

– Tudo bem, querida. Estamos quase a chegar. Depois de um banho e de um jantar quentes ficaremos como novos.

O hotel era enorme, uma grande estância como antigamente faziam. O átrio abria-se à nossa volta num carnaval de colunas e de paredes, de canapés de veludo vermelho e tapetes gastos. À esquerda ficava um restaurante, o bar forrado a mogno situava-se em frente. Para nossa surpresa, todos os recantos estavam repletos de hóspedes.

– Todos os anos organizamos aqui uma grande festa de Ano Novo – informou-nos o rececionista. Estamos totalmente lotados. Fizeram reserva?

– Não – respondeu o Nick –, qualquer coisa serve, desde que tenha uma cama.

O rececionista franziu o sobrolho, com dúvida. Analisou a planta dos quartos, estalando a língua.

O Nick inclinou-se para ele.

– Oiça, eu e a minha mulher estamos aqui em lua de mel. Fizemos uma longa viagem de automóvel. Certamente que se arranja alguma coisa?

O rececionista olhou para cima e arqueou ceticamente a sobrancelha sobre a testa.

– Parabéns, senhor e senhora...?

– Greenwald.

– Greenwald. Mais uma vez, parabéns. – Olhou de relance para a minha mão esquerda, pestanejando discretamente. – Mas receio não termos quartos. Talvez numa próxima oportunidade queiram fazer antecipadamente uma reserva – disse-nos com um sorriso radiante.

O Nick bateu com o seu indicador num ritmo deliberado sobre o balcão de madeira. A cada toque eu sentia crescer a sua irritação.

– Nick, talvez o senhor possa sugerir-nos algum hotel próximo – aventei.

– Só um momento, querida. Por favor, concede-me uma palavra em privado? – pediu o Nick, com uma educação irrepreensível.

O rececionista engoliu em seco.

– Certamente, senhor.

Apoiei um cotovelo sobre o balcão e observei-os a afastarem-se um pouco, conversando a meia-voz. O corpo do Nick apenas ligeiramente inclinado sobre o rececionista, de maneira que a sua cabeça sobressaía do balcão com um perfil feroz. Conhecia bem aquela expressão. Era a mesma expressão irreprimível que tinha da primeira vez que o vi. À medida que ele falava, o rececionista parecia encolher-se no seu imaculado colarinho branco, acenando com a cabeça e mexendo a boca.

No átrio, um piano tocava os primeiros acordes de *Thinking of You*. Uma mulher com um vestido comprido azul-escuro apoiava-se no tampo de ébano e começou a cantar com uma voz cadenciada e meio embriagada.

– Senhora Greenwald?

Levei um instante a aperceber-me de que o rececionista estava a falar comigo.

– Sim? – perguntei, voltando-me.

– Afinal, parece que temos um quarto disponível. Os senhores têm bagagem?

– Não. Não trazemos bagagem. – Atrás de nós, a cantora entregava o coração.

*So I think of no other one
Ever since I've begun
Thinking of you*¹⁰

O Nick assinou o livro de hóspedes em movimentos decididos com uma caneta esmaltada de tinta permanente. Espreitei para a página. *Mr. e Mrs. Nicholson Greenwald, New York City*, bem claro, com a caligrafia oblíqua e

negra do Nick.

– Gostaríamos que nos enviassem o jantar ao quarto – disse o Nick, pousando a caneta e olhando o rececionista nos olhos. – *Entrecôte*, um corte do meio, se tiver, e o seu melhor clarete.

– Senhor – disse o rececionista, timidamente –, como sabe, não podemos servir vinho.

– Claro que não. Lapso meu. Então, um jarro com água e gelo. O que vais querer para sobremesa, querida?

– Aclarei a garganta. – Bolo de chocolate?

– Bolo de chocolate para a minha mulher – acrescentou o Nick. – Daqui a meia hora. Por favor, sem atraso. Estamos cansados e com bastante apetite.

– Sim, senhor. Imediatamente.

– Muito obrigado. Foi muito prestável. – O Nick pegou na chave e estendeu-me o braço. – Senhora Greenwald? Vamos?

Enlacei o meu braço coberto de visom no dele e respondi:

– Oh, vamos, com certeza.

O nosso quarto ficava num andar alto, ao fim de um longo corredor revestido de uma cor carmim algo desmaiada. O Nick agarrou o fecho da porta e abriu-a, e antes de eu sequer ter tempo de pensar em gritar, ergueu-me nos seus braços exaustos.

– Mas... ainda não estamos casados! – protestei enquanto ele, comigo nos braços, ultrapassava o limiar da porta.

– *Chiu*. Se guiar durante dezasseis horas através de uma tempestade de neve não é um voto de casamento, não sei o que o será. Seja como for, bem-vinda a casa, senhora Quase Greenwald. – Ligou o interruptor da luz com o cotovelo.

Deslizei dos braços do Nick e olhei em redor. Apesar do brilho ténue da luz do teto, o quarto mantinha-se numa persistente penumbra de inverno, vagamente bolorenta, com as cortinas confortavelmente corridas sobre as janelas. O Nick tirou o sobretudo, dobrou-o sobre uma cadeira, e encaminhou-se para a janela onde afastou para o lado os pesados reposteiros.

– Não se consegue ver muito – disse –, mas o empregado garantiu-me que temos vista para o lago. De manhã logo veremos.

– Já devia ter parado de nevar, não achas? – Fui ter com ele à janela e espreitei lá para fora. Não se conseguia ver nada, apenas os flocos de neve difusos a caírem junto ao vidro e a sombra branca e enevoada da paisagem distante, refletindo a luz do hotel. Os nossos rostos flutuavam na frente de tudo, confusos e esgotados.

– É um lugar muito bonito – comentou o Nick. – Estivemos aqui no verão e é encantador. Não se vê o fim do lago. – A sua voz ficou presa no ar como um peso plúmbeo.

– Estás exausto – coloquei as mãos na cintura dele, sob o casaco, e virei-o de frente para mim. – Estiveste toda a noite acordado.

– Já o fiz outras vezes. Eu fico bem.

Doíam-me os olhos ao observar o seu rosto familiar, os minúsculos pelos da barba que lhe emergiam dos maxilares.

– Eu não queria apressar-te desta maneira. Eu não queria fazer-te... Devíamos ter esperado, não devíamos? Até junho, depois de acabarem as aulas...

O Nick ergueu as mãos para me envolver a cara.

– O que estás a dizer, querida Lily? Não digas isso. – Curvou-se para beijar as lágrimas que me corriam pelo rosto. – Por nada no mundo perderia isto. Imagina a história que iremos ter um dia para contar aos nossos filhos. Não há qualquer outro ponto do Universo onde eu quisesse estar neste momento senão neste quarto, contigo.

– Mas o que fazemos agora? Há o resto do ano, temos de acabar os estudos e...

– Não te preocupes com isso. Não te preocupes com nada disso. Estamos juntos, é o que importa. O que são alguns meses? O que é uma pequena discussão com as nossas famílias? Temos cinquenta ou sessenta anos pela frente, Lily. Isto não é nada. – Encostou a testa à minha. – Ou melhor, isto é tudo. É o nosso princípio. Começámos com uma explosão, é o que é.

Ri-me por entre as lágrimas.

– Realmente foi assim. Agora vai tomar um banho antes de o jantar chegar.

– Não, vai tu primeiro. Eu posso esperar.

– Não sejas tonto. Passaste o dia a conduzir. Deves estar duro que nem uma tábua. Toma banho primeiro e eu trato de tudo para que a mesa do jantar esteja posta e pronta quando acabares. – Dei-lhe uma cotovelada. – A minha primeira tarefa de mulher casada.

O Nick recuou e ergueu as sobrancelhas.

– Podes sempre ir lá ter comigo.

– Se te sentires sozinho, eu atiro-te um patinho de borracha.

Deu-me um último beijo e desapareceu na casa de banho. O ruído da água a correr escoava-se pela porta, e depois os baques suaves dos seus movimentos. Ocupei-me a tratar do quarto, acendi as luzes, pendurei o sobretudo do Nick, li os avisos todos. Não havia muito para fazer. Não havia malas para desfazer, nem roupas para mudar. Encostada à parede, a cama aguardava, promissora; uma cama de lua de mel, para um casal. A colcha estava dobrada junto às almofadas.

Hesitei, contemplando os cantos e as dimensões, como se um animal selvagem estivesse no meu caminho.

O radiador gemeu no canto e sobressaltou-me. A minha pele estava ruborizada com o calor sob o pesado casaco de visom. Deixei-o deslizar sobre os ombros e pendurei-o no roupeiro, ao lado do sobretudo de lã do Nick e depois fui até à cama e puxei a colcha para trás com movimentos profissionais, ajeitando as almofadas, endireitando os lençóis, como já fizera mil vezes com a minha própria cama no meu próprio quarto, em Seaview, em

Smith College e no Upper East Side de Manhattan. Ali ao lado, atrás da porta da casa de banho, o corpo grande do Nick estava por agora sossegado na água cheia de vapor, fazendo-a chapinhar nas paredes esmaltadas da banheira. Haveria sabonete? Seria melhor perguntar? Bater à porta ou espreitar?

Não conseguia decidir-me por nenhuma das opções. Bateram à porta e o jantar chegou em campânulas numa pequena mesa com rodas, coberta por uma toalha de pano. O empregado dispôs tudo com enorme cuidado, num silêncio sepulcral; retirou uma garrafa de vinho escondida sob a toalha e extraiu a rolha com um suave estalido final. Quando terminou, endireitou-se e olhou-me, expectante.

Uma gorjeta. Oh, Deus. Não trouxe dinheiro nenhum comigo.

– Só um momento – disse-lhe.

Bati à porta da casa de banho e entreabri-a.

– Nick – murmurei, olhando para o chão –, chegou o jantar.

– *Hum?* – interrogou com a voz ensonada.

– Chegou o jantar. Ele... desculpa, ele precisa de uma gorjeta e eu não trouxe nada...

Ouviu-se o som de água a gotejar, como se o Nick tivesse levantado a cabeça.

– Oh. Desculpa, querida. Tenho o dinheiro no bolso interior do sobretudo. Tira o que precisares.

Fechei a porta, fui ao roupeiro e procurei com a mão no forro sedoso do sobretudo dele até encontrar um volume duro. Retirei-o do bolso. A mola de ouro estava cheia de notas, notas grandes, de cem e de vinte dólares. Talvez tenha sido isto o que persuadiu tão bem o rececionista. *Tira o que precisares*, disse o Nick, à vontade, espontaneamente, como fazem os casais casados. Eu não me senti nada à vontade. Com o dedo procurei até encontrar uma nota de um dólar, mas depois lembrei-me do clarete de contrabando e retirei uma nota de cinco dólares que dobrei num discreto triângulo.

– Obrigada – disse eu ao empregado, estendendo-lha.

Os seus olhos dilataram-se.

– Muito obrigado, senhora Greenwald. Muitíssimo obrigado.

A água começou a escorrer na banheira. O empregado saiu.

Alguns minutos depois, o Nick saiu da casa de banho, com as calças e a camisola interior vestidas e a sua camisa branca formal pendurada na mão. Esfregou o rosto por escanhoar com a outra mão.

– Devia ter pedido uma lâmina de barbear. Importas-te?

– Nada. Acentua o teu ar de pirata.

Ele sorriu e estendeu-me a camisa.

– Pensei que podias usar isto, até encontrarmos alguma coisa para ti amanhã. É mais confortável do que o teu vestido, não é?

– Obrigada – aceitei-a. – Dei-lhe cinco dólares. Desculpa, sei que foi claramente de mais, mas ele veio tão depressa, acabou por trazer o vinho, e afinal é feriado...

– Lily, por amor de Deus, com tantas coisas para nos preocuparmos. O que é meu é teu, está bem?

– Não é necessário, realmente...

– Necessário ou não, não precisavas de perguntar. Agora, vamos comer.

Comemos em silêncio, rodeados pela enormidade da noite, pela penumbra compacta do inverno, pela neve a cair junto à janela, pela fadiga instalada em redor dos olhos cor de avelã do Nick, pela cama de lua de mel que se estendia desde a parede, com a colcha aberta. O Nick serviu-me um copo do melhor clarete do hotel, mas mal lhe consegui tocar, mal consegui tocar na comida do meu prato.

– Lily, come, *por favor*. – Espetou o meu garfo num naco de carne assada e estendeu-mo. – Tens de comer. Estás a preocupar-me.

Aceitei a carne e mastiguei-a cuidadosamente, até a poder engolir. O Nick fitou-me com olhos ansiosos.

– O que se passa, Lily? Estás assustada?

– Não, só cansada.

– Arrependimento? Receio?

– Claro que não! – levantei-me da cadeira. Os meus joelhos fraquejaram, mas recompuseram-se logo a seguir.

– Porque não tomo o meu banho agora? É tudo aquilo de que preciso.

O Nick também se levantou e pousou o guardanapo junto ao prato.

– Lily, se estás preocupada por... – Afastou-me o cabelo do rosto e falou-me num tom meigo: – Não somos obrigados, tu sabes. Eu nunca... tu *sabes que eu nunca...*

– Eu sei. – Estiquei-me sobre os dedos dos pés e beijei-lhe os lábios. – Mas eu quero, Nick. Quero partilhar isto contigo. Sabes que eu quero. *Nervosismo* – encontro a palavra – é apenas nervosismo.

– Nervosismo? Que tipo de nervosismo?

– O mesmo que se tem quando faltamos à escola ou quando guiamos um carro pela primeira vez.

O Nick envolveu-me nos seus braços.

– Não há nada que recear, Lily. Sou só eu. O teu velho Nick, que está louco por ti, que quer fazer-te feliz. Se não estás pronta, diz. Temos o resto das nossas vidas, lembras-te?

– Eu estou pronta, Nick. Estou. Sempre o quis.

– Tens a certeza?

Recuei, para poder ver-lhe o rosto, e acenei com a cabeça em afirmação.

– Vou tomar um banho e pôr-me fresca e doce para ti, e vai ser perfeito. Tudo será mais fácil quando estivermos juntos, não achas?

– Ultrapassar as coisas, queres tu dizer? – Sorrii e pegou-me no queixo.

– Tu sabes o que eu quero dizer.

– Fico à tua espera – assegurou-me.

Quando saí da casa de banho, um quarto de hora mais tarde, com a pulsação a ressoar-me na garganta, vestindo a camisa do Nick e nada mais, a

mesa estava arrumada e posta de lado, e o Nick estava deitado na cama a dormir profundamente, com o braço cruzado sobre o seu peito branco como algodão.

O meu coração enterneceu-se ao vê-lo assim. Estava ali estendido, nu e maravilhoso, com o rosto tão tranquilo em repouso. Os seus pés descalços pendiam para fora da cama. Sobre a mesa de cabeceira repousavam os nossos dois copos de vinho, meio cheios, com um brilho escarlate, sob o candeeiro.

– Oh, Nick. – Expirei. Ajoelhei-me junto à cama e afaguei-lhe o cabelo na têmpora. Ele não se mexeu.

Tão suavemente quanto fui capaz, retirei a roupa da cama debaixo do seu corpo pesado e tapei-o. À nossa volta, tudo estava calmo, o hotel e os seus convidados estavam em repouso. Apaguei as luzes, uma a uma, e certifiquei-me de que as cortinas estavam bem fechadas. Retirei o auscultador do telefone do descanso. Nada iria perturbar o descanso do Nick esta noite.

Um baque distante, um murmúrio de vozes e de novo silêncio. Levantei a roupa do outro lado da cama – o lado direito, aquele em que normalmente durmo, como se desde sempre me estivesse destinado – e aconcheguei-me entre os lençóis frios, junto ao Nick.

Agora que estava ali, na cama com o Nick, a fadiga desaparecera dos meus ombros como se fosse o peso do casaco de peles da minha mãe. Permaneci acordada com os olhos fixos no teto sombreado a ouvir a respiração regular do Nick, procurando sentir as pulsações dele através dos lençóis e cobertores, com o calor do seu corpo enorme a aproximar-se de mim e a envolver-me, aquecendo-me enquanto a neve caía lá fora.

9 Cabo do mastro da popa num veleiro. (*N. do T.*)

10 «Por isso, não penso em mais ninguém desde que comecei a pensar em ti», três últimos versos de *Thinking of You*, canção da famosa dupla de autores americanos dos anos vinte, Harry Ruby e Bert Kalmar, grande êxito da Broadway e mais tarde do cinema. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 16

Manhattan

Terça-feira, 20 de setembro de 1938

O terminal da estação Grand Central formigava de gente a pingar com chapéus de chuva a pingar. Desde sábado que chovia ininterruptamente, com uma persistência épica, por entre trovoadas, aguaceiros e chuviscos. A minha mãe, quando me foi levar à estação ferroviária pela manhã, teve até um invulgar rasgo de humor ao dizer que em vez de me levar de carro me deveria ter levado numa arca.

Eu tinha planeado apanhar um táxi até ao nosso apartamento, mas com a chuva a correr pelas ruas daquela maneira, era mais fácil encontrar ouro do que um táxi livre. Seja então de metro. Pousei a mala e procurei uma moeda na carteira, por entre todos os restos do verão. Tinha os dedos húmidos e o corpo completamente ensopado da transpiração. A chuva não afastara minimamente o calor. Estávamos na terceira semana de setembro e aqui no noroeste era como se estivéssemos a viver nos trópicos.

Encontrei a moeda, coberta de cotão, desci pesadamente as escadas e passei os torniquetes para a estação da IRT¹¹. O calor tornava-se sucessivamente mais opressivo a cada lanço de escadas. O meu cabelo parecia um pegajoso esfregão de palha-d' aço debaixo do chapéu.

Quando chegasse ao apartamento, a primeira coisa que iria fazer era tomar um duche.

Assumindo que o Graham já lá não estaria, evidentemente, mas o dia já ia a meio e tinha quase a certeza de que ele estaria fora. Ele tinha-me telefonado todas as manhãs desde que deixara Seaview – logo de manhã, porque tinha de sair muito cedo para treinar, bem como para as consultas com o médico e diversas reuniões. Todas as manhãs me telefonara e me perguntara quando iria visitá-lo, e todas as manhãs eu desviara o assunto. Era tão difícil deixar a Kiki. A mãe estivera com tosse. Tínhamos começado a fazer as malas e as limpezas do final do verão. Prometi-lhe que em breve lá estaria. Eu mal podia esperar.

Muitas vezes também ligava à noite, com a voz um pouco instável e uma disposição algo mais sentimental. Não poderia eu ir simplesmente passar lá o dia? Tudo era aborrecido e vazio sem mim. Ele precisava de mim. Ele queria marcar uma data, queria levar-me para fora na nossa lua de mel. Tinha estado nos escritórios da Cunard¹², recolhera algumas brochuras: o que achava eu das Caraíbas? Da América do Sul? E porque não navegar à volta do mundo e regressar a tempo dos treinos da primavera? Ele não podia esperar por me ver. Tínhamos tanto sobre que conversar, tantos planos para fazer. Toda uma nova vida juntos, um quadro em branco por preencher. Ele seria tão bom para

mim.

Jurou que me pagava a conta do telefone quando a minha mãe regressasse de Seaview.

– Porque ainda não foste vê-lo? – perguntara-me a Budgie, pelo menos uma manhã na semana passada. – Ele telefonou-me há dias em absoluto desespero. *Desespero*, Lily.

– Porque me sinto culpada por deixar todos vocês aqui – respondi-lhe.

– Não te martirizes dessa maneira. Nós todos conseguimos passar sem ti. Ele arde em *saudades*. Não podes deixar um homem como o Graham muito tempo à espera, querida.

– Mas o Nick está na cidade desde o Dia do Trabalhador, sem ti. – As palavras fugiram-me da boca antes de eu as conseguir deter.

Estávamos deitadas sobre a toalha, na enseada, a apanhar sol durante um dos raros intervalos sem nuvens daquele setembro. A Budgie deitada de bruços, com o fato de banho enrolado até à cintura, os olhos fechados num torpor de satisfação entre cigarros *Parliament* e *gin*, que tinha trazido consigo num grande frasco térmico com água tônica e muito gelo. Ela abriu um olho para mim e sorriu-me.

– Bem, isso é diferente, querida – disse, procurando o seu cigarro. – Nós estamos casados e ele quer que eu fique aqui tanto tempo quanto for possível, por causa do bebé.

O bebé. Ela estava sempre a falar no bebé: como estava feliz por ele, e como o Nick também estava feliz. (Seria um menino ou uma menina? Ela esperava que fosse um rapaz, pelo Nick.) Como ela esperava que também eu e o Graham tivéssemos imediatamente um filho, para os podermos criar juntos. (Não seria um encanto? Os nossos filhos passariam os verões juntos em Seaview, tal como sucedera connosco. E perguntava-me se eu me lembrava de quando havíamos comido o nosso primeiro gelado juntas, quando tínhamos à volta de cinco anos?)

– Sim, claro – respondi-lhe. – É muito melhor para ti e para o bebé estarem aqui. Com todo este ar puro e salgado.

A Budgie voltou-se, reclinando-se como uma odalisca num harém.

– Olha bem para mim, Lily. Já estou a ficar mais cheia. Consegues ver? Ajeitou o seio com a mão esquerda em que segurava o cigarro. Os brilhantes sobre a sua pele captavam o sol e ofuscavam.

Não se podia negar. Os seus seios estavam arredondados com peso novo, os mamilos macios e acastanhados tinham adquirido um tom com uma densidade mais rosácea. Tinha um ar quase maternal.

Levantei o frasco térmico da Budgie da areia junto ao cotovelo dela, bebi um trago e tornei a colocá-lo na sua cova.

– Talvez vá na segunda-feira.

– Vai! – Fechou de novo os olhos. – E começa logo a tratar desse bebé para mim, de acordo? Eu quero que o nosso pequeno Nick Júnior tenha muita companhia. Além disso, não quero ficar assim grávida e gorda sozinha, não

é?

– Naturalmente. O Graham está ansioso quanto a esse aspeto.

A Budgie disse, ensonada:

– Eu quero que sejas *feliz*, Lily. Estou tão contente por estares feliz.

Feliz. Com certeza que estava feliz. A felicidade percorria-me as veias tal como o metro subia a Lexington Avenue, ou talvez eu estivesse só demasiado atordoada com o calor. Eu ia ver o Graham; eu ia casar-me com o Graham. O meu encantador, invencível, universalmente admirado futuro marido. *Senhor e senhora Graham Pendleton*, gravado a tinta preta sobre espessos cartões de visita de cor bege. Dentro de alguns momentos, eu chegaria ao nosso apartamento de família. Tomaria um duche e ligaria todas as ventoinhas do teto e embelezar-me-ia; usaria um vestido decotado com bainha de renda e perfumaria os pulsos e o pescoço com suaves toques de *Shalimar*. O Graham iria introduzir a sua chave na fechadura, abriria a porta e ali estaria eu, à espera dele, perfumada, com a pele macia e livre de transpiração. Faríamos amor na minha cama, com a luz do dia a inundar todo o quarto, e iríamos sair para jantar e dançar, e depois voltaríamos a casa para fazer amor de novo e adormecermos juntos, e eu seria do Graham, pertenceria inteiramente ao Graham e a mais ninguém, cheios de amor e esperança no futuro. Talvez, afinal, não tomássemos especiais precauções. Talvez eu seguisse o conselho da Budgie e comesse a tratar de ter um bebé o mais depressa possível. Se casássemos em novembro, como o Graham queria, ninguém iria dar por nada.

Amanhã levaria o Graham a visitar o meu pai e ele ficaria tão feliz.

A Kiki seria a minha dama de honor, evidentemente. Escolheríamos juntas o vestido dela na Bergdorf, algo com poucos folhos porque ela odeia folhos.

O metro parou ruidosamente na Rua 68. Saí e subi as escadas sujas e molhadas até ao passeio sujo e molhado, e fiz malabarismos com a mala e a carteira enquanto abria o chapéu de chuva. A chuva caía persistentemente, em salpicos sobre a minha cabeça. Depois do verão em Seaview, Nova Iorque era um choque de fachadas de lojas e de pessoas, uma competição de empurrões, cheiro a vapor, a sujidade e a corpos humanos. Dois táxis buzinaaram raivosamente um ao outro, disputando a faixa de rodagem. Atravessei a Lexington e desci a relativamente calma Rua 69 antes de voltar para a Park Avenue.

A vista familiar espalhava-se à minha frente: a larga avenida dividida ao meio por uma abundante ilha floral, os edifícios de apartamentos, altos e cinzentos com os seus toldos verde-floresta sobre todas as janelas, os terraços em escada nos andares superiores. Abrigada sob o guarda-chuva caminhei pelo passeio, cumprimentando os porteiros, até chegar à modesta entrada e ao discreto átrio da minha casa.

– Olá, Joe – exclamei alegremente para o porteiro. O Joe era o único e amigável vigilante do nosso edifício e o único com menos de sessenta anos.

Ficou de boca aberta.

– Ora, menina Lily! Voltou! Onde está a nossa pequenina?

– Ainda ficou em Rhode Island. Eu vim apenas por um par de dias para tratar de alguns assuntos. Tem cuidado do meu convidado?

O rosto do Joe era o de um santo sob o seu severo chapéu.

– Menina Lily, não me poderia ter surpreendido mais. Sou fã do Pendleton desde que os Yanks o contrataram pela primeira vez. Não se preocupe, temos cuidado bastante bem dele. Alguns jornais apareceram outro dia; corremos com eles.

– Jornais?

Confirmou com um aceno de cabeça.

– Sim, senhora. Dissemos-lhes que nunca tínhamos ouvido falar dele. – Curvou-se para diante. – É verdade? Estão comprometidos?

Esbocei um sorriso.

– Sim, Joe. Ele é um velho amigo, e nós só... bem, é um turbilhão.

– Então, parabéns, menina Lily. Tenho a certeza de que vão ser muito felizes. – O Joe apontou para o elevador. – Na verdade, ele está lá em cima. Acabou de regressar há pouco dos treinos.

– A sério? Já?

– Não é como trabalhar num escritório, pois não? – pestanejou.

– Não, não é.

Segui o Joe até ao elevador. Pressionou o botão de chamada para mim. A cabina já estava no andar do átrio e as portas abriram-se com um solavanco espasmódico. O Joe abriu o portão metálico.

– Até mais logo, menina Lily.

– Obrigada, Joe.

Premi o número doze e apoiei as costas contra a parede, vendo os números em contagem crescente. O edifício estava em silêncio, vazio, como se o calor e a chuva tivessem adormecido toda a gente. Fechei os olhos e contei os cliques enquanto a cabina subia.

Então, o Graham já estava em casa. Nesse caso, teria de aceitar-me tal como eu me encontrava. Tirei o lenço e passei-o ao de leve pela testa, pelo queixo. Tirei o chapéu e procurei soltar um pouco o cabelo húmido.

O elevador parou. Peguei na mala, abri a porta da grade e saí para o patamar. À minha direita ficava a porta da frente do meu apartamento, o meu lar desde a infância, agora com o pretendente à minha vida adulta, sentado algures lá dentro, na sala de jantar ou na sala de estar, ou até talvez no escritório do meu pai, a ler o jornal ou a ouvir a rádio, fumando um cigarro, com uma chávena de chá ou talvez algo mais forte pousado a seu lado.

Ele ia ficar tão surpreendido por me ver. Ficaria encantado. Pegar-me-ia ao colo e andaria comigo às voltas, tal como o Nick antes fizera.

As minhas mãos tremiam. Encontrei as chaves na carteira e abri a porta tão silenciosamente quanto pude.

– Graham? – chamei, mas a minha garganta contraiu-se, e a palavra soou demasiado fraca para se poder ouvir.

Eu conseguia ouvi-lo na sala de estar. Fazia um ruído semelhante a

gemidos sufocados, como se estivesse a fazer exercícios para o ombro. Pousei a mala na entrada, deixei a carteira na mesa de meia-lua e atravessei o arco até à sala de estar.

O Graham estava sentado exatamente no meio do sofá, com a cabeça lançada para trás e o cabelo caído em madeixas castanhas clareadas pelo sol. Um braço em mangas de camisa estava estirado sobre as costas do sofá, o outro presumivelmente pousado no colo. Tinha os olhos fechados e, por um instante, pensei que estivesse a dormir, só que os seus lábios moviam-se e era desses lábios que saíam os sons de gemidos que eu escutara na entrada.

Aproximei-me, e vi então o resto do seu corpo. A mão esquerda não estava no colo, como eu pensara, mas enfiada numa bola de cabelo encaracolado castanho-claro. O cabelo pertencia a uma forma feminina ajoelhada, uma jovem; a sua camisola amarelo-limão e o seu generoso sutiã estavam caídos no chão, ao lado dos sapatos pretos do Graham, e a sua cabeça sofregamente curvada sobre o pénis exposto do Graham, que aparecia e desaparecia num ritmo perfeito através do carnudo círculo vermelho da boca da rapariga.

Enquanto eu observava, confusa, os gemidos do Graham juntaram-se a algumas palavras incoerentes e a sua mão movia-se com autoridade sobre os caracóis castanhos da sua suplicante, guiando a atividade da rapariga. Os seus lábios contorceram-se, mas a rapariga prosseguiu tenazmente, com os dedos junto à base, como se fossem uma pilha de anéis cor de rosa. Os seus ombros delicados resplandeciam como marfim entre as pernas das calças azul-marinho do Graham.

– Jesus, vou-me vir – gritou o Graham.

Devo ter feito algum ruído, porque a jovem olhou para cima com uma expressão horrorizada e a minha mente estava num tal estado de incompreensão que precisei de alguns segundos em suspenso para a reconhecer.

– Maisie? – articulei.

Depois de a Maisie Laidlaw parar de chorar e de pedir desculpa, depois de eu a ter feito sair, completamente vestida com a sua camisola amarelo-limão bem justa, de regresso ao apartamento dos pais, disse ao Graham para juntar as suas coisas e sair. Queria-o dali para fora antes de eu regressar. Ele disse que queria ficar, conversar e explicar, mas eu respondi que não havia explicação possível, para além da óbvia.

O Graham queria que falássemos mais tarde, quando eu estivesse mais calma. Afirmei que estava perfeitamente calma.

Ele disse que cometera um erro terrível, que se sentia muito só e à deriva sem mim, se eu ao menos o tivesse visitado mais cedo. Contou que a jovem o perseguia desde que ele ali chegara, atirando-se a ele, tendo literalmente despedido a camisola no elevador, há pouco, e qual era o homem que podia

resistir *àquilo*? Acrescentou ainda que pelo menos não tinham ido para a cama, que de facto não tinha copulado com ela, que nunca me trairia assim. Eu disse-lhe que, para mim, a gravidade era a mesma.

Caiu de joelhos no tapete dos meus pais e garantiu que não voltaria a fazê-lo e que nem sequer tornaria a olhar para outra mulher.

Respondi-lhe que eu não era idiota.

Disse-lhe também que a Maisie Laidlaw praticamente ainda não era uma mulher.

Não quis aceitar o anel da mãe dele, por isso deixei-o sobre a mesa de meia-lua na entrada, a brilhar à luz do candeeiro e das duas gravuras de Audubon, e fui visitar o meu pai.

O meu pai vivia agora num hospital especial na Rua 63, que na verdade mais parecia um edifício de apartamentos, a não ser por estar repleto de médicos e enfermeiros e as paredes dos corredores estarem pintadas de branco. O seu quarto tinha uma pequena vista sobre o parque e ele normalmente sentava-se a observar aquele pedaço de verde com os seus grandes olhos azuis e o rosto imóvel.

– Ele hoje está a passar um dia bom – informou-me a auxiliar, guiando-me. – Comeu bem ao almoço. Eu li-lhe o jornal. Parece que estão a preparar-se para outro furacão na Florida.

– Outro?

– É verdade – confirmou a auxiliar. – Desta vez é a costa atlântica. Dizem que vai ser um dos grandes. Olhe, senhor Dane. Está aqui a sua filha.

A cabeça do meu pai moveu-se, virando-se ligeiramente. Dei a volta até ficar à frente da sua cadeira, ajoelhei-me diante dele e peguei-lhe nas mãos.

– Papá, sou eu. A Lily.

Ele olhou para mim e a sua face direita ergueu-se num minúsculo sorriso. Toquei-lhe no queixo, passando um dedo sobre uma pequena mancha de pelos que escapara ao corte da lâmina de barbear.

– Está bem? Este foi um verão bem quente, não foi? Tive tantas saudades suas.

– Eu posso trazer-lhe uma cadeira – informou a auxiliar.

– Não, obrigada, estou bem assim. – Aproximei-me das pernas do meu pai e inclinei-me para ele. Um peso pousou na minha cabeça: a sua mão. A janela era baixa e eu conseguia ver, por sobre o parapeito, a pequena e convidativa faixa verde do Central Park através da chuva. Uma vez por dia, levavam-no na cadeira de rodas a passear pelos caminhos do parque, a não ser que o tempo não o permitisse. Duvidava que hoje tivesse saído.

– Se precisar de alguma coisa, por favor toque à campainha – pediu a auxiliar.

Estive ali sentada durante muito tempo, mirando a vista da janela, abraçando as pernas do meu pai, sentindo o peso da sua mão imóvel sobre o

meu cabelo. Um vago cheiro a antisséptico pairava no ar, misturando-se com o perfume da loção de barbear do meu pai.

– Lembra-se do Nick, papá? – perguntei carinhosamente. Ele não se mexeu. – Provavelmente não. Era aquele rapaz de Dartmouth, por quem estive apaixonada. Suponho que ainda estou. Ele casou-se com a Budgie, papá. A Budgie Byrne. Passaram o verão em Seaview, na antiga casa da Budgie, mas ela restaurou-a completamente. Agora, parece muito moderna.

Ele fez um pequeno ruído na garganta.

– Não está nada mal. Estava muito degradada; eles tinham de fazer alguma coisa. – Fiz-lhe uma festa na perna, magra como um pau de fósforo sob as suas calças. Com este calor, ainda usava roupa de verão. A ventoinha girou em sussurro sobre nós, agitando o ar sonolento. – De qualquer forma, lá estavam eles e ele está tal qual como era, tão sério, inteligente e bem-parecido, e para além de tudo isso tão caloroso. Foi uma tortura, papá, vê-los juntos. E a Budgie... bem, conhece a Budgie. Ela é tão bonita, combina tão bem com ele. E ama-o. O papá não iria acreditar, nem eu, mas ela ama-o de verdade.

O Central Park inundava-me os olhos. Levantei a manga e limpei-os.

– Por isso, comecei a namorar com o Graham Pendleton, papá. Não sei se chegou a conhecê-lo. É extremamente atraente. Joga nos Yankees. Eu tinha ciúmes pelo Nick, sentia-me devastada, e eu... acho que o Graham me fazia sentir melhor. Fazia-me sentir bonita e amada. E depois a Budgie disse que ela e o Nick estavam à espera de um bebé, e eu não consegui aguentar, por isso disse ao Graham que me casaria com ele.

A mão do meu pai fez um movimento na minha cabeça, com os dedos a esfregarem-me o couro cabeludo.

– Ele disse que precisava de mim, papá, e sabe como eu não consigo resistir a isso, a pessoas que precisam de mim. Pensei que podia fazer alguma coisa acertada. Dar à Kiki um homem para cuidar dela, para brincar com ela, da mesma maneira que eu o tive a si, papá. Dar ao Graham a mulher fiel de quem ele precisava, a família que ele queria. Mas... estava enganada. – As lágrimas sufocaram-me a garganta e correram-me pelos olhos. Curvei-me, agarrando a perna do meu pai. – Eu estava tão *enganada*, papá. Tenho sido tão *estúpida*, não tenho?

Chorei sobre as calças do meu pai, até o tecido se colar às minhas faces e ter o nariz a pingar. Chorei durante séculos, até ficar vazia, oca, uma amostra de Lily, fina como a pele, em equilíbrio precário no décimo oitavo andar de um edifício com uma pequena janela sobre o Central Park.

A mão do meu pai permaneceu no meu cabelo, embora já não se movesse. As cortinas de chuva continuavam a bater contra o vidro, uma imensa quantidade de chuva que se escoava pelas goteiras e se espalhava pelas ruas. Quando me levantei para sair, não sabia dizer se tinha estado ali dois minutos ou duas horas. Tinha os músculos rígidos e doridos, o rosto fechado. Beijei o meu pai na cara e disse-lhe que voltaria no dia seguinte.

Enquanto me encaminhava para a saída, parei numa cabina telefónica do átrio e procurei nas páginas da lista telefónica até encontrar Greenwald and Company, 99 Broadway.

De acordo com as letras de cobre em relevo no diretório da entrada, a Greenwald and Company recebe os seus visitantes no décimo primeiro andar. A chuva abrandara para um ligeiro chuveiro quando saí do metro, mas o meu vestido ainda estava húmido, as meias coladas às pernas e o meu cabelo uma emaranhada confusão louro-arruivada. Eram quatro horas da tarde e o átrio revestido de mármore estava praticamente vazio, numa espécie de expectativa silenciosa pela investida das cinco horas. Sacudi o guarda-chuva e premi o botão de chamada do elevador. Procurei não olhar para o meu reflexo nas superfícies de aço inoxidável que me rodeavam.

Disse para comigo que não estava a fazer nada de errado, que ia apenas ver um velho amigo, esclarecer as coisas, talvez inspirar comiserção. Disse para comigo que não tinha quaisquer desejos relativamente ao Nick, nem qualquer intenção de perturbar o seu casamento e a sua iminente paternidade. Mas os meus dedos tremiam quando premi o número onze no painel do elevador; o meu coração batia violentamente contra as costelas com a consciência tranquila quanto a qualquer culpa. Ou melhor, com a consciência de uma total ausência de culpa: eu não me importava, não queria saber. Era a minha vez de romper com as coisas, de magoar alguém irreparavelmente.

Eu não sabia o que podia esperar dos escritórios do Nick. Sabia que ele tinha gerido a filial de Paris da Greenwald and Company depois de terminar a faculdade, que tinha conseguido retirá-la do abismo depois de a firma ter praticamente falido na primavera de 1932. Sabia que ele regressara a Nova Iorque para assumir a gestão da sede quando o seu pai falecera, no ano anterior, e que se tinha declarado à Budgie pouco depois. Teria renovado alguma coisa, ou teria mantido tudo como o pai construíra? Seria tudo liso e moderno, como o apartamento de Gramercy Park?

Havia mármore, em grande quantidade, frio e branco. Havia tapetes ricos no chão e confortáveis cadeiras de braços, e arte moderna e arrojada em cada parede num choque de cores primárias. Ao fundo do átrio, sob uma placa onde se lia GREENWALD AND COMPANY em letras de imprensa clássicas, uma rececionista de cabelo bastante escuro estava sentada atrás de uma secretária de freixo. Lançou-me um olhar de surpresa arrogante enquanto eu me aproximava, segurando no guarda-chuva a pingar.

– Greenwald and Company – disse, numa voz arrastada. – Posso ajudá-la?

– Lily Dane, para falar com o senhor Greenwald.

– O senhor Greenwald está numa reunião – disse prontamente, com um toque de satisfação. – Tem entrevista marcada?

– Receio bem que não.

Espreitou para o relógio na parede.

– Talvez queira voltar amanhã.

– Não, obrigada. Eu espero.

– A reunião ainda deve prolongar-se por muito tempo.

– Seja como for, eu espero. Talvez, entretanto, lhe pudesse dizer que estou aqui.

Um sorriso superior.

– É-me completamente impossível interrompê-lo, a não ser em caso de emergência.

– Menina... – Procurei um nome, no casaco do fato cinzento justo ou numa placa sobre a secretária, mas não encontrei. – Menina, sou amiga pessoal do senhor Greenwald. Tenho a certeza de que ele desejaria ser informado sobre a minha chegada.

Uma leve sombra de dúvida perpassou-lhe os olhos e pestanejou.

– Lamento. Tenho instruções rigorosas. Se desejar, pode esperar na cadeira, ou então voltar amanhã.

Mantive-me apumada, fixando a porta atrás dela, que estava aberta e revelava um vislumbre do interior do escritório, um corredor, também revestido de mármore. Passou um homem, depois outro. Um deles, bastante jovem, saiu pela porta e inclinou-se para segredar ao ouvido da rececionista.

– A reunião já terminou? – perguntei.

O homem olhou para cima, surpreendido, e respondeu:

– Suspensa por um momento. Estou a falar com...?

– Pode fazer o favor de informar o senhor Greenwald que a Lily Dane está aqui e deseja vê-lo?

– Lily quê?

– Dane – repeti bem alto, projetando a voz através da porta. – Lily Dane.

O jovem olhou-me, inexpressivo.

– Lily Dane? Não temos nenhum cliente com...

– *Lily?*

O Nick apareceu à porta e deteve-se, com o rosto pálido do choque. Vestia um fato escuro e tinha o cabelo puxado para trás numa reluzente submissão. Quase não o reconheci, a não ser pelos olhos, cor de avelã e ansiosos, quase verdes sob a luz fria e artificial do átrio da Greenwald and Company.

– Nick! – exclamei.

– O que se passa? Estás bem?

– Eu... – olhei para a rececionista, cuja face refletia agora um medo respeitável. – Receio ter-me esquecido de marcar entrevista.

A mão do Nick apoiou-se no umbral da porta, com os nós dos dedos brancos.

– Menina Galdone – disse, com total serenidade –, aparentemente houve confusão na minha agenda. Esqueci-me de lhe dizer que esta tarde ia ter uma reunião com a menina Dane. Um encontro há muito combinado; eu próprio quase me esquecia dele. – O Nick olhou para mim. – Queira desculpar-me,

menina Dane, vou lá dentro justificar-me perante os cavalheiros. Não demoro. Menina Galdone, por favor trate de que menina Dane se sinta o mais confortável possível.

– Com certeza, senhor Greenwald.

Sentei-me na cadeira de braços, endireitei a saia e remexi no guarda-chuva. A menina Galdone aclarou a garganta e perguntou se me podia oferecer uma bebida ou um cigarro. Respondi que não e agradei.

Um momento depois, o Nick reapareceu à minha frente, com o chapéu na cabeça e o guarda-chuva em punho.

– Menina Galdone – disse, sem olhar para ela –, não vou estar o resto do dia. Por favor, tome nota de todas as chamadas que houver para mim.

– Com certeza, senhor Greenwald.

O Nick encaminhou-me para o elevador sem falar e cedeu-me passagem para eu entrar. Lá dentro estavam já três homens, todos de fato escuro, chapéus puxados sobre a testa, antecipando a chuva. Não falámos, limitámo-nos a observar a sequência descendente dos números, suportando ambos o silêncio. Quando as portas abriram, saímos para o átrio e o Nick voltou-se para mim:

– Vamos tomar um café?

– Sim, por favor.

Havia uma cafetaria mesmo à saída, em frente à entrada para o metro, mas o Nick passou por ela e continuou a subir a Broadway, conduzindo-nos por entre o tráfego, com uma perfeita noção do andamento, no indescritível ritmo de Nova Iorque. Os nossos guarda-chuvas chocavam constantemente enquanto abríamos caminho pelo passeio, esquivando-nos de peões, de táxis e furgões de distribuição. Quando alcançámos o City Hall, o Nick virou para a esquerda e guiou-me até uma pequena loja de conveniência, com um balcão comprido de um dos lados. Ajudou-me a subir para um dos bancos e pediu café. Quando o café chegou, pousou o chapéu sobre o balcão e sentou-se no banco ao meu lado. As suas pernas compridas mal cabiam sob o balcão; teve de se sentar de lado, voltado para mim, com os nossos joelhos a tocarem-se.

– Estás bem? – perguntou, nas primeiras palavras que pronunciava desde que saíramos do edifício dos escritórios.

– Sim. Fisicamente, quer dizer. Esta tarde devolvi ao Graham o anel de noivado que ele me tinha oferecido. Rompemos.

O rosto do Nick não revelou qualquer alteração, talvez um minúsculo tremor muscular. Bebeu o café e procurou no bolso do casaco, puxando de um maço de *Chesterfield*. Estendeu-mo.

– Obrigada – disse eu, aceitando um. Acendeu primeiro o meu e depois o dele e puxou um cinzeiro. Duas colunas de fumo enrolaram-se entre nós, misturando-se. Olhei para a mão do Nick, segurando a sua chávena de café e pareceu-me que estava a agarrar a chávena de porcelana branca com demasiada força. A proximidade sufocava-me; a há muito desejada intimidade com o Nick, a proximidade das suas grandes mãos, que outrora tinham tocado

o meu corpo com tanta e tão amorosa ternura. – Lembras-te quando te levei a minha casa para te apresentar ao meu pai?

Ele soltou um riso sem humor. A pele em volta dos seus olhos enrugou-se maravilhosamente, apenas por um instante.

– Jamais poderia esquecer.

– Havia uma menina chamada Maisie no patamar da escada. Foste muito simpático com ela; lembro-me disso. De qualquer forma, ela agora é adulta. Bem, não exatamente. Terá dezasseis ou dezassete anos, suponho, mas bastante crescida para a idade, percebes?

O Nick acenou afirmativamente enquanto bebia o café, sem cruzar minimamente o seu olhar com o meu.

– Acho que percebo.

– Sabes que o Graham tem estado a viver no meu apartamento, porque emprestou o dele a alguém da equipa. – Bebi o meu café, dei uma passa no cigarro, escolhi as palavras. – Esta tarde resolvi aparecer para lhe fazer uma surpresa, e a Maisie estava lá com ele, e ela estava... ajoelhada em frente dele no sofá e a boca dela... – acenei com a mão.

– Oh, meu Deus. – Pousou o copo. – Oh, maldição, Lily.

– Não digas que lamentas. Não o lamentos. Eu estou satisfeita. Eu sabia... – Abanei a cabeça. As minhas mãos fizeram a chávina de café tremer sobre o pires. – Não sei. Eu sabia que ele gostava de mulheres. Sabia que as mulheres gostavam dele. Tive sorte de o apanhar antes de estarmos já casados.

– Mas deves ter ficado muito magoada.

– Não, não fiquei. Não propriamente. Foi apenas um choque, é tudo. Eu não o amava, não como devia. Não como queria. – Dei uma longa passa no cigarro deixando cair a cinza no cinzeiro. – Mas tu sabes disso, evidentemente. O velho e sabido Nick, a ver-nos fazer figura de idiotas durante todo o verão.

– Não foi nada assim. Para mim era um suplício ver-vos, aos dois. Saber que eu não tinha qualquer direito – disse calmamente, para com o seu café, cabisbaixo. – Tu não sabes, Lily.

A simples palavra *Lily* fluía entre nós.

– Então porque vieste, afinal? Porque ficaste todo o verão? – perguntei por fim.

– Porque tinha de o fazer. Não tinha escolha – apagou o cigarro e levantou-se. – Quero que venhas comigo, Lily.

Levantei-me, também, quase batendo com o nariz no peito dele.

– Aonde?

– Tomar uma bebida, jantar. Pareces precisar desesperadamente de uma bebida. E Deus sabe como eu preciso. – Sacou de uma nota de um dólar e deixou-a sobre o balcão.

– Nick! – exclamei.

– Vamos começar de novo, Lily. Vamos esquecer o que se passou antes. Quis falar contigo durante todo o verão, mas tudo se interpôs entre nós.

– Tudo continua ainda a interpor-se entre nós.

– Sim, mas agora não estamos em Seaview, pois não? Estamos em Manhattan. O ar aqui é mais fresco. Vem comigo, Lily. – Pôs o chapéu na cabeça, tirou-me o cigarro e abandonou-o no cinzeiro, a arder. Pendurou o cabo polido e acetinado do seu guarda-chuva num braço e estendeu-me a palma da mão voltada para cima.

Olhei para a palma da mão do Nick, no cruzamento das linhas e dos dedos esticados, e de novo para a sua expressão séria. O rosto do Nick, aqueles lábios meus conhecidos, os malares, os olhos, de novo meigos e suplicantes, sob o brilho da nebulosa luz artificial.

Aceitei a mão dele sem falar, e segui-o para fora da loja em direção à chuva.

11 Designação do antigo operador privado do metro de Nova Iorque, entretanto integrado como divisão da municipalidade da cidade. (*N. do T.*)

12 Famosa companhia de navegação e de cruzeiros anglo-americana. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 17
Lake George, Nova Iorque
2 de janeiro de 1932

Uma luz de um cinzento grafite atingiu-me os olhos quando os abri pestanejando, horas depois. O meu nariz estava frio, mas tinha o corpo envolto num calor intenso.

O Nick estava deitado a meu lado, a fonte de todo o calor, a sua massa gravitacional impossível de ignorar. Eu sabia que ele estava acordado. Conseguia sentir os cuidadosos movimentos da sua respiração, procurando não me incomodar. Conseguia sentir as formas dele na escuridão, a deslocar o ar.

Virei a cabeça.

– Que horas são?

– Não faço ideia. Ainda não é bem madrugada, acho.

– Devias tentar adormecer de novo. Precisas de dormir.

– Nem pensar. – A mão dele movimentou-se furtivamente sob o lençol para repousar sobre os botões da minha camisa, exatamente por cima do meu umbigo. – Estive a ver-te dormir, Lily.

– Com esta luz? – As palmas das mãos do Nick pesavam tanto sobre o meu ventre que pareciam afundar-se dentro de mim. A camisa enrolou-se-me à volta da cintura, deixando-me completamente exposta daí para baixo.

– O suficiente para ver as tuas formas. O teu cabelo na almofada. Estava a pensar: Greenwald, és o maior felizardo ao cimo da Terra, acordar com esta visão para o resto da tua vida.

Estava descontraída, ensonada, confiante. Voltei-me e senti o aroma da sua pele, que o sabonete floral do hotel tornou surpreendentemente desconhecido.

– Estou tão *contente* por estarmos aqui.

A mão do Nick cobriu-me a anca nua.

– Nervos?

– Desapareceram.

O Nick beijou-me profundamente, desabotoou a camisa amarrotada do seu *smoking* com uma mão e despiu-ma lentamente.

– Não quero magoar-te. Sabes que pode magoar, de início.

– Eu sei, não me importo.

– Vou ser extremamente delicado, prometo. Não tenhas medo. Temos todo o tempo do mundo. Se precisares que pare, eu paro. Ou, pelo menos, tentarei parar. – Expirou junto à cova do meu pescoço. – Eu *paro*. Confia em mim. Diz-me só o que queres que eu faça.

– Eu não *sei* o que quero. Tu devias *saber* isso, não é?

– Meu Deus, tu pensas que eu sou experiente, não é?

– Não és? – Acompanhei com o olhar os dedos do Nick enquanto exploravam a minha pele. – Gosto *disto*. Gosto das tuas mãos, e... *disto*. – Rocei-me nele, hesitantemente.

A respiração dele retraiu-se.

– Então, está bem. Espera um momento.

Afastou-se de mim, foi até ao roupeiro e procurou qualquer coisa nos bolsos do sobretudo.

– Consegui encontrar estes quando parámos para almoçar – disse, pousando algo na mesa de cabeceira. – Deus sabe que já te causei sarilhos suficientes até aqui. – Despiu a camisola interior e as calças e subiu para a cama, onde eu o esperava, onde eu clamava por ele da cabeça aos pés.

Nu parecia ainda maior, imenso, coberto com enormes extensões de pele corada. Não sabia onde havia de tocá-lo primeiro. Pousei-lhe as mãos no peito, logo abaixo das clavículas, e abri os dedos o mais possível.

– Pronta? – sussurrou.

Fiz que sim com a cabeça.

Ele cumpriu o prometido, tremendamente atencioso. Beijou-me os seios e o ventre, beijou-me sem parar; fez deslizar os dedos subindo pelas minhas pernas com uma liberdade impensável, enquanto eu arquejava, lhe segurava a cabeça e pressionava a minha testa contra a cavidade do seu ombro. Acariciou-me até eu tremer de ansiedade, impelindo-me para os seus braços e as suas coxas, gritando o nome dele.

– Está bem, devagar, espera – disse, e estendeu o seu longo braço para a mesa de cabeceira.

Eu esperei, sem me mexer, sem respirar. Eu nunca tinha sequer visto um preservativo antes; quase não sabia o que era. Vi o Nick colocá-lo na penumbra. Perguntei-lhe se doía e ele riu e respondeu: «não, Lily», e ergueu-se sobre mim. Com uma segurança serena, dispôs as minhas pernas para o receber, afastou-mas e fez-me erguer os joelhos. Tornou a perguntar de novo se eu estava pronta e eu cruzei as mãos sobre a sua nuca e disse-lhe que «sim, Nick, sim».

Ele avançou com uma lentidão enervante, os cotovelos dobrados junto aos meus ombros, suspirando: «Está bem assim, Lily? Querida, meu amor, estou a magoar-te?» Não lhe disse que sim, que ele *estava* a magoar-me, que ele era de mais, que estava a rasgar-me, porque receava que ele parasse se eu o dissesse. Pedi-lhe para esperar uma vez e ele esperou, beijando-me os lábios, beijando-me as faces, até o ar regressar aos meus pulmões, até eu estar pronta para mais. «Estás bem?», murmurou, e quando eu disse que *sim* ele fez pressão para diante, dando-me mais, dando-me todo o tempo do mundo, uma e outra vez, inclinando o seu rosto feroz sobre o meu, terno e paciente quase até ao último minuto; até eu já ter esquecido a dor e só sentir a flexão das costas do Nick sob as minhas mãos, a aceleração do ritmo das pernas e do ventre dele, a inimaginável pressão da carne do Nick a tocar dentro da minha,

até eu não ser nada mais além do Nick, até estar transformada numa perfeita partícula pulsante do Nick.

Depois de o corpo dele parar de tremer e ficar em sossego, depois de a sua frenética respiração ter recuperado o ritmo normal, o Nick abandonou então o meu corpo e beijou-me os seios, o pescoço, os pulsos e as pontas dos dedos. O meu corpo ardia pela sua ausência.

Eu não conseguia abrir os olhos. Era como uma brasa, incandescente. O quarto escuro e silencioso mantinha tudo o resto à distância, toda e qualquer sensação, exceto nós os dois, Nick e Lily, que acabáramos de fazer amor.

Ouvi a respiração ainda acelerada do Nick junto ao meu ouvido.

– Estás bem? – suspirou ele. – Não fui demasiado violento no fim? Oh, meu Deus, estás a chorar. Desculpa-me.

– Estou *maravilhada*, Nick.

– Maravilhada... quanto? – Ele estava ansioso.

– Eu nem sequer sabia. Não tinha a mínima ideia. Porque me mantinhas sem saber o que isto era?

O Nick beijou-me a face húmida.

– Eu já volto.

Quando regressou da casa de banho, pegou em mim e voltou-me de costas, com as curvas das minhas costas contra o peito e o ventre dele, e as minhas nádegas aconchegadas nos seus quadris. Encaixávamos um no outro com uma simetria inquietante. A sua pele ainda estava húmida e ardente, tal como a minha. A mão dele aconchegou-me um seio; a sua face por barbear arranhava-me numa têmpora. Fechei os olhos e imaginei que estava a absorver o Nick por todos os poros.

– Tens a certeza de que estás bem? – perguntou. – Feliz?

– Estou. E tu?

Ele ficou em silêncio.

– Nick? – rodei a cabeça.

Desejava vê-lo melhor. Desejava decifrar a sua expressão, o seu olhar. Desejava poder ler-lhe a mente, poder saber o que ele sabia: as outras mulheres com quem dormira, as outras camas que tinha partilhado. (Agora tenho a certeza de que houve mais do que uma.) Talvez os outros quartos sombrios de hotel, com lençóis revoltos. Como teria sido com elas? Isto teria sido diferente? O amor faz com que fazer amor seja melhor? Sentiria o Nick esta consumação sagrada, esta maravilha, esta beleza, esta eternidade, como eu sentia? Ou o sexo era simplesmente isto, concebido pela Natureza para nos induzir a multiplicarmo-nos?

A lenta madrugada de inverno respirava à nossa volta. Esperei, esperei, e voltei a cabeça para a janela.

O Nick falou para o meu cabelo, tão serenamente que tive de me esforçar para o ouvir:

– Desculpa. Não sei como hei de descrever. Não há palavras que o descrevam. Sou... *teu*. Sou teu, Lily. Deus, como poderei sequer explicar?

Fisicamente teu, tal como tu me encheste com o teu ser. Me encheste, de alguma forma, com todo o teu amor e confiança, a tua preciosa inocência, e me fizeste parte de ti.

Não consegui falar.

Ele beijou-me o ouvido.

– Isto não soa estranho?

Disse-lhe que não, que não soava nada estranho. Eu estava ali, segura nos seus braços, sonolenta e quente, ardente e viva, escutando a neve a cair lá fora.

Perguntei:

– Foi a mesma coisa para ti, da primeira vez?

Ele mexeu-se como se estivesse quase a dormir.

– O que queres dizer?

– Amava-la?

– Oh, Lily. Porque me perguntas essas coisas? Porque te preocupas com isso?

– Sabendo é muito mais fácil, imaginar é muito pior.

– Então, não imagines.

– Não sou capaz. Tu eras?

O corpo do Nick caiu, pesado, à volta do meu, afundando-me profundamente no colchão. As suas mãos acariciaram-me distraidamente. Pensei, por um momento, que ele não ia responder-me, e então disse-me:

– Está bem. Se tens de saber... Foi no verão passado, quando estive na Europa com os meus pais. Um verão quente, estávamos todos aborrecidos e impacientes. Ela era mais velha, divorciada, vivia em Paris e era amiga da minha mãe, o velho cliché. Uma tarde seduziu-me; senti-me lisonjeado e de alguma forma chocado e mais do que desejoso de ser seduzido. Andámos juntos em segredo durante algumas semanas.

– Ela era bonita?

– Acho que sim. As pessoas, pelo menos, achavam.

– Sentiste amor por ela?

Ele riu-se.

– Não. Suponho que estava enamorado, mas foi uma doença passageira. Separámo-nos em agosto sem remorsos, sem os meus pais se aperceberem de nada, pelo menos tanto quanto sei. Regressei à faculdade, conheci-te e apaixonei-me perdidamente por ti. Chega para ti, assim?

– Suponho que ela devia ser muito experiente.

– Muito.

Pensei em lençóis caros desalinhados e em risos guturais, na luz fluida da tarde e no corpo do Nick bronzeado, ondulante, sobre outra mulher. Não conseguia ver o rosto dela, mas podia ver as suas pernas brancas enroladas nele, as suas mãos longas, cheias de joias, sobre as omoplatas do Nick. Ela comandava-lhe os movimentos, ensinando-lhe o ritmo da cópula, da mesma maneira que ele acabara de me ensinar. Semicerrei os olhos. Dei uma

gargalhada e alegrei a voz num tom descontraído:

– Que grande diferença, então, fazer amor com alguém sem experiência alguma.

Sem avisar, o Nick fez-me rodar sobre as minhas costas, esticou-me os braços bem acima da cabeça e beijou-me tão sofregamente que quase sufoquei.

– Toda a diferença do mundo, Lily. Agora toca a dormir, e não penses mais em outras mulheres, não há nenhuma. A partir de agora, só existes tu.

Algun tempo mais tarde, dei por mim meio desperta com as mãos do Nick a mexerem à minha volta, levantando-me o cabelo da cara. A janela ainda estava escura.

– Nick.

– Desculpa. Não queria acordar-te.

Voltei-me e abracei-o.

– Podes acordar-me quando quiseres.

O Nick beijou-me e perguntou se eu estava cansada. Eu beijei-o também e disse-lhe que não estava nada cansada.

E o Nick fez amor comigo de novo e desta vez foi ainda melhor, porque agora eu sabia o que significava fazer amor, porque já não me contentava em ficar deitada e recebê-lo numa submissão inocente; porque estava livre de qualquer constrangimento, livre para tocar no Nick e saboreá-lo e maravilhar-me com o cruzamento perfeito entre nós os dois; livre para conhecer cada textura e cada dimensão do corpo que se movia com o meu.

Desta vez, quando o Nick regressou da casa de banho, magnífico com os seus olhos de pirata, ajoelhei-me e estendi-lhe os braços. Ri-me quando ele investiu através dos lençóis, agarrando-me e soprando apupos esfomeados na cova do meu pescoço. Segredei-lhe algo chocante ao ouvido e ele riu-se também, virou-me e fez-me cócegas sem contemplações, e assim voltámos a adormecer, abraçados e sorridentes: a minha mão na sua cintura, a perna dele entre as minhas, jovens, apaixonados e cheios de esperança.

CAPÍTULO 18

Manhattan

Terça-feira, 20 de setembro de 1938

O Nick levou-me a um sítio que eu não conhecia, algures em Greenwich Village, onde eu quase nunca me aventurara. Era pouco iluminado e discreto, com velas sobre as mesas e uma lânguida orquestra mínima num canto e um espaço para dançar, embora sem ninguém.

Pedimos *Martinis* e bebemo-los sem proferir uma palavra. O que dizem duas pessoas, uma à outra, quando se encontram conscientemente à beira de um caso amoroso adúltero? Eu, com certeza, não sabia. Refugiei-me na bebida, que estava impecavelmente *dry* e gelada, e estava a morder a minha azeitona, olhando para a mesa, quando o Nick finalmente falou:

– Esquecemo-nos de fazer um brinde. A que deveremos brindar?

– Não dá azar brindar com os copos vazios?

– Então, vou pedir mais. – Fez sinal ao empregado de mesa e pediu mais dois *Martinis*. – Então, Lily? – disse, quando chegaram as bebidas.

Peguei no meu copo.

– Não sei. Talvez à sinceridade.

O Nick tocou com o copo no meu.

– À sinceridade. Tens a certeza de que estás bem?

– Estar *bem*? Estás a brincar? Estou tudo menos bem. Está tudo uma confusão, não é? – beberiquei do meu copo. – O que estamos a fazer aqui, Nick?

Ele pousou o copo e a mão dele na minha.

– Estou a confortar uma amiga que acabou de sofrer um choque.

– É isso que lhe estamos a chamar?

Ele retirou a mão e não respondeu. O empregado de mesa trouxe as ementas. Estudei a minha com grande concentração, embora as pequenas letras negras não fizessem qualquer sentido. Quando o empregado voltou, encomendei um creme de espargos e um bife, médio, embora não me lembrasse de ter escolhido nenhum deles. O Nick disse que queria a mesma coisa e uma garrafa de clarete, o '24 *Latour*, se tivessem.

Ergui as sobranceiras.

– Ainda gostas do teu clarete?

– Este vinho em especial é o meu *vintage* preferido.

– Nick.

A mão dele tornou a pousar na minha.

– Estás a tremer, Lily. Não tremas. Neste momento não quero que penses em nada. Quero que aprecies a tua bebida, que gostes do jantar. Não te preocupes com nada. Jantar não é pecado. Se for, a culpa é minha.

– Ela é minha amiga.

O Nick curvou-se para a frente e pegou-me na outra mão.

– Escuta-me, Lily. Ouve bem. A Budgie não é tua amiga, compreendes? Nunca o foi. Não lhe debes nada. Nem a tua lealdade, nem a tua benevolência.

– Eu *sei* o que ela é, Nick. Ainda assim, é minha amiga.

– Confia em mim, Lily.

Recolhi as mãos.

– Confiar em ti? Porque deveria confiar em ti, Nick? Tu casaste-te com ela. Vais ter um filho com ela, por amor de Deus. Em abril. Ficaste nas nuvens com isso, lembras-te? Foi o que a Budgie disse.

O Nick bebeu um longo trago e acendeu um cigarro. Oferece-me um, mas eu neguei com a cabeça. Fumou metade do cigarro, deixando cair a cinza no cinzeiro, entre nós, antes de falar.

– Querias sinceridade, Lily. Brindaste à sinceridade. Aqui tens a verdade nua e crua: a Budgie pode estar ou não à espera de um bebé. Deus sabe quantas vezes ela já usou esse truque. Não faço a mínima ideia se desta vez é verdade. Mas há uma coisa de que tenho perfeita certeza: o bebé, se houver algum, não é meu.

A luz da vela brilhava contra o seu cabelo macio penteado para trás, acima das sobrancelhas. Peguei no cigarro dele, pousado no cinzeiro e fumei-o. Os olhos do Nick estavam fixos nos meus, determinados e sinceros. Quando ia abrir a boca para falar, o empregado chegou com a sopa e serviu-a de uma terrina reluzente para os nossos pratos num solene cerimonial. Acrescentou pimenta. Acabei o meu *Martini*. O vinho chegou, foi desenrolhado e dado a provar ao Nick para aprovação. Observei o seu rosto à luz difusa e por um momento pareceu-me tão adulto, tão macio e tão experiente, enquanto estava ali sentada com o meu cabelo frisado, as roupas húmidas e o meu chapéu de Seaview, e com todos os canais do meu corpo abertos à inundação com *gin*.

O bebé, se houver algum, não é meu.

O sangue corria-me ligeiro nas veias.

– Como podes ter tanta certeza? – perguntei em voz baixa, quando, por fim, o empregado de mesa se afastou.

– Porque só estive na cama com a Budgie exatamente uma vez e foi antes de me casar com ela.

Por alguma razão, face ao choque da sua confissão, na estonteante precipitação de perguntas e conjeturas que levantava, só consegui perguntar:

– Uma vez, ou uma noite?

– Uma vez, Lily. – A mão dele fechou-se em volta da minha e desta vez não a retirei. – Uma vez, dez minutos, dez minutos miseráveis e irremediavelmente embriagados pelos quais desde então me odeio. Pensei que estava a conseguir a vingança derradeira e, em vez disso, vi-me confrontado comigo mesmo e com a evidência de como eu vinha sendo obtuso e culpado desde... – Olhou para as nossas mãos, juntas e apertadas. – Eu ainda estava em

Paris, prestes a regressar a Nova Iorque, para tomar conta do negócio. Acordei na manhã seguinte com uma dor de cabeça insuportável, determinado a começar de novo, a mudar a minha vida, a deixar de me comportar como um imbecil tonto e amuado.

– E depois, o que aconteceu? – perguntei.

Com a mão esquerda, o Nick pegou no *Martini*, acabou-o, e voltou ao vinho.

– Lily, não vamos falar nisso ainda. Não estou sequer perto de estar suficientemente embriagado, nem tu estás.

– Não. Eu já estou a sentir-me perfeitamente embriagada. Quero saber.

– Come o teu jantar, Lily.

– Nick, eu não sou uma criança.

Ele pegou na colher.

– Por favor, come, Lily. Eu estou esfomeado.

Aguardou, na expectativa, com a colher suspensa sobre a sopa, até eu ceder e começar a comer, numa demonstração de apetite que, na realidade, não tinha. Não conseguia sequer saborear a sopa ou apreciar o vinho enquanto bebia.

– Acho que debes saber uma coisa, Nick. A Budgie *vai realmente ter um bebé*. Eu vi-a, não há qualquer dúvida.

– É perfeitamente possível. – O Nick engoliu a admissão da infidelidade da sua mulher com uma aparente facilidade, entre uma colher de sopa e um gole de vinho.

– O que queres dizer?

– Quero dizer que enquanto eu me mantive estritamente celibatário desde Paris, o mesmo não se passou com a minha mulher.

Estritamente celibatário.

– Então de quem é o bebé? Como é que sabes?

O Nick lançou-me um olhar penetrante.

– Pode haver vários concorrentes, pelo que sei. Deixei-a por sua conta durante grande parte do verão. Mas acho que o candidato mais provável é o Pendleton.

– O Graham? – Deixei cair a colher sobre o prato da sopa com um tilintar indiscreto. – Mas isso foi há anos!

– Lily – disse, serenamente.

A minha pulsação fez-me estremecer as têmporas. Peguei no copo de vinho.

– Suponho que nunca chegaste a suspeitar. Estive à beira de to contar pelo menos uma dúzia de vezes. Depois pensava que não ias acreditar em mim. Pensei que não o devia fazer, que não tinha o direito de me intrometer entre vocês.

– Sabendo disso, ias deixar-me casar com ele?

– Não sabia como contar-te. *Oh, a propósito, a maioria das noites o teu pretendente passa lá por casa para ter sexo com a minha mulher no terraço,*

depois de sair de tua casa. É bastante difícil falar num assunto destes.

– Como é que descobriste? – Suspirei.

– Uma noite, depois de ter feito uma pequena caminhada. Não os interrompi. Se eu pensasse que ele também andava dormir contigo, teria dito alguma coisa, Lily. Juro que teria. Dava-lhe um soco que o punha dormir, para o teu bem.

– Mas não para o da Budgie.

Encolheu os ombros.

– Duvido que tenha sido ele a procurá-la. Ela deve tê-lo seduzido deliberadamente.

– E como sabias que eu *não* dormia com o Graham? – perguntei, após uma pequena pausa.

– Sabe-se quando duas pessoas andam a dormir juntas, Lily, se prestarmos atenção.

Esvaziei o meu copo. O Nick serviu-me outro. As sobras verdes da sopa de espargos repousavam no prato, nada apetitosas.

– Portanto, eu era uma espécie de ato de aquecimento – afirmei. – Alguns beijos para pôr o sangue a correr. Não admira que ele conseguisse manter tanto autocontrolo. Tinha um corpo pronto à espera dele, algumas portas mais abaixo.

– Lamento, Lily.

– Não, não lamentas. Tu estavas até bastante feliz por ele estar ocupado na cama da Budgie em vez estar de na minha. – Fitei-o. – Tu não a podias ter mantido sob controlo, pois não? Não podias ter-lhe dito para manter as pernas fechadas?

– Como, exatamente? Mantendo-a ocupada na minha cama?

– Não! – exclamei. E depois, calmamente: – Não. Para mim era uma tortura imaginar-vos juntos. Eu bem via a maneira como ela se pendurava em ti enquanto dançavam. O batom dela na tua cara. Pareciam dois amantes apaixonados.

– A Budgie é uma excelente atriz. Um dos seus talentos mais úteis.

– Tu também não estavas nada mal – comentei amargamente.

– Estava, sim. Se prestasses atenção, terias visto. A Kiki notou isso sem qualquer dificuldade.

– Sim, a Kiki. – Pousei a colher à beira do prato de sopa e acabei o vinho.

– Vamos dançar.

Ele levantou-se comigo, deu-me a mão e dançámos calmamente junto à orquestra. Encorajado pelo nosso exemplo, outro casal veio juntar-se-nos. A enorme mão do Nick, seca e quente, apertando a minha; a outra pousada sobre a minha cintura. Ele dançava próximo de mim, mas não excessivamente: uma fina película de ar fluía entre nós. Eu adorava o seu cheiro, a *gin* e vinho, cigarros e chuva. Rodeei-me do Nick, mergulhei-me de novo na inocente e nova sensação de estar apaixonada e também ser amada.

Inclinei a cabeça para trás para recordar o rosto do Nick e descobrir que

ele também estava a olhar para mim.

– Não o digas – pedi-lhe.

– Não direi. Não posso, não é? Sou um homem casado.

Quando regressámos à mesa, o bife aguardava-nos. Comemos rapidamente, acabámos o vinho entre os dois, abrimos uma nova garrafa. O Nick acendeu-me um cigarro e outro para ele. Fiz-lhe perguntas sobre Paris e ele respondeu-me como a cidade era bela, como percorria as ruas a pé a caminho do escritório, e imaginava em que águas-furtadas teríamos vivido, por que janela de mansarda teríamos olhado todas as manhãs. Sorriu-me enquanto dizia isto e aquela sua expressão calorosa de olhos enrugados cruzou-se com o meu olhar arrebatado. Eu estava encantada, porque era como se ele tivesse guardado aquilo só para mim. O vinho vagueava agradavelmente entre os meus ouvidos; o rosto do Nick vagueava agradavelmente ante os meus olhos.

Quando o empregado veio propor-nos a sobremesa, eu recusei.

– Vamos, Nick.

– Não comeste o teu bolo de chocolate.

– Não tenho fome. Leva-me a algum lado.

– Aonde?

– Não sei. Daqui para fora.

O Nick chamou o empregado e pediu-lhe a conta. Lá fora, a chuva voltara em força, precipitando-se em catadupa do céu escuro da noite para escorrer pelas ruas inundadas. O Nick levantou a gola e abriu o guarda-chuva.

– Fica aqui abrigada debaixo do toldo – disse ele. – Vou arranjar um táxi.

Demorou quase um quarto de hora, mas conseguiu finalmente apanhar um táxi que despejava um grupo de passageiros embriagados para um clube de jazz próximo. Abriu-me a porta do carro, segurando o guarda-chuva sobre a minha cabeça, e entrou atrás de mim.

– Para onde? – perguntou o motorista, olhando pelo espelho retrovisor.

O Nick baixou os olhos.

– Para onde? O teu apartamento?

– Céus, não. Não posso lá ficar até ser fumigado por um profissional.

O Nick indicou ao motorista:

– Gramercy Park, por favor.

Eu estava confusa com o vinho, confusa com o Nick. Acomodei-me no banco e maravilhei-me com a sua infinidade, apenas a alguns centímetros de mim, a sua infinita capacidade de me abrigar. Pelo canto do olho espreitei para a lapela dele e pensei que era o mesmo peito que se tinha debruçado sobre mim, sete anos antes, e que, de alguma forma, se tinha debruçado sobre incontáveis mulheres desde então, sentira a pressão de incontáveis peitos ansiosos desde então e que agora aqui estava de novo.

Os edifícios passavam indistintamente por nós. Sentia-me como se o táxi fosse a flutuar por um rio incrivelmente rápido.

– Como eram elas? – perguntei. – As mulheres de Paris?

- Porque perguntas?
- Porque preciso de saber. Conheces-me.

O táxi contornou uma curva. O Nick espreitou pela janela a chuva ininterrupta.

– Não me lembro da maior parte delas. Normalmente estava semiembriagado. Não eram importantes.

- Eram bonitas?
- Algumas sim, acho eu.

Apertei as mãos sobre o colo. Mesmo embriagada, senti as palavras como um soco no estômago.

– Eu estava a tentar provar alguma coisa, Lily. Estava a tentar provar que tu não tinhas significado nada, que aquilo que eu sentira naquela noite, o que tinha acontecido entre nós naquela noite, não significava nada. Que tudo o que eu tinha de encontrar era uma mulher, qualquer mulher, ir para a cama com ela e tudo se resumiria a isso. Que, afinal, tu não eras nada especial. E, de cada vez, sempre constatei que estava errado. Em todas elas, em vez de se tornar evidente que eu não estava realmente apaixonado por ti, sucedia precisamente o contrário. Sentia-me mais vazio do que nunca. Também culpado, por me comportar como um libertino, servindo-me miseravelmente delas, pela falsidade de tudo aquilo. – Voltou-se para mim. – E, assim, desisti de tudo.

- Até a Budgie ter aparecido.
- Ela foi o pior que me podia ter acontecido. O maior de todos os erros.

O táxi deu a volta para Gramercy Park.

- Como é que aconteceu?
- Não mo perguntes, Lily.
- Eu preciso de saber. Procuraste-a?

O táxi parou na esquina, antes de eu conseguir recordar-me do aspeto do espaçoso prédio onde o pai do Nick tinha o apartamento. O Nick remexeu no bolso para tirar dinheiro.

- Não, não procurei. Eu disse-te: naquela altura eu já tinha desistido.
- Então, o que aconteceu?

– Ela abordou-me no Ritz, quando eu estava na minha festa de despedida do escritório de Paris. Deixou-me de rastos com uma das suas observações, conheces o estilo.

- Sobre quê?

– Sobre ti, claro. Que outro truque poderia ser? Depois disso e de eu já estar suficientemente magoado, deu-me a entender que desejava estar comigo e fomos para o quarto. Fiquei dez minutos e saí. Nem sequer me despi. Paguei-lhe o quarto à saída. – O Nick ajudou-me a sair do táxi e fechou violentamente a porta.

Ele tinha razão. Eu não devia ter perguntado. Agora eu conseguia ver todos os pormenores: o quarto elegante com os seus painéis de parede, os seus dourados e a sua casa de banho privativa, a colcha de veludo na cama, a

Budgie estendida convidativamente entre as almofadas perfumadas, com os lábios vermelhos, o corpo macio e depilado e os seios como dois alperces frescos. Já antes tinha imaginado semelhante cena, evidentemente, e mais até, mas desta vez eu sabia que era real, que tinha acontecido. A cópula de dez minutos, selvagem e curta. O Nick de pé abotoando as calças, com a respiração ainda acelerada, o seu rosto carregado após o afastamento dos corpos, o cabelo em desalinho. O Nick a parar depois no balcão da recepção, para lhe pagar o quarto, com notas de franco quebradiças retiradas da sua mola de notas. Na minha mente embriagada, não conseguia manter uma imagem durante muito tempo, mas um instante era o suficiente.

Passámos pelo porteiro, silencioso, a quem o Nick acenou discretamente com a cabeça. Subimos no elevador até ao andar do Nick. Ele pegou nas chaves e abriu-me a porta. Dei um passo em frente para a escuridão, quente e ligeiramente húmida, embora não tanto como no exterior. O Nick fechou a porta atrás de nós e tirou o chapéu, e em vez de procurar o interruptor, procurou-me a mim. Os seus polegares encontraram lágrimas no meu rosto.

– O que se passa, Lily? – Tirou o lenço do bolso e limpou-me as lágrimas.

– É tarde demais, não é? É sempre tarde demais.

O Nick recostou-se contra a parede do corredor, enquanto as sombras da sala de estar ganhavam forma atrás dele.

– Quero que saibas uma coisa, Lily. Outra coisa, uma coisa importante. Sempre que beijei uma mulher, toquei uma mulher, eu sabia que estava errado. Sentia no meu coração que era um adúltero. No dia do meu casamento, há seis meses, lembrei-me de como em tempos te tinha chamado minha mulher e senti-me um bígamo. Sempre te pertenci, quer gostasse quer não.

Eu não conseguia falar. Inspirava e expirava, olhando para o pedaço de chão junto aos seus sapatos lustrosos.

– Perdoa-me – pediu –, sei que é tarde demais para perdoar, mas de qualquer maneira peço-to. Fui-te infiel de todas as formas possíveis, Deus sabe. Mas não posso viver mais um instante sem te pedir que me perdoes. Não peço absolvição, apenas perdão, porque vou passar o resto dos meus dias a arrepende-me daquilo que fiz em Paris.

Ergui os olhos. As luzes ainda estavam apagadas e o seu rosto estava sombrio, tão belo como sempre. Nas garras do meu ciúme, eu queria saber tudo. Queria um catálogo, ponto por ponto, com os nomes, idades e cores de cabelo, com todos os atos praticados e as posições assumidas. Eu queria saber onde ele as encontrara, como as levava para a cama, se tinha acumulado amantes ou se procurara uma nova de cada vez. Queria saber quantas, quantas vezes, quão depressa, quão devagar. Queria saber se ele passava a noite com elas. Queria todos os pormenores impiedosos marcados no meu cérebro para conseguir sentir o alívio dos meus anos de dúvidas.

– Não sei se posso fazer isso – disse o Nick.

Estendeu o seu longo braço e tirou-me o chapéu, colocando-o sobre a mesa da entrada, ao lado do seu, sob o candeeiro apagado.

– Eu hei de reparar isto, Lily – afirmou –, hei de reparar.

Ficámos ali na penumbra do vestíbulo escuro do apartamento dele até os pés começarem a doer-me e eu me afastar, hesitante, com a cabeça pesada pelo vinho e pelo choque. O Nick segurou-me o braço.

– Entra e seca-te.

Passámos para a sala de estar e o Nick acendeu um único candeeiro. Suspirei. A sala estava diferente: o mobiliário era sensivelmente o mesmo, bem como as pinturas nas paredes, mas agora estava desarrumado, havia sinais de vida. Os livros do Nick estavam empilhados em cima das mesas e no chão. No canto havia uma secretária e uma cadeira, das quais não guardava qualquer recordação, sobre o tampo havia papéis e canetas espalhados e uma régua de cálculo. Uma coleção de grandes rolos de papel estava encostada a uma parede: provavelmente planos e projetos. Viam-se maquetas de arquitetura por todo o lado, feitas de madeira de balsa colada com meticolosa exatidão.

– São tuas? – perguntei, apontando para uma.

– É um passatempo. Tem-me mantido ocupado à noite, este verão.

– São impressionantes. A Budgie já as viu?

– Não, ela nunca esteve aqui. Ela gosta do apartamento na alta da cidade. Escuta-me. Estamos molhados e com bebida a mais. Quero que vás à casa de banho, tomes um banho e ponhas as tuas roupas a secar. Vou arranjar-te um roupão para vestires.

– Mas...

Levou o dedo aos lábios.

– Silêncio. Não há discussão.

Eu *estava* molhada, cansada e embriagada. Obedientemente, fui para a casa de banho e tomei um banho na banheira do Nick, lavei-me com o sabonete do Nick e fiquei deitada a contemplar o teto do Nick. Conseguia ouvi-lo na sala, na cozinha, a abrir a água e as portas dos armários. A água quente misturava-se com o vinho para estender a mais maravilhosa apatia aos meus membros e dissolver para sempre cada agulha de ciúme que me perfurava a pele.

Ele ama-me. Sempre me amou.

Ele saiu. Dormiu com outras mulheres. Dormiu com a Budgie; casou-se com a Budgie.

Não tinha significado. Não era nada. Ele estava a usá-las e a pensar em mim. Ele só me ama a mim e a mais ninguém. Ele passou dez minutos com a Budgie e saiu.

Porque se casou com ela?

Porquê, de facto?

Isso era importante? Ele nem sequer dormira com ela desde então, ou assim afirmava. Não era o pai do bebé. Não tinha qualquer laço com ela, a não

ser uma folha de papel que no seu coração o transformava num bígamo.

Os meus pensamentos vagueavam, embriagados, dando voltas e voltas, por entre velhas imagens gastas do Nick na cama com outras mulheres e imagens novas e vivas do Nick na cama comigo, amando-me, sussurrando o meu nome, murmurando: *Lily, Lily*.

Levantei-me e sequei-me na toalha do Nick. Ele bateu à porta.

– Entra – disse-lhe.

Estendeu o braço pela abertura da porta. Um roupão escuro às riscas pendia-lhe da mão e tinha um tamanho incrivelmente grande.

– É demasiado grande, bem sei, mas podes fazer umas dobras nas mangas.

Peguei-lhe, vesti-o e fiz algumas dobras nas mangas. As bainhas arrastavam-se uns bons dez centímetros pelos ladrilhos do chão. Enrolei o cabelo numa toalha e saí, lavada, ensonada e ébria. Encaminhei-me para junto do Nick e pus-lhe os braços à volta do pescoço.

– Adoro a tua casa de banho – disse –, adoro o teu apartamento. Adoro-te.

O Nick segurou-me pelos braços.

– Lily. Estás embriagada.

– Também tu. Bebemos juntos.

– Bebemos sensivelmente o mesmo, mas eu tenho o dobro do teu tamanho.

– Beija-me, Nick.

Ele beijou-me a testa e tomou os meus braços. Colocou-os serenamente entre nós.

– Quero que bebas água, tomes uma aspirina e vás para a cama.

– Vais lá ter comigo?

Ele procurou decifrar-me o rosto.

– Queres que eu vá?

– Mais do que tudo. – Estiquei-me para ele em bicos de pés, mas o meu beijo aterrou-lhe no queixo.

Levou-me as mãos à boca e deu um beijo em cada uma.

– Lily. Esta noite vou dormir no sofá.

Voltou a apoiar os calcanhares.

– O quê?

– Tu sabes que é o melhor.

– Não, não sei.

– Bebe a tua água – disse. – Toma uma aspirina. Vai-te deitar e dorme.

– Não.

– Sim – disse ele, com firmeza. Afastou-me e trouxe-me um copo com água. Bebi-o, hesitante. Tornou a enchê-lo com o jarro que se encontrava no frigorífico. Bebi-o, também, com um par de aspirinas.

– Vês? Fui uma boa menina.

– Tens sido uma menina muito boa. – Pegou em mim e transportou-me pela entrada, com a minha cabeça reclinada no seu ombro. O ombro do Nick,

os braços do Nick.

– Este é o mesmo quarto de antigamente? – perguntei.

– Sim.

– Dormes aqui?

– Sim. Mas esta noite, não. – O mundo balouçou enquanto o Nick afastava os lençóis e me deitava na cama. Eu cheirava ao Nick, irresistivelmente ao Nick.

– Tal como com a Budgie – murmurei. – Tu cuidas de todas, não é? Até da Kiki.

Ele desenrolou a toalha do meu cabelo e beijou-me a testa.

– Eu vou consertar isto, querida, prometo. Vou desfazer esta confusão e fazer o que está certo.

Fechei os olhos e procurei imaginar a Budgie a soltar o Nick, libertando-o de toda e qualquer coleira que lhe tivesse colocado, deixando-o divorciar-se e casar-se comigo. A imagem varreu-se da minha memória. Como podia o Nick, forte, correto e respeitável, combinar com a Budgie?

– Desculpa-me também, Nick. Também foi culpa minha. Eu nunca lutei por ti, pois não?

– Não devias precisar de o fazer. Nunca devia ter duvidado de ti. Agora dorme. – Beijou-me a testa de novo, afastou-me meigamente o cabelo e levantou-se para sair.

– Nick?

– Sim, Lily?

– Tenho de dizer-te uma coisa. Não a quero esconder de ti. Na noite da festa do Dia do Trabalhador. Deixei o Graham... no carro...

– Chiu. Eu sei.

– Sabes?

Ali estava ele, de pé, ao lado da cama, olhando para mim com uma bondade infinita.

– Fui à tua procura. Estavam todos a comentar as novidades da Budgie e eu queria que tu soubesses a verdade. Disseram-me que tinhas deixado a festa. Vi o carro do Pendleton à porta da tua casa e as luzes apagadas. Dei uma volta e fui para casa fazer as malas.

Virei-me de lado, encarando-o. As minhas pálpebras moviam-se à deriva.

– Ficaste zangado?

– Zangado *contigo*, Lily? Não. – Encaminhou-se para a porta e apagou a luz. – Achei que o merecia. Agora dorme.

Acordei, perfeitamente sóbria, algumas horas depois. Mantive-me deitada nos lençóis, húmida e sufocada com calor, a contemplar as sombras do teto brando sobre mim. Pensei: «Isto não é Seaview. Onde estou?»

Rodei a cabeça para a janela e vi a silhueta de um homem recortada contra o brilho ténue refletido pela cidade. Uma figura grande, a fumar um cigarro,

com a luz a cair-lhe sobre os ombros nus.

– Nick? – murmurei.

– Dorme, Lily – respondeu, sem se virar.

Pus as pernas fora da cama e levantei-me. O roupão do Nick escorregou-me dos ombros. Puxei-o para cima e apertei o cinturão. O quarto estava escuro; guiei-me pelo brilho tranquilo na janela e pelo corpo do Nick como um farol diante dela. A chuva varria o vidro da janela em ondas.

Pousei a mão nas suas costas. A pele era macia, como granito polido, ao meu toque.

– Devias estar a dormir.

– Não consegui adormecer.

– Então devias ter-me acordado.

– Também não consegui. – Continuava a olhar fixamente para a janela e percebi que ele via o nosso reflexo no vidro.

– Porquê, Nick?

Não respondeu, nem se moveu.

Deixei cair a mão.

– Nick, o que é? Não podes simplesmente divorciar-te dela? Tens fundamentos bastantes, não tens?

– Não é assim tão simples, Lily.

Avancei para o seu lado, encostando-me ao parapeito, com as costas voltadas para a janela. Retirei-lhe o cigarro dos dedos, sem resistência, dei uma passa e devolvi-lho.

– Nick, porque te casaste com ela, se não a amavas? Que poder tem ela sobre ti?

Continuou a olhar pela janela até terminar o cigarro. Apagou-o, pegou no maço que se encontrava sobre a cómoda e acendeu outro.

– Ela procurou-me cerca de um mês depois de eu ter regressado a Nova Iorque. Disse-me que ia ter um bebé e que era meu.

Os meus dedos ficaram sem pinga de sangue. Curvei-os como pequenas garras junto às extremidades do peitoral da janela.

– Ela estava dizer a verdade?

– Eu disse-lhe que era impossível. Recordei-a de que tinha usado preservativo.

Bloqueei a imagem à minha mente.

– Percebo.

O Nick procurou o cinzeiro.

– Ela disse que eu estava enganado, demasiado embriagado para me poder lembrar. Eu respondi-lhe que se estivesse demasiado embriagado para colocar o preservativo, também estaria em primeiro lugar demasiado embriagado para sequer completar o ato.

Afastei-me para procurar os cigarros do Nick e acendi um para mim, com os dedos frios a tremerem.

– Mas presumivelmente convenceu-te do contrário? – perguntei,

encostando-me à cómoda.

– Não, não convenceu. Eu sei exatamente o que aconteceu naquela noite. – Voltou-se, sentou-se sobre o parapeito e olhou-me nos olhos. – Eu também sabia que ela andava à *caça* desde o suicídio do pai, durante aquele último inverno na faculdade. Eu sabia, como todos sabiam: há anos que ela procurava alguém com fortuna para se casar, que lançara o seu engodo a quase todos os possíveis candidatos em Nova Iorque e até no estrangeiro, sem conseguir pescar o seu esperado peixe. Presumo que já estava de tal forma desesperada que até podia experimentar o judeu. – Sacudi a cinza no cinzeiro.

– Nick...

– Assim, disse-lhe que não ia cair naquilo, que se ela precisasse de alguma coisa para organizar a vida eu estaria disposto a ajudá-la; mas o que ela queria era um suporte financeiro permanente. – Olhou pensativamente para a parede em frente. – Foi então que as coisas começaram a ficar interessantes.

– Oh, estou interessada.

– Ela cedeu. Admitiu que não estava grávida. Disse que estava desesperada, que o meu pai lhe tinha dado dinheiro todos aqueles anos e agora que ele partira, ela não tinha nada de que viver.

– O teu *pai* dava-lhe dinheiro?

– Foi o que ela disse. Perguntei-lhe porquê. Respondeu-me que era por *ele* a ter metido em sarilhos, naquele último inverno, exatamente antes de nós termos fugido para nos casarmos. Ele tê-la-á seduzido, feito promessas; tiveram um caso breve durante as férias. Disse que foi por isso que o Graham não quis casar-se com ela, que ficara arruinada, que teve de ameaçar expor o meu pai até ele concordar pagar o aborto e estabelecer-lhe uma renda.

– Meu Deus – exclamei. Pousei o cigarro no cinzeiro e pressionei os dedos contra as têmporas, procurando recordar-me dos acontecimentos daquele inverno, procurando recordar-me do que a Budgie tinha feito. Ela estivera na festa da passagem do ano, claro, com uma aparência irresistível no seu brilhante vestido de lamé prateado. Ter-se-ia ela desentendido com o Graham naquela noite? Tê-los-ia eu visto juntos desde então? Depois a empresa do pai faliu e ele suicidou-se com um tiro na cabeça, e durante anos deixei de ver a Budgie, até ao passado mês de maio.

Mas ter um caso com o *pai* do Nick?

– Não é possível – afirmei –, ela não o faria. Ela nem sequer o conhecia, pois não?

– Isso era o que eu pensava. Mas ali estava ela, em pranto e irresponsável, no meu escritório, dizendo que eu era a sua última esperança, que todos a tinham abandonado e que perdera tudo. – Deitou fora o cigarro e cruzou os braços sobre o peito. – Eu mesmo me sentia bastante deprimido, na altura, com o desaparecimento do meu pai, com a constatação de que tinha desperdiçado cinco anos em Paris num sofrimento autoindulgente, embriagando-me e causando infelicidade a diversas mulheres, enquanto havia pessoas que morriam de fome e eram despejadas das suas casas. Por isso,

disse-lhe que ia pensar no assunto.

– E ela estava a contar a verdade?

Ali estava o Nick, belo como uma estátua, de tronco nu e rosto imóvel com a sua conhecida ferocidade.

– Suspeitei que era possível. Tinha vindo a saber de uma série de coisas acerca do meu pai, desde então. É engraçado, sabes, como as ilusões de infância se despedaçam, uma a uma. Soube, por exemplo, que ele mantinha este apartamento não para negócios mas para a sua amante.

Dei um salto, desencostando-me da cómoda.

– O quê?

– Ah, sim. Fiquei bastante estupefacto, quando isso se tornou claro para mim. O champanhe no frigorífico. O brilho de tudo aquilo. A localização discreta, bem longe da nossa casa e da dos nossos conhecidos, para não causar embaraços à minha mãe.

– E tu *trouxeste-me* aqui. Nós íamos...

– Bem, não o fizemos, pois não?

– Não, não fizemos. – Tateei à procura do cigarro. Os meus dedos tremiam tanto que quase não conseguia levá-lo aos lábios.

– Portanto, procurei nos livros do meu pai, que eram uma confusão, porque evidentemente a sua própria empresa estava com problemas naquela época. Mas depois encontrei os seus registos pessoais e, por Deus, ali estava. Mil dólares, num só pagamento, seguidos de duzentos dólares por mês, que começaram em janeiro de 1932 e duraram até à sua morte, há um ano. Fiquei francamente surpreso por ela se ter satisfeito com tão pouco dinheiro.

Fechei os olhos. O fumo esvoaçava-me pelo nariz, pesado e cheiroso no ar fechado do quarto.

– Podes abrir um pouco a janela? – pedi.

O Nick virou-se e levantou o trinco.

– Não vai servir de muito – disse, mas de qualquer forma fez subir o caixilho e o som da chuva encheu o quarto, salpicando o chão sob a janela. Ele tinha razão: não serviu de muito. Lá fora o ar estava tão abafado com o calor como o quarto do Nick, carregado com a humidade tropical.

– Então – disse eu –, deixa-me acabar a história por ti. Sentiste pena dela. Viste uma oportunidade de redenção, para ti e para o teu pai.

– Suponho que sim. Acho que estava com medo do que podia acontecer se eu recusasse. Ter de contar à minha mãe, expô-la aos papéis. Pensei... – Continuou a olhar pela janela, com os dedos esticados sobre a moldura. Contemplei-lhe a nuca, o corpo coberto de sombras. Os músculos dos seus braços pareciam tremer, embora pudesse ser ilusão ótica causada pela luz. – Vais pensar que fui estúpido, por pensar que talvez pudesse salvá-la. Que ao fazê-lo, podia também salvar-me.

Aproximei-me dele junto à janela, mesmo atrás do seu cotovelo, tão perto que sentia o calor do corpo dele, a tensão flexível irradiada pela pele.

– A tia Julie apareceu lá em casa nessa manhã, na manhã em que o

anúncio do noivado foi publicado no *Times*. Lembro-me como ela bateu com ele na mesa, em frente do meu pequeno-almoço.

– O que disse ela?

– Não me lembro. Algo sarcástico. Estava demasiado perturbada para poder ouvir.

– Se eu soubesse que te importavas, mesmo por pouco que fosse...

– Durante todo o inverno, só se falou nisso. Os jornais, toda a gente. Onde se realizaria? Quem seria convidado? Como iria ela vestida? – Acabei o meu cigarro e esmaguei-o no cinzeiro. – A que parte do mundo a levarias na vossa lua de mel?

– Ah, sim – disse Nick. – A lua de mel.

– Bermuda, não foi?

– Três semanas. – Foi até à cómoda, acendeu um novo cigarro e regressou à janela com o resto do maço, deixando o fumo escapar-se a partir dos seus dedos, em nuvens que se escapavam pelo caixilho, rumo à noite.

– Até essa altura, mantive a distância, respeitei o chamado decoro. Não era apenas o simples facto de não estar apaixonado por ela; não podia sequer aceitar a ideia de me dispor a beijá-la, e ela tinha ainda menos interesse por mim, exceto quando precisava de mais dinheiro. Nessas alturas, toda ela era lágrimas e afeição. Eu pouco me importava. Devia simplesmente ter acabado com tudo, mandado para o inferno as nobres intenções, mas não fui capaz de desferir o golpe.

Um automóvel fez-se ouvir ao passar e o ronco profundo do motor recordou-me aquela outra noite longínqua neste mesmo apartamento, aquele outro carro a encostar ao passeio silencioso debaixo desta janela e o meu coração deu um baque horrível.

– Porque não? – perguntei, ao mesmo tempo que parecia que ele seria capaz de ficar ali até de manhã, a ver a chuva.

O Nick acabou o cigarro antes de responder.

– Não sei. Suspeito que, no fundo, apesar de tudo, eu esperava conseguir, por fim, a tua atenção; esperava que se mantivesse a charada, em algum momento uma certa Lily Dane atravessaria a minha porta e lançar-se-ia nos meus braços dizendo-me para acabar com aquilo. Mas sei isto: uma dúzia de vezes no último inverno comecei a atravessar o parque em direção ao teu apartamento e uma dúzia de vezes voltei atrás.

– Oh, meu Deus, Nick. – Tapei os olhos com a mão, para não conseguir vê-lo, as suas longas costas, nuas e expostas.

– E, os meses passaram e fosse por que maldita razão fosse, dei por mim naquele dia ao lado da Budgie na igreja a expressar os meus votos. Disse para comigo que era o mais acertado a fazer: afinal, o meu pai tinha-a feito passar por aquilo; afinal, o mundo tinha-a feito passar por aquilo. Disse para comigo que podia aprender a amá-la, que pelo menos tinha de tentar, tentar reabilitar-nos a ambos como dois seres humanos decentes, para bem dela e para o meu próprio bem. Que, afinal, ela era uma mulher lendariamente bonita e eu era

um felizardo por tê-la na minha cama, só para mim. – Fez uma pausa. O estalido do seu isqueiro rompeu o silêncio e começou de novo a fumar. Continuou calmamente: – Na primeira noite, a nossa noite de núpcias, ela estava demasiado cansada e embriagada. Pu-la na cama e fui dormir para o sofá da sala de estar do hotel. Na segunda noite, no navio, ela estava simplesmente demasiado alcoolizada. Na terceira tarde, antes de ela poder começar o seu quarto *Martini*, sentei-a e disse-lhe que independentemente do que tivesse acontecido no passado, agora éramos casados. Eu queria esforçar-me por termos um casamento a sério. Eu queria filhos, uma família. Eu queria ver se conseguia fazê-la feliz.

– Acredita, ela contou-me tudo.

– Ela contou-te o que me disse a mim?

Tirei a mão dos olhos.

– Não.

Ele ergueu o cigarro.

– Ela disse-me... – voltou a cabeça para expirar o fumo e depois falou com precisão – ela disse-me que não queria ter os meus bebés judeus.

As palavras pairavam no ar, severas e horríveis.

– Oh, Nick! Ela não foi capaz de fazer isso!

– Disse-me que eu era louco se pensasse que ela se tinha casado comigo para isso. Disse-me que não me amava, nunca poderia amar-me, que não era capaz de amar. Disse-me mais algumas coisas que te fariam encaracolar os teus dedos dos pés e que levarei comigo para a sepultura.

Peguei-lhe no braço, esperando que continuasse. Os meus olhos estavam turvados de lágrimas.

– Primeiro pensei que ela estivesse embriagada, ou que estivesse apenas a querer agredir-me, que não sentia o que dizia. Voltei-lhe as costas e saí. Durante dois dias não falámos. Esperei que ela ficasse sóbria. Quando chegámos à Bermuda, ocupei outro quarto. Por fim, ela bateu-me à porta, entrou, sentou-se na cama e disse-me que era tempo de discutirmos as condições.

– Que tipo de condições? – A minha voz parecia areia. Precisava desesperadamente de outro cigarro, mas não queria tirar a mão do braço dele, não queria perturbar o fio de contacto estabelecido entre nós.

– Como já contei, ela não queria filhos meus. Essa era a questão principal. Disse que não era nada pessoal, que me achava suficientemente atraente, mas tinha sido educada a acreditar em linhas de consanguinidade puras e eu era um mestiço. Foi a palavra que ela usou. Se eu quisesse criar filhos, ficaria encantada por escolher um candidato mutuamente aceitável para a fecundar, ou vice-versa, se eu insistisse num filho do meu próprio sangue.

– Meu Deus.

– Disse que estava surpreendida pelas minhas noções de classe média sobre o casamento, que não via qualquer razão para fazer um rebuliço acerca do amor e da fidelidade. Estava mais do que disposta a ir para a cama comigo,

desde que eu tomasse medidas para prevenir a concepção e não esperasse que ela me fosse fiel. Se, por outro lado, eu quisesse procurar alguém, da parte dela não haveria problema, desde que eu fosse discreto. Cumpriria o seu papel como esposa, organizaria o lar e a família, desde que eu fosse generoso a fornecer-lhe roupas, joias e tudo o mais. Disse também que organizaria festas comigo e que demonstraria uma afeição conjugal apropriada, que poderia ser coquete com clientes, se necessário. Então, acendeu um cigarro, cruzou as pernas e perguntou-me o que eu pensava.

O que lhe respondeste?

– Disse-lhe que queria o divórcio.

As minhas pernas começaram a fraquejar sob o peso de tudo aquilo. Eu tinha imaginado muitas coisas, mas não isto; que a Budgie dissesse tais coisas ao Nick, ao *meu* Nick, ao meu belo Nick, de ombros tão direitos e distendidos, de olhos tão aguçados e quentes. Pensei nas horas que ele passara pacientemente com a Kiki, a explicar-lhe as suas plantas de arquitetura, a ensiná-la a velejar, e chorei. Baixei-me ao longo da parede e apoiei-me contra ela, ajoelhando-me, com uma das mãos sobre os olhos e a outra agarrada à perna do pijama de algodão do Nick.

Ele colocou serenamente a mão na minha cabeça e começou a fazer-me festas no cabelo.

– Está tudo bem, Lily. Não chores.

– Mas ela não te deixou acabar com tudo, deixou? Ela não ia fazê-lo.

– Não, não deixou.

– O que disse ela?

– Lily, querida – disse –, não interessa. Convenceu-me, é tudo. No fim, disse-lhe que, por enquanto, deixaria as coisas como estavam. Que representaria o papel do marido obsequioso, que iria com ela para Seaview. Pensei que, pelo menos, ia conseguir *ver-te*. Pelo menos ia conhecer a Kiki.

– Querias conhecê-la?

– Muito. Mais do que consigo dizer.

– Ela gosta tanto de ti, Nick. Sabia que todos desaprovariam, mas quando vos vi juntos, como me podia intrometer no meio? Ela precisava tão desesperadamente de um homem que lhe desse atenção. Todas as raparigas precisam. – A minha mão correu ao longo da perna dele, para cima e para baixo, sentindo a curva do músculo e os seus ossos rijos. Eu não podia abraçar o Nick, que era casado com a Budgie, mas podia abraçar-lhe uma única perna. – Pensei: «se eu não puder tê-lo, pelo menos a Kiki pode».

– Tu não sabes o que isso significou para mim. Ela foi a única coisa boa durante todo o verão. – A voz do Nick desvaneceu-se no vidro da janela. A sua mão continuava a afagar-me o cabelo, gentil como um beija-flor.

Os meus olhos já se tinham habituado à escuridão. Observei as formas das peças de mobiliário à nossa volta, a cómoda, a cama e a cadeira de braços no canto. Pareciam diferentes das que eu recordava, menos aguçadas, mas não tinha a certeza. Na mesa de cabeceira um relógio fazia ouvir o seu tique-

taque, quase perdido por entre o tamborilar da chuva. Esforcei-me por ver o rosto do Nick, mas estava demasiado longe. Estávamos suspensos algures no meio da noite, alheios à marcha das horas e dos minutos.

– *Conseguirás* consertar tudo? – perguntei. – Achas que ela te vai libertar?

– Não é essa a questão. A questão é saber se eu estou disposto a pagar o preço da liberdade. Não, também não é isso. Eu posso suportar o que tiver de suportar. É o preço que outros terão de pagar.

– Não compreendo. O que te contou ela? O que tem ela sobre ti? O teu pai?

– Lily, querida, não é a minha história que falta contar.

– Podes contar-me. Podes contar-me tudo. – Procurei pôr-me de pé junto a ele. – Não quero saber qual é o preço. Algum escândalo? Eu suporto o que for. Ouves-me? Se ela não te der o divórcio, viveremos sem isso. Se ela quer o teu dinheiro, pode ficar com ele todo. Não me interessa. Estou para além disso. Só te quero a *ti*.

– Lily...

Peguei-lhe nas mãos e pressionei-as contra o meu peito.

– Vamos fugir para Paris, como tínhamos planeado, há tantos anos. Iremos para Paris, com divórcio ou sem divórcio. Levamos a Kiki connosco. Lembras-te dos nossos planos? Eu lembro-me, de todos. *Eu* estarei a teu lado, trabalharei a teu lado. *Eu* terei os teus filhos. Tê-los-ei com orgulho, Nick.

– Lily. – Abanou a cabeça e afastou as mãos. – Sei que o farias. Mas não ia funcionar. Ou o fazemos honradamente ou não fazemos nada. Tu e eu não fugimos envergonhados. Isto, entre nós – colocou a mão sobre o seu coração e depois sobre o meu –, é sagrado, lembras-te? Fazemos o que for merecedor dele. Nós não fugimos. Nós não nos escondemos. Enfrentamos o mundo, Lily. Isso – desviou a mão do meu peito para agarrar as pontas dos meus dedos –, *isso é o que eu quero dizer com consertar as coisas*.

– Então diz-me, Nick. Qual era a razão do teu olhar contemplativo pela janela ao lado da minha cama, daquela maneira? Se tens tanta certeza de que podes reparar as coisas – perguntei, suavemente.

– Porque amanhã de manhã, Lily, a primeira coisa que farei é guiar até Seaview para dizer à Budgie que o jogo chegou ao fim. Amanhã vou saber qual é o preço dela.

– O preço dela por quê?

– Por te ter de volta.

A cara dele arranhava com os pelos da barba. Estiquei-me para lhe passar um dedo ao longo do rosto, para de alguma forma lhe dar confiança, mas ele afastou-se.

– Não me toques, Lily. Deus sabe que, se me tocas assim, farei amor contigo e farei de nós adúlteros.

Fiquei ali, diante dele, diante do Nick, com o meu corpo a fugir sob o seu roupão demasiado grande, com a cabeça prestes a rebentar e a separar-se do

peito.

– Mas tu mesmo disseste que te sentiste um bígamo, ao casares-te com ela. Um *bígamo*.

Respondeu serenamente, sem olhar para mim:

– *Senti-me* como um, Lily. Não quer dizer que o fosse. Eu não me casei contigo, Deus me perdoe. Casei-me com a Budgie, proferi os votos para *ela*. Eu *sou o marido* dela.

– Mas ela é-te infiel. Está grávida de um bebé de outro homem. Ela enganou-te totalmente.

– Não faz com que *isto passe a ser certo*.

Baixei a cabeça.

– O teu pai não se importaria – disse para as tábuas do soalho.

– Eu não sou o meu pai. Essa é que é a questão, não é? Fazer melhor as coisas desta vez.

Fiquei em silêncio.

– A culpa é minha – disse o Nick. – Fiz-te sofrer por culpa minha. Volta para a cama, Lily.

– Como posso ir para a cama sem ti?

– Porque tens de ir.

Olhámo-nos sem nos tocarmos. A chuva ainda batia na janela, agora com menos intensidade, como se finalmente fosse parar.

– Sabes, a ironia disto é que eu penso que ela te ama – disse-lhe. – Não pode deixar de ser. Apesar de tudo, cuidaste tão bem dela.

– Porque tive pena dela.

– Mesmo assim. Se tu tivesses visto a cara dela, quando estavas caído na areia. Não penso que ela estivesse a representar. Nenhuma atriz no mundo conseguiria ser tão convincente. A expressão nos seus olhos.

Ele sorriu um pouco.

– Então e a expressão nos *teus* olhos?

– Só Deus sabe. Eu estava só a tentar fazer com que ficasses melhor.

– Bem, conseguiste-o. Consegues sempre isso. Agora vai deitar-te. Não me atrevo a ajudar-te. É tudo o que posso fazer para já, apenas olhar para ti, a caíres dentro do meu roupão dessa maneira. – Pegou no cinzeiro cheio de pontas de cigarros. – Vou deixar a janela aberta. Para deixar sair o fumo.

– Está a começar a amainar lá fora, acho eu.

– Também acho que sim. Boa noite, Lily. – Encaminhou-se para a porta e eu meti-me na cama, atordoada, quase em transe. Levantei as cobertas e tapei o corpo latejante com os lençóis.

– Nick?

– Sim, amor?

– Não podes dizer-me o que é? Aquilo que a Budgie sabe?

O Nick elevou-se, enorme, no limiar da porta, com uma das mãos no umbral e a outra a segurar o cinzeiro, os dedos esticados e bem abertos. Na sala de estar, a luz estava acesa e acariciava-lhe os ombros nus.

– Confia em mim, Lily – respondeu –, não ias querer saber.

O Nick veio ver-me antes de sair na manhã seguinte. Sentou-se na beira da cama, a uns bons centímetros de distância, e eu despertei instantaneamente.

– O que é? – perguntei, sentando-me. Ele já estava lavado e vestido, o seu cabelo escuro e húmido perfeitamente penteado e as faces rosadas pela passagem da lâmina de barbear. Cheirava a sabonete, café e tabaco. A manhã espreitava pelas janelas, vermelha de promessas, iluminando o esplendor verde dos seus olhos.

– Queria despedir-me. Aqui tens a chave do apartamento – pousou-a em cima da mesa de cabeceira. – As tuas roupas estão secas; pendurei-as no roupeiro. Se precisares de alguma coisa, serve-te. Fiz café. Telefone-te mais tarde para saber como estás.

– Eu não deveria ir também? Quero ajudar. Deixa-me ajudar, deixa-me fazer alguma coisa.

– Lily, é o meu casamento. É o meu erro que tenho de resolver. Isto é entre mim e a Budgie.

– Mas ela é minha amiga. Eu devia estar lá.

– Meu Deus, não. Quero-te afastada e segura. Por favor, mantém-te afastada, por agora. Promete-me, Lily.

O rosto dele estava tão moreno e intenso, que me provocou um arrepio de presságio em todo o corpo.

– Achas que ela se pode tornar violenta? – perguntei.

– Sabe Deus o que a Budgie fará. Ela é imprevisível. Sabes disso melhor do que eu.

Pus uma mão no peito.

– Então e a Kiki?

– Vou garantir que ela fique em segurança. Não te preocupes com isso – disse-me, ali sentado, com as mãos nos joelhos, olhando-me numa expressão desesperada.

– Quando volto a ver-te?

– Brevemente. – Hesitou, inclinou-se para mim e beijou-me uma sobrancelha.

– Nick. – Os meus olhos fecharam-se.

As nossas testas tocaram-se. Beijou-me os lábios, muito ao de leve, pressionando a boca sobre a minha sem se mover.

Sentei-me e senti a sua respiração dentro de mim.

– Lily. – Suspirou por fim, levantou-se e saiu do quarto.

CAPÍTULO 19
Lake George, Nova Iorque
Janeiro de 1932

O batimento começou no meu sonho. Estava num estádio de futebol e os espectadores da equipa adversária batiam com os pés no chão num ritmo furioso, e eu não me queria mexer, não me queria envolver na confusão. Queria ficar de fora da luta.

Então senti o movimento brusco do Nick a saltar da cama e o estádio transformou-se num quarto de hotel, e o batimento fez-se ouvir na porta.

– O que é? – Sobressaltei-me e sentei-me na cama.

O quarto estava agora mais claro. Franjas de sol esbranquiçado pela neve passavam por entre as aberturas das cortinas. O Nick enfiou rapidamente as calças e vestiu a camisola interior.

– Não sei, mas não são boas notícias, acredita. Fica aqui.

Depois de o calor do Nick se afastar, o ar que me atingiu a pele era frio. Puxei os lençóis até ao queixo e vi o Nick encaminhar-se para a porta e olhar através do óculo de vigia.

– É alguém do hotel – balbuciou e abriu a porta. – Sim, o que é?

Esforcei-me por ouvir a conversa, mas a voz do Nick estava muito baixa e a da pessoa do outro lado – um homem, foi tudo o que consegui distinguir – era ininteligível. No chão repousava o fantasma inerte da camisa formal do Nick; o meu vestido estava pendurado no varão da casa de banho. Eu estava exposta, indefesa, com todos os músculos ainda entorpecidos e doridos pela devastação do amor do Nick.

Os murmúrios da conversa prosseguiram à porta. Pressionei o lençol com o punho para observar o corpo formidável do Nick, com a camisola interior branca a juntar-se às calças pretas numa linha inflexível à altura da cintura. Finalmente, ele virou-se, abriu o roupeiro e procurou algo no seu sobretudo. Uma nota passou através da abertura da porta; o Nick voltou-se e fechou-a empurrando-a com as costas.

– O que é? – perguntei. – Descobriram que não somos casados? Ou era por causa do vinho?

O Nick dirigiu-se para junto do telefone e tornou a colocar o auscultador no descanso.

– Era o empregado de ontem à noite. Tem tentado contactar-nos. A tua tia está aqui, pede que vás à receção. Exige, segundo disse o empregado.

– A tia Julie? Mas... como?

– Provavelmente apanhou o comboio ontem à noite. – O Nick sentou-se na cama junto a mim. Os seus olhos eram meigos, mas o seu rosto estava imóvel e sisudo. – Julie van der Wahl, não é?

– Sim. É irmã da minha mãe. São bastante diferentes.

– Achas que ela está do nosso lado?

Doendo-me ou não, o meu corpo resistia à proximidade do Nick numa onda de ânsia primitiva. Era tudo o que podia fazer para não lhe tocar, evitar os ombros dele.

– Não me parece – respondi, levantando os lençóis.

– Bem, má sorte a dela. Chegou tarde demais. Não vou desistir de ti. – O Nick envolveu-me nos seus braços. – Não desisti antes e agora seguramente muito menos.

– Então vamos fugir outra vez?

– Não. Vamos vestir-nos para ir lá abaixo e resolver isto.

A sua voz soou forte e determinada. Desta vez, sabia que não tinha escolha.

– Nick, a tia Julie não é como os meus pais. É menos convencional; sei que já deves ter ouvido as histórias. Podemos ter uma oportunidade, se formos inteligentes a tratar disto.

O Nick afastou-me, levantou-se e apanhou a camisa do chão.

– Penso que já foi para além disso, não achas? Somos adultos. Se queremos casar-nos, ela não pode impedir-nos. Ninguém pode impedir-nos. Adorava casar-me contigo com a aprovação da tua família, mas Lily, com ou sem ela, eu vou casar-me contigo. – Abotoou a camisa e estendeu-me a mão. – Se me quiseres, evidentemente.

Aceitei a mão e ergui-me da cama, enchendo-me de autoconfiança à medida que a luz do dia me ia caindo sobre a pele.

– Eu quero-te.

O Nick cingiu-me ao seu peito, mantendo-nos a ambos imóveis e apertados. Era tão bom sentir a sua pulsação regular junto ao meu ouvido.

– Como te sentes, Lily? Estás bem?

«Dorida, rígida, confusa com o cansaço, virada do avesso pela memória do que fizemos e dissemos na penumbra da noite.»

– Sinto-me esplêndida, Nick. Absolutamente esplêndida.

Beijou-me o cabelo.

– Também eu.

Um quarto de hora depois, no centro do átrio, eu estava ainda mais autoconfiante, sob o escrutínio da tia Julie, com a sua pele aveludada e impecavelmente cuidada. Num único relance, ela captou todos os pormenores: o meu vestido brilhante, a camisa em desalinho e o rosto por barbear do Nick, o diamante a cintilar por entre as nossas mãos dadas.

– Ora, ora – começou, desenrolando a pele que lhe envolvia o pescoço. – Temos aqui um adorável apuro. Obrigada, senhor Greenwald, por tomar tão imaculado cuidado da minha sobrinha.

A mão do Nick apertou-se à volta da minha.

Falei claramente e com franqueza:

– O Nick foi um anjo, tia Julie, e além disso, a culpa foi minha. A ideia foi

minha.

– Oh, tenho a certeza disso. Duvido que o senhor Greenwald tenha a mínima ideia do negócio que o espera com a minha pequena sobrinha de rosto doce.

– O negócio já está feito – afirmou o Nick. – A Lily é minha mulher e eu não podia estar mais feliz.

A tia Julie ergueu as sobrancelhas com indulgente interesse.

– A sério? Suponho que é possível, embora duvide, em tão pouco tempo. Evidentemente que a levou para a cama, isso é óbvio, mas não é exatamente a mesma coisa que um casamento. – Começou a tirar a luva esquerda, dedo por dedo, e fitou o Nick nos olhos. – Pois não?

– Na minha perspetiva é. – A tensão no corpo do Nick fluía para mim através das nossas mãos dadas. Ele vibrava sob a pele calma.

A tia Julie prosseguiu, despreocupadamente, a tirar as luvas.

– Ah, sim? E exatamente quantas esposas colecionou, nessa contagem?

O Nick deu um passo e parou.

– Como se atreve – intervim. – O Nick comportou-se honrosamente comigo desde o princípio. Nós é que o tratámos de modo vergonhoso e eu não vou permitir que isso continue.

– Bem, não interessa. Se quiseses podemos encontrar-nos de madrugada, com as pistolas, para um duelo. Na verdade, eu estou aqui numa missão completamente diferente.

A sua afirmação, proferida bruscamente, teve o mesmo efeito de um pequeno explosivo. Armada e pronta para o combate, sentia-me de novo fisicamente bem apoiada com os pés no chão. Tive de rever mentalmente as suas palavras e, quando respondi, a minha voz era mais semelhante a um guincho.

– O que quer dizer? Missão?

Os olhos da tia Julie cruzaram-se com os do Nick, que me segurava a mão com mais firmeza do que nunca.

– Permite-me uma palavra a sós com a minha sobrinha, senhor Greenwald?

– Qualquer coisa que tenha para dizer à minha... – hesitou, mas apenas por um instante – à Lily, pode dizer à minha frente, senhora Van der Wahl.

– Este é um assunto de família, senhor Greenwald – respondeu ela, batendo impacientemente com as luvas contra o pulso.

– O Nick *é* família, tia Julie. Ele é meu marido, ou quase. – Foi a primeira vez que usei a palavra, e soou-me exótica na língua, exótica e incrivelmente íntima.

– Até podes muito bem dizer que estás *quase* grávida, minha querida. Quer estejas quer não. – Mais um olhar penetrante dirigido ao Nick. – Qual é o caso?

– Neste momento já estaríamos casados, se ontem não tivesse sido feriado – respondi. – E vamos casar-nos logo que... abra o Registo Civil. Foi o que eu

quis dizer. Só não estamos casados no papel e o Nick conta tanto como eu, seja o que for que tiver para dizer.

– Senhor Greenwald?

– Eu pertenço à Lily, senhora Van der Wahl. Se ela quiser, eu fico – disse o Nick, colocando um braço em volta da minha cintura.

A tia Julie suspirou. Estávamos de pé sob um grande candelabro, com grinaldas de cristais, e a luz refletia-se, cintilante, no seu rosto em pequenos retalhos brancos. Um instante antes de falar, vi-a com um novo olhar, com olhos diferentes, e pensei para comigo que ela não era bela, de facto não era, mas era simplesmente muito boa a parecer bela.

– Muito bem – declarou, parecendo quase aborrecida. – Não há nada mais obstinado do que o amor jovem. Nesse caso, não vou demorar mais tempo. O teu pai sofreu um AVC, Lily, e precisam imediatamente de ti em casa.

CAPÍTULO 20
Manhattan
Quarta-feira, 21 de setembro de 1938

Finalmente as chuvas de setembro tinham terminado e o ar da manhã estava sereno e ensolarado do lado de fora da janela do quarto do Nick. Quando liguei o rádio às oito horas na sala de estar, devidamente vestida, com café e cigarro na mão e o pão a tostar na brilhante torradeira elétrica do Nick, o locutor informava que o dia ia ser de sol e agradável, com uma ligeira brisa pela tarde, um fim tranquilo para um verão abrasador, e que o esperado furacão na Florida se tinha desviado para o mar sem causar danos. «Um bom presságio», pensei.

Comi a torrada e acabei o café e o cigarro. Inspecionei a minha carteira. Tinha alguns dólares, um lenço amarrado, um maço de tabaco, um isqueiro, batom, pó de arroz. Retoquei o rosto e dirigi-me à cómoda do Nick para procurar um lenço lavado.

Não estava a bisbilhotar, de modo algum. O que um homem guardava na sua cómoda era da sua conta. Simplesmente notei tanto a presença de roupa interior branca lavada na gaveta do lado direito como a ausência de quaisquer artigos femininos; por isso, passei para a gaveta do lado esquerdo, onde encontrei os lenços do Nick, e debaixo deles, uma pequena caixa azul-escura.

Ter-me-ia passado despercebida, se eu não tivesse já visto aquela caixa antes.

Peguei-lhe e abri-a, e no seu interior encontrei o anel de brilhante que o Nick me colocara no dedo logo nos primeiros minutos de 1932.

Tirei-o. As tão familiares pedras captavam a luz do sol através da janela, cintilando para mim como velhas amigas.

Não havia por perto qualquer nota ou bilhete, nenhum sinal sentimental de espécie alguma. Muito menos a nota que eu lhe enviei ao devolver-lhe o anel, algum tempo depois. Estaria guardado sob os seus lenços por lhe ter especial estima, ou porque era uma valiosa peça de joalheria que ele não queria perder?

O telefone retiniu agressivamente por entre o silêncio, fazendo-me dar um salto. O anel saltou-me dos dedos e caiu no chão. Por alguns segundos fiquei imóvel enquanto o telefone tocava repetidamente, olhando desesperadamente para a superfície da carpete, dividida entre os dois imperativos.

Depois lembrei-me que podia ser o Nick.

Corri do quarto até à sala, onde o telefone repousava sobre a secretária do Nick. Peguei no auscultador e, um segundo antes de falar, lembrei-me que podia *não* ser o Nick. Podia até ser a mulher dele.

O que diria eu se do outro lado estivesse a Budgie?

A voz fez-se ouvir do lado de lá da linha, pelo meio de ruídos e estalidos:

– Alô? Lily? Está lá?

– Nick. – Afundei-me na cadeira. – Tive receio que fosse a Budgie.

– Não, querida, sou eu. Estou numa estação de serviço em Westport. Só queria saber como estás.

– Estou bem... com saudades tuas – respondi, hesitante. Era tão estranho, tão confuso, estar de novo a trocar palavras de afeto com o Nick.

– Também sinto a tua falta. Senteste-te bem? Dormiste mais um pouco?

– Sim. Dormi até às sete. Tu deves estar exausto.

– De qualquer maneira, não conseguia dormir. Tomei um café. Fala comigo, Lily. Conta-me uma história. Preciso de ouvir a tua voz. – Parecia esgotado, apreensivo.

– Não sei o que dizer. Sinto terrivelmente a tua falta. Estou preocupada contigo, com a Kiki. Quem me dera que me dissesse o que enfrentamos.

– Minha querida, não te preocupes. Não te preocupes com nada. Eu vou arranjar uma solução. Tenho vindo a pensar nisso durante toda a viagem.

– Não lhe podes oferecer dinheiro?

– O que ela quer não é dinheiro, Lily. Não exatamente.

– Então, o que quer ela?

O suspiro dele crepitou na linha.

– Ainda não adivinhaste? És *tu* que ela quer, Lily. Ela venera-te, inveja-te. Desde sempre. Procurei oferecer-lhe dinheiro, quando estávamos na Bermuda. Propus-lhe uma quantia obscena. Ela não quis aceitar.

– Não compreendo.

– Não, eu sei que não. Acho que ela própria não compreende. Escuta, estou quase sem moedas. Telefono-te de novo quando chegar.

– Espera, Nick. Eu... – Enrolei o cabo do telefone à volta do dedo. – Estava à procura de um lenço na tua gaveta.

Ouvi a sua respiração no auscultador. Desenrolei o fio, tornei a enrolá-lo, esperei pela resposta.

– E o que encontraste, Lily? – perguntou ele, por fim.

– Encontrei o anel. Tu *guardaste-o*, Nick.

– Guardei. Não poderia suportar desfazer-me dele. Escuta, Lily. Volta a pôr o anel na gaveta. Mantém-no seguro para mim. Quando eu regressar, quando a Budgie estiver fora disto, tornamos a tirá-lo. Eu mesmo tornarei a colocar-to no dedo. – As suas palavras chegaram por entre os ruídos da eletricidade estática. Não tive a certeza de as ter ouvido bem.

– Nick. – Suspirei.

– Se me quiseres, Lily. Se me deres outra oportunidade para te fazer feliz.

– Eu dou.

– Ótimo. Agora, quero que te descontraias. Não quero que te preocupes com nada disto. De uma maneira ou de outra, eu vou resolver tudo. – A voz dele era grave e decidida. Consequia imaginar o seu rosto, os seus olhos de

pirata, a fixarem as paredes da cabina telefónica como se pudesse lançar fogo através delas. Pensei na Budgie deitada na praia em Seaview, no seu corpo maduro aberto ao sol, com o cigarro pendurado nas pontas dos dedos e a garrafa térmica com *gin* a apaziguar-lhe os nervos, alheia à iminente aproximação do Nick. – Lily, estás aí? – perguntou o Nick. – Diz alguma coisa. Deixa-me ouvir a tua voz.

– Estou aqui. Desculpa. Sim. Sê cuidadoso com ela, Nick. Eu não a quero ver infeliz. Ela já está tão mal.

– Lily, eu não quero saber se a Budgie Byrne é feliz ou infeliz. A única felicidade que me preocupa é a tua. Agora vai sair, aproveita o bom tempo e deixa-me tratar disto.

– Nick, a sério. Não a magoes.

– Farei o melhor que puder. Adeus.

– Adeus, Nick. Guia com cuidado.

– Fica descansada. Amo-te, Lily.

Antes de eu poder responder o mesmo, ele desligou.

Sentei-me na cadeira a olhar para o telefone, enquanto o rádio continuava a chilrear atrás de mim: um anúncio de flocos de sabão Ivory, 99,99 por cento puros. Levantei-me e desliguei-o.

No quarto, encontrei o anel, que rebolara para baixo da cómoda. Guardei-o de novo na caixa e tornei a arrumá-la na gaveta debaixo dos lenços; tirei o primeiro da pilha, passado a ferro por alguma discreta lavadeira.

A janela ainda estava aberta. Fechei-a e tranquei-a, peguei no chapéu e na carteira, à entrada, e saí do apartamento do Nick.

Todas as manhãs durante a semana, o Peter van der Wahl chegava pontualmente às oito e trinta aos seus escritórios na Broad Street. A secretária reconheceu-me imediatamente e brindou-me com um sorriso aberto.

– Que prazer, senhora Dane! – exclamou. – Hoje levantou-se muito cedo. Já voltou de Seaview?

– Ainda não, Maggie – respondi. – Tive de vir tratar de uns assuntos antes de fazermos as malas para regressar. Ele está cá?

– Está, sim. Está a analisar alguns relatórios. Quer que lhe diga que está aqui?

– Sim, por favor.

Sentei-me na cadeira de braços enquanto a Maggie se dirigia ao gabinete do Peter. O escritório de advogados Scarborough and Van der Wahl ocupava todo um andar do edifício da Broad Street, e ninguém pensara em renová-lo nos últimos vinte anos. Era como um monumento à venerável decadência. As cadeiras de braços tinham os confortáveis estofos gastos, a carpete estava limpa e puída, os quadros de molduras douradas expostos nas paredes reproduziam agradáveis paisagens do rio Hudson. A secretária da Maggie na receção era uma maravilha com pés de estilo império, tratada com cera de

abelhas uma vez por ano, e com talha em todos os devidos lugares. Na gaveta do lado esquerdo, ela mantinha um saco com doces como os que me costumava oferecer, às escondidas, quando eu era pequena.

– Lily!

Olhei para cima e aquele que, em tempos, fora meu tio por afinidade encontrava-se à porta do gabinete com ambas as mãos estendidas, o cabelo cortado há pouco tempo e os seus óculos de leitura seguros no alto da cabeça.

– Tio Peter! – Levantei-me prontamente e agarrei-lhe ambas as mãos. – Está com ótimo aspeto. Como foi o seu verão?

– Bastante bom, bastante bom. Bem quente, não foi? A maior parte do tempo estive em Long Island. E tu? Em Seaview, claro? Como estão a tua mãe e a Julie?

– Cobertas de bronzeadores e cheias de *gin* tónico. Tem um momento para mim?

– Sempre. Maggie, importa-se de reter as minhas chamadas por alguns momentos? Café? – Conduziu-me através da porta.

– Não, obrigada. Já tomei.

O escritório do tio Peter tinha uma vista agradável sobre o porto de Nova Iorque. Quando era mais nova e os meus pais vinham encontrar-se com ele para tratar da papelada das propriedades e outros assuntos, eu enfiava-me no canto mais afastado, perto da janela, de onde podia vislumbrar o braço verde erguido da Estátua da Liberdade por detrás de um edifício vizinho.

Hoje, obviamente, com vinte e oito anos, sentei-me decorosamente na cadeira de braços diante da sua secretária, cruzei as pernas e aceitei o cigarro que ele me ofereceu.

Era característico do Peter van der Wahl manter cigarros e um isqueiro no seu escritório, embora não fosse fumador. Recostou-se na cadeira, sorrindo agradavelmente, enquanto eu remexia com o isqueiro.

– Saíste cedo para andar por estas bandas da cidade – disse-me.

– Como disse, tive de vir à cidade tratar de uns assuntos. Tenho de regressar para fazer as malas e voltarmos todos dentro de um dia ou dois.

Ele passou os dedos pela beira da secretária. Em cada um dos lados empilhavam-se súmulas jurídicas e códigos de legislação e faltava uma caneta no conjunto de secretária à sua frente. Mas as pilhas de livros estavam arrumadas e a caneta pousada ao lado dos papéis sobre o tampo de papel mata-borrão, todos alinhados com cuidado.

– E qual é a posição que eu ocupo na tua lista de assuntos? – perguntou, ainda a sorrir.

– Está mesmo no topo, tio Peter, como sempre – respondi, devolvendo o sorriso, surpreendida como sempre por a minha tia Julie ter sido casada com este homem. Ele não deixava de ser algo atraente. Mas o seu rosto era mais agradável do que bonito, sustentado por maxilares serenos, olhos de um cinzento-claro e cabelo que se afastava suavemente da cor da pimenta para a do sal. Teria uma altura de cerca de um metro e oitenta quando usava os seus

sapatos de sola grossa de inverno, e os seus ombros sugeriam que jogava ténis em vez de futebol. Cada um dos seus traços deixava transparecer benevolência e humor, um episcopaliano de modos discretos e de boas famílias, e no entanto a tia Julie, alguns anos antes, num dos seus momentos mais embebidos em *gin*, confidenciara que ele era um tigre entre os lençóis, que o seu primeiro ano de casamento fora o mais esgotante de toda a sua vida, que passara metade dele na cama e a outra metade no salão de cabeleireiro, a consertar o penteado. Mais um mês e estaria morta, disse.

Tinham passado dois anos até eu cruzar de novo os meus olhos com os do tio Peter.

– E o que posso fazer por ti hoje, Lily? – perguntou.

Ergui o cigarro para disfarçar a minha hesitação. Tinha acordado de manhã com as palavras do Nick a queimarem-me a mente, com conjeturas e perguntas que não pensei sequer colocar-lhe na noite passada e que, a intervalos ocasionais, se encaixavam. Eu sabia que o Nick me escondera quase tanto como o que me contara e sabia que não havia ninguém que conhecesse tão bem os assuntos da minha família – e em geral de Manhattan – como o Peter van der Wahl, que lidava com eles como a sua forma de vida.

Por outro lado, supostamente, ele não podia revelá-los.

– Tio Peter – disse-lhe –, o que recorda do inverno de 1932?

Ele tirou os óculos da cabeça, dobrou-os, pousou-os sobre a secretária e pegou na caneta.

– Porque perguntas?

– Foi um inverno atribulado, não foi? Houve o AVC do pai, e a minha espetacularmente fracassada fuga com o Nick Greenwald. Estavam todos na bancarrota. O pai da Budgie Byrne suicidou-se, lembra-se?

– Lembro. Foi chocante. Uma das mais dramáticas falências bancárias naquele ano, e creio que ele era alvo de numerosos processos litigiosos. Houve alguma questão quanto a ética pessoal. – O tio Peter observou-me atentamente. Não era advogado por acaso.

– E a empresa do pai do Nick também tinha problemas sérios, não tinha?

– Recordo-me de algo no género. Podes ter razão. Lily, minha querida, o que queres saber?

Debrucei-me, colocando a mão sobre o meu joelho cruzado, deixando o cigarro suspenso sobre a velha carpete sem preço do tio Peter.

– Não sei. Não sei o que quero saber. Nem sequer sei o que devo perguntar-lhe. Olhe, posso falar, pedindo-lhe confidencialidade?

– Com certeza.

– Sabe que o Nick Greenwald se casou com a Budgie Byrne na primavera passada.

Os seus olhos amaciaram com simpatia.

– Sim, ouvi falar. A Julie foi ao casamento, não foi?

– Claro que foi. Eles também passaram o verão em Seaview, na velha casa dos Byrne, restauraram-na. E sei agora... tio Peter, não me pergunte como...

sei que ele não se casou com ela por amor. Por isso, estou a procurar descobrir por que motivo o fez. Que poder poderia ela ter sobre ele. – Na minha agitação, estiquei-me para apoiar o cigarro no cinzeiro da secretária e deixei as mãos cruzadas e pousadas sobre a beira da mesa.

O tio Peter levou a mão à testa e coçou-a.

– Lily, Lily. O que é que tu andas a procurar?

– Cometemos um erro terrível há sete anos. Sabe disso. Sabe o que aconteceu.

– Sei disso – continuou a coçar a testa. – Ele está a propor-lhe o divórcio?

– Sim. O casamento... por favor lembre-se que isto é segredo... nunca foi sequer consumado. E durante todo este tempo, tio Peter, todo ele... – calei-me. Recostei-me de novo na cadeira e fixei os meus joelhos. – Fui tão estúpida. Afastei-o depois do AVC do pai, não suportava sequer vê-lo. Sentia-me tão culpada por ter feito aquilo ao meu pai, pobre papá. Lembra-se como ele ficou, aqueles primeiros meses. Pensámos que ele não ia sobreviver. Cada dia era uma verdadeira tortura.

O tio Peter estendeu-me o seu lenço, mas eu recusei. Era um momento em que procurava ganhar força.

– Lembro-me – respondeu o tio Peter.

– Devolvi o anel de noivado ao Nick. Disse-lhe que não podia tornar a vê-lo. Acho que, no fundo, esperava que ele não aceitasse, achava que ele voltaria e entraria pela porta da frente dizendo-me que ia ficar tudo bem, que a culpa não era minha, que não podia viver sem mim. Em vez disso, partiu para Paris.

– Sei que a empresa do pai... – disse o tio Peter.

– Eu sei, eu sei. Mas eu tinha vinte e um anos, estava desesperada e suponho que, como uma criança, achei que ele iria ficar por Nova Iorque a definhar. Quando ele foi para Paris, fiquei para morrer. Teria morrido, se não fosse pela Kiki. E na primavera ouvi histórias sobre o que ele andava a fazer por lá e então julguei odiá-lo.

O tio Peter girou na sua cadeira e olhou para a janela, para as águas agitadas do porto de Nova Iorque.

– Mas agora não o odeias.

– Não. Acho que ele ficou magoado, como eu fiquei. Ele pensou que eu não me importava, tal como eu pensei o mesmo dele. Éramos jovens, estúpidos e orgulhosos. E a Budgie descobriu-o.

O tio Peter ficou em silêncio, a olhar simplesmente para a janela, com a caneta a dar voltas entre os dedos. A luz do sol brilhava sobre o cabelo grisalho nas suas fontes.

– Não temos nenhum caso, se é isso que está a pensar – esclareci. – O Nick é um homem sério. Ele quer resolver primeiro as coisas com ela.

– Que confusão infernal.

– Sim. Foi por isso que o vim procurar. Ele hoje foi vê-la. Vai pedir-lhe o divórcio e eu penso que ela não lho dará. Ele não é muito... – O meu cigarro

estava quase completamente queimado no cinzeiro. Peguei nele e acabei-o. – Ela não é feliz. Passa os dias a beber e... outras coisas. Seja o que for que ela usou para o levar a casar-se com ela, vai usar de novo agora, e eu estou preocupada. Não sei o que ela irá fazer. Acho que o Nick está no limite. Ele disse-me algumas coisas ao telefone, hoje de manhã. Não quero que isto acabe mal. Por isso vim ter consigo.

– O que posso eu fazer?

– O tio Peter sabe tudo. Tudo o que acontece neste nosso pequeno mundo acaba por chegar ao seu discreto conhecimento. O tio conhece todos os nossos segredos. Pensei que podia conhecer também este.

Ele suspirou e voltou-se para mim. O seu rosto parecia algo pálido, ou talvez fosse a luz abundante vinda da janela.

– Lily, não estou a par dos segredos da senhora Greenwald. Mal a conheço. Não conheço certamente as suas razões para se ter casado com o marido, ainda menos porque se casou ele com ela.

– Sabia que ela teve um caso com o pai do Nick, naquele inverno?

Se eu esperava chocá-lo e obter a sua confirmação, o desapontamento foi total. Ergueu as sobrancelhas e voltou a colocar a caneta sobre a secretária.

– Não sabia – respondeu. Juntou as pontas dos dedos das duas mãos e ficou a observá-las. – Mas ficaria surpreendido se isso fosse verdade.

Uma forte sensação pulsou-me nas veias, despertando-me os nervos. As palavras do tio Peter ecoavam na minha cabeça, calmas e pesadas de significado. Debrucei-me e apoiei os cotovelos na secretária.

– Porque diz isso, tio Peter? Porquê?

Ele encolheu os ombros.

– Porque sim, é só. A senhora Greenwald não é conhecida pelo seu estrito respeito à verdade.

– Mas o Nick descobriu nas contas do pai. Durante aqueles anos, ele pagou-lhe sempre duzentos dólares por mês.

– Podia ter de lhe pagar por inúmeras razões.

– Quais?

O tio Peter abanou a cabeça e levantou-se. Por um momento, pensei que ia acompanhar-me à saída, mas em vez disso pegou numa cadeira no canto do escritório, trouxe-a para a minha frente e sentou-se nela. Ergueu as minhas mãos e segurou-mas entre nós.

– Lily, minha querida. De todas as tristes consequências daquele inverno, as que tu sofreste foram as que me causaram maior sofrimento. Tu soubeste manter-te inteira, quando todos os outros estavam feitos em pedaços. E, no entanto, foste tu quem mais perdeu.

– Isso agora não interessa, tio Peter. O que eu quero é a verdade. Quero saber como é que uma mulher como a Budgie conseguiu convencer um homem como o Nick a casar-se com ela. Quero saber como posso libertá-lo.

O tio Peter meneou a cabeça.

– Lily, não estás a fazer as perguntas certas. Não estás ver o quadro todo.

– Qual quadro todo?

– Todos estes anos, minha querida, deixaste-te consumir com a culpa pela doença do teu pai.

– Como podia deixar de o fazer? Ele teve um AVC, tio Peter. Quando ele soube da fuga, teve o AVC e esteve quase a morrer. Neste momento, está sentado em frente a uma janela, a olhar para Central Park, como tem feito nestes últimos anos. Nem sequer chegou a ter a Kiki nos seus braços. A sua própria filha.

A mão do tio Peter pressionou a minha.

– Tens a certeza de que foi assim que aconteceu?

– Foi o que eles disseram. Ele recebeu o meu bilhete e correu para Gramercy Park para nos impedir. A minha mãe e o senhor Greenwald disseram-lhe que era tarde demais.

– E tu nunca pensaste como é que a tua mãe ficou a saber de tudo? Sobre vocês os dois?

– Bem, foi a Budgie, não foi? Ela viu a minha mãe na festa e contou-lhe. Como, de outro modo, poderia ela ficar a saber? A minha mãe encontrou o senhor Greenwald e foram ao apartamento para nos encontrarem. Nós vimos isso acontecer, pela janela. – Abanei a cabeça. – Durante anos depois disso, eu não pude sequer ouvir o nome da Budgie. Ainda não percebo porque nos traiu daquela maneira.

O tio Peter colocou as minhas mãos, uma sobre a outra, entre as dele, dando-lhes uma palmadinha. Fixou-me os olhos com um poder penetrante, o cinzento-claro transformado em ferro.

– Lily, continuas a não ver bem o assunto. Pensa, Lily. Pensa bem. Pensa sobre o que viste naquela noite. Pensa sobre o que veio depois.

Sentada, olhando o tio Peter nos olhos, com as minhas mãos entre as dele, imaginei o quadro na minha cabeça, rodei-o, abanei-o, virei-o de alto a baixo, adicionei algumas pinceladas especulativas.

– Não – murmurei –, não faz sentido. Eles ter-me-iam dito.

– Teriam? Quando tu sempre estiveste disposta a retirar-lhes o fardo dos ombros?

O tio Peter pegou numa das minhas mãos e fez-me uma festa na têmpora, amaciando-me os caracóis soltos, com a expressão da sua testa a formar um triângulo de benevolência.

– E achas que a Budgie sabe?

– Não faço ideia. Mas ela foi paga por *alguma coisa*, não foi?

Afastei as mãos e peguei na carteira.

– Tio Peter – disse –, importava-se muito de me emprestar o seu carro?

CAPÍTULO 21
1932-1938

Recordo muito pouco das vinte e quatro horas seguintes. Lembro-me de como o Nick pediu para viajar connosco para Nova Iorque, mas de a tia Julie ter dito que ele não podia simplesmente deixar o *Packard* em Lake George e de eu estar demasiado perturbada para discutir. Olhando para trás, penso que ele talvez tenha interpretado isso como ambiguidade da minha parte.

Recordo a minha despedida do Nick na estação, com a garganta a arder, enquanto a tia Julie esperava impacientemente atrás de mim. Recordo como ele me apertou nos seus grandes braços e como foi reconfortante sentir a parede sólida daquele tronco e, no seu abraço, a sua pulsação estável. Lembro-me de imaginar como poderia sobreviver a um ou dois dias até o sentir de novo.

Lembro-me da voz dele no meu ouvido, embora não das palavras exatas. Como ele me amava, como ia ficar tudo bem, como rezaria pelas melhoras do meu pai, como estava a disposto a fazer tudo o que pudesse para ajudar. Não pensava nem me preocupava com ele; haveria de me encontrar quando chegasse à cidade. Eu significava tudo para ele; bem o sabia. Ele nunca esqueceria a última noite. Tinha-o ligado a mim para sempre. Eu era toda a sua vida, a sua mulher perante Deus, a sua Lily. Para nós, era como se estivéssemos casados, ele esperaria pacientemente, o tempo que fosse preciso.

Coisas assim.

Recordo-me de não ter a voz, ou a compostura, para dizer muito em resposta.

Recordo o cheiro do vapor e do carvão, que pairava húmido e pesado no ar, e ainda hoje me sinto ligeiramente enjoada quando estou numa plataforma de comboio e respiro fundo.

Lembro-me de olhar pela janela do comboio enquanto nos afastávamos e de ver a silhueta do Nick, de pé, sozinho na plataforma, e depois de deixar de a ver, porque o meu espírito estava já demasiado ensombrado pelo infortúnio.

Gostava de me lembrar melhor. Gostava de ter registado cada pormenor da aparência do Nick, a sua expressão, o seu perfil, delineado sobre os edifícios cinzentos da estação, pois não voltaria a vê-lo até ao verão de 1938, o verão em que veio o furacão e levou tudo.

CAPÍTULO 22

Seaview, Rhode Island

Quarta-feira, 21 de setembro de 1938

Há um ponto, quando nos aproximamos de Seaview vindos do continente, em que a estrada contorna a encosta de uma colina íngreme e depois toda a Seaview Neck se abre à nossa frente. A vista é tão impressionante, que é fácil falhar o desvio para a Neck Road. Sucede permanentemente com muita gente, que não vê o sinal de STOP, com a cabeça esticada para ver as ondas do Atlântico a rolar sobre a imaculada faixa bege de areia da praia de Seaview, ou então para as velas brancas e virgens que vogam sobre as águas da baía. Meu Deus, pensam. Quem é que vive ali? Era capaz de tudo para ter uma casa nesta baía, uma daquelas bonitas casas com tábuas de madeira, marquises e águas-furtadas e caramanchões nas traseiras. Adorava ter um cais assim, com um ou dois barcos à vela atracados.

Mas eu estava habituada à beleza de Seaview. Já conduzira por aquela estrada mil vezes.

Cheguei ao desvio por volta das duas da tarde, depois de percorrer a nova e reluzente Merritt Parkway até Milford, e depois ter tomado a direção da Boston Post Road, tão depressa quanto o motor do *Studebaker* do Peter van der Wahl podia aguentar. Podia ter chegado mais cedo, mas parei para visitar o meu pai antes de deixar a cidade.

Ele estava sentado à janela, como antes, com os vestígios fantasmagóricos de um sorriso no rosto. Ajoelhei-me à frente dele, beijei-lhe o rosto seco e pus as mãos sobre os seus joelhos.

– Eu hoje vou para Seaview, papá. Gostava de ficar cá e estar mais tempo consigo, mas tenho algumas coisas para fazer. Alguns erros para corrigir.

Ele observava-me sem falar, com os seus velhos olhos azuis vazios à luz difusa.

– Não sei se me consegue perceber, papá. Espero que sim. Espero que ainda esteja aí. Vou trazer o Nick de volta, papá. O papá expulsou-o, uma vez, mas acho que não foi pela razão que eu na altura pensava. Acho que foi por outra coisa, espero que tenha sido outra coisa.

O seu joelho direito moveu-se debaixo da minha mão. Encontrei os dedos dele, dobrados sobre o regaço, e pressionei-os contra os meus.

– Penso que ia gostar realmente dele, papá. Julgo que os dois se teriam dado muito bem. Não é fácil conhecê-lo bem, mas quando isso se consegue e ele confia em nós, é tão caloroso e bom, tão inteligente e engraçado. Abre-se como uma flor. – Inclinei o rosto sobre as nossas mãos dadas. – Gostava que as coisas tivessem sido diferentes. Acho que ele teria sido bom para si. Acho que ambos teriam sido bons um para o outro.

O relógio batera as nove e quarenta e cinco, e eu sabia que tinha de ir. Levantei-me, beijei as mãos do meu pai, e voltei a pousar-lhas no colo, e depois beijei-lhe de novo a face.

– Adeus, papá. Volto logo que puder. Deseje-me sorte.

Deu-me a sensação que talvez ele tivesse inclinado o rosto junto ao meu, mas posso estar enganada. Corri pelas escadas abaixo, saltei para o carro do tio Peter e subi para a Park Avenue, mais rápida do que o vermelho de cada semáforo.

Conduzi no limite, parando apenas para pôr gasolina e beber café. Quando cheguei a Rhode Island, o tempo, tão agradável e fresco ao longo das cidades da costa, estava pesado, quase oleoso, enquanto pequenas bâtegas de chuva assolavam o para-brisas e alguns destroços de lixo varriam a estrada e os cabos das linhas elétricas gemiam agonizantes. Deitei fora o meu cigarro e segurei o volante com ambas as mãos. Ao desviar para a Neck Road, ergui os olhos e vi o oceano de relance, denso e cinzento, riscado por longas vagas sob o céu doentivamente pardo. Uma rajada de vento apanhou o carro, fazendo-o abanar.

Oh, maldição, pensei. Outra tempestade. Exatamente aquilo de que eu precisava.

Guiiei pelo caminho e passei o clube, que estava fechado e deserto, com as mesas e cadeiras já arrumadas no interior para o inverno. Grande parte das casas também já estava fechada, os toldos recolhidos até ao ano seguinte e as portadas de madeira firmemente trancadas. Os Palmer tinham partido no fim de semana anterior, tal como os Crofter e as irmãs Langley. Passei pela casa dos Hubert, onde a senhora Hubert levava para dentro as suas zínias, um vaso em cada mão, com as saias a baterem-lhe furiosamente nas pernas.

Passei pela casa dos Greenwald sem sequer olhar.

Conduzi inconscientemente depressa, abanando e balouçando sobre os buracos, espalhando gravilha com os pesados pneus do tio Peter. As minhas mãos colavam-se ao volante; os olhos doíam-me de espreitar através dos limpa-para-brisas. Um redemoinho de chuva atingiu a parte lateral do carro precisamente quando eu acabava de encostar o carro à frente da velha casa de praia da família Dane, e segurei o chapéu enquanto corria pela passagem e abria a porta com um estrondo.

– Mãe! – gritei.

Ouvi um movimento no soalho por cima de mim. Dei meia-volta e subi apressadamente as escadas.

– Mãe! – gritei de novo.

– Lily! O que é?

Os seus pés surgiram vindos do sótão, um atrás do outro, calçados em práticos sapatos de calfe castanhos e meias escuras. Fiquei a tremer enquanto ela apareceu, cintilante, e cada nervo do meu corpo parecia prestes a estourar. Avistei-lhe primeiro as mãos, segurando um par de toalhas brancas. Tinha um casaco de lã cor-de-rosa pendurado nos ombros. O seu cabelo escuro estava

preso num pequeno nó atrás do pescoço, prestes a desfazer-se. Os seus olhos dilataram e brilharam de surpresa.

– Já voltaste? – perguntou. E depois exclamou: – Meu Deus, estás uma lástima. O que te aconteceu? O teu vestido está todo amarrotado, e o teu *chapéu*...

Tirei o chapéu e lancei-o ao chão. Os cheiros familiares cercavam-me, a madeira velha e quente, o ar salgado e a essência de limão. Os cheiros do verão, de Seaview. Passei a mão pelos meus caracóis revoltos.

– Durante todo este tempo – disse eu – durante todo este tempo deixei que toda a gente pensasse que a Kiki era minha filha. Minha e do Nick. Eu não fazia ideia. Todos sabiam menos eu.

A minha mãe puxou para trás o seu cabelo em desalinho.

– Não sei o que queres dizer.

– Diga-me porque é que a mãe e o senhor Greenwald estiveram em Gramercy Park naquela noite. Diga-me. Diga-me na minha cara, mãe. – Eu estava sufocada pelo esforço e pela ira. Quase não conseguia articular as palavras.

Ela virou-se, como se fosse subir as escadas.

– Lily, não quero falar sobre aquela noite. É demasiado perturbador. O teu pobre pai a cair no chão daquela maneira. Agora vamos lá acima e ajuda-me a colocar estas toalhas nas janelas. Aproxima-se uma tempestade, caso não tenhas reparado.

Agarrei-lhe o braço, fazendo com que se voltasse para mim.

– Lily! – exclamou, apertando as toalhas contra o peito.

– Diga-me a verdade, mãe! Eu mereço sabê-la!

– Não sei o que queres dizer! Fugiste com aquele rapaz, o Greenwald. A verdade é essa!

– E nove meses depois a Kiki nasceu e todos pensaram que ela era minha. Minha! E a mãe deixou-os pensar isso! Deixou-me pegar nela, deixou-me cuidar dela e educá-la. Deixou-os pensar que ela era minha filha. Porquê, mãe? Porquê?

– Tira as mãos de cima de mim! Deus nos ajude! Isto é maneira de falares com a tua mãe? – Soltou a mão e eu voltei a agarrá-la e abanei-a, fazendo com que se lhe soltasse o resto do cabelo sobre os ombros.

– Afinal, ela não era a bebé do papá, pois não? Como fui *estúpida* durante todos estes anos, pensando que o papá ainda tinha sido capaz de conceber outra filha consigo? Ou será que andei a apenas a enganar-me a mim mesma? Não o saberia eu desde sempre? – Larguei-lhe a mão e afundei-me no chão, cobrindo o rosto com as mãos. – Pobre papá. E ele encontrou-vos aos dois naquele apartamento, que o pai do Nick mantinha para as suas amantes. Não fazias *ideia* de que eu acabara de lá estar com o Nick, pois não? Não fazias a mínima ideia, até o papá romper porta adentro, à minha procura, porque eu tinha pago ao porteiro para lhe levar um bilhete para ele não se preocupar.

– Isso não é verdade! Não é verdade! – Subiu as escadas a correr, dois

degraus de cada vez, com os sapatos pesados a baterem sobre as velhas tábuas de madeira.

O estrondo da porta a fechar-se ouviu-se cá em baixo.

– Christine! – A voz da tia Julie flutuava pela escada. – Christine! Onde estás? Meu Deus, que confusão lá fora. Aquele não é o carro do Peter?

– Estamos aqui em cima – respondi calmamente para baixo.

– Lily? – Os seus sapatos arrastavam-se pelas escadas. – O que fazes aqui? Foste tu que vieste no carro do Peter?

– Sim, fui eu.

Chegou ao patamar e deteve-se.

– O que se passa? O que fazes aí no chão? Onde está a tua mãe?

O vento soprava contra as janelas, fazendo a casa ranger. Olhei para cima e deparei-me com o rosto da tia Julie, molhado pela chuva, sem conseguir falar.

– Oh, meu Deus – disse ela. A mão caiu-lhe do pilar das escadas. – Onde está a tua mãe?

– No sótão, a pôr toalhas nas janelas.

– Bem, bem. – Olhou para cima pelas escadas que conduziam ao sótão e depois de novo para mim. – Acho que só estou surpreendida por ter demorado sete anos.

– A tia sabia, claro.

– Querida, eu bem tentei convencer-te a não te encontrares com aquele Greenwald. O falatório já andava por aí. A tua mãe não era exatamente a mesma naquele outono e as pessoas comentavam. – Tornou a olhar para as escadas. – Quando a tua mãe quebra as regras, não brinca.

– Não sei sobre o que estás a falar, Julie. – A mãe desceu as escadas e parou a meio caminho. O seu rosto estava branco; acabara de enrolar o cabelo desajeitadamente.

A tia Julie ergueu as mãos no ar.

– Oh, por amor de Deus, Christine. Não é como se alguém te tivesse culpado. Só tinhas de ser um pouco mais discreta e não ficar grávida, evidentemente, mas, por sorte, tiveste a indiscrição da tua filha para te dar cobertura.

A minha mãe deu um pequeno soluço e eu vi que ela chorava, que grandes lágrimas lhe corriam pelas faces e pingavam do maxilar.

– Não é verdade – disse ela.

A tia Julie cruzou os braços.

– Caramba, sê digna por uma vez e admite-o. Durante sete anos salvaste a tua reputação à custa da tua filha. A tua mentira vingou durante todos estes anos. Porque não te comportas agora como uma senhora?

A mãe dobrou-se e caiu sobre o último degrau, exatamente quando eu me levantei, segurando-se à balaustrada da escada que se elevava sobre ela.

– É pior do que isso – afirmei. – Deixou-me pensar que eu tinha provocado o ataque do papá, que ele acontecera por eu ter fugido com o Nick.

Mas não foi, pois não? Foi devido a si, desde sempre. À *sua* traição, não à minha. E eu afastei o Nick por causa disso, devolvi-lhe o anel de noivado por não ser capaz de suportar o que ele fizera ao meu pai, porque tinha medo de lhe provocar a morte, se não desistisse do Nick. Pensei que era a minha penitência. Durante todo este tempo, a mãe deixou que eu a cumprisse e sofresse.

Ela olhou para cima.

– Como é que ficaste a saber disto? Foi o Greenwald? Suponho que ele te falou do bilhete e te convenceu que eu...

– *Bilhete?* – perguntei.

A tia Julie virou-se para a minha mãe.

– Que bilhete?

Ela levantou-se e roçou em mim ao passar.

– Nada.

Agarrei-a pelo braço.

– Que bilhete, mãe? De que está a falar? Enviou um bilhete ao Nick?

– Não, não envie. Enganei-me. – Precipitou-se em direção à tia Julie e afastou-se.

– Agora é que isto está a ficar interessante – atirou a tia Julie. – Conta-nos mais sobre esse bilhete, Christine.

Uma rajada de vento fez abanar a casa. As madeiras rangiam fortemente, como um barco no mar. Olhei pela janela da entrada e vi a rebentação das ondas a fustigar o baluarte, a espuma a abater-se desde o alto sobre as ameias. O céu estava escuro como breu, tingido de ocre amarelo.

Senti um calafrio no coração.

– Onde está a Kiki? – perguntei.

– Está com os Hubert – respondeu a tia Julie.

– O que está ela a fazer com eles?

– Bem, depois de toda a algazarra desta manhã...

– Que algazarra?

A tia Julie bateu com a mão sobre a boca.

– Oh, pois claro! Tu acabaste de chegar! A cena mais desagradável em casa dos Greenwald.

Segurei-a pelos ombros.

– O que aconteceu?

A boca abriu-se-lhe num círculo especulativo. As suas finas sobranceiras ergueram-se na testa. – Oh, meu Deus – disse lentamente –, tudo isto começa a fazer muito sentido. Deixa-me adivinhar, Lily. Tu viste o Nick quando estiveste na cidade.

– Diga-me o que *aconteceu!*

Arrancou-me as mãos dos seus ombros.

– Bem, o teu Nick chegou por volta das dez horas, creio eu, e entrou a gritar pela casa. Eu estava na praia com a Kiki, como podes calcular, a aproveitar o sol e a esconder o meu habitual fumo de tabaco do olhar

perfurante da senhora Hubert. Ao fim de algum tempo, ouvimos vozes, sobretudo a da Budgie a berrar todo o tipo de disparates, e depois um estrondo, e logo a seguir, o Nick a gritar para mim na praia, dizendo-me que a Budgie tinha tido um acidente e pedindo-me ajuda para a meter no carro.

– Oh, meu Deus! – Tapei a boca com ambas as mãos. – O que sucedeu?

– Aparentemente ela tentou cortar os pulsos, a maldita histérica. Ele conseguiu detê-la antes de ela poder provocar o pior – teve de rebentar com a porta da casa de banho, pelo que me pareceu –, mas de qualquer modo a confusão era grande.

– Oh, não! Ela está bem? A Kiki viu alguma coisa?

– Não, mandei-a imediatamente para casa dos Hubert. Aonde vais?

– Tenho de a encontrar! Meu Deus!

A tia Julie correu pelas escadas abaixo atrás de mim.

– Lily, ela está bem! Estão todos bem! O Nick levou a Budgie para o hospital, a Kiki está ajudar a senhora Hubert com as suas malditas... sei lá o que são, *zínias*...

– Zínias. Qual hospital?

– Não sei. Ouve, Lily, para! Sê razoável. – Agarrou-me pelos ombros quando cheguei ao fundo das escadas e fez-me rodar. Com a chuva, a maquilhagem tinha desbotado em volta dos seus olhos, provocando-lhe um olhar cavernoso, muito diferente do dela, quase humano. – Há uma tempestade a aproximar-se lá fora. Não é seguro. Fica aqui; aqui estamos bem. Teremos notícias de manhã. Tenho a certeza de que, com este tempo, eles vão passar a noite no hospital.

– Mas eu *tenho* de os encontrar! A tia não entende! Ele ia pedir-lhe o divórcio e...

– Claro que ia! Eu sei somar dois mais dois, por amor de Deus, especialmente quando se trata de divórcio. Agora acalma-te, Lily. Não estás no meio de uma maldita tragédia grega. – Deu-me uma palmadinha no ombro. – Ela está em boas mãos. O Nick não vai deixar que ela se magoe. Não te esqueças que há o bebé.

– O bebé não é dele.

– Oh! – A tia Julie teve um sobressalto. – De quem é, então? Do descarado do Pendleton, presumo?

– Oh, Deus do céu! Todos sabiam menos eu?

– Bem, agora não interessa, pois não? O Nick é um bom rapaz, um entre um milhão, diria eu. Ele tinha tudo sob controlo, manteve a calma, enrolou-lhe uma toalha à volta do pulso e tudo o mais. Ele vai cuidar dela.

Encostei-me violentamente à porta. Podia sentir a força do vento, a chuva a bater na madeira atrás de mim.

– Claro que vai – suspirei –, é o que ele faz sempre.

Ouviu-se um estalido, um silvo no ar e as luzes apagaram-se.

– Lá se foi a corrente elétrica – disse a tia Julie. – Muito bem, vamos a casa dos Hubert buscar a Kiki, e voltamos para aqui e esperamos pela

tempestade. Não sei o que a tua mãe estará a preparar. Provavelmente a cortar os seus próprios pulsos. – A tia Julie pegou-me na mão e abriu a porta, lutando contra o vento, e havia um forte cheiro a sal e ozono. – Meu Deus, está a avançar com rapidez! Ainda bem que tens o *Studebaker* do Peter.

*

Precipitámo-nos para o carro e avançámos lentamente pela Neck Lane até à casa dos Hubert, onde as zínias já se encontravam todas recolhidas e a Kiki estava sentada à mesa da cozinha com a senhora Hubert, a beber cacau quente, à luz de uma grande lanterna a petróleo. Assim que me viu avançou para mim numa corrida de pernas traquinas e saltou-me para os braços encharcados, a gritar o meu nome. Contemplei-lhe o rosto, o cabelo escuro e os olhos azul-esverdeados. E percebi por que razão ela sempre me parecera tão familiar e fora tão querida. Aqueles olhos tinham exatamente a mesma forma dos olhos do Nick e, quando sorriam, enrugavam-se precisamente da mesma maneira.

«Bem, claro que são parecidos», disse para comigo, maravilhada. «Ela também é irmã do Nick».

Pensei no Nick a aparelhar o pequeno barco à vela, a sentar a Kiki junto à barra do leme, cobrindo a mãozinha dela com a sua, enorme, enquanto lhe ensinava a dirigir o barco. O meu coração parecia querer saltar-me do peito.

«Ela é irmã dele», pensei. E durante todo o verão ela sabia-o.

– Kiki, querida, vamos depressa. Temos de regressar a casa antes que a tempestade piore. – Olhei para a senhora Hubert, de pé junto à mesa da cozinha. – Muito obrigada por ter cuidado dela. Precisa de alguma coisa?

– Não preciso de nada. Preciso de falar contigo, jovem senhora, por um momento. Em privado. – Colocou as mãos nos quadris. Usava um avental, com destoaantes listas castanho-claras e cor-de-rosa, com o cinto a dar duas voltas na sua cintura magra.

– Não pode esperar até depois da tempestade? Temos de regressar. Já estamos sem eletricidade e tenho a certeza de que também sem telefones.

– É só um momento – disse, com uma voz autoritária.

Olhei para a tia Julie, que encolheu os ombros.

– Está bem, mas só um minuto. Tia Julie, por favor leva-a para a sala de estar?

A minha tia fez a Kiki atravessar o corredor. Virei-me para a senhora Hubert.

– Então?

– Não me venhas com *então*. Que diabo se passou em casa dos Greenwald esta manhã? E não me digas que não sabes de nada.

– Sei de tudo. Mas não é da sua conta, senhora Hubert.

– O diabo é que não é. Recordo-te que Seaview é uma associação oficialmente reconhecida e nos nossos estatutos há instruções estritas quando a perturbações domésticas.

– Senhora Hubert, por favor fale baixo.

Fulminou-me com o olhar e sentou-se, cruzando as pernas escanzeladas.

– Tenho sido mais do que tolerante com todos os acontecimentos da Budgie este verão, mas isto é o limite absoluto. Ela tinha uma toalha enrolada no pulso, Lily. Não sou tão velha e estúpida que não saiba o que isso significa.

Uma centelha de irritação acendeu-se sob a minha pele.

– Não foi absolutamente nada tolerante, senhora Hubert. Nada mesmo. Desprezou-os e ignorou-os durante todo o verão, apenas porque a Budgie teve a temeridade de se casar com alguém que tem um pai judeu...

A senhora Hubert ergueu as mãos.

– Oh, por amor de Deus, Lily. Estás doente? Nós não desprezamos esse Greenwald por ele ser judeu! Suponho que haverá quem se importe, mas ninguém me disse isso na cara.

– Então porque foi?

– Por ti! Meu Deus, Lily. Ele seduziu-te, abandonou-te, deixou-te com uma bebé! E depois a Budgie, essa vulgar e ébria caçadora de dinheiro, essa pequena vadia sem moralidade, não só se casou com ele como foi capaz de o trazer aqui para o exibir na tua cara. Não sei como conseguiste suportar isso. Ou és uma santa ou então uma idiota sem coluna vertebral. Começo a inclinar-me para a segunda hipótese.

Apoiei-me à extremidade do velho aparador inglês, fazendo tremer os pratos.

– Pensa que o Nick me abandonou?

O rosto da senhora Hubert enterneceu-se. Baixou os olhos para as mãos, no colo, as palmas pálidas e enrugadas sob a luz dourada da lanterna.

– Querida, nós adoramos ter-te aqui. Conhecemos-te desde que eras bebé, tão pequenina e doce. Ninguém quis saber como apareceu a Kiki. Estávamos felizes por aceitar a história da família. Se o tivesses dito, teríamos lançado as nossas forquilhas aos Greenwald.

– Oh, senhora Hubert – deixei escorregar as costas pelo aparador até me sentar no chão. – Oh, não. Não entendeu. O Nick nunca me abandonou. Eu é que o abandonei. E a Kiki... não, não. Ela não é filha dele. Ela não é *minha* filha.

– Lily, eu não nasci ontem. Olha para a criança.

Abanei a cabeça.

– Ela não é filha dele. Ela é *irmã* dele. – Olhei para cima e enfrentei os seus olhos. – Ela é *noossa* irmã.

A senhora Hubert ficou pasmada a olhar para mim, com os olhos dilatados e a boca completamente aberta. Deve ter lido a verdade no meu rosto.

– Tu não... Meu Deus... a tua *mãe*?

Acenei afirmativamente.

– Com o pai do Greenwald? Aqueles velhos rumores?

Confirmei com a cabeça.

Recostou-se na cadeira, com o corpo inerte, como um gafanhoto murcho.

A porta abriu-se e o senhor Hubert entrou, com um martelo numa mão e uma velha lanterna de petróleo na outra.

– As janelas lá de cima estão entaipadas. Eu... – Calou-se e olhou para nós as duas. – O que se passa?

A senhora Hubert endireitou-se.

– Nada, Asa. Nada de nada. Lily, não será melhor vocês as três esperarem aqui até a tempestade passar? Temos uma cave de pedra.

– Paredes bem espessas – acrescentou o senhor Hubert.

Pus-me de pé e espreitei pela janela. Não conseguia ver nada: a chuva caía em lençóis horizontais, repleta de destroços.

– Acha que vai ser assim tão má?

– Céu vermelho três manhãs seguidas – disse a senhora Hubert. – Pode ser uma tempestade centenária.

– Eu não posso ficar – expliquei. – A minha mãe está sozinha em casa, sem luz nem telefone. Temos de sair já.

– Por mim, deixa-a apodrecer – murmurou a senhora Hubert.

Apressei-me pelo corredor até à sala de estar, onde a Kiki estava colada à janela, guinchando de espanto.

– Olha as ondas, Lily! Nunca as vi tão altas!

Olhei para além dela e vi uma onda enorme rebentar na praia, rolando até ao meio da Neck Lane.

– Meu Deus! Temos de ir para casa!

Patinhámos até ao carro e eu liguei o motor. Tossiu heroicamente e morreu.

– Afogado – disse a tia Julie. – Vamos ter de ir a pé.

– Vamos ficar encharcadas – disse a Kiki alegremente.

– Não há outra forma – disse eu. – Rápido, já!

O vento batia-nos como uma parede, cheio de espuma das ondas, e ia-me quase derrubando quando deixei o abrigo do carro. O chapéu voou-me da cabeça e desapareceu. Agarrei a mão da Kiki.

– Mantém-te ao pé de mim! – gritei-lhe ao ouvido, mas nem sequer conseguia ouvir as minhas próprias palavras. O ar esmagava, vibrava, assobiava. Uma onda espalhou-se pela Neck Lane, ensopando-me os sapatos.

A tia Julie agarrava a outra mão da Kiki e descemos a rua a cambalear, por vezes com a água e a espuma pelas canelas. Tinha de me virar para trás para conseguir respirar, para conseguir aspirar uma lufada de ar para os pulmões. Os pés da Kiki voaram debaixo dela e eu agarrei-lhe firmemente o braço com a outra mão, prendendo-a ao chão. Avançámos passo a passo, meio dobradas, com a chuva a cair-nos nas costas escorrendo do cabelo e a entrar-nos pelos ouvidos e pelo nariz, um verdadeiro dilúvio.

Pensei: «não vamos conseguir».

Uma forma escura surgiu ao meu lado: um carro, uma grande carrinha. Um vulto contornou a frente e agarrou-me pelos ombros. Olhei para o rosto do Nick em choque.

– Lily! – gritou. – Entra no carro!

– Nick! – titubeei, aliviada. Ele abriu a porta de trás do velho *Oldsmobile* e atirou-nos às três lá para dentro.

O Nick enfiou-se na frente, batendo com a porta.

– Não vou perguntar o que estás aqui a fazer – gritou, sob o estrondo da chuva. O carro avançava lentamente, com os limpa-para-brisas a girarem furiosamente mas sem produzirem qualquer efeito. Aconcheguei a Kiki ao meu peito. Estava completamente molhada, a tremer, e já não se ria.

Já íamos no carro há quase um minuto quando me lembrei.

– A Budgie! Onde está ela?

– Aqui, querida – ouviu-se um murmúrio vindo da frente, e eu espreitei sobre o banco para a descobrir enrolada num casaco, com os pés descalços a pressionarem as pernas do Nick, os caracóis pretos em desordem a cobrirem-lhe o rosto. Uma espessa ligadura branca rodeava-lhe o antebraço esquerdo.

– Ela foi sedada – disse o Nick.

O carro derrapou e flutuou pela rua. Fiquei sem fala. Quase não me apercebi quando deixámos de deslizar; a chuva torrencial rodeava todas as janelas como uma cortina.

– Têm de vir para dentro – gritou o Nick. – Não posso deixá-la sozinha em casa.

– Está bem! – respondi, gritando.

O Nick saltou para fora do carro. Um instante depois, abriu a porta da Budgie, puxou-a para fora, e desapareceu com ela na passagem de acesso à casa.

– Saímos pelo seu lado – disse à tia Julie, e ela empurrou a porta até esta ser escancarada pelo vento.

Descemos do carro, agarradas à Kiki, e pegámos nela para subir as escadas. O Nick abriu a porta e arrastou-nos para dentro.

– Porque vieste para casa? – interroguei. – Devias ter ficado no hospital!

– Ela insistiu – disse laconicamente. – Ajuda-me com as toalhas.

– Onde está a Budgie?

– Pu-la na cama.

Corri para cima, encontrei o armário da roupa de banho e tirei toalhas. O Nick foi ao sótão; a tia Julie e a Kiki desceram para acender as lanternas a petróleo. Corri pelos quartos, enrolando as toalhas e prendendo-as contra os para-rios das janelas. A água já tinha começado a entrar. Da janela do quarto da Budgie, conseguia ver as ondas enormes a rebentarem contra a praia, uma após outra, paredes de espuma branca e torres de água.

– Uma tempestade dos diabos – murmurou a Budgie.

Voltei-me. Ela estava deitada na cama, apoiada nas almofadas, com os olhos fundos e vidrados.

Dobrei as restantes toalhas sobre o meu braço.

– Como estás, Budgie?

– Um pavor. Perdi o bebé logo depois de teres partido e agora queres tirar-

me o marido.

Dei alguns passos em frente.

– Nunca consegui manter um bebé até ao fim – disse a Budgie. – Parece que eles não gostam de mim.

– Lily! – chamou o Nick. – Há mais toalhas?

– Vai – disse a Budgie deixando-se cair nas almofadas –, vai.

Saí rapidamente do quarto, desci as escadas a correr e entreguei as toalhas ao Nick.

– Não vão chegar – disse ele. – É tarde demais para entaipar as janelas. Provavelmente teremos de usar todas as carpetes. Pelo menos estamos num sítio alto. – Voltou-se para mim. Uma lanterna projetava já uma luz permanente a partir da mesa. A tia Julie e a Kiki estavam na cozinha. – O que estás aqui a fazer, Lily? – perguntou-me ele delicadamente.

– Tinha de vir. Fui ver o tio Peter. – Peguei-lhe no braço. – Nick, eu já sei. Sobre a minha mãe e o meu pai, sobre a Kiki. Porque não me disseste?

Ele abanou a cabeça. Estava encharcado, escorria água da camisa, ensopada no peito e nos braços.

– Como podia eu? Ela é a tua mãe.

– Ela falou num bilhete. Qual bilhete, Nick?

– Oh, o maldito bilhete! – Passou as mãos pelo cabelo molhado. – Mais tarde digo-te, Lily. Depois de a tempestade passar, quando estivermos sozinhos. Agora não é importante.

– É importante! Toda a gente andou a esconder-me tudo durante todos estes anos, como se eu fosse uma criança, como se eu fosse demasiado frágil para me dizerem a verdade! *Eu!* Que aguentei tudo e todos, só com as minhas mãos nuas! – Fiquei ali de pé, ofegante, de punhos cerrados e caídos. Pingava água por todo o tapete branco da Budgie, com o cabelo completamente ensoado. Sei que devia parecer uma louca, mas não me importava.

– Sim, é verdade – disse o Nick –, tu aguentaste tudo. Aquela tua mãe malvada. Sabes quanto, este verão, eu só queria... – Virou-se e bateu com o punho fechado na parede. Contudo, a sua voz manteve-se firme. – O bilhete. O maldito bilhete. Eu estava em Paris, a tentar salvar o escritório, à procura de capital onde quer que pudesse encontrá-lo. Enviei-te uma carta todas as semanas, nunca obtive resposta.

– Nunca me chegaram!

– Agora sei isso. Eu suspeitava que não as terias recebido; foi por isso que continuei a escrever, esperando que alguma te pudesse finalmente chegar. Até tentei contactar-te através da Budgie, mas ela nunca respondeu. Depois, por altura do Natal, um intrometido qualquer disse-me que tinhas dado à luz um bebé no final do verão e que a tua família estava a tentar fazer constar que ele seria da tua mãe. O escândalo da estação. Ele tinha a certeza absoluta desta informação. Fiquei desvairado. O tempo decorrido batia mais ou menos certo. Desde aquela altura que eu não te via nem sabia nada de ti, e eu sabia que não havia qualquer possibilidade de os teus pais o terem concebido entre eles. Por

isso, pensei que tivesse havido algum tipo de milagre, uma hipótese em cem, um preservativo rasgado ou Deus sabe o quê. Enviei um telegrama desesperado, dirigido a ti, assinalado como privado. Acho que não dormi depois disso.

Com a tremenda chuva, com o forte uivo da tempestade lá fora, as suas palavras quase se afogaram. Aproximei-me, esforçando-me por ouvi-lo.

– Nunca recebi o telegrama, Nick. Juro que não.

– Com certeza que não recebeste. Duas semanas depois, recebi uma encomenda no meu apartamento. Continha todas as minhas cartas, por abrir. Juntamente com um bilhete, muito simples, apenas algumas palavras. – A sua voz amenizou-se. – Não é tua filha – dizia. – Depois, as tuas iniciais.

– *O quê?* Quem o enviou?

O Nick virou-se e cruzou os braços.

– Presumivelmente, a tua mãe. Claro que, na altura, eu não sabia disso. Até então, sempre te fora fiel. Fiel! Tinha sido o teu velho e fiel cão, que só pensava em ti, desejando ardentemente uma palavra tua. Uma palavra e eu teria tomado o navio seguinte, nadaria através do oceano se fosse preciso, e diria ao meu pai e à sua deplorável empresa para irem para o inferno.

– Nick, eu não *sabia*. Tu partiste para Paris, nunca mais soube nada, pensei que tinhas desistido de mim. Eu estava numa lástima. E merecia-o. Tinha-te dito que estava tudo acabado. Tinha-te devolvido o anel.

Ele olhou para a chuva que inundava as janelas atrás de mim.

– O filho não é teu: dizia o bilhete. Fiquei arrasado.

– Tu não pensaste que eu... oh, Nick! Como pudeste *pensar* isso, conhecendo-me tão bem? Tu conhecias a minha caligrafia; sabias que eu não poderia ter escrito isso.

– Foi isso, depois de todas as outras coisas. Tudo fazia sentido: o teu silêncio, a devolução do anel. Eu tivera tanto cuidado naquela noite para não te arranjar problemas e agora ali estavam as palavras, exatamente na minha mão, a confirmar que o bebé não era meu, ou pelo menos que tu não estavas disposta a aceitar que eu o reclamasse como meu. Não parei para pensar em lógica ou na caligrafia. Fiquei louco. Saí e bebi até ficar inconsciente. Quando recuperei da ressaca, no dia seguinte, fui visitar aquela velha amiga da minha mãe, a que vivia em Paris, a do verão anterior àquele em que te conheci. Seriam umas onze horas da manhã e deixou-me logo entrar. Ainda estava em roupão. Não tardou muito.

– Oh, não, Nick. – Senti não ciúmes mas compaixão.

– Depois fiquei enjoado, fisicamente enjoado na casa de banho. Vesti-me e saí sem me despedir, sem sequer olhar para ela. Fui para casa e esfreguei-me debaixo do chuveiro durante quase uma hora, e depois devo ter fumado dois ou três maços de tabaco sem parar.

Afundi-me na cadeira com a cabeça apoiada entre as mãos.

– Não digas mais nada. Já não posso ouvir mais.

– O quê? *Tu*, Lily? Pensei que precisavas de saber estas coisas. De todos

os pormenores lascivos, para nunca mais teres de imaginar. Por isso aqui estás, eu conto-te tudo. Onde é que eu ia? Ah, sim, na primeira vez que te traí. Da primeira vez, como disse, foi horrível. Foi indescritivelmente sórdido. Não podia acreditar no que tinha acabado de fazer, senti-me desprezível. Mas, sabes, é como dizem; a primeira vez é sempre a mais difícil.

Bateu com o punho na cornija da lareira, fazendo tremer a coleção de cerâmica Delftware da Budgie.

– A segunda, pelo contrário. Foi sensivelmente uma semana depois. Tinha planeado tudo, enchido os bolsos com preservativos e cigarros e vesti o melhor que tinha. Premeditação em primeiro grau. Havia uma mulher que eu me lembrava de ter visto em algumas festas, uma mulher que se insinuava mais do que as outras, uma incansável amante baixinha de cabelo escuro, ora de um ora de outro. Procurei-a e saí com ela, paguei-lhe umas bebidas, depois fomos para o seu apartamento, pequeno e chique, no segundo andar de um prédio no elegante Seizième. Fomos diretamente ao assunto. Descobri que me magoava menos se bebesse uns copos antes e se não olhasse para o rosto dela. Se mantivesse o cigarro aceso e falasse em francês, caso porventura tivesse de falar. Na verdade, descobri que era capaz de copular com ela duas vezes seguidas, numa sucessão rápida. Uma vez logo na entrada, outra vez no quarto. Vesti-me e à uma da manhã estava em casa. Um enorme feito. Da terceira vez... – O Nick ofegava, quase sufocado pela ira.

– Para com isso, Nick.

– Da terceira vez... que receio não me recordar concretamente... da terceira vez...

Olhei para cima a tempo de ver o Nick pegar numa jarra curva sobre a cornija da lareira, erguê-la no ar e arremessá-la contra a parede oposta, contra a qual rebentou numa explosão de estilhaços azuis e brancos.

– Da terceira vez – disse –, eu podia ficar a fornicar a noite toda, se fosse preciso.

– Nick! – gritei, angustiada.

A porta da cozinha abriu-se ruidosamente. A tia Julie e a Kiki apareceram em choque, olhando para os cacos do vaso e para o corpo agitado do Nick em frente à cornija.

– Tia Julie – disse eu num murmúrio, sabendo desde logo que a minha voz ia ser abafada pela tempestade. Dirigi-me a elas e inclinei-me para o ouvido da minha tia. – Tia Julie, leve a Kiki de volta para a cozinha. O Nick teve um dia difícil. Vamos já para casa. Deixe-me só dar-lhe uma palavra.

– Sozinha não, nem penses – respondeu a tia Julie, lançando um olhar ameaçador na direção do Nick.

Peguei-lhe no braço.

– Sim, *sozinha*. Nós estamos bem. Leve a Kiki para a cozinha. Dê-lhe um biscoito. Tenho a certeza de que deve haver biscoitos algures.

A Kiki procurava furar sob o meu braço para correr para o Nick.

– Para, querida – disse-lhe. – Ele precisa de estar sozinho um bocadinho.

Dá-lhe um momento.

– Lily, *olha* para ele!

– Eu sei. – Levei-a até à porta, para os braços da tia Julie. – Eu estou aqui, querida.

Saíram, fechando a porta atrás de si. Voltei-me. O Nick estava de pé em frente à lareira, com as mãos apoiadas na cornija, cabisbaixo. Aproximei-me dele, pus os braços à volta da cintura dele e encostei a cabeça às suas costas ensooadas da chuva.

– Eu perdoo-te. Não importa. Está esquecido. Tu não conhecias a verdade. Estavas a representar um papel, nem sequer eras tu. Não eras o Nick que eu conheço.

Outra rajada de vento assolou a frente da casa, fazendo oscilar os restantes vasos, derrubando o relógio junto à cabeça do Nick. Ele nem se mexeu.

Disse-lhe, então:

– A culpa é tanto minha como tua. Deixei que me usassem. Eu tinha obrigação de saber, devia ter lutado por ti. Eu tinha obrigação de saber como estavas magoado, no teu coração fiel e bondoso. Tu estavas tão magoado, magoámos-te tanto. Como poderia censurar-te?

Ele manteve-se em silêncio. O corpo dele em arrepios contra o meu, lutando por respirar. Conseguia ouvir o pulsar do seu coração contra a minha face.

– Por favor, para de te torturar – pedi-lhe. – Não voltaremos a falar sobre isto. Vamos começar de novo, como se fosse o dia 2 de janeiro.

– Lily, sabes que é impossível. Como poderei tornar a fazer amor contigo, como poderei sequer voltar a *tocar-te*, com estas mãos? Isto vai estar sempre entre nós. Aquilo que eu fiz.

– Só se deixarmos que isso aconteça. Só se *eu* deixar.

O Nick não disse nada.

– Além disso – acrescentei –, também houve o Graham.

O Nick soltou um simulacro de gargalhada.

– Sim, houve. O bom velho Pendleton, para empatar a pontuação.

– Por um curto e desagradável momento.

– Lily, ao invés de ti, eu não sinto necessidade de conhecer as tuas outras conquistas, quanto mais saber os pormenores. – Virou-se no meio dos meus braços e tocou-me o cabelo. – Claro que esta noite vais ficar aqui. Não vais voltar, com esta tempestade.

– Não podemos. A minha mãe ainda está em casa. Temos de voltar para junto dela.

– Ah, não, não voltas. A tua mãe pode lá ficar sentada a ouvir o vento uivar.

A porta da cozinha abriu-se de novo e a Kiki entrou a correr. Parou a meio da sala de estar e fitou-nos. As suas mãos voaram-lhe para a boca para sufocar o espanto.

Afastei-me imediatamente do Nick. Ele tornou a encostar-se à cornija.

– Kiki, querida, é tempo de voltarmos. A mãe está à nossa espera.
– Vocês não vão – disse o Nick. – Está demasiado perigoso para ti, quanto mais para a Kiki.

– Eu não posso simplesmente deixá-la lá, Nick!

– Então, eu vou buscá-la – endireitou-se. – Tenho o meu oleado. Dá-me dois minutos. Eu trago-a comigo, ao colo, se for preciso.

– Nick, tu não podes!

– Porque não? Aqui estamos num ponto mais alto de que em tua casa. É mais seguro se nos mantivermos juntos. Sou eu quem deve ir, seja como for. Eu posso furar melhor pela tempestade do qualquer uma de vós.

– Não, Nick! – A Kiki abraçou-se às suas pernas. – Não vás!

Ele curvou-se e pôs os braços em volta dos ombros dela.

– Eu fico bem, querida. Não te preocupes.

– Tu não podes ir – disse-lhe a Kiki. – Tens de ficar aqui e casar-te com a minha irmã. Tu estavas a abraçá-la. Isso significa que a amas.

O Nick olhou-me com um ar culpado.

– «Da boca das crianças»¹³ – disse a tia Julie cruzando os braços.

O Nick deu uma palmadinha à Kiki e afastou-a com meiguice.

– Então, muito bem. Se vou, tenho de ir já. Tenho as minhas coisas para a chuva nas traseiras.

Segui-o pela cozinha até à arrecadação.

– Tu não tens de fazer isto. Fica, por favor. Ou deixa-me ir contigo.

– Tem de ficar alguém com a Budgie – disse ele, enquanto vestia o oleado e calçava as galochas. – Eu fico bem. É só uma borrasca de setembro. Já vi pior.

– E tudo pela minha mãe.

– Depois eu afogo-a.

– Eu ajudo-te.

Puxou a última galocha e eu estendi-lhe o chapéu.

– Tem cuidado lá fora – disse-lhe.

O Nick parecia ainda maior do que habitualmente com o oleado sobre os ombros e as robustas galochas a fazerem-no crescer mais um ou dois centímetros. Baixou os olhos para mim, que se iluminaram no seu tom de castanho-avelã.

– Oh, meu Deus, Lily – disse subitamente –, amo-te tanto. – As suas mãos cercaram-me o rosto. Beijou-me, sofregamente, nos lábios. – Haveremos de resolver isto. Hei de arranjar maneira de resolver tudo para ti. Jamais deixarei que alguém volte a fazer-nos reféns. Já desperdiçámos sete anos. Pensa no que poderíamos ter feito com eles.

– Vai buscar a minha mãe. – A minha voz estava rouca. – Eu vou ver se consigo falar com a Budgie.

Beijou-me de novo e saiu pela porta das traseiras, desaparecendo quase ao mesmo tempo que se ouviu o estrondo da porta a fechar-se e o uivo do vento. Encaminhei-me até à parte da frente da casa e espreitei pela janela da sala de

estar. Pareceu-me ver uma mancha amarela através da chuva, mas desapareceu de quase imediato.

Olhei para o relógio que propagava o seu tiquetaque sobre a cornija.

Eram quinze horas e vinte e dois minutos.

Para minha surpresa, a Budgie estava desperta quando subi, logo depois de o Nick sair.

– Ora, ora – disse ela, num tom algo sonhador. – Foi uma declaração de amor o que ouvi lá em baixo? Espero que não tenham partido a Delftware da minha mãe. Ela trouxe-a consigo da lua de mel.

– Nem penses em deitar a culpa sobre os meus ombros, Budgie Byrne. – Pousei a lanterna de petróleo e olhei pela janela para a rebentação das ondas, que eram já mais altas do que há um momento atrás.

– Greenwald – corrigiu.

– Por pouco tempo. – Voltei-me para ela. Parecia pálida, mesmo sobre as almofadas, sem batom e com o cabelo escorrido. Os seus olhos estavam enormes, como pires redondos com um rebordo escuro e o seu tom azul perdido na luz ténue.

– Este vai ser o combate da tua vida, querida – disse ela. – Não vou deixar que o recuperes tão facilmente.

– Ele nunca foi teu.

Fitou-me, piscando os olhos, e virou a cara.

– Vou dizer a toda a gente o que aconteceu. Vou arruinar a tua mãe. Vou arruinar a Kiki. Não vais poder ir para lado nenhum. Vais ver como é.

– Não me importa. Ao Nick tão-pouco lhe importa. A minha mãe pode ir para o inferno.

– É o que tu dizes. Mas o teu pequeno coração macio vai mudar. Não tens a força necessária para uma boa luta, nunca tiveste.

Apontei-lhe para o braço.

– E tu tens? Cortar os pulsos? Muito corajoso, Budgie.

– Ele apanhou-me de surpresa. Agora tenho tempo para repensar todo o assunto.

Sentei-me aos pés da cama e inclinei-me sobre as suas pernas.

– Ah, bom. Mais planos vindos desse teu cérebro diabólico. Diz-me: em que é que estás a pensar desta vez? Quais são as tuas novas intrigas para tornar toda a gente à tua volta ainda mais infeliz?

Levantou o braço esquerdo sobre a almofada, junto ao rosto, de tal modo que a ligadura lhe roçou no rosto.

– Eu só quis que tu fosses feliz. Trouxe o Nick para ele conhecer a irmã. Trouxe o Graham para te oferecer um marido. Fiz tudo por ti, mas não chegou. Sempre invejaste a minha beleza, a maneira como os homens me desejavam e querias tudo isso para ti.

Falava com uma mágoa de tal forma embriagada, com os cantos dos olhos

tão cheios de lágrimas, que eu senti a picada instantânea da verdade, daquele pequeno fragmento de verdade que a Budgie guardava para o efeito, mesmo quando estava sob o efeito de soporíferos e em desespero.

– Estás enganada – disse-lhe.

– Tu sabes que é verdade. Querias a minha vida, querias o meu marido.

A Budgie sussurrou as palavras no meio do ruído da tempestade, sem me encarar, e os meus olhos, por alguma razão, fixados na ténue pulsação na base da sua garganta, perscrutavam-lhe a pele com a velocidade de um coelho assustado.

«Meu Deus», pensei. «Ela tem medo de *mim*».

Apertei-lhe os pés com as minhas mãos, na cama estreita.

– Não, Budgie. Eras *tu* que os querias. Tu querias a *minha* vida e o *meu* Nick. Eles não te pertenciam e tu roubaste-mos. Tu podias ter dado um passo naquele inverno, podias ter dado um passo durante os últimos seis anos e ter-me dito a verdade e libertar-nos, mas não o fizeste. Ficaste a ver-me sofrer, ficaste a ver o Nick sofrer. Depois, quando acabou o dinheiro, usaste os teus segredos sujos para encurralar o Nick.

Por fim, ela virou-se para mim.

– Devias agradecer-me. Eu podia ter contado aquilo que vi naquela noite. Eu segui-os desde a festa, à tua mãe e ao pai do Nick, sabias? Vi tudo. Devias estar-me grata por eu ter mantido a boca fechada.

– Podias ter-me dito, por amor de Deus! Eu estava de rastos. Eu pensava que praticamente tinha matado o meu pai. Desisti do Nick por causa disso. – Larguei-lhe o pé para bater com o pulso na cama. – Tu podias ter-me *dito*! É para isso que *servem* os amigos.

A Budgie procurou erguer-se entre as almofadas, com os olhos flamejantes. A sua voz, pouco clara devido aos sedativos, balbuciava, em acessos de raiva produzidos da neblina do seu cérebro.

– E porque deverias tu ter tudo, Lily? Desde sempre todos te amaram. Até o Graham se apaixonou por ti, e ele nunca se apaixonou por ninguém. Tu e a tua adorável e virtuosa família, o teu doce e eunuco pai. Aposto que o *teu* papá nunca se esgueirou até ao teu quarto a meio da noite para te dizer como eras uma menina bonita, mas para não dizeres nada à mamã senão ela batia-te. Pois não?

O mundo inteiro pareceu avolumar-se e parar à minha volta. Até a tempestade parou por um instante, adiando a próxima rajada, com o choque. Ao longe e a uma impenetrável distância, ouvi a voz aguda da tia Julie exclamar alguma coisa para a Kiki.

Disse-me coisas que te fariam encaracolar os teus dedos dos pés, e que levarei comigo para a sepultura.

– Não – confirmo –, nunca o fez.

– Por isso, bem vês, na minha vida havia regras diferentes. Peguei nos meus duzentos paus por mês, muito obrigada, em vez de te dizer a verdade. Na altura pareceu-me a escolha óbvia. E quando o Nick me pediu o divórcio

na Bermuda, disse-lhe que ele tinha uma irmã e que se alguma vez quisesse conhecê-la, se quisesse ver a sua pequena Lily de novo, era melhor ficar comigo e fazer de conta que era o marido apaixonado e não dar um pio. Nem um simples e adorável pio.

– Budgie...

– Oh, olha para ti, com os teus bonitos olhos azuis, cheios de pena da Budgie. Sabes quantas vezes me olhaste assim? Vocês os dois, tu e o Nick. E eu simultaneamente desejava e odiava isso. – Tornou a cair na cama e fechou os olhos. Usava uma camisa de noite, apercebi-me por fim, de seda, cor de pêssago, com renda cor de marfim, sob um robe de seda, aberto, num tom de pêssago a condizer. Brilhava-lhe esplendorosamente sobre a pele, mesmo na penumbra. Ela devia tê-lo vestido quando o Nick chegou naquela manhã. As curvas dos seus seios, ainda incongruentemente cheios, a renda a desaparecer na sombra do decote.

– Agora que perdi o meu horrível bebé e o meu horrível marido, que raio é suposto eu fazer, Lily? Tu que sabes sempre o que é certo.

A tia Julie vinha a subir as escadas. O ruído dos seus passos rompeu o rugido e o uivo da tempestade lá fora, e as velhas tábuas da casa da Budgie rangeram sob os seus pés.

Imaginei qual teria sido o indescritível quarto da Budgie quando ela criança. Este? O que ficava do outro lado da entrada?

– Tu sabes o que é certo, Budgie – prosseguiu. – Sempre soubeste. Não é difícil. É muito mais fácil do que estar permanentemente contra tudo e todos.

A porta do quarto abriu-se. A tia Julie apareceu, com o rosto ansioso.

– A Kiki está contigo? – perguntou.

Saltei da cama.

– Não! Pensei que ela estava consigo! Não está?

– Oh, Jesus! – levou as mãos ao cabelo. – Ela desapareceu! Procurei-a por todo o lado!

Voei pelo chão.

– O sótão! Já viu no sótão?

– Ainda não.

Fui até às escadas de acesso ao sótão e chamei-a. A minha voz refletia o pânico:

– Kiki! Kiki! Estás aí?

Silêncio.

– Kiki, não te escondas! Por amor de Deus, não é altura para brincadeiras! Por favor, diz-nos que estás segura! Por favor, querida!

As minhas palavras ecoaram indistintamente.

A tia Julie deu um pequeno grito. Torcia nervosamente as mãos.

– Ela não saiu, pois não? Ela não iria lá para fora. Não ouvi a porta.

– A cave?

– Já procurei na cave, maldição!

Voltei-me e dei com os seus olhos. O coração bateu-me contra o peito,

espalhando o pânico através de cada canal do meu corpo.

Adrenalina.

Para onde poderia ter ido? *Pensa como a Kiki.* Porque sairia? O que poderia ter atraído a minha preciosa irmã para a rua, para as goelas de uma tremenda borrasca de setembro?

O quê, realmente?

Com um estalo, como a última peça a encaixar-se num *puzzle*, o meu cérebro deu a resposta impensável.

– O Nick – ocorreu-me. – Ela foi com o Nick.

13 Salmo 8,2. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 23

Seaview, Rhode Island

Tarde de quarta-feira, 21 de setembro de 1938

A tia Julie e eu precipitámo-nos escadas abaixo, com os pés a sapatearem juntos pelos degraus de madeira. Alcancei primeiro à porta, abri-a prontamente para uma cortina de chuva e vento e gritei *Kiki! Kiki!*, mas as palavras foram-me devolvidas à cara.

– Não adianta! – disse a tia Julie.

Corri até à cozinha e depois para a arrecadação. Havia outro oleado pendurado à espera dos constantes dilúvios do mais molhado e quente dos verões. Enfiei-o. As galochas da Budgie eram demasiado pequenas, mas de qualquer modo consegui calçá-las e puxei o capuz do oleado para me cobrir a cabeça.

Tive de forçar a porta para conseguir abri-la, baixando o ombro e empurrando-a com todas as minhas forças, até que ela acabou por saltar dos gonzos. O vento apanhou-a e lançou-a pelo ar como se fosse uma bola de praia, e desapareceu.

Avancei, vacilante, para a tempestade, gritando o nome da Kiki. Não conseguia ver nada. Nos últimos dez minutos, o céu escurecera, a chuva enchera de tal maneira o ar que em vez de respirar era como se bebesse água. Se abrisse a boca, afogar-me-ia. Apoiei a mão na parede da casa e curvei-me contra o vento, mas era inútil. Caí no chão e rastejei, e a água chapinhava em volta das minhas mãos, joelhos e pés, espumante e repleta de pedaços de algas, picando-me como agulhas de sal e areia.

Passo a passo, metro a metro, consegui rastejar até à parte lateral da casa. Passei pelas hortências, que o vento quase despira de flores e de folhas. Rastejei por entre as vagas de chuva. Alcancei a extremidade do alpendre, agarrei-me ao poste e consegui pôr-me de pé.

– *Kiki!* – gritei.

A praia de Seaview estava à minha frente, mas não existia. Só havia água, vagas enormes, estirando-se sobre o suave declive na direção da casa da Budgie. Água era tudo o que eu conseguia ver; não havia céu, outras casas, ou carros na rua. Não avistei as figuras familiares do Nick e da Kiki, coladas uma à outra como tinham andado durante todo o verão.

– *Nick! Kiki!* – gritei. – *Nick! Nick!*

De onde tinha vindo, este mar? Nunca tinha visto uma tempestade assim. Não conseguia aguentar, não conseguia respirar.

Vinda do alpendre, uma mão pousou-me sobre o ombro.

– *ENTRA!* – gritou a tia Julie. – *VEM PARA DENTRO!*

– *NÃO POSSO!* – respondi a gritar.

– ENTRA!

Rastejou sob o alpendre e aterrou na água ao meu lado. Não usava qualquer capote. Agarrou-me pelas pernas e puxou-me.

– ENTRA! NÃO PODES DEIXAR-ME SOZINHA! PRECISO DE TI!

Eu soluzei, gritei o nome da Kiki, o nome do Nick. A tia Julie arrastou-me pelo braço ao longo da frente do alpendre, puxou-me pelas escadas com a tempestade a fustigar-nos as costas. Chegámos ao alpendre no exato momento em que o vento arrancou o meu telhado, fazendo-o voar.

– DESAPARECEU! – A tia Julie também soluçava. – VEM PARA DENTRO!

Rastejámos até à porta e tentámos abri-la. Contra o vento nem se mexia.

Puxei, com toda a força. O uivo da tempestade invadia-me os ouvidos e o cérebro, até sentir cada puxão nos meus ossos. As mãos ossudas da tia Julie fecharam-se nas minhas e as duas puxámos com força.

Por entre o caos, algo mudou. Algo ganhou forma e se ergueu na escuridão amarelada. Senti-o nas minhas costas. Voltei-me e olhei para a praia.

Estava a formar-se uma parede escura, tão alta como uma casa.

– VAMOS PARA DENTRO! – gritei para a tia Julie.

Juntas, puxámos pela porta, com os dedos a fazerem de alavancas, até que esta se abriu cerca de vinte centímetros deixando inundar o chão da entrada. Afiquei-me para entrar e puxei a tia Julie atrás de mim.

Não parei. Corri escadas acima.

– Budgie! Vem aí um vagalhão! Rápido! Vamos para o sótão!

A Budgie olhou-me das suas almofadas.

– Não sejas tonta.

– Já, Budgie!

– Onde está o Nick?

– Está em casa da minha mãe. Ele está seguro. Anda! – Vi que ela não se mexia. Fui até à cama, levantei-a e dobrei-a sobre o meu ombro, com a força sobrenatural do pânico. Ela gritou a bateu com os punhos nas minhas costas.

Adrenalina.

A adrenalina puxou-nos pelas escadas para o sótão às escuras, com a Budgie a espernear e a tia Julie logo atrás.

A adrenalina sentou a Budgie numa velha cadeira de braços e mandou-me a voar até às janelas baixas, tapando todos os cantos com cobertores, lançando-os à tia Julie, enquanto a chuva retumbava e os vidros das janelas assobiavam.

A adrenalina arrastou as portas das pilhas sobre o chão do sótão, onde os operários as tinham deixado, obedecendo às instruções da Budgie para arrancarem tudo e deixarem o espaço aberto com tudo pintado de branco. A adrenalina apoiou-as contra as janelas voltadas para o mar, até que a divisão escura ficou praticamente negra.

Um instante depois senti o impacto, quando a parede de água atingiu a casa, a rodeou, transformando-a numa simples ilha de madeira no meio do

grande mar. Ouvi o oceano a esmagar-se contra as janelas, portas e paredes abaixo de nós, invadir as salas onde tínhamos estado há poucos momentos, onde o Nick arremessara o vaso azul e branco com uma fúria incontrollável e depois se dobrara no seu oleado e me dera um beijo de despedida.

– O que está a acontecer? – gritou a Budgie. Caiu da cadeira de braços e começou a rastejar para junto de mim.

Aproximei-me dela, peguei nela e aconcheguei-a a mim.

– É a vaga, Budgie. A água está a rodear a casa. Estamos cá em cima, não te preocupes. Não nos vai alcançar.

Chegou mais uma onda. Conseguia sentir as fundações a absorverem o impacto e o choque a propagar-se através das madeiras. O chão sob nós movia-se. A Budgie voltou a gritar e escondeu a cabeça no meu peito. O seu cabelo, quente e seco, absorvia a humidade da minha camisa.

– O Nick! Onde está o Nick? – perguntou.

– Ele está bem. Está em segurança. Sossega. – O meu corpo estremeceu. As lágrimas escorreram-me pelo rosto e caíram-me na boca. Apertei a Budgie contra mim. A tia Julie arrastou-se pelo chão e juntou-se a nós.

Aconchegámo-nos, molhadas e arrepiadas. Chegou mais uma onda e a casa começou a inclinar-se.

– Oh, meu Deus! – exclamou a Budgie. – Oh, meu Deus! Vamos morrer!

Pensei que, se eu me mantivesse sentada, imóvel, talvez isso não acontecesse. Talvez se eu continuasse aqui sentada, se me agarrasse à Budgie, se me agarrasse à tia Julie, a casa deixasse de abanar no seu eixo e não se desintegrasse, pilar a pilar, sob os nossos corpos, a água deixasse de rebentar sobre os soalhos, e a Kiki regressasse com o Nick.

A água começou a pingar através dos cobertores, sob as portas apoiadas às janelas.

– Já chegou ao sótão – disse a tia Julie num espanto quase calmo.

As tábuas começaram a rachar. A água principiou a jorrar nas junções entre as tábuas do soalho e as paredes.

Levantei-me.

– Agarrem-se a uma porta, todas. Rápido!

O cheiro a sal e chuva enchia o ar. A Budgie levantou-se, cambaleante. Puxei uma das portas da pilha e icei-a para cima dela.

– As portas flutuam – afirmei. – Agarra-te. Agarra-te com tudo o que pudes, Budgie.

– Não posso – respondeu ela.

– Podes.

A tia Julie estava já a puxar uma porta para si. Ajudei-a e tirei uma para mim, no exato momento em que uma nova vaga levantava a casa das fundações, fazendo-a balouçar e começando depois a desfazê-la em pedaços.

As janelas esmagaram-se. A água alagava tudo.

– Saiam de baixo do telhado! – gritei. – Antes que ele caia!

A Budgie levantou-se, esforçando-se por arrastar a sua porta. Larguei a

minha e fui ajudá-la a puxar a porta para o chão inundado, varrido pelo mar. As paredes começaram a estilhaçar-se. De um dos lados abriu-se uma enorme fenda, deixando passar a água. Puxei a porta através da fenda e puxei também a Budgie comigo e, repentinamente, estávamos a flutuar, puxadas por uma infundável onda de água salgada.

– Segura-te! – gritei-lhe. Estávamos de bruços, lado a lado, sobre a porta. Não fazia a mínima ideia de onde estávamos ou para que lado ficava o continente. Não fazia a mínima ideia se conseguiríamos manter-nos a flutuar assim, através do que restava da baía de Seaview. Procurei perceber qual seria a direção da água, para dar aos pés e tentar chegar a terra.

Algo embateu contra nós: a tia Julie, agarrada à sua porta.

– Dê aos pés! – gritei-lhe. – Procure chegar a terra! É a única maneira!

A água arrastou-a.

– Dá aos pés! – ordenei à Budgie e ela começou a fazê-lo com pouca força e depois parou.

Eu bati os pés com toda a minha força, enquanto a chuva me caía nas costas e o vento me batia e entorpecia. Se eu ainda estava viva, o Nick e a Kiki também podiam estar vivos. Tinha de continuar. Tinha de alcançar a costa.

Cobri metade da Budgie com o meu corpo, procurando que a nossa posição sobre a porta ficasse mais firme, e bati fortemente os pés enquanto o mar agitado nos transportava na sua palma. Já antes tinha nadado sobre ondas do mar, deixando meu corpo deslizar ao longo da superfície desde o pico da onda até à sua rebentação. O truque era não ir contra ela. A água é a senhora; o oceano manda. Montam-se as ondas como se monta um cavalo com o freio nos dentes, simplesmente mantendo-nos à tona e rezando para que não nos leve para muito longe.

Prendi o corpo da Budgie debaixo do meu. O seu cabelo encharcado entrava-me pela boca. Senti o sabor do sangue, acre e metálico. Deixei de bater os pés, exceto para manter as nossas costas voltadas para o vento. Mantive os olhos fechados contra a chuva e o vento, exceto para procurar perscrutar para onde íamos. Por vezes conseguia avistar a tia Julie, uma mancha contra a massa cinzenta que a levava, montada numa das portas arrancadas da casa da Budgie, inerte. Ela tinha de estar viva, pensei, ou já não estaria em cima da porta. Nada conseguia parar a tia Julie. Não havia tempestade que a conseguisse levar.

Quando o Atlântico em fúria me arremessou contra a baía, a água me engoliu e os destroços das casas de praia de Seaview se esmagaram sobre a minha frágil jangada, pensei: Que diabo irei eu fazer se sobreviver?

*

Quando demos à costa, a porta virou-se e despejou-nos na água. Peguei na Budgie pelos ombros e arrastei-a a cambalear através das ondas, com os nossos pés a escorregarem sobre a areia repleta de destroços, para cima, sempre para cima, contornando árvores e amoreiras, até estarmos livres do

ávido oceano. Bati contra alguma coisa, um tronco de madeira arremessado pela fúria do mar, e num último impulso lancei os nossos dois corpos sobre ele e caímos abrigadas por ele. A Budgie gemeu e acocorou-se junto a mim, arrepiada. Pus os braços em volta dela e segurei-a, com o rosto virado para o chão, apenas com espaço suficiente para respirar.

Não sei quanto tempo ali estivemos. Eu vagueei num estado intermédio entre o consciente e o adormecimento, agarrando a Budgie, trémula, com as minhas mãos geladas e doridas, absorvendo a chuva e o vento por nós as duas. Os seus dedos enrolaram-se em volta dos meus braços. Ela tinha a pele completamente molhada e fria, os membros mirrados e frágeis. Só a sua respiração era quente, espalhando-se como o toque de uma pluma na cova da minha garganta.

A certa altura, um ramo de árvore foi lançado pelo mar contra nós, arranhando-me as pernas e as costas, mas a dor só veio juntar-se à da imensa área de equimoses e arranhões que me cobriam.

Ao fim de algum tempo, a Budgie deixou de ter arrepios e ficou sossegada nos meus braços. Pensei que ela estivesse a dormir, que acordaria depois de a tempestade passar. Continuei a agarrá-la, porque se eu a apertasse suficientemente, poderia passar-lhe a minha força, trazê-la de volta à vida.

Tão repentinamente como chegou, a tempestade partiu. O uivo do vento começou a perder intensidade e acabou por desaparecer. Uma última bâtega de chuva caiu sobre as minhas pernas e desvaneceu-se num chuveiro. À medida que o volume do ruído diminuía, ouvi o som de uma voz vinda das árvores. Lutei por me endireitar, ainda a agarrar a Budgie, e gritei:

– Olá!

A voz fez-se de novo ouvir, agora mais forte:

– Lily?

– Tia Julie?

– Estou aqui! Lily!

Ela rompeu ruidosamente através das amoreiras, algures do meu lado esquerdo. Procurei descortinar a sua forma através da penumbra turva.

– Oh, graças a deus! – disse ela. – Estiveste sempre aqui? Eu estava a gritar por ti! Oh, querida. Onde estás?

– Aqui! – chamei. – Tenho a Budgie comigo!

A tia Julie apareceu vinda de trás de uma árvore, as suas roupas em farrapos molhados. Eu ainda estava de joelhos, segurando o corpo mole da Budgie. Ela baixou-se e lançou os braços em volta de nós.

– Oh, querida. Aqui estás, finalmente.

Os seus braços apertaram-me e depois caíram.

– Lily... a Budgie. Ela está...

– Desmaiou. Ela estava tão cansada.

– Querida, ela está morta.

Empurrei a tia Julie com o cotovelo.

– Ela não está morta! Está a dormir; estava muito cansada. Está a dormir.

– Querida, querida. – A tia Julie agarrou-me os braços, mas eu não largava a Budgie. Então a tia Julie abriu-me os dedos, um a um, até ficarem soltos. Pegou na Budgie e afastou-a de mim deitando-a no chão molhado. O cabelo da Budgie caí-lhe pelas têmporas, expondo um golpe aberto no couro cabeludo, com a pele revirada numa aba branca e espessa. – Pobre rapariga – murmurou a tia Julie.

– Ela não está morta, ela não está morta – disse eu, repetidamente, sobre a camisa da tia.

– Pobre rapariga. – Acariciou-me as costas com os seus longos dedos de unhas partidas. – Pobre rapariga.

*

Passámos a noite abrigadas num velho estábulo de pedra, aconchegadas uma à outra, ao frio, depois de termos passado horas a procurar e a chamar pelo Nick, pela Kiki e pela minha mãe. Encontrámos a senhora Hubert: montada no canto da frente do telhado do seu sótão percorrera toda a baía de Seaview para vir dar à costa no mesmo sítio. O senhor Hubert, contou ela, com o estoicismo glacial característico de Nova Inglaterra, escorregara a meio caminho e desaparecera no meio das ondas.

Deitámos o corpo da Budgie junto à parede. Não tínhamos nada para a cobrir. Ficou ali estendida, com a sua camisa de noite, de seda cor de pêssego, e o seu robe também de seda da mesma cor, com manchas escuras de sangue e o braço esquerdo envolto em ligaduras sobre o peito; o cabelo espalhado sobre a lama, emaranhado e em desalinho. Dei por mim a pensar que ela teria odiado que a víssemos naquele estado.

Passado algum tempo, passaram dois homens, que estavam a preparar o jardim dos Langley para o resto do inverno quando a tempestade surgiu. Tinham andado à deriva pela baía em cima de um pedaço de uma resistente cerca de ripas brancas para darem à costa não muito longe dali. Não, não tinham visto um homem com uma menina, nem na baía nem na costa. Continuaram a caminhar em direção à cidade e disseram que iam avisar as pessoas de que nós estávamos ali e pedir que alguém viesse recolher o corpo da Budgie.

O céu clareou e as estrelas apareceram. Um brilho enchia o horizonte, tão reluzente como a madrugada.

– Fogos – disse a senhora Hubert, movendo a cabeça judiciosamente.

Procurei olhar através da baía para Seaview Neck, mas as árvores tapavam-me a visão e tudo o que via eram as sombras onde o Nick e a Kiki deviam estar. Olhei sem entender, como se o meu cérebro se tivesse separado em duas metades, uma assimilando a informação sensorial e a outra bloqueando-a, recusando-se a aceitar o que via, ouvia e cheirava nos processos superiores do pensamento. Na minha mente desenhei uma imagem dos olhos cor de avelã do Nick, o seu coração a bater com um ritmo regular

sob a minha mão; esbocei os suaves caracóis do cabelo da Kiki e os seus membros bronzeados. Mas os contornos desapareciam mesmo antes de os ter formado. Não conseguia reter a imagem. Não conseguia lembrar-me dos seus rostos.

Então voltei-me para a Budgie. Compus-lhe o cabelo o melhor que pude tapando-lhe o golpe rosáceo desmaiado na têmpora. Encostei-me ao seu lado, porque ela tanto detestava estar só, e observei o modo como o esplendor incandescente dos fogos de New London contornava o fino perfil do seu nariz. Um nariz tão direito, tão orgulhoso, o famoso nariz Byrne.

Por alguma razão, a vista pareceu aliviar o peso frio que me pressionava o coração.

Quando acordámos, de madrugada, arrepiadas e molhadas, a senhora Hubert ofereceu-se para ficar com a Budgie enquanto eu e a tia Julie íamos procurar ajuda.

– Tenho de encontrar o Nick e a Kiki – disse. – Tenho a certeza de que estão tremendamente preocupados connosco.

A tia Julie manteve-se calada.

Tínhamos dado à costa no outro lado da baía de Seaview, um pouco para leste. Metemo-nos a caminho, descalças, por entre o arvoredado, tropeçando em espinheiros e em pedras, e o nosso avanço era lento. Estava tudo molhado e pejado de destroços. Pisei algo duro e afiado e descobri que era uma forma para gelatinas.

A cada momento, o dia ficava mais bonito, calmo e limpo, os suaves raios de sol espalhavam calor pelo ar. Não tinha o meu relógio, mas não passaria muito das sete horas. O terreno começou a inclinar-se à medida que subíamos a encosta sobranceira a Seaview. Alcançámos a estrada, que era quase invisível sob as árvores derrubadas, os cabos de telefone, as folhas e os ramos e destroços de telhados. Alguns carros imobilizados estavam amolgados e cobertos por folhagem.

Quando nos aproximámos do desvio, comecei a correr. A tia Julie deteve-me.

– Devemos ir à cidade primeiro – disse ela. – Eles devem ter notícias. Podemos arranjar alguma comida e alguém que nos ajude com a Budgie. Acho que a senhora Hubert não conseguirá vir a pé pelo meio do arvoredado, sem ajuda.

Abanei a cabeça, atordoada pela fome, atordoada pelo cansaço, atordoada pela dor.

– Primeiro, precisamos de encontrar o Nick e a Kiki. Eles podem estar magoados.

– Precisas de comer.

– Preciso de os encontrar.

Chegámos à curva da estrada. A tia Julie procurou a minha mão e pegou-

lhe com força.

Mais um passo, e outro, e Seaview Neck revelou-se à minha frente desde a encosta da colina.

Ou o que antes fora Seaview, num outro mundo.

O mar tinha quebrado a península em diversos sítios, onde o terreno era mais baixo. Havia destroços por todo o lado: madeiras e mobiliário, roupas, o toldo em farrapos verdes e brancos do clube. A água lambera inocentemente toda a Neck Lane.

Não havia casas absolutamente nenhuma.

Nem uma casa, nem um cais, nem uma vedação. Nem o edifício do clube de Seaview, nem o terraço dos Greenwald, onde a Budgie e o Graham se tinham encontrado como animais, à noite, e possivelmente concebido uma criança sobre os bancos almofadados.

Nem a casa dos Palmer, ou a dos Greenwald, nem a velha casa Dane ao fim da rua. Nenhuma das quarenta e três casas da Seaview Association permanecia de pé. O decrepito retângulo dos alicerces da casa dos Hubert estava escancarado ao ar da manhã, cheio de água como se fosse uma piscina.

O sol, já no alto, iluminava tudo.

Os ossos desintegraram-se nas minhas pernas. Caí de joelhos sobre as algas duras ao lado da estrada.

– Desapareceu – suspirei.

A tia Julie ajoelhou-se a meu lado.

– Querida. Meu Deus. Que lástima. Oh, querida.

Uma brisa ligeira fez ondular as pontas dos meus cabelos. Puxei pelas algas ao lado dos joelhos e contemplei o vaivém do mar na enseada onde eu costumava nadar nua durante a manhã. O sol traçava uma linha diagonal ao longo do muro lateral do velho baluarte. À sua sombra, algumas gaivotas bicavam nas rochas. Inalei a mistura dos aromas do sal e da vegetação no ar, a sua frescura recentemente varrida pelo mar.

A tia Julie puxou-me pelo braço.

– Vamos, querida. Vamos até à cidade arranjar algo para comer. Talvez eles já lá estejam, talvez tenham conseguido.

– Eles não conseguiram, tia Julie.

Ela ficou imóvel. A bainha do seu vestido, rija com o sal seco, roçou contra o meu rosto.

– Vamos, Lily. Temos de ir.

Passou um minuto. Outro ainda.

– Lily?

– Espere – murmurei –, espere.

– Vamos.

Levantei-me, mas não me dirigi até à curva, não fui para a cidade à procura de comida e de notícias. Em vez disso, fiquei ali sobre as algas destruídas, com a mão em pala sobre a sobranceira, porque me pareceu ter avistado algo amarelo no meio dos destroços de Seaview Neck.

– O que é? – perguntou a tia Julie.

Não me mexi, não pestanejei. Pareceu-me sentir cada pelo do meu corpo eriçado com atenção.

O amarelo desaparecera.

Semicerrei os olhos e esperei. Uma gaivota guinchou sobre mim e mergulhou, mais e mais, até à beira-mar da praia completamente destruída, onde as aves se juntavam para lutarem pelos pedaços de animais mortos trazidos pela maré.

Por detrás de um canto de uma chaminé em ruínas, a mancha amarela reapareceu.

Desatei a correr em direção ao ângulo da aproximação, com os meus pés descalços e ensanguentados a baterem no pavimento e a saltarem sobre os destroços. A tia Julie, atrás de mim, chamava-me, mas a voz dela pertencia a um universo diferente.

Adrenalina.

Reuni cada uma das derradeiras centelhas de energia dos meus músculos, cada último fôlego de oxigénio dos meus pulmões. Corri pela minha vida.

O mar tinha rebentado o quebra-mar de Seaview Neck pela base. Patinhei sobre as ondas até me chegarem aos joelhos, abrindo caminho por entre pedaços de madeira flutuante e mobiliário partido, e um caixote de copos altos intactos do bar do clube. Passei por uma escrivaninha, inclinada em ângulo agudo, com a água a lamber o puxador da terceira gaveta.

Alcancei areia dura e acelerei.

A Neck Lane já não existia, nem caminhos de gravilha para me orientar. Tudo fora coberto com areia. Mas eu conhecia o caminho. Desde criança que eu palmilhava aquela rua: tinha corrido, brincado e saltado à corda, tinha aprendido a andar de bicicleta e a guiar um automóvel, tinha comido o primeiro cone de gelado com a Budgie e feito amor com o Graham Pendleton no banco de um carro, em muitos sítios ao longo de toda a sua extensão. Tinha passeado aqui com o Nick Greenwald e sentido novamente o meu coração a bater.

Agora, batia de novo, bombeando sangue através do meu corpo, para que quando a mancha amarela se revelasse novamente à minha vista eu ainda tivesse força para libertar um só grito do peito.

Porque agora eu conseguia ver que a mancha amarela era o capote oleado do Nick e que estava embrulhado em torno de uma pequena figura de cabelo escuro, cuja cabeça erguida se movia e estava com toda a certeza viva. A figura era carregada por um homem alto de ombros largos, de peito nu e pés descalços, com cabelo castanho desordenadamente encaracolado ao sol e cujo braço se erguia sobre o céu azul e me acenava.

As velhas pedras do baluarte avistavam-se por detrás deles, robustas, altaneiras desdenhosas dos furacões do Atlântico.

As forças abandonaram-me. Corri mais um pouco até cambalear em passos lentos e depois parar. Tentei manter-me de pé, mas não consegui.

Afundi-me sobre os joelhos na areia suja e esperei.

Foi como se tivessem passado horas até a mão do Nick me tocar no ombro, antes de ele se lançar na areia ao meu lado, com a Kiki ainda enrolada nos seus braços.

– Obrigado, meu Deus – disse ele, com voz rouca.

Eu não consegui dizer nada. Pus o braço em volta do pescoço da Kiki e enxuguei as faces molhadas sobre o peito nu do Nick.

– Dói-me o braço – disse a Kiki. – O Nick pensa que pode estar partido. Ele ligou-o com a camisa dele. Diz que sabe tudo sobre ossos partidos.

– Oh, querida – disse eu. – Oh, querida.

Ela continuou a falar.

– Viste a mãe? Ela não quis ir para o baluarte connosco. Insistimos e insistimos, mas ela não quis ir. O vento era tão forte que o Nick teve de me levar às costas.

– Mas o Nick foi mais forte, não foi? – suspirei.

Ela acenou com a cabeça.

– O Nick diz que a mãe deve ter ido para o alto da casa, mesmo até lá acima. Ele diz que ela deve estar à nossa espera na cidade.

– Aposto que foi isso mesmo que ela fez. Foi o que nós fizemos. Só que usámos as velhas portas que estavam no sótão dos Greenwald.

As costas do Nick agitaram-se ligeiramente. O seu braço apertou-se à minha volta como um torno e encostou o rosto ao meu cabelo. Consegui sentir as lágrimas dele a caírem sobre a minha pele.

A Kiki disse:

– O Nick ia voltar para ti, mas nessa altura a água já estava a cercar o baluarte. Mas ele disse que tu havias de arranjar uma saída. Ele tinha a certeza disso. Disse-me isso a toda a hora, para eu não me preocupar.

– Sim, querida. O Nick estava certo. Arranjámos uma saída. Eu não ia desistir.

A Kiki caiu em silêncio e ficámos sentados juntos e abraçados durante algum tempo entre as ruínas de Seaview, sem falar. A maré estava de novo a encher, coberta de roupas, como se alguém tivesse despejado um roupeiro inteiro no quebra-mar, só que o próprio quebra-mar desaparecera no oceano e não havia mais seres humanos vivos em Seaview Neck. As ondas foram trazendo até nós um par de calções de ténis, cada vez mais perto a cada nova onda, branco nu à luz do sol da manhã.

– Tenho fome – disse a Kiki. – Vamos procurar o pequeno- almoço.

EPÍLOGO
Seaview, Rhode Island
Junho de 1944

Casei-me com Nicholson Greenwald no Dia de S. Valentim em 1939, perante cerca de quarenta convidados na capela da Igreja do Repouso Celestial no cruzamento da Quinta Avenida com a Rua 90, com a Kiki como dama de honor. Ela e eu trajávamos vestidos brancos simples a condizer, o meu debruado no pescoço e nas mangas com pele de inverno e o dela curto e sem qualquer tipo de folhos ou franjas. Um rabino, trazido pelos dois simpáticos primos Greenwald – que foram os acompanhantes do Nick –, também abençoou a união. O meu pai ficou sentado na sua cadeira de rodas na fila da frente, ao lado da mãe do Nick e, embora eu não conseguisse tirar os olhos do rosto do Nick, sabia que o meu pai sorria quando pronunciámos os nossos votos.

Inicialmente tínhamos planeado uma cerimónia ao ar livre no final da primavera, deixando decorrer um período mais digno entre a impressionante morte da primeira mulher de Nick Greenwald durante o grande furacão e o seu casamento com a mulher que tinha seduzido e abandonado sete anos antes, mas pelo Natal eu já esperava um bebé («Descuido meu», dissera Nick, aparentando não estar nada arrependido) e a Kiki começara a perguntar porque é que o Nick mantinha uma escova de dentes no copo do lavatório da casa de banho se ainda não podia vir viver connosco. As saídas forçadas do Nick quando chegava a noite não eram nada práticas para ele e para todos nós eram insuportáveis.

O escândalo rapidamente arrefeceu, como sucede aos escândalos quando os protagonistas agem com discrição. Após o casamento, deixámos a Kiki com a tia Julie e fomos de automóvel para a Florida durante duas semanas, que na sua maior parte passámos nus e na cama, fazendo amor, pedindo as refeições no quarto e discutindo nomes para o bebé, cada um mais ridículo que o anterior.

Quando regressámos, pálidos e ditosos, as unhas dos pés da Kiki estavam pintadas de escarlata e as suas orelhas já estavam furadas. Insistimos em voltar a fechar os furos das orelhas até ela completar dezoito anos, embora tivéssemos concordado, algo renitentes, em deixar ficar o verniz vermelho. A tia Julie renovava-lho normalmente uma vez por semana, quando o Nick e eu saíamos para jantar fora.

Nunca fomos a Paris. Depois da lua de mel, vendemos o apartamento grande do Nick no Upper West Side e o nosso na Park Avenue, e mudámo-nos para Gramercy Park com a Kiki encantada por isso. Quando o espaçoso apartamento de três quartos ao nosso lado vagou, ficámos com ele e

conseguimos completar a sua consolidação e renovação mesmo a tempo da chegada do bebê, em setembro, pouco menos de um ano após o Grande Furacão de 1938 e sete dias depois de a Grã-Bretanha ter declarado guerra à Alemanha.

Com a nossa nova família a prosperar, o Nick vendeu a sua posição maioritária na Greenwald and Company aos seus sócios mais jovens e começou a trabalhar nos planos para a reconstrução da casa em Seaview Neck. Os habitantes locais e os membros restantes da Associação de Seaview – senhora Hubert incluída – pensaram que éramos loucos e disseram-no, mas à medida que as fundações cresciam e as paredes de sólido granito de Nova Inglaterra se iam erguendo sobre elas, muitos se dirigiram ao Nick pedindo-lhe que desenhasse também para eles novas casas. Entretanto, depois de muitas e infundáveis insistências com o Nick, comecei a enviar histórias para o jornal local durante o verão, a maior parte sobre os esforços regionais de reconstrução e, em pouco tempo, os meus artigos já eram publicados pelos jornais de todo o nordeste.

Ao chegarmos a dezembro de 1941, mais de três anos depois da tempestade, eu estava grávida de vários meses do nosso segundo filho, escrevia regularmente artigos na imprensa e, com a ajuda do Nick, coligia material para um livro sobre o furacão e o seu rescaldo. Pelo menos dez casas de praia construídas com pedra tinham reaparecido em Seaview Neck, e discutíamos tranquilamente a possibilidade de construir um novo clube.

Porém, neste dia especial, 6 de junho de 1944, o pensamento sobre um clube em Seaview era a coisa mais distante da minha mente.

De madrugada, a tia Julie batera-me à porta com notícias da invasão da Normandia e estávamos agora sentados nas rochas onde se erguia o baluarte, a olhar para o mar e a rezar pelo papá e por todos os outros soldados.

O Nick, evidentemente, era agora o papá. Até a Kiki começou a chamá-lo assim, quando o pequeno Nick conseguiu pronunciar a palavra, embora o meu pai vivesse connosco em Gramercy Park e estivesse neste momento sentado no seu quarto em Seaview, contemplando a baía. O termo afetuosos parecia natural para todos nós. Ainda não lhe tínhamos contado a complicada história da sua paternidade, embora ela agora já tivesse quase doze anos e se interrogasse porque é que se parecia tanto com o homem com quem a sua irmã se casou. Seja como for, ela amava o Nick como um pai; chorou durante dias quando ele partiu para Inglaterra no seu impecável uniforme de tenente; acompanhou o avanço da unidade do Nick com um zelo religioso.

Tal como eu. Quando o sol se erguia no horizonte a oriente, imaginava que conseguia ouvir os grandes canhões a bombardearem a areia das praias do desembarque, as ordens de comando do Nick a penetrarem o caos e a atravessarem o oceano. Recordava-me dele durante o jogo de futebol na praia, dos seus olhos de pirata e da sua vontade férrea, dirigindo e ensinando à

medida que o jogo se desenrolava. Seria isso o que ele estaria a fazer agora, no meio da batalha? Ou ainda estaria em Inglaterra a aguardar a sua vez nos barcos da invasão?

Ainda estaria vivo?

Se não estivesse, eu certamente saberia. Com toda a certeza, se o coração de Nicholson Greenwald parasse de bater, o meu teria sentido um sobressalto nesse momento, uma paragem momentânea, como quando uma corrente é separada da sua fonte.

Eu estava sentada nas rochas a inspirar o familiar sal do Atlântico. Observava os nossos dois jovens filhos a brincar na enseada, com a Kiki atenta a tomar conta deles, rindo e patinhando, completamente alheios aos olhos vermelhos e ao rosto ansioso da sua irmã. Pus a mão sobre a enorme curva do meu ventre de nove meses, o presente de despedida que o Nick me ofereceu, e esforcei-me arduamente por não desejar que o Nick não fosse o Nick, que não se tivesse sentido obrigado a alistar-se numa comissão no Exército quando as notícias de Pearl Harbor estalaram pela primeira vez na rádio, através do sotaque arrastado de Hyde Park do presidente Roosevelt.

Mas o Nick era o Nick, e não só completara a sua preparação como oficial com louvor e distinção como ainda usara toda a influência que possuía para ser mobilizado para uma unidade de combate. Disse-me, enquanto eu me deitava na cama a chorar com as notícias, que esperava este combate, que se tinha preparado para este combate desde que viajara pela Europa com os seus pais quando era estudante universitário. Que era seu dever pegar em armas contra Hitler. Que pensaria em mim e nas crianças em todos os momentos e que se iria manter vivo e inteiro para todos nós.

Quando lhe disse que não podia prometer algo assim, puxou-me para si e murmurou que sobrevivera a um furacão para meu bem e da Kiki, e que um único furacão tinha mil vezes mais poder destrutivo do que uma simples guerras de homens.

A mão de alguém tocou-me no ombro.

– Ainda não tens fome? – perguntou a tia Julie, com um cesto de piquenique pendurado na outra mão.

Eu estava demasiado apreensiva para comer, mas o bebé dentro de mim não estava incomodado com preocupações pelo seu pai, e eu deliciei-me com os ovos cozidos e o bolo de limão *glacé* da Marelda com o meu habitual apetite. Os rapazes, à espreita por comida, correram a juntar-se a nós, e a Kiki sentou-se na rocha ao meu lado com uma garrafa de *ginger ale*, fresca, retirada da geleira.

– Ele está bem, não está? – perguntou ela, como se eu tivesse realmente alguma aptidão mágica para adivinhar o bem-estar do Nick, separado de nós por cinco mil quilómetros de oceano aberto.

– Tenho a certeza de que está, querida. – Pus o meu braço em volta dela e, por um instante, pensei no Graham Pendleton, cujo corpo dourado repousava agora em fragmentos no leito do canal da Mancha, abatido em combate por

um piloto da Luftwaffe, cinco meses antes. – Tu conheces o papá. Lembras-te como ele te manteve a salvo no baluarte, durante o furacão?

– Lembro. – Inclinou-se para mim e pousou a mão no meu ventre. Fez isso com todas as minhas gravidezes; adorava sentir os pontapés do bebé na sua mão. É como se estivessem a dizer olá um ao outro, disse ela, e eu disse-lhe que realmente estavam. O bebé concedeu-lhe uma pancada suficientemente forte para me fazer sobressaltar. A Kiki riu-se.

– Uau! É mesmo o filho do seu papá.

– Aposto que é outro rapaz – disse o pequeno Nick, alegremente.

– De maneira nenhuma – contrapôs a tia Julie. – Chega de rapazes. Se desta vez não for uma menina, deserdos-vos a todos.

Os rapazes geram ruidosamente com a ideia, até o Freddy com apenas dois anos, que embora ainda não compreendesse perfeitamente que havia um bebé verdadeiro na barriga da mamã, repetia tudo o que seu irmão mais velho dizia e fazia. O pequeno Nick acentuou o seu desgosto com um ressoante arrote.

– Nicky! – exclamei.

– Oh, deixa lá – disse a tia Julie, descascando outro ovo para si. – É melhor à mesa do que por baixo dela.

O Sol subia no céu e a noite estava a cair nas praias da Normandia. Terminámos o nosso piquenique e fomos para casa; mais tarde, jogámos uma partida de *croquet* num pequeno e rijo relvado atrás da casa e deixámos o Freddy ganhar. Depois de jantar e de os rapazes terem tomado banho e já estarem na cama, sentei-me no jardim com a Kiki e a tia Julie a contemplar o anel cor de laranja do pôr do Sol sobre o horizonte. Bebi uma limonada; já não tinha apetites para o *gin* tónico, que me fazia sempre lembrar a Budgie. De qualquer forma, nenhuma dose de *gin* poderia diminuir a dor omnipresente pela ausência do Nick.

– Céu vermelho à noitinha, ramboia na Marinha – disse a tia Julie. A brisa da noite agitava-lhe o cabelo enfraquecido e ela prendeu-o atrás das orelhas.

– Céu vermelho de manhã... – começo eu.

A Kiki terminou: – Toma cuidado, marinheiro. – Sentou-se com as pernas cruzadas sob o corpo e bebeu a sua limonada. Tinha os caracóis castanhos sobre a face, rebeldes como os do Nick, e apoiou o queixo na palma da mão com a expressão profundamente pensativa de uma rapariga no limiar da adolescência. Perguntou:

– Na manhã antes do furacão, o céu estava vermelho?

– Nem sequer me quero lembrar disso – disse a tia Julie. Bebeu o seu *gin* tónico sem qualquer remorso e o cigarro dançava-lhe entre as pontas dos dedos de unhas escarlates. Não mudara nada.

Pensei na já muito distante madrugada em Gramercy Park, quando o Nick se sentou na cama para se despedir antes de se meter no carro rumo a Seaview.

– Estava, sim. Os antigos marinheiros diziam que quando o sol brilhava,

vermelho, três manhãs seguidas, isso era sinal de que se aproximava uma tempestade centenária.

– Espero que o tempo esteja bom para o papá – disse a Kiki, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Também espero.

– Todos esperamos o mesmo – disse a tia Julie – porque Deus bem sabe que eu já não consigo aguentar sozinha outra gravidez da Lily.

– E Deus sabe que eu preferia dar um tiro nos miolos a atravessar outra gravidez – acrescentei.

Por coincidência, entrei em trabalho de parto naquela noite e, pelas dez horas do dia seguinte, o Nick e eu fomos pais de uma menina com três quilos e setecentos gramas, com cabelo claro anelado e olhos que formavam pequenas rugas nos cantos quando chorava, o que fazia com frequência e muita convicção. Batizei-a com o nome de Julie Helen Greenwald. («Se isso é uma descarada tentativa para influenciar as minhas últimas vontades e testamento», disse a tia Julie, «está a funcionar».) Enviámos um telegrama para a unidade do Nick, embora soubéssemos que lhe seria dada baixa prioridade devido à invasão, e no dia seguinte enviámos-lhe pelo correio uma fotografia com uma carta marcada com as minúsculas pegadas da Julie. Prosseguimos como se soubéssemos que o pai da bebé Julie estava vivo e com saúde e celebrámos a sua chegada com cigarros e *Calvados*.

Sete dias depois, enquanto eu e a bebé estávamos ainda no hospital, um boletineiro da Western Union percorreu de bicicleta o caminho ao longo da areia e da gravilha da Neck Lane e parou à nossa porta. O seu rosto estava sombrio, respeitoso e exausto. Nos últimos dias tinha andado bastante atarefado.

A Kiki estava no jardim das rosas a limpar a areia dos fatos de banho dos rapazes. Soltou um grito estridente e deixou cair a mangueira na relva, que começou a girar em espirais descontroladas para ruidoso e infinito divertimento dos rapazes.

A tia Julie veio a correr da praia, com o chapéu pendurado, branca e a tremer, e pegou no telegrama. Vinha dirigido a mim.

Por um momento hesitou, pensando que talvez mo devesse levar ao hospital, que eu devia ser a primeira a saber das notícias, mas a tia Julie é a tia Julie.

Rasgou o envelope e leu:

ESTOU NA LUA STOP UM BEIJO DO PAPÁ PARA A SUA DOCE JULIE
STOP ANSEIO TER NOS BRAÇOS AS MINHAS QUERIDAS
RAPARIGAS STOP RAPAZES TAMBÉM STOP SEMPRE
APAIXONADAMENTE FIEL NICK

NOTA HISTÓRICA

Tinha acabado de entregar o manuscrito revisto de *Aconteceu no Verão* (incluindo a primeira versão desta nota histórica) quando o furacão Sandy assolou New Jersey a 30 de outubro de 2012, provocando a devastação generalizada e a evacuação obrigatória da minha própria família do nosso lar no Connecticut. Embora a destruição causada pelo furacão Sandy nos tenha trazido à memória o de 1938, na realidade foram duas tempestades muito diferentes.

O grande furacão de 1938 em Nova Inglaterra assolou a costa, sem aviso, durante a tarde de 21 de setembro, provocando mais de setecentos mortos e a queda de mais de dois mil milhões de árvores. As lareiras da região foram alimentadas durante décadas pela madeira recuperada à tempestade e o hotel Moosilauke Ravine Lodge, nas montanhas a norte de New Hampshire, foi parcialmente construído com as árvores da floresta primária derrubadas pelos ventos devastadores do furacão.

Neste nosso tempo moderno de radares Doppler e satélites de observação meteorológica, é difícil imaginar como foi possível um furacão de grau 3, que se deslocava para norte à velocidade de cem quilómetros por hora, assolar a costa sem que ninguém suspeitasse da sua aproximação, mas o chamado Long Island Express não tinha olhos eletrónicos para monitorizar a progressão da tempestade e a ciência da meteorologia encontrava-se então na sua infância. Os residentes aperceberam-se do aumento da força do vento, da chuva a transformar-se numa tromba marítima e depois de uma maré ciclónica com dois andares de altura a agigantar-se sobre a costa. Foi este o boletim meteorológico.

Os habitantes de Nova Inglaterra e os estudantes do furacão poderão reconhecer em Seaview Neck uma representação ficcional informal de Napatree Point, uma península arenosa que se estende a partir do extremo de Watch Hill, Rhode Island, e que foi fortemente fustigada pelo furacão. Das quarenta e poucas idílicas casas de praia que embelezavam a paisagem de Napatree na manhã de 21 de setembro de 1938, nenhuma sobreviveu e jamais alguma foi reconstruída. A minha descrição de Lily e da sua família a boiar em deriva na baía sobre destroços de telhados e peças de mobiliário foi baseada na experiência real dos residentes de Napatree, e os exploradores da praia procuraram realmente refúgio no baluarte situado no cabo.

Todavia, Seaview não é Napatree. Criei as minhas próprias geografia e genealogia para esta história, e a arquitetura, a história do baluarte e da Associação de Seaview possuem apenas ligeiras semelhanças com os modelos reais que as inspiraram. As próprias personagens são inteiramente fictícias, embora as zínias tenham de facto existido.

Para quem desejar ler mais sobre o assunto, recomendo vivamente *Sudden Sea: The Great Hurricane of 1938* (Littles, Brown, 2003), de R. A. Scotti, cujos vivos e emocionantes relatos e descrições do desastre em Napatree e nos

outros locais atingidos despertaram a ideia da tempestade na minha imaginação. Katharine Hepburn – que, como ficou célebre, jogou naquela manhã a sua partida de golfe no campo de nove buracos Old Saybrook e perdeu a casa, os bens e ao fim do dia quase a vida – também foi autora de uma emocionante memória sobre o furacão na sua autobiografia de 1991, *Me: Stories of My Life*.

Vivi durante muitos anos no Connecticut e o meu marido tem raízes na sólida e velha Nova Inglaterra. A lenda do furacão de 1938 permanece bem viva entre os que presenciaram os acontecimentos daquele dia e, quando por aqui se quer despoletar uma conversa animada em qualquer festa, basta falar sobre o assunto entre velhos marinheiros. Conheci um homem que tinha começado a trabalhar como agente de seguros de propriedades quando a tempestade surgiu e passou o resto da sua vida a rezar para não ver outra. Na altura, pensei que as probabilidades estariam a seu favor. Os meteorologistas designam os furacões de Nova Inglaterra com esta magnitude como tempestades centenárias, porque a probabilidade de tais desastres ocorrerem em qualquer ano é sensivelmente de um para cem.

Ainda não decorreram cem verões desde o furacão de 1938, quando a minha família teve de ser evacuada, jantar à luz de velas com os meus sogros, perto da foz do rio Connecticut, enquanto as árvores eram derrubadas e as águas do canal de Long Island subiam lentamente pela relva. Afinal, as tempestades não respeitam os horários dos homens, por muito tementes a Deus que sejam os agentes de seguros de propriedades de Nova Inglaterra. Mas voltaremos a reconstruir tudo, como sempre: de cada vez sempre um pouco mais forte.

AGRADECIMENTOS

Belisco-me todos os dias. Tenho o melhor trabalho do mundo e ele não seria possível sem o apoio e o aconselhamento de um conjunto de pessoas especialmente talentosas.

O zelo e o instinto da minha agente literária, Alexandra Machinist, são a pedra de toque. Pelos seus conselhos, pela sua persistência, por se manter acordada durante grande parte da noite depois da estreia de um filme para acabar de ler este manuscrito, e por mil outras tarefas, estou-lhe para sempre grata. Ao resto da fabulosa equipa da Janklow & Nesbit: obrigada por estarem do meu lado!

O entusiasmo e o apoio (para não falar nas flores pelo aniversário!) dos encantadores colaboradores da Putnam são o sonho de qualquer autor. À minha editora-chefe, Chris Pepe, e à sua assistente, Meaghan Wagner; ao meu editor Ivan Held; Katie McKee, Lydia Hirt, Alexis Welby, Kate Stark e Mary Stone, para referir apenas alguns nomes de entre os especialistas de *marketing* e publicidade; aos génios do departamento de arte que criaram a maravilhosa capa; revisores, revisores literários, vendedores: todos são os meus heróis. Obrigada.

Agradecimentos especiais são devidos aos meus valorosos colaboradores neste livro: Steve Wayne, George Knight, Bradford Bates, Justin Armour, Ted Ullyot e Dr. Caleb Moore (que também forneceu uma valiosa assistência de diagnóstico na fratura da perna de Nick Greenwald). Todos foram os mais autênticos cavalheiros.

A amizade de outros escritores teve um enorme significado para mim durante este ano. Um abraço para Lauren Willig, Karen White, Chris Farnsworth, Darynda Jones, Mary Bly e Jenny Bernard, entre outros, por todo o seu apoio, conselhos, amizade e dócil humor.

A minha família e os meus amigos ofereceram uma assistência valiosa e incalculável ao meu impulso de escrita. Embora seja impossível nomeá-los todos, tenho de salientar os esforços especiais de Sydney e Caroline Williams, Chris Chantrill, Renée Chantrill, Caroline e Bill Featherston, Melissa e Edward Williams, Anne e David Juge, Robin Brooksby, Jana Lauderbaugh, Elizabeth Kirby Fuller, Jennifer Arcure, Rachel Kahan e, evidentemente, o meu bem-amado marido, Sydney, e quatro ruidosos (*ups*, quero dizer, maravilhosos!) filhos. Sou uma felizarda por fazerem parte da minha vida.

Finalmente, a todos os meus leitores em todo o mundo que me encorajaram e inspiraram com os seus *posts* no Facebook, *tweets* e mensagens de todo o tipo: obrigada, obrigada. É por vós que vale a pena escrever.